



Class LB 1118

Book 1 M 3

1901

BERNARDINO MACHADO

Notas d'um pae

AS CREENÇAS

74470

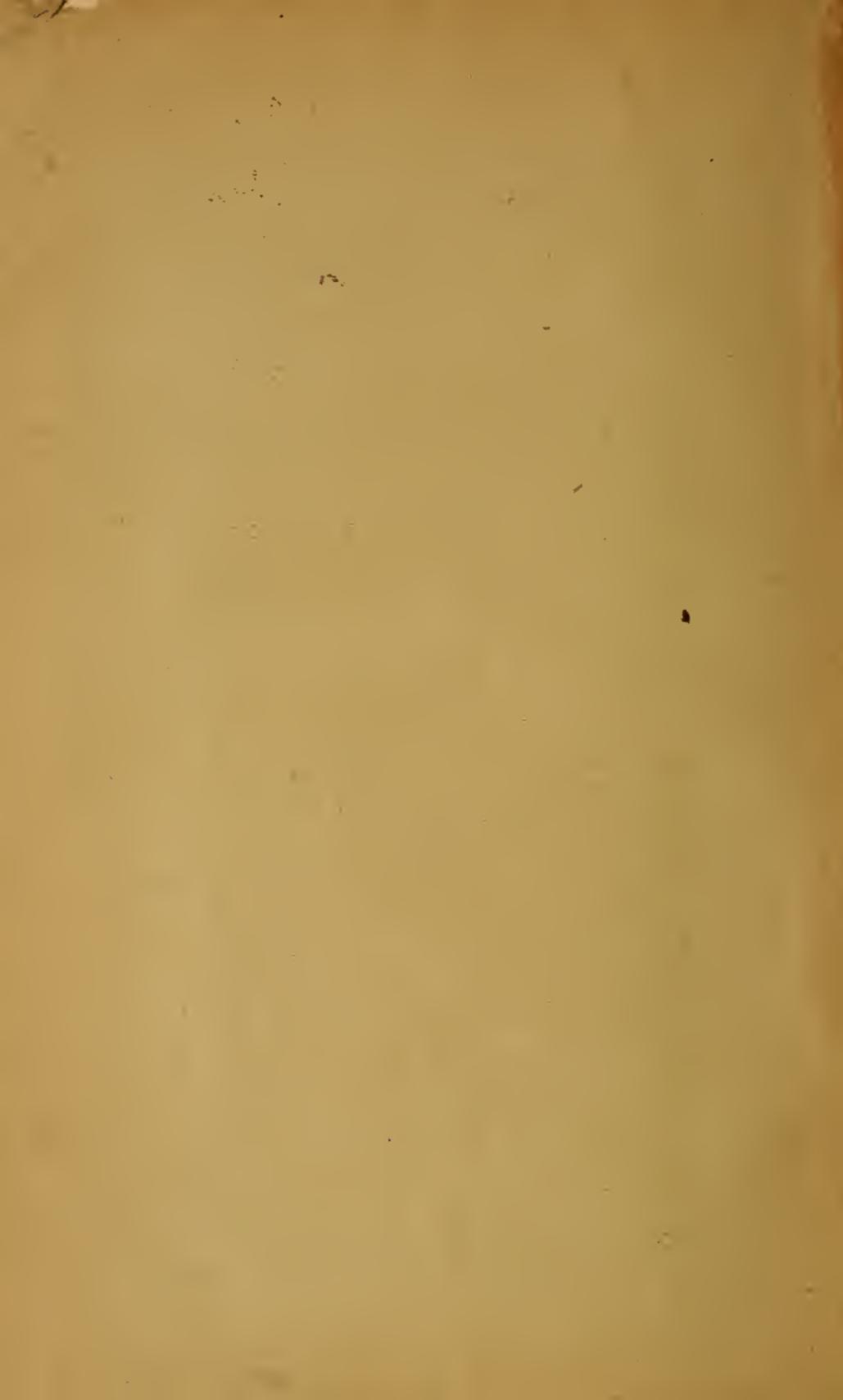


dubl.

COIMBRA
Imprensa da Universidade

1901

11 2



ao Sr. William K. Harris,
com a maior consideração
pelo seu grande serviço
à causa da educação, humana.

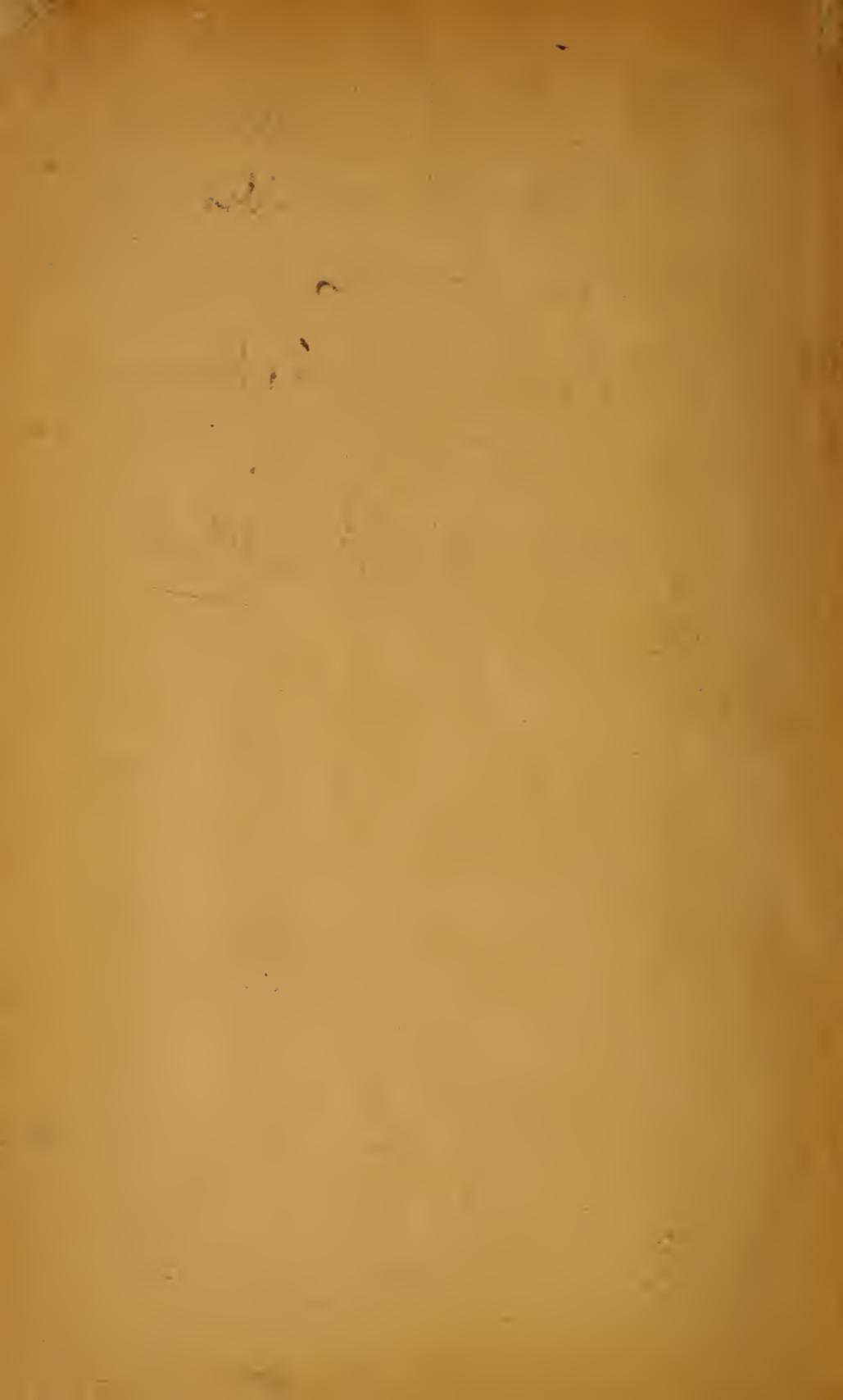
gem d

B. Machado

Notas d'um pae

Corinthia,
16-1-1902

AS CRIANÇAS



BERNARDINO MACHADO

Notas d'um pae

AS CRIANÇAS



74470

dupl.

COIMBRA
Imprensa da Universidade

—
1901

11 2

LB1118
.M3
1901

By transfer

JUN 29 1915

À MEMORIA

DE

MEUS PAES

MEMORIA DE

MEUS PAES

Notas d'um pae

As creanças

A emotividade é a faculdade que primeiro apparece nas creanças, e é a ultima que desaparece nos velhos. É bem sabida a ternura dos avós. E como as creanças, d'emotivas, são fortes no riso e nas lagrimas! Na sua instabilidade, tanto riem como choram. É como a andar: tanto correm como cahem.

As emoções não se apagam logo. O prazer põe na alma uma vibração de jovialidade e alegria, e a dôr vae-a enchendo de tristeza. O drama da vida deixa em nós uma emoção pessoal, que dá o nosso bom ou mau humor ordinario.

Não se faça triste a vida das creanças, nem de ninguém!

Aos individuos mais fracos um nada os ataranta e enfrenesia. Desculpem-se as rabugices das creanças e as impertinencias dos velhos.

Os primeiros prazeres, chronologicamente, e, de ordinario, tambem os ultimos são os organicos. Nisto se mostra a segunda meninice.

Ha pessôas que não tēem bôca, tēem fauces; não comem e bebem, engolem, devoram. O seu prazer de mesa não é dos sentidos, mas sómente organico. Quantas creanças ricas não descem a esta degradação! E ficam antipathicamente enfartadas, depois das refeições, quasi dormentes, sem fôrças sequer para digerir.

Com os annos, o predominio da visão e da audição prejudica os sentidos inferiores. Mas a prova de que o sentido muscular e tactil é fundamental, é que as creanças não se contentam com ver qualquer objecto novo, querem sempre affirmar-se nelle com as mãos.

É preciso não deixar atrophiar o tacto.

Modere-se comtudo a tendencia que tẽem principalmente as creanças de ir logo com as mãos antes da vista, em risco de desmanchar ou mesmo de estragar aquillo que não sabem ainda o que é.

Parece que seria ocioso proclamar a educação real. Mas quanto se abandona nos primeiros annos e sempre! e é sobretudo o sentido muscular, aliás fundamental, o que mais se deixa inactivo! Pois o espirito precisa de impressões, como de alimentos o organismo. É viva a sensibilidade infantil; mas não se descure.

Não se deixe ao acaso a adaptação motriz dos órgãos dos sentidos ás impressões. Uma creança que, por exemplo, se habitue a approximar-se demais dos objectos para os ver ou ouvir, contrahirá uma myopia visual ou auditiva.

Apprenda-se a regular a motricidade para renovar e variar as impressões, e assim fortalecê-las e completá-las. O unico modo de manter sempre viva a impressionabilidade

infantil é convertendo em seu favor a mobilidade, não menos viva do que ella.

A educação prática ainda se descursa mais do que a real. O desprezo que ha pela motricidade, só é comparavel ao que se vota á sensibilidade muscular.

A motricidade é viva sobretudo nas primeiras edades. Ninguem desconhece o desassocego e a agilidade das creanças.

Os grandes olhos que arregalam para tudo! Já na primeira semana, o seu contentamento é visivel, ao despirem-nas, por se livrarem do vestuario que lhes embaraça os movimentos. No berço, logo que podem, deitam os brachinhos de fóra, e braços e pernas são uma dobadoira: não ha roupa que pare em cima d'ellas. Desde o quarto mez, apprehendem com gaudio qualquer objecto, e, como ainda não tẽem força nas mãos, mettem quanto apanham na bôca e mastigam-no.

É vê-las no banho, onde já aguentam com o seu peso, bracejar, pernear, rebolar-se! E a sua satisfação não provém tanto da tepidez da agua como da facilidade dos seus movimentos. Mal começam a andar, correm, vôam;

até, por isso, a certosapparelhos que lhes facilitam os primeiros passos, se dá o nome de voadores. E, dentro em pouco, pulam, saltam, trepam, não quedam um instante. Boleem em tudo; e, como os animaesinhos, de tudo fazem gato-sapato.

E o que são de palradoras! deitam a correr para nós para nos contar o que viram ou pensam. Gesticulam com todo o corpo. São notaveis os seus dotes theatraes: a volubillidade da physionomia, as modulações da voz e a abundancia e graça do gesto fazem d'ellas uns actores deliciosos.

A motricidade é sobretudo notavel nas creanças das ruas e dos campos. Espanta a audacia motriz dos garotos, que se encarrapitam nos mais altos frisos das egrejas. Ao contrario, os collegiaes com o tempo tornam-se acanhados e apathicos: tudo os desequilibra. Já os alumnos externos, menos contidos nos movimentos, têm mais ardor nos seus brinquedos.

Não se enfaxem as creancinhas, impedindo-lhes os movimentos; nem depois, já mais crescidas, as constranjam dentro d'um vestuario pesado e estreito ou desageitado.

E deixem-nas folgar, fazer as travessuras inoffensivas da sua idade. Assim se vão adextrando.

Reprimir os movimentos é ainda peor do que tirar a luz.

Póde seguir-se o que as creanças fazem, nos movimentos do seu rosto. Então, a escrever, que engraçadas cãretas!

Logo nos primeiros annos se começa a brincar, fazendo forças. A lucta não é só industria da guerra, é tambem uma arte da paz. Por isso a juventude se apaixona tanto pelos jogos athleticos. Entre pessôas robustas, uma bôa palmada não passa por vezes d'uma simples brincadeira. Eu já vi um camponez despedir-se d'um irmão, assentando-lhe fortemente com a mão direita no hombro: assim é que se sentiam!

Depois de fazermos varios jogos sedentarios, o Dino reclama: «Papá, vamos jogar coisas de saltar?»

As creancinhas zangam-se e choram, se as não deixam sahir por si da cadeira onde

estão sentadas; ou se pégam nellas ao collo, não as deixando ir pelo seu pé. A rua attrahe-as. A vagabundagem é principalmente o excesso da paixão de andar. São innumeradas as emoções agradaveis do movimento: os rapazes e as raparigas divertem-se a correr pelos campos e retoijando-se na herva; não ha festa sem dança e canto; etc.

Fechem-se os olhos, e dentro em pouco se sentirá a necessidade invencivel de os abrir. Fitem-se, e sentir-se ha a necessidade de os fechar. Que gôso o do primeiro olhar, o do primeiro passo! Á entrada da vida não faltam surpresas festivas.

Sustenta-se o chôro, já não havendo magua, pelo prazer que dá. Por isso as creanças têm a caramunha facil. E a todos o chôro allivia as penas. É uma crueldade prohibi-lo, como fazem tantos mestres e paes.

O que as creanças gostam de falar! Frequentemente as familias imaginam que ellas estão a pedir uma coisa, e não é, estão apenas a ensaiar, a repetir, a palavra com que se exprimem.

O povo complica ás vezes de proposito os seus vocabulos.

Aproveite-se a disposição da loquela infantil para a prática das linguas. Nem ha inconveniente em que as creanças reproduzam palavras que ainda não entendem, porque irão vencendo as difficuldades da pronunciação. A cultura da voz deve começar desde o berço, diz sir MORELL MACKENZIE, o celebre especialista inglês.

Cantar, ler de alto, recitar, discursar, são exercicios indispensaveis para dar alcance á fala e articular distinctamente.

Algumas creanças, de voz rouca e aspera, sómem ou despedaçam e guincham as palavras. Ha que fazer a sua educação oral.

Attenda-se á phase de desenvolvimento dos orgãos da palavra. Não é logo aos primeiros annos de idade que se emittem certos sons. Ha tambem uma ontogenése dos movimentos.

O calor desenvolvido durante qualquer exercicio contribue para o bem-estar infantil.

Nenhum trabalho se faz tão bem antes do operario aquecer. E não só o trabalho manual. A propria palavra precisa de sahir quente dos labios do orador. Nos animaes é o mesmo. O cavallo, emquanto não aquece, não demonstra todo o seu brio.

Como as creancinhas procuram o contacto e aconchêgo do collo! O aperto de mão, as caricias, o beijo, são origens tacteis de prazer, que se tornaram em demonstrações de affecto.

Não se diga que as creanças são gulosas, porque têm a acuidade do paladar. Saborear é tão legitimo como andar. A ellas não lhes aprezem menos os aromas. A differença está no abuso; porque, ao passo que, num caso, dão cabo só do frasco de perfume que lhes foi ás mãos, no outro, quando comem de máis para saborear, estragam a saude.

O silencio infunde tristeza. Quando alvorece, renasce em nós tambem a vida auditiva. A musica delicia-nos. Se até o boi, ao chiar do carro, aligeira o passo!

Na tagarelice das creanças vai muito do

seu amôr pelo barulho. Ellas divertem-se com o echo das suas vozes, repetem os pregões e os gritos que ouvem, e fazem toda a especie de jogos malabares com os sons das palavras. Assim se apprende tão depressa a falar.

Não queiram os pedagogos forçá-las a dizer só o que já entendem. Ellas brincam com as palavras, como com os seixos que apanham no chão e que ainda tão pouco podem entender.

Incommóda o barulho que fazem? Mas pouco a pouco as suas guelas se melodiarão. A musica vocal entretem-nas immenso. Desde que nascem, o canto serena-as e adormece-as. Mal ainda falam, muitas vezes vamos dar com ellas, sósinhas, a cantar. Por isso o verso é tão apropriado a essas edades!

A luz é a alegria. Até os povos selvagens a saudam e adoram. Um dia radioso alvo-roça-nos de jubilo. A tarde inclina á melancolia; a lua é o astro saudoso. Um quarto escuro é um lugar de terror para as creanças. O preto significa luto. Nas datas funebres suspendem-se os espectaculos.

Dei dez réis a uma pequerrucha, que m'os pedia para bôlos; e ella, em vez de correr á busca da guloseima, foi-se sentar com a moeda na mão. «Está a vê-los», disse a irmãsinha mais velha.

Como as côres são emotivas para as creanças!

Parece que algumas nos alvorotam e outras nos enternecem. O verde é esperança. E nos animaes a differença toma grandes proporções. O vermelho atiça a raiva do toiro.

As mesmas forças naturaes que não sentimos por não estarmos apercebidos de órgãos de sentidos apropriados, não deixam de exercer acção sôbre a alma, emocionando-nos. A emotividade tem esse maior poder. Assim se adivinha, por exemplo, a mudança de tempo. E as creancinhas traduzem-na de prompto pela sua mudança d'humôr.

Uma reunião de sensações pode ser agradavel ou não; mas, por mais penosa que seja, nunca o será tanto como não sentir nada. Antes o barulho do que o silencio! Pode incomodar a algazarra infantil; mas

ai da casa, d'onde alguma creança levante o vôo! nunca mais a felicidade lá volta a ser completa.

Faz-se ás creanças uma observação sôbre coisas que estão patentes, e ellas, em vez de olharem para essas coisas, põem-se a olhar para dentro de si. É que estão procurando perceber, comprehender.

Pergunta-se a uma: «Em que estavas a pensar?» Resposta: «Não sei!» Porque ella se deixou então absorver pelo fluxo inconsciente da sua vida emotiva e sensitivo-motriz.

É preciso que as creanças eduquem a sua faculdade de percepção, apprendendo a distinguir as diversas sensações de pêsso, dureza, etc.

Nem sempre as mais sensiveis tẽem a percepção mais nitida.

A nossa vida ordinaria é o que ha de mais constante em nós, e por isso mal se pode discernir. Vemos melhor nos outros; como diz o proloquio, vemos o argueiro no ôlho do vizinho e não enxergamos a trave no nosso. D'aqui a importancia dos exemplos,

fabulas, etc., que nos ponham em fóco. Sobre-
tudo na infancia.

Assim como um som forte demais não se
ouve, assim uma sensação muito frequente
e por isso muito intensificada não se discerne.
Não é verdade que das coisas em meio das
quaes vivemos e das pessôas da nossa inti-
midade, todos, creanças e adultos, pouco
temos consciencia? Custa a desenhar uma
cara familiar.

A visão insistente do mesmo objecto hypno-
tiza. Para manter desperta a intelligencia, ha
necessidade de variar de impressões.

Tambem, repetindo-se a emoção e tornan-
do-se por isso mais intensa, dir-se-hia que
mais consciente deveramos ficar d'ella. Mas
não. Ao passo que se intensifica, entranha-
se-nos na alma e confunde-se comnosco. É
commum ouvir a gente nova dizer d'um
accessso de paixão: «Não sei o que se passou
em mim!» «Não sei o que fiz!» «Não sei
como isso foi!» As emoções violentas são quasi
sempre inconscientes.

Uns tēem mais a imaginação emotiva,

outros mais a sensitivo-motriz; e ainda ha differenças, porque pode predominar a imaginação motriz ou sensitiva, e d'esta a visual ou outra, e alguns tẽem mais a imaginação da dôr, outros do prazer.

Desenvolva-se a imaginação emotiva para provocar á piedade pela representação das dôres dos outros.

Os que tẽem sobretudo a imaginação do prazer, são os optimistas; os que a tẽem sobretudo da dôr, são os pessimistas.

As creanças vivem muito da phantasia. D'um pau ou d'uma canna fazem um cavallo; basta-lhes mesmo simplesmente vêr algum para logo se imaginarem montados nelle. Imaginariamente fazem tudo: constroem caixotes e podem com elles; etc.

Dino, tres annos. Tinha ouvido lêr passagens de D. QUICHOTE; e um dia, com um garfo na mão, clamava aos irmãos: «Cautela! não se chegue ninguém para mim, que está aqui o *D. Xixote*, que espeta toda a gente!»

Meu filho mais velho, doze annos, dizia-me, referindo-se a certo personagem de DICKENS

— «Mas o papá não o conhece...» — como se falasse de pessoa sua íntima.

Quasi sempre as creanças lançam-se no paiz das phantasias, sem perder pé na realidade. Dino passeava *in mente* até uma quinta longiqua; mas, d'olhos fitos na sua grande faca de pau, dizia ao irmãosito, que brincava ao lado d'elle: «A faca, não!»

Algumas creanças, porém, fazem tanto vida de imaginação, que lhes custa a acertar com a realidade. A confusão que, por isso, lhes causam ás vezes os factos mais simples, mais evidentes!

Todas gostam immenso de ouvir historias de bruxas, mas depois têm medo d'ellas.

As creanças não fundem o pensamento; pensam aos pedaços. Não dirão, por exemplo, «os nossos logares», mas primeiro «logares» e depois «nossos». E menos ainda reúnem os juizos em raciocínios; amontôam as phrases. As idéas, a principio, juxtapõem-se apenas, e só pouco a pouco se vão organizando.

A instrucção intuitiva ainda mal chegou ao nosso ensino geral primario e secundario, e pouco se dá ainda mesmo no ensino superior. O tempo que se perde em annos adeantados para adquirir noções que as creanças apprendem por gôsto!

Uns tẽem mais o talento imaginativo; outros mais o especulativo, jogam melhor com idéas. Mas ambos os talentos são necessarios, até um ao outro.

Que as noções de coisas não desandem em verbalismo!

Muitos juizos intuitivos se formam erradamente, como quando á noite uma arvore do caminho se nos afigura um homem armado. E estas illusões são frequentes.

Mas muitos erros proveem da intuição verbal. A palavra torna intuitivos juizos discursivos. D'ahi o perigo de se acceitarem como verdades, por intuição verbal, proposições falsas. É o perigo que correm os eruditos.

Não se transforme em intuitivo o que é discursivo. Enche-se assim a cabeça das creanças

só de formulas, de receitas sem sentido; decoram, por exemplo, as regras das operações arithmeticas, ignorando as razões que as justificam.

Resultam d'aqui varios inconvenientes: o primeiro é que não pode a intelligência edificar nada sôbre taes fundamentos, visto que, para se alcançarem as razões complicadas, é preciso conhecer as mais simples; outro é que, sem darem por isso, só por virtude da propria natureza intellectual, vão raciocinando vagamente e desleixadamente essas formulas, e quasi sempre portanto lhes attribuirão falsas interpretações; e finalmente este, que a mais leve perturbação na lembrança da formula as induz em erro e o seu esquecimento as lança na ignorancia, sem que tenham em si o recurso do raciocinio para a reconstruir.

A creança fica, sim, capaz de certas operações, mas não tem a intelligencia d'ellas: são órgãos que se lhe accrescentam, não faculdades. E ou ha de continuar a apprender só formulas, ou, mais tarde, quando pretenda a minima explicação, tem de remontar até ao principio.

Ha pessoas a quem a especulação, a con-

tenção interior, alheia de tudo. Outras embem-se tanto nas suas observações, que toda a mais vida intellectual quasi que lhes cessa.

Para certas creanças o mundo externo é apenas um pretexto para exercitarem as forças da intelligencia. Mal vêem as coisas, partem pelas considerações fóra.

Nem ensino excessivamente geral, systematico, absoluto, com desprezo dos factos; nem tão intuitivo e minucioso, que se façam mosaicos de idéas.

A quem se occupa insistentemente seja do que fôr, vem a passarem-lhe despercebidos aspectos, relações, que um extranho á occupação descobre logo. Por isso ás vezes os alumnos excessivamente mergulhados num estudo parecem menos perspicazes. A visão interior tambem hypnotiza.

Perguntar tem seus riscos intellectuaes. Não se pergunte por preguiça de pensar. Por isso não se devem dar ás creanças as respostas que ellas possam achar por si.

Mas a interrogação é um grande meio de instrucção. E attenda-se a que as creanças,

cuja memoria é curta, mal podem guardar muito tempo as suas perguntas, e, á força de se lhes não responder, como que se lhes reprime a curiosidade e habitua-se a passar indifferentemente por deante de tudo sem procurar a explicação de nada. É o estado em que tenho encontrado algumas que, nos primeiros annos, revelavam grande desejo de saber. O nosso silencio parecer-lhes-ha indifferença por pensar, e o mau exemplo contagia-se.

As pessoas incultas explicam tudo promptamente, porque não vêem a deficiencia da sua explicação. São assim as creanças, os creados, etc. Para pensar com segurança, não se sendo um ignorante, é preciso possuir uma solida cultura.

O terror paralysa a intelligencia. Banam-se do ensino ameaças e castigos.

Ha talentos emotivos, isto é, pessoas que a frio não podem pensar.

Os talentos emotivos parecem extraordinarios, porque a paixão os incita. Mas, se vêem tudo que a paixão lhes descobre, são

cegos para tudo mais. Procure-se, pois, ponderá-los desde os primeiros annos.

Quantas coisas o sentimento reúne, que ainda não são associáveis pela razão! Dizemos varias vezes que temos o sentimento de certa verdade, sem termos a convicção resultante da sua demonstração: é o nosso impulso emotivo de adhesão para essa verdade. A emotividade impõe-nos idéas, e, mais que nunca, na infancia. Por isso se diz que o coração adivinha. Uma dôr ou um prazer intimo nos adverte.

As creanças a muito custo arrancam o pensamento d'aquillo que desejam ou temem; e todos inventamos argumentos para justificar as nossas paixões.

As idéas têm pólos; e, como todas as coisas, tendem para a ordem. Pois a paixão perturba-as! A discutir, por exemplo, os rapazes chegam por amôr proprio e paixão da lucta a encarniçar-se numa opinião que a principio haviam aventado só distrahidamente.

Um pequeno, para que o irmão mais novo,

que era bastante menos corpulento, puxasse por elle, depois d'elle o haver puxado, dizia-lhe: «Eu não péso mais do que tu!» E vinha ingenuamente perguntar-me: «Péso mais do que elle?»

O sophisma, que é o erro proposital, provém geralmente da subordinação da intelligencia á emotividade. Quando é a intelligencia que nos domina o coração, a verdade prevalece.

A creança, em quem a vida intellectual apenas se estreia, sophisma a cada passo para satisfazer as exigencias dos seus appetites. Por isso cultivar a intelligencia é fortalecer a veracidade,

As emoções até a materia do raciocinio alteram, perturbando a reproductividade intellectual, a memoria.

Depois dos elogios dos condiscipulos, um rapaz que não tinha ficado satisfeito comsigo, convence-se de que deu uma bôa lição.

A emoção que reage sôbre a intelligencia, pode ser produzida pela propria intelligencia.

O gôsto de achar uma explicação faz com que a creança persevere no erro commettido.

A contenção intellectual paralysa sempre um tanto as outras faculdades. Até por isso não se exaggere.

Mas não se imagine conseguiu-la, violentando as creanças ao silencio e á immobildade!

Nas creancinhas, e ainda ás vezes na adolescencia, a vida sensitivo-motriz é tão forte que difficulta a percepção das coisas. É preciso dizer-lh'as ou mostrar-lh'as repetidamente.

Certas creanças já grandinhas, de presumidas, tanto querem apparentar que não precisam das indicações de ninguem, que com o seu gesticulado até de si sacodem as idéas que os outros lhes dão; e continuam na mesma ignorancia ou esquecimento, ou nos mesmos erros.

Ter razão é ter por si grande força, a força das convicções. Ella arrasta as outras faculdades.

As creanças choram por não se lhes dar razão.

A teimosia não provém só da instigação do desejo, mas também da obsessão da idéa. Por isso se cede tantas vezes a uma explicação.

O que o vulgo chama teimice das creanças, não é senão força de crescimento intellectual.

O exercicio intellectual abala sempre a emotividade. Temos o prazer ou a dôr de pensar, como temos de sentir. A intelligencia gera emoções, percebendo, imaginando e ideando.

Cedo se experimentam emoções intellectuaes. Todas as creanças nos veem animadamente contar casos da sua phantasia. E com que ardôr ellas reclamam a razão das coisas!

Até os sonhos as fazem alegres ou tristes.

A mocidade é a quadra dos contos e romances.

Ha creanças que, na sua paixão pelo estudo, nem comem, nem dão bons dias aos paes.

Todas choram, se não se lhes dá a explicação que pedem.

Para as pessoas em quem predomina a vida do coração — creanças, senhoras — uma critica é menos uma verdade que uma dôr. A emoção não as deixa comprehender, e as observações que se lhes fazem, só servem muita vez para ellas se resentirem.

Nós temos a paixão do número.

Ha pessoas que vão sempre com as maiorias.

As creanças reclamam com ardôr muito de tudo. Já sem vontade de comer, choram por causa da pequena quantidade de comida que lhes servem, pedindo mais. É frequente ouvir-lhes: «quero muito, tudo!» «quero mais!» «não quero só um!» «quero o grande!» E repellem o que se lhes dá, se não é tanto como querem.

O prazer de concluir, de acabar! «Já bebi tudo!» dizia-me todo ufano um dos meus pequenitos.

Nos primeiros annos não se conta além de tres. A creança pára ahí por algum tempo; d'ahí para cima, diz: muitos. Talvez por isso se explique a idolatria popular pela trindade: «Tres é a conta que Deus fez».

Prazer arithmetico :

Domingos, de dois annos e dez mezes, brincando com uma porta: «Abro um bocado, abro muito, abro tudo».

Outro divertimento arithmetico :

A Maria, trazendo-me pedrinhas :

«Tome lá! o papá gosta muito».

Trazendo mais :

«Papá! o papá gosta *muito mais*».

Depois vem buscá-las. E diz :

«A Nininha (que é ella) pode com todas».

Pergunto-lhe quantas ficam para mim.

Responde :

«Uma! esta pequenina. Duas!»

Leva as outras á mãe. Por fim volta com uma :

«A mamã já tem muitas. Pegue o papá esta».

Dino, quatro annos, que acompanhara a mãe a visitas, chegando a casa, diz á Rita, oito annos, que não fôra d'essa vez :

«Eu fui a muitas casas!»

Rita, logo, com superioridade :

«Eu fui outro dia a mais!»

Dino :

«Fui a seis!»

Rita:

«E eu fui a vinte!»

Dino:

«E eu fui a vinte e uma!»

Rita, para acabar:

«Pois eu fui a mil!»

Pobre Dino! Desorientado, ficou todo soluçante de dôr!

As creanças recreiam-se arithmeticamente a espatifar coisas. É o germen das emoções de diminuição e divisão. Ha pessoas que toda a vida revelam o espirito de dissipação.

As creanças têm o prazer da destruição? Não! Quando estragam e quebram, não é por maldade, por gosto do mal, mas simplesmente pelo prazer do movimento, ou por curiosidade, para vêr o que está por dentro, como ellas proprias explicam, ou ainda por entretenimento arithmetico, para d'um objecto fazerem muitos.

Certas formas, certos movimentos encantam-nos. Que delicioso que é, por exemplo, o sorriso das creanças! E como uma phisionomia branda e doce as ameiga!

A idéa do movimento arrebatava sempre a juventude. A admiração pelo cavallo significa em grande parte o nosso amor pela idéa do movimento, que elle tão bem individualiza. Uma cõrrida de cavallos é uma festa de movimento, como a aurora é uma festa de luz.

As creanças ainda não tẽem a previdencia e os seus gosos intellectuaes. Começam por desejar anciosamente uma comida; mas, depois de satisfeitas, nem querem vêr o resto e arremessam com o prato. Do mesmo modo procedem com as pessôas: os seus affectos para com os outros cessam, logo que estão enfartadas d'elles; por isso chegam a bater precisamente naquelles que mais as amimam, que, depois de lhes darem tudo quanto tẽem, não podem ir buscar a lua para as entreter. Neste estado infantil se conserva muita gente, a mudar continuamente de amizades.

Todos, mais ou menos, vêem fóra de si o que tẽem na mente.

A intelligencia gera ás vezes conceitos oppostos á realidade; e succede vêr-se fóra aquillo que só existe na nossa mente. Contra

factos não ha argumentos? Tẽem-nos, principalmente as creanças.

Sobretudo nas creanças é que a idéa é sensibilizadora. A pretexto d'um objecto vagamente parecido com um lôbo, um pequeno de dois annos dizia-me — «Vi um lôbo, passou alli!» — e contava-me uma historia inteira a esse respeito.

Basta dizer-se a uma creança — «Ahi vem lôbo!» — para, ainda mesmo sabendo que é brincadeira, ella se assustar.

Com que talento as creanças imitam! Dom precioso! A imitação constitue um apprendizado utilissimo, desenvolve e coordena as faculdades de observação e de applicação. Mas não se fique nella! É preciso que a razão desentranhe dos actos imitativos o seu sentido, para que elles se tornem completa propriedade nossa.

O nosso estado de espirito é o da imitação, desde o operario, que imita o modelo estrangeiro, até ao governo, que copia as leis das outras nações. E esta vida sem originalidade

começa na escola, onde se passa a maior parte do tempo a repetir palavras e formulas, desenhos e demonstrações.

Assim andamos a fingir de cultos, compondo-nos pelos ultimos figurinos importados.

Alguns pobres rapazes não copiam sequer o trabalho dos outros, e levam a vida a papaguear o que ouvem. Não sabem nada e falam de tudo. Do mundo só observam palavras, e para tudo só palavras têm.

A idéa de não fazer qualquer coisa chega a inhibir-nos de a fazer. Assim se esmorecem as creanças, aventando-se-lhes que certos actos, aliás ao seu alcance, não são ainda para ellas, para a sua idade.

Se nos entregarmos ao pensamento d'uma tolice, d'um impossivel, apodera-se de nós a necessidade da sua execução. São assim os utopistas. E por esse motivo fazem as creanças muitos disparates.

Ter a idéa do mal é ter a tendencia para o executar. Por isso os maus exemplos são

tão perigosos na juventude. A vista e o conhecimento dos vícios reclamam o travão d'uma solida moralidade.

O poder das idéas exerce-se sôbre a propria intelligencia. Á força de se attribuirem falsamente um acto, as creanças acabam por se persuadir de o haverem praticado. Os grandes mentirosos tornam-se sinceros.

Tanto reconhecemos o poder das generalizações, que a miude transformamos um facto em lei para nos justificarmos, pretendendo inculcar que elle nos é imposto pela nossa natureza. É frequente ouvir um estudante dizer: «Não tenho geito para isto!» «Isto nunca me lembra!» «É coisa que não sou capaz de comprehender!» «Sou assim! que querem?»

Dar regras e deixar para mais tarde as excepções, até pela necessidade que ha de inspirar o respeito das regras, pois que as excepções em rigor não existem e apenas denotam uma generalização incompleta.

Se um facto dura, como que a sua existen-

cia se converte em lei a que nos submettemos. D'ahi a eternização de tanta coisa imperfeita e provisoria. E as creanças sabem-no bem, quando, para se desculparem de haver partido algum objecto, allegam que já se partiu ha muito.

Quando reprehendemos uma creança, ella, sempre que pode, observa que tambem o irmão ou o condiscipulo fez o mesmo; e não é para o denunciar, mas simplesmente para vêr se torna o acto por que a reprehendemos, natural, quasi legal.

As idéas geraes são mais fortes. Deante d'uma convicção erronea, a verdade intuitiva desaparece: recusamo nos a acceitar o testimonho dos olhos. As creanças, levadas do seu raciocinio, não percebem nada do que se lhes diz em sentido contrario.

E, das idéas geraes, as mais elevadas são mais dynamicas.

Quando se faz mais desembaraçadamente alguma coisa, comprehende-se tambem mais lucidamente. E reciprocamente. Por isso a accção é uma fonte de idéas, do mesmo modo

que o raciocinio é creador de novos meios de acção.

Ha tambem uma escala de emoções. Inferiormente, as organicas; depois, as sensitivo-motrizes; e, acima, as intellectuaes.

Não falo ainda das moraes, que têm por si todas as forças da alma.

A principio, somos dominados grandemente pelas emoções organicas, e quasi só procuramos satisfazer a necessidade de viver; depois, pelas emoções sensitivo-motrizes, e amamos sobretudo os jogos physicos; mais tarde, pelas emoções da imaginação e da razão, successivamente.

Quando em jejum, com a dôr da fome, nada nos parece agradável.

Ao contrario, o bem-estar organico ajuda-nos a supportar todas as maguas. A vida que ha durante o crescimento, é o que torna os adolescentes tão alegres.

O Domingos, de anno e meio, depois de ter já a comida na mão para a levar á bôca, deixa-a cahir no prato para se divertir a metê-la dentro da colher.

As creanças deitam assucar demais na chavena, não por gula, mas pelo prazer de deitar.

Todas socegam mais das dôres phisicas, vendo saltar, ouvindo cantarolar. As mães e as amas sabem-no muito bem.

Quando, ainda de collo, choram por mamar, sacodem-se-lhes uns guizos ou mostram-se-lhes bonecos, e ellas calam-se.

Embalam-se, cantando.

A Rita tinha subido á mesa para deitar mão ao assucar, mas, vendo-se retratada no bôjo reluzente do assucareiro, ficou ali presa d'aquelle encanto.

A vida sensitivo-motriz vai sem dúvida avassalando a vida emotiva. A Therezinha, de pouco mais d'um anno, vem, cheia de somno, dar bôa nôite á mãe, que está ao piano, acompanhando o canto dos filhos mais velhos, e, logo que a beija, corre para os braços da ama, que a espera para a deitar; vem em seguida o irmãosito, que só tem mais um anno e meio, e pára e demora-se a ouvir.

Dizer a uma creança que uma acção é feia, corresponde a dar-lhe uma emoção da sua idade—sensitivo-motriz—por ella ainda não ser tão capaz de ter emoções intellectuaes.

A belleza dos objectos é educativa. Senti-la é já subir um degrau na escala emotiva.

A ignorancia das mães e das amas faz com que entretenham por dentro as creanças com guloseimas, em vez de as entreterem por fóra com brincadeiras. Não sabem brincar com ellas.

Os rapazes e as raparigas, estas sobretudo, se não têm a sociedade intellectual de outras pessoas da mesma idade do seu sexo, sonham cedo paixões pelo outro sexo.

Antes não explicar que explicar mal. Somos nós que, pelas nossas explicações imperfeitas e phantasmagoricas, vamos embotando a necessidade de verdade e precisão que as creanças manifestam.

Todos os actos do espirito tendem a regenerar-se. É fundamentalmente a mesma tendencia que elles têm para persistir.

A lembrança não brota por vezes sem grande esforço. O pequeno Domingos vira frequentemente dois amigos de seu pae e menos vezes um outro; perguntando-se-lhe os nomes d'elles, disse de prompto os dos dois, mas, para dizer o do terceiro, levou um bocado e poz-se todo vermelho.

A memoria depende do uso. Não se varie tanto de exercicios, que nenhum dure e se não repita bastante. A continuidade é condição indispensavel para a instrucção.

As creanças que tẽem pouco de que cuidar, não se lembram de nada. Menos temos para fazer, mais nos esquece.

Todas guardam mais lembrança do que vêm, do que dos objectos que os outros lhes apontam. Fixa-se melhor o que se faz.

Com a repetição, o acto reproduz-se tão facilmente, que se torna habitual.

E, quando a reproducção, de frequente, se torna habitual, torna-se tambem inconsciente.

Atirando-se a responder, a creança diz

tolices, que a prejudicam mais tarde, porque se atravessam ao que ella devia acertadamente responder.

Haja o maximo cuidado nas explicações que se dão ás creanças, para não as inçar de erros, embora os juizos erroneos tendam felizmente a ser excretados da memoria.

As coisas más, é bom lembrá-las ou esquecerê-las? Uma creança apanha do irmão mais velho. Quando vem queixar-se, será occasião de lhe lembrar as vezes que ella, por seu turno, bateu no mais pequenino? Irá por isso deixar de bater, ou ficará com a tenção de lhe bater no primeiro ensejo? Receie-se a segunda consequencia.

Ás vezes, depois de ver ou ouvir alguma coisa, lembro-me de ter tido a sensação, mas não do objecto percebido. Por isso a miude as creanças levianas dizem que sabem aquillo por que se lhes pergunta, mas que lhes não lembra. Não sabem tal. Como não estiveram attentas, a lembrança que tẽem, é apenas do abalo sensorio.

Uns tẽem mais a memoria dos objectos,

outros mais a das idéas. Por isso as creanças mais intellectuaes chegam a perder a reminiscencia dos factos mais vulgares, e se lhes torna ás vezes demorada a comprehensão de qualquer referencia a esses factos. Tendo adoecido uma filha minha, o avô, que ia para Coura, telegraphou d'onde estava: «Peço noticias telegraphicas Rita para Coura». Antonio levou tres minutos para comprehender. Porque? porque Antonio, que estudava grammatica, com ella na cabeça, decompoz o telegramma em duas orações — Peço noticias telegraphicas, uma — Rita para Coura, outra — e, como a Rita não podia ir assim doente, elle não comprehendia. Tanto a obsessão grammatical lhe tirava da memoria a viagem do avô!

A prodigiosa memoria dos môços! Por pouco que o ensino seja enfadonho, elles tomam o partido de decorar sem entender, ficando livres para pensar noutras coisas.

Muitas creanças fingem que sabem já lêr, repetindo de cór os trechos que ouviram ao mestre.

Mas, nos primeiros annos, a memoria é

curta, fugaz. Se um recado é grande, a creancinha perde no caminho a maior parte; e, sendo grande a distancia, não chega quasi nada ao seu destino.

É tão curta a memoria das creancinhas, quando ainda apenas começam a falar, que só podem repetir-nos a ultima palavra que lhes dizemos. É amigo do papá ou da mamã? perguntamos. Resposta: «Da mamã». Da mamã ou do papá? tornamos a perguntar. Resposta: «Do papá».

A repetição textual hypnotiza. Chega-se a esquecer o que tanto se repete, como se perde a vista d'aquillo para que se olha demais. É o que acontece nas preparações para exame.

Um creado vai pelo caminho a repetir, repetir, o recado que se lhe deu; e afinal, ao chegar deante da pessoa a quem ha de transmitti-lo, esqueceu-o.

Um estudante passa horas e horas a repetir uma lição; e, no momento de ser chamado pelo professor, varreu-se-lhe tudo.

Creanças, tratadas com excessivo mimo,

deixam-se conduzir só pelas suas forças automaticas, e tornam-se incapazes do menor serviço que lhes custe um esforço da vontade.

Hão de fazer a sua vontade, dizem. Simplesmente vontade é coisa que ellas não têm.

O que muitas vezes se chama fazer a vontade ás creanças, não é senão ceder aos seus impulsos automaticos.

Ha-as que nos seus movimentos são como uma pedra, que não pode desviar-se do seu curso. Não se dominam. Não lhes apetece? não comem. Troveja? succumbem com medo. Fala-se-lhes de theatro? hão de as deixar lá ir. E, em crescendo, apaixonam-se por alguém? hão de por força casar. Senão morreriam, dizem. Quantas d'estas infelizes creaturas, raparigas principalmente, eu ouvi deplorarem já tarde a sua irremediavel sorte!

As creanças, uns dias, são todas jògo de pião; outros, collecção de insectos, ou de sêllos; outros, construcções; etc.

As creanças hão de responder por força ao que se lhes diz. São tambem assim os creados. Repontões? Não! não é por falta de

consideração para com os outros; é porque não se dominam, e, sem querer, dizem d'alto o que lhes vai na alma.

Ha, sobretudo na infancia, uma vida de impulsos da alma, que é forçoso não desatender, tanto para que se não contráiam habitos viciosos, como para que se desenraizem as más inclinações herdadas.

Tem tanta fôrça o automatismo, que muitas vezes nos procuramos desculpar com elle. «Embirro com isto!» diz uma creança, quando alguma coisa lhe custa a apprender.

Trazemos, ao nascer, germens, principios, em que logo se contenha virtualmente todo o nosso desenvolvimento, de modo que nada mais seja possível fazer do que facilitar o seu desenvolvimento e expansão? O homem nasce bom ou mau?

Ou, pelo contrario, terão as circumstancias, de per si sós, o poder de modelar como um barro a alma humana?

Repete-se aqui a lei organica. A herança e o meio são os dois collaboradores igualmente necessarios á evolução physiologica.

Os organismos nem se immobilizam nas formas dos progenitores, nem se transfiguram revolucionariamente. Durante a vida uterina ou germinativa, a hereditariedade prevalece, e o novo sêr reproduz de escorço as phases da vida da especie; mas, depois, as circumstancias do meio entalham sempre a sua influencia sôbre o fundo especifico.

Ha egualmente que contar, a um tempo, com as disposições da alma, felizes ou desgraçadas, que se ligam mesmo a differenças organicas nativas, e com o effeito do meio, a que nunca se subtrahе de todo ninguem. Não se civilizam indifferentemente os filhos de raças diversas; e as nações, as classes sociaes, as simples familias apresentam traços distinctivos bem definidos de cultura. Para exprimir a parte das circumstancias, diz-se commummente que d'ellas recebemos o ensino; e, sem duvida, o meio fecunda e destroe tendencias na formação do character. Basta vêr as differenças entre o homem do campo e o homem das cidades.

Mas a vida da alma é sobretudo a vida voluntaria, livre, que, ainda quando não vença, se affirma dignamente, combatendo

a perversidade ingênita e as funestas solicitações do mundo exterior. O homem é sobretudo creatura sua e obra das suas acções, ignobil ou nobre como ellas e por ellas responsavel. Somos nós que pelas proprias mãos preparamos-em grande parte o nosso futuro. A vontade é que é a nossa fôrça dirigente, capaz dos maiores prodigios em todos os povos e em todos os momentos da historia. Não estamos acorrentados nem á raça, nem ao meio. Até os outros animaes praticam actos livres, de heroismo e abnegação, verdadeiramente admiraveis.

Como tudo mais, a alma não tem uma vida só automatica, receptiva, de reacção, mas tambem voluntaria, iniciadora, de acção propria. *Mens agitat molem?* O que é certo, é que não ha no universo ente algum que não elabore uma actividade sua, que não constitua um centro, pouco ou muito energetico, de acção individual. Essa iniciativa, relativamente obscura nos mineraes, sempre mais ou menos manifesta nos sêres vivos, affirma todo o seu dominio na vida animal. O cerebro não propaga só as fôrças que sôbre elle actuam, gera-as tambem. A actividade propria da alma é o que se chama vontade.

A afirmação da vontade é simplesmente a afirmação da existencia d'uma fôrça nova. Revindicar a sua iniciativa o mesmo é que revindicar a iniciativa da luz ou da electricidade, que brotam dos corpos inanimados como a vontade brota dos corpos animados. Está claro que as fôrças physicas se podem converter na vontade, como se podem converter umas nas outras entre si; mas, porque do trabalho mechanico pode provir calôr, não perde o calôr a sua existencia, a sua individualidade e autonomia, tanto que entra a cada passo em lucta com a fôrça mechanica d'onde se gerou. O mesmo succede á vontade; sem por isso precisar de adquirir uma natureza contraria á das mais fôrças. Rigorosamente, todas as fôrças, não só a vontade, são livres. Pode haver luctas entre o espirito e a natureza, mas não ha contradicção.

A preguiça faz com que se não entendam as coisas mais simples, por inercia, por falta de vontade. Muitas creanças intelligentes perdem por preguiça a sua intelligencia.

Algumas tẽem o que se pode chamar a imbecilidade da vontade.

Umás creanças retesam-se perante as difficuldades; outras, rendem-se-lhes, e são ás vezes as mais intelligentes, mas habituadas a entender de prompto. Vêem-se assim algumas, desembaraçadas, afoitas, que, á menor das contrariedades, acuam. Não estão acostumadas a encontrá-las: não aprenderam a fazer-lhes face.

As creanças faltas de vontade não acham nada, porque são incapazes de persistencia para procurar. É preciso que as coisas e as idéas lhes appareçam deante.

Certas pessoas pretendem justificar-se com a sua natureza. «Não fui eu que me fiz! Se eu sou assim feito! É o meu feitio!» dizem. Esquecem o poder da vontade. Esquece-o também quem diz a uma creança, que fez uma coisa má: «És d'uma natureza, d'uma raça! Tens um genio!» Isto o mesmo é que convidá-la a não sahir da sua inferioridade nativa.

Não se deixe a creança andar pelo mundo como somnambula, a fazer o mal e o bem ao acaso. «Não foi por querer!» explica. Mas tem culpa de se não ir governando.

«Se eu quizesse, dizem algumas, faria isso». Mas o mal, e maior que nenhum outro, é precisamente esse, a falta de vontade.

O esforço é a alma do nosso desenvolvimento. O genio é a paciencia, disse já um dos genios da humanidade.

O ensino ainda hoje atrophia a vontade.

Se um acto nos causa dôr, enfraquecemo-nos, e só á força de vontade o poderemos executar. D'aqui, para facilitar o noviciado da vontade, a conveniencia de tornar os primeiros trabalhos attrahentes, interessantes.

A vontade recebe auxilio dos movimentos felizes da alma. E até, sem esse auxilio, a custo se fórma. Dêem-se á creança emoções agradaveis que a convidem ao esforço, para ella assim se preparar a vencer por si a dôr. A brincar, se apprende até a soffrer. E vencer uma vez a dôr dispõe para menos a sentir outra vez e para a conter.

Mas nada de excessivo gôso do bem-estar!

As creanças confundem facilmente a ordem moral com o encadeamento dos factos e das idéas. Dada uma explicação do seu procedi-

mento, não ha nenhuma que não imagine que se justificou.

Nunca as emoções são tão profundas como quando proveem da vontade. Não ha paixão mais intensa que a da emancipação e liberdade, que a de nos governarmos e governarmos o mundo.

O amor da liberdade é a fórma sublime do amor proprio, porque é o amor da nossa integridade para o bem.

Chega-se a não se querer aquillo que promptamente se pode fazer, como se essa possibilidade fôsse um agravo á vontade. As creanças, d'uma canna fazem uma flauta. Pois, dá-se-lhes um piano, e, dentro em poucos dias, perdem o amor á musica. O que ellas gostam de andar a cavallo! Até num cabo de vassoira cavalgam. Dá-se-lhes um cavallo, e, pouco a pouco, esquecem-no. A uma ouvi eu exclamar: «Então hei de montar por força!»

Não se facilite tanto a instrucção, que se embote a vontade de apprender. Uma difficuldade excessiva fatiga e prostra os animos,

mas um trabalho facil deixa-nos indifferentes. Só as difficuldades attrahem a vontade.

Eu pedia aos pequenos que me tirassem o pó dos livros; e, como um volume tivesse a capa com bolór, disse: «Limpem bem este, porque está todo cheio de nodoas». Veiu logo a Quininha: «O papá dá-me um todo cheio de nodoas?» Do seu lado, Domingos, incumbido simplesmente de sacudir o pó dos que tinha levado, deu-lhes uma esfregação mestra.

Uma ordem que não encontre ponto de apoio na vontade, é uma tentação á revolta. Cautela com as prohibições! Não vá o fructo prohibido tornar-se desejado.

«Não reparei!» «Foi sem querer!» respondem a cada passo as creanças. Pois o homem é, em grande parte, responsavel do estouvamento como d'uma bebedeira.

«Não me lembrava!» é outra explicação tambem, como se não dependesse de nós o lembrarmo-nos ou não. A memoria tem muito de mechanica, mas não escapa á nossa vontade, não é um dom da sorte.

Pensa-se por necessidade, e pensa-se ordinariamente bem. Escreve-se e fala-se automaticamente, com facilidade. Vejam-se as mulheres e os moços!

O que custa, é pensar, é falar ou escrever, a preceito, olhando ás regras e submettido a ellas pela vontade. A liberdade de acção leva muito tempo a conquistar.

A vida infantil é ainda por necessidade um tanto parasitaria. Haja por isso todo o cuidado em não deixar o alumno acostumar-se ao parasitismo, que lhe supprimirá a vontade e o tornará num egoista. A educação deve accelerar a emancipação individual. Não se traga sempre ao collo e ás cavalleiras o espirito das creanças.

Certos professores não deixam os discipulos pensar. E as largas exposições têm sempre esse contra; d'ahi o incommodo do auditorio. Não é só canção de attenção; é tambem certa paralyisia da razão, que se sente com os movimentos presos. Seguir os raciocinios d'outrem não é sempre mais commodo do que fazêl-os cada um por si. Qual o motivo por que certos homens de grande

talento tẽem tanta difficuldade de estudar? é a difficuldade de submetter a sua intelligencia. É por isso que nem o alumno, nem o mestre deve desesperar. O que a principio parece falta de intelligencia, não é muitas vezes senão diversidade intellectual. Cada um pensa a seu modo; e, para nós comprehendermos um discurso ou um livro, não é forçoso começarmos logo por o comprehender bem. Vá-se ouvindo ou lendo, e a comprehensão virá successivamente como uma obra nossa.

Lê-se melhor um romance, porque a imaginação é menos contrariavel do que a razão. E é tambem por isto, não só pelo seu poder emocionante, que a gente nova tanto se compraz na sua leitura. Mas, ainda a meio d'ella, quantas vezes os braços nos descáem, e nós a suspendemos para darmos curso á propria phantasia!

E preciso dar uma larga margem á vida pessoal das creanças, e não exigir que ellas cumpram logo militarmente as ordens que recebem.

Pode a desobediencia não ser irreverente, mas o simples impeto da personalidade automatica ou livre.

Toda a gente tem nos seus verdes annos a tendencia para imaginar que faria melhor o que os outros fazem. Fa-lo-ia a seu modo, apenas. Desfaça-se essa illusão, mas sem contraminar a iniciativa intellectual.

A minha confiança nas creanças não é tão optimista, que eu lhes permitta que se metam em quanto ha, que peguem em tudo e de tudo falem ao acaso. Não! Ha muitas occupações e ha muitos assumptos que não são para a sua idade, que exigem preparação mais ou menos longa, e de cujo trato prematuro ellas não tirariam senão inconveniencias e prejuizos para si e para os outros. A liberdade da acção não é a licença. Não se leve a paixão dos exercicios até crer no enrijamento pelo abuso e desmando da actividade. A vida de estufa, a inercia, mata a creança; mas é perigoso expô-la sem precauções ás intemperies. Para o desenvolvimento do espirito a temperança é tão necessaria como para o do corpo. Não ha perfectibilidade sem virtude.

O trabalho, desde que attinge uma certa complexidade, começa por ser um exercicio desordenado das faculdades, tem a principio

ainda falta de cohesão, tendencia para se differenciar, faz-se como que por explosões, que é o que se chama estouvamento; mas a pouco e pouco se vai ordenando. A vida desordeira é ás vezes até o prenuncio dos grandes trabalhadores.

Não é effectivamente sempre signal de superioridade a precoce coordenação das faculdades. Pode não provir tanto da fôrça de vontade como da fraqueza de vida automatica. Diz-se que os hespanhoes não gostam de ver bons principios aos filhos; e, se é por isto, alguma razão tẽem.

As creanças, como os povos primitivos ou selvagens, perdem immenso tempo em luctas e debates. Não põem as coisas em ordem, não as poupam para futuro; e, quando depois as não encontram ou ellas lhes faltam, lançam as culpas umas ás outras, ou pretendem mesmo espoliar-se reciprocamente para se resarcir do perdido. A harmonia dos espiritos é a mais delicada obra da civilização e da cultura.

Levadas no impeto da sua impressão de momento, as creanças facilmente se tornam

desleixadas em tudo e estouvadas: não se vestem nem lavam bem e não sabem estar á mesa; não param diante das observações que se lhes fazem; em vez de citarem as pessoas pelos seus nomes, dizem — o sr. coisa —; etc.

Uma creança estouvada (doze annos) exprimiu-se — «foi como calhou!» — para explicar o que fizera.

Combata-se o estouvamento que não é já só instabilidade da idade, mas desprendimento da vontade. Quanto é funesto! Vê a creança a mesma pessoa repetidas vezes, e de cada vez tem que apprender de novo o seu nome, se alguém lh'o pergunta. Estuda um assumpto trinta vezes, e, em seguida, ainda o não tem de memoria. Da mesma maneira que não acha as coisas, porque nunca as põe no seu lugar, tambem não acha as idéas e tudo esquece. Passa por tudo, mas não lhe fica nada. Não crystalliza. É o resultado de se não conter.

Os estouvados fazem a si o mesmo que a todas as coisas; por isso tudo confundem e atrapalham e nada edificam em si.

Quando um rapaz implica com as pessoas, dizendo sempre o contrario do que ellas dizem, repontando a tudo, é tambem um desastrado e quebra tudo em que põe as mãos.

Dê-se a cada um a arte de crear emoções, de poetizar o seu destino, seja elle qual fôr, ainda o mais humilde. A instrucção artistica é sobretudo necessaria aos filhos dos pobres.

Achar prazer pela propria iniciativa é ter a capacidade de tornar a vida aprazivel. São assim muitas pessoas alegres, porque a alegria não é só irradiação natural de vida, mas tambem obra artistica nossa.

Ha delicadezas de trato que é preciso apprender, como se apprendem processos de trabalho.

De certas pessoas pode dizer-se que têm intelligencia até ao coração, tanto sabem ser amaveis!

Ha uma arte das maneiras.

Os trabalhos emocionantes são os mais proprios para as primeiras edades: poesias, romances, epopêas.

Como os jogos eram usuaes entre nós, prova-o a lingua: *cincar*, que vem do jogo da bóla, etc. E hoje? Desappareceram quasi de todo da educação. •

Na eschola, no lyceu e nas faculdades a nossa educação artistica é quasi ainda nenhuma, pois apenas se entre-mostra para em breve desapparecer. •

A instrucção industrial tambem ainda mal desponta nos trabalhos manuaes dos cursos primarios annexos ás escholas industriaes *.

Olha-se quasi só á instrucção scientifica, e nella ainda mais á nominal do que á real. Pois ambas estas são necessarias, e nem uma se pode aprender sem a outra!

Todos os systemas moraes se podem logicamente e tambem chronologicamente reduzir a duas categorias, conforme collocam o centro da vida fóra ou dentro do universo.

Os primeiros geram-se na meditação melancholica dos que descrêem do reinado da justiça sôbre a terra e appellam para as perspectivas d'uma estancia melhor, onde

* Foram supprimidos!

ella triumphe eternamente; mas, prégando o sacrificio de todos, a sua doutrina, para extirpar o mal, ameaça tudo destruir. Filha do amor, quantas vezes se converte em instrumento de odio, e cobre os campos de cadaveres e os corações de lucto! Inspiradora não só do desprezo das grandezas terrenas e da propria mortificação, mas até do desapêgo do trabalho util e das legitimas affeições, ella cria um egoismo de beatificação, que, rompendo a solidariedade de cada homem com as outras creaturas, excita-o, numa febre nihilista, a espalhar deante de si o exterminio, como que em busca, através das ruinas e da morte, das regiões gloriosas de além-tumulo. Para os outros o reino do Senhor é o d'este mundo. E, comtanto que ninguem incorra orgulhosamente no erro anthropocentrico de suppôr que tudo convirja em seu proveito, não ha doutrina mais salutar. Melhorar o mundo, torná-lo cada vez mais habitavel e habitado por almas livres, eis o verdadeiro ideal de paz e amor! O fim do homem é a criação, não a mortificação.

O espirito, opprimido nos sêres infimos,

vai-se erguendo successivamente até brilhar com todo o esplendor na consciencia humana. Essa emancipação é a obra do progresso. Todo aquelle que trabalha pelo aperfeiçoamento da nossa terra, prepara-a para o reinado do Senhor. Os que vivem nesta fé, os bons, têm o ceu na vida, assistindo com delicia á sua campanha generosa e antevendo-lhe a efficacia perduravel; ao passo que os maus soffrem logo o castigo que ha em não fazer o bem, que é o de trocar a vida mais livre por uma condição inferior. Elles lançam sôbre a sua alma e sôbre a dos seus filhos o peso, a oppressão das suas perversidades. E quem sabe se os seus proprios elementos, após a morte, não levarão consigo um fermento de repulsão e de odio que os condemnará por longo tempo ás infimas existencias? D'elles a custo brotará novamente a vida! Nem viverão longo tempo os seus descendentes, se não accumularem esforços para se resgatar do seu triste legado, porque o mundo vai cada vez mais expellindo de si as formas damninhas, ferozes. Só persistem os sêres que commungam na ordem universal! Os maus têm o que quer que é de dissociativo, que faz lembrar o hybridismo:

e são, como os híbridos, mais ou menos estereis sempre.

Fazer o bem é realizar a immortalidade. Só o bem é eterno: quem o faz, vive nelle para sempre. O mal só vive o tempo que é preciso para o destruir.

Façamos o bem, até para bem vivermos comnosco. Nós somos o nosso principal publico!

A veracidade é uma virtude fundamental, porque é a expressão da unidade da alma. Quem não diz o que pensa, nem faz o que diz, não tem character e deixa de ser uma pessoa com quem se possa tratar.

Affligindo os outros, tiramos-lhes dias de existencia. Façamo-nos agradaveis e complacentes, para que mais tarde, quando nos morra um parente ou um amigo, não lastimemos já irremediavelmente os desgostos que lhe démos.

Não convertamos os bens que Deus nos

concede, em instrumentos de tortura para os outros.

As creanças que se habituam a renhir com todos, contraem um espirito bellicoso, que lhes põe em desconcerto as proprias faculdades. Algumas voltam-se até contra o livro que lêem, se o não comprehendem de prompto, enfrenesiando-se a ponto de perderem a capacidade de o comprehender. Arremetem contra tudo ás cabeçadas!

A instrucção é o desenvolvimento da vida animal, como a nutrição é o da vida organica. A necessidade da instrucção, é, pois, obvia: contrariá-la é suspender o desenvolvimento da alma. Mas será um mal necessario, que por isso se deva combater, ainda á custa da vida? Não!

O homem não possui senão um meio de se desenvolver, que é exercitar-se; meio unico, mas bastante, poderosissimo. O que é o exercicio, temo-lo todos sentido na plenitude de vida que produz um trabalho proporcionado ás nossas forças. Não ha quem, no meio da sua faina, não rompa em descantes, que lhe

desafoguem a alma; e a antiguidade celebrava sempre com festas as grandes lides humanas.

Emquanto os indolentes se entorpecem e cada vez se tornam mais aborrecidos a si e aos outros, o trabalhador abalança-se a todas as dedicações. A vida superabunda-lhe a ponto de vir a ser para elle uma necessidade reparti-la. Por isso o homem robusto de espirito e de corpo é quasi sempre bom, — sente-se contente, feliz, e vê os outros com olhos de paz e sympathia —; ao passo que o homem fraco volta contra todos o seu mau humor.

Um simples passeio desenvolve em nós sentimentos affectuosos. Não ha quem, ao recolher a casa, depois d'uma *volta* pelas praias, não traga os bolsos cheios de conchas, de beijinhos, para dar ás creanças. E quem, durante uma doença prolongada, não chegou pela sua rabugice a ser injusto, cruel, para com os seus melhores amigos, para com a sua propria mulher ou mãe, que o tratava com requintes de carinho?

Não têm ouvido chamar ingenuas a tantas pessoas de aturado labor? É que não só não fazem o mal, mas andam tão alheadas dos seus enredos, que muitas vezes nem dão por elle.

Mas a instrucção não basta, se não é tambem a instrucção da vontade, a educação. A instrucção deve ser sobretudo uma ascensão moral!

Todas as faculdades são sociaveis.

Só pode ter coração e amar os outros, quem é emocionavel.

— «Desejo vê-lo!» — «Não me sai dos sentidos!» — assim nos exprimimos para com pessoa amiga. — «Fui eu que o avistei primeiro!» — prorompe um dos meus filhos, vindo ao meu encontro; — «mas fui eu que cheguei primeiro ao pé do papá!» — reclama outro. Corremos para o seio dos nossos; e nunca têm termo as conversas entre amantes. — «Não o larga! anda sempre atraz d'elle! é a sua sombra!» — são modos de significarmos a cegueira da paixão.

Só pode ser attencioso e discreto, quem é intelligente. Pômos no fecho das cartas — «de v. m.^{to} attento» —; e promettemos carinhosamente velar pelos outros. Nota-se com elogio e agradecimento: «Fulano sabe escutar». — «Penso sempre em ti! Lembranças!» — dizemos e escrevemos enternecidamente.

— «Quero-te muito!» — bradamos, cheios de affecto.

O trabalho é escola de concentração e firmeza. Infelizmente os nossos alumnos quasi não fazem trabalho pessoal. É copiar, repetir!

Não se pode fazer moral sem convivencia, sem sociabilidade. O isolamento é um mal.

Os prazeres da sociedade levam-nos a estimarmo-nos.

Para que as creanças adorem o dever, basta que elle encarne nos paes.

Ha uma moral individual e uma moral collectiva.

A moral auctorizada pela collectividade social chama-se direito.

Premios e castigos? Diga-se antes: suggestões. Sim! a vida animal não é só a vida voluntaria; e o governo não pode ser só educativo, tem de ser tambem suggestivo, e tem-no de ser precisamente para melhor preparar o desenvolvimento da liberdade. Fale-se á intelligencia, fale-se á faculdade sensitivo-motriz, fale-se á emotividade, não perdendo de vista a saude e a instrucção,

e, sobretudo, a moralidade do homem. O apreço e o desprezo publico são os maiores agentes externos de disciplina, porque são os agentes moraes; mas, por isso mesmo que jogam directamente com o character, são d'um emprego sempre delicadissimo.

Entregue-se o homem ás consequencias dos seus actos; comtanto que se não esqueça que muitos dos seus actos são consequencias das suggestões que sôbre elle actua, e comtanto que as consequencias não sejam desproporcionadas com o valor dos actos. D'onde resulta para a sociedade a obrigação de regular o mais possivel as suggestões e as consequencias de harmonia com a justiça.

E uma das consequencias deve ser a opinião quer da familia ou do mestre, quer do publico. Onde se tratam as creanças com igual meiguice, indifferentemente, quando boas ou más, a custo ellas aprenderão a distinguir o bem do mal. Á formação do seu character faltará o apoio moral do meio. Advertencia ás mães!

Cumpridas as obrigações de assistencia para com todos os filhos, deve haver liberdade de testar.

O nosso seculo é o seculo dos pequenos, dos fracos. Assim como nas sciencias da natureza a attenção se voltou para os infinitamente pequenos, nas sciencias do espirito voltou-se para as creanças, selvagens e enfermos. E, na moral, para os indigentes. O seculo dezanove é o seculo da assistencia publica.

Dizem alguns que dar esmola é alimentar a ociosidade. Pode ser. Mas eu não tenho meio de indagar se todos que pedem, são dignos de soccorro; e, como a sociedade não organiza sufficientemente a assistencia, na dúvida, vou dando. Dignos de dó são de certo todos os que esmolam.

O governo é de maiores e de menores. O de menores é propriamente o ensino, no alto sentido moral da palavra; e, por isso, o ensino não se impõe só ás familias, mas a todas as collectividades de que elles fazem parte.

A concepção reinante da educação, que a divide em duas phases, a da educação numanista e a da educação profissional, é profundamente viciosa.

Assim como se reconheceu que, para

apprender seja o que fôr, sciencia, arte ou industria, hão de envidar-se todas as energias do espirito, e á chamada educação progressiva, que amputa o individuo, reduzindo-o em cada epocha do seu crescimento ao exercicio exclusivo da faculdade então predominante, succedeu uma mais bem entendida organização pedagogica, que, sem prejuizo da evolutiva differenciação das faculdades, não deixa nenhuma esterilizar-se ao abandono; assim tambem é necessario comprehender que sciencia, arte e industria se devem fundir sempre superiormente na acção moral do homem, e que ninguem vingará alcançá-la perfeitamente, fazendo ora uma educação humanista que dispense e adie todo e qualquer serviço social, ora uma educação professional tão estreita que cerre o entendimento e o coração ás beneficinas influencias mutuas dos progressos da civilização. Nem a educação geral deve acabar nunca, nem é nunca cedo para principiar a professional. Cultura e officio são inseparaveis.

Assim como o governo das nações tem de ser educativo, assim deve ser politica, economica e religiosa a educação.

Só a inferioridade da educação civica da mulher explica o casamento de raparigas angelicaes com homens publicos corruptos. Alargue-se o horisonte moral da mulher, desde a eschola primaria, e deixará de haver tantos homens que passem, a um tempo, por bons chefes de familia e por maus cidadãos e governantes. Alguns hoje em dia parece que esgotam a bondade em familia.

Não ministram a educação aos filhos do povo, e depois queixam-se de que não ha publico para nada, de que não ha opinião e a eleição é uma burla! Accusam a miseria do povo, e não procuram remediá-la! Mas d'onde viemos todos? e que foi que nos elevou? A mim um ajuntamento do nosso bom povo trabalhador sensibiliza-me sempre.

O governo e o ensino são recipros. Nação de governo depravado mal pode ministrar um ensino moral, e, que o ministre, vê-lo-ha em grande parte inutilizado; a immoralidade, ou a indifferença moral só que seja, da eschola corrompe fatalmente a sociedade. Mas o poder da educação é mais profundo, porque se exerce sôbre naturezas ainda mais sim-

ples, e um grupo de homens dignos no magisterio lutarão sempre vantajosamente contra as deletérias influencias governativas. Por isso se põem no ensino tantas esperanças de regeneração social!

*

A Gigi, que apenas começa a andar, puxa-me pela mão para me levar a ver umas flôres; e ri-se e toda se espaneja de alegria deante d'um botão de rosa, exclamando: «O tãõ!»

Domingos, 4 annos, á volta do meu cesto de papeis para deitar fóra: «Papá, que levo?» E logo, vendo um barbante entre os papeis, achou em que despender a sua actividade motriz. «Levo esta cordita para a Rosa.»

«Não venha agora para o pé de mim!» diz d'outra vez para a creada, com as mãos na agua, porque ella, no receio de que o pequeno se molhe, não o deixa lavar-se sósinho e ensaboar-se á sua vontade.

O poder da sociabilidade. As creanças ainda gostam mais de mostrar do que de ver.

A faculdade sensitivo-motriz precede a intelligência. Os pequeninos, sem saber ainda o que fazem, riscam umas garatujas no papel; e só depois é que têm idéa do que fizeram. Primeiro desenhavam, que pensam no que desenhavam. É o que sai.

Que differença entre varios intellectuaes tão embotados e as cabeças virgens das creanças! Uma, que anda na aula de primeiras letras e já vae lendo com desembaraço, pede-me um livro. Dou-lhe uma pequena historia de Portugal, e ella fica ali presa, ao pé de mim, a abrir-lhe as folhas e a lê-la, a meia voz, que nem a voz pode conter, de satisfeita.

Assim como as sensações têm uma certa persistencia, e, por exemplo, duas côres successivas se misturam na visão, assim tambem as percepções se demoram na consciencia e podem encontrar-se e brigar entre si.

A Gigi, anno e meio, que estava a brincar

com uma bola cheia de hydrogeneo, poz-lhe o pé em cima e rebentou-a. Tinha os pedaços da pelle na mão, mas não acreditava na destruição da bola, e procurava-a pelo chão e no ar, interrogando: «A bola?»

O Domingos, cortando papeis, chama a uns rebuçados, a outros pastilhas. É um phantasista do paladar.

Não só do paladar. Tendo repartido castanhas com outro pequeno, pergunta, de olho nas restantes: «Ainda ha muitas?» E, como lhe não restem mais de quatro, avoluma o sacco que fizera com o lenço, observando: «Assim parece que são mais».

Gigi não fala, mas já entende immenso. Outro dia, que o dr. Daniel, com quem ella estava muito contente, falou em lhe dar um remedio, como é que ella percebeu, que logo desatou a chorar, atirando-se para o collo da mãe? Não sei. Estas creaturinhas parece que adivinham.

Associação de idéas. Gigi, 20 mezes, vê-me a pôr o chapéu na cabeça para sahir, e logo

corre a buscar-me o guarda-sol, que me entrega. «O só, o só!»

E, pegando eu em dinheiro, ella diz logo: «Pó!» (para o pobre).

Dei ao Domingos este recado: «O papá mesmo levará a resposta». Mas elle, no caminho, poz-se a chorar, dizendo: «Esqueceu-me tudo!» Eram ainda palavras demais para a sua idade.

As creanças, para não esquecerem um recado, correm a dá-lo e projectam-no sôbre o destinatario.

As que não fazem nada, porque tudo se lhes dá, não lhes fica impressão de coisa alguma. E como hão de agradecer depois seja o que fôr, se nem d'aquillo que se lhes deu se lembram?

As longinquas demonstrações fazem perder de vista o seu alvo. Não se ince de minucias o raciocinio.

Dava-se ao Domingos uma coisa melhor do que outra que se dava ao Dino. Mas era mais

pequena. E elle queixava-se: «Não quero isto, que é menos. O Dininho tem mais».

«Seu comilão!» disse ao Domingos, que, na quinta, engulia uma laranja com grande gaudio. «Todos estão a comer!» justificou elle, generalizando, como quem não tinha remedio senão fazer o mesmo que os outros.

Outra occasião, ficou-se a brincar e não veio logo dar-me bons dias. Extranhei-lh'o. «Então ainda me não deu bons dias?» Resposta: «A ninguem!»

As creanças deitam fóra tudo quanto ha, que na occasião lhes não sirva. E depois é que sentem a falta e arrepelem-se por o não terem.

Quando uma creança intelligente não comprehende, tem logo a tendencia para crer que o livro está mal ou o professor não explicou ou não sabe bem. Se é pouco intelligente, descrê de si. E nem a petulancia é vaidade, nem a timidez modestia. Simples questão de força ou fraqueza.

A creança, na afflicção de não ter já tempo, á ultima hora, para apprender a lição, ataranta-se e nada chega a entender.

Dino, 5 annos, observava-me: «Papá! quando eu fecho os olhos, a Gigi tambem fecha os d'ella». Ella tinha 1 anno.

Só por imitação se chega a tragar o tabaco e o alcool. A principio, não ha ninguem a quem não repugnem.

As creanças falam, atravessando-se ao que os outros dizem e não deixando ouvir a mais ninguem, porque não podem conter-se.

Quando o Dino vem para me falar, eu dou-lhe de chofre uma ordem; mas elle, que não pode reter o seu recado, só d'ali a pouco me pergunta: «Que é, papá?»

Estava eu a lavar as mãos, e, no impeto inconsciente, o Antonio, que acabava de limpar a espingarda para sahir á caça, todo apressado, disse-me, como a querer tomar-me o logar: «Deixa-me lavar as mãos?» Mas logo cahiu em si, a sorrir.

Em vez de pedirem licença para sahir, os pequenos dizem — «Vou!» — a ver se a sua decisão se impõe aos paes, ou, para me servir da locução da psychologia popular, a ver se péga.

Um estudante, de 15 annos, não sabe das lunetas; e, emquanto todos se desesperam a procurá-las, elle, habituado a que tudo lhe appareça deante, não faz sequer o esforço de ver se as tem no bolso. É a mãe que, por fim, lá lhe vai dar com ellas.

O mesmo rapaz tem a testa cheia de espinhas, porque está continuamente a coçá-la, até fazer sangue. «Porque me não dá um remedio para isto?» diz-me. «O remedio está em ti, não coces!» Mas essa força de vontade é que, em geral, falta; e pede-se um soccorro extranho.

Vinhamos no comboio, e o Antonio tinha metido o guarda-sol na rêde da carruagem, deixando sôbre os assentos o chapéu da cabeça. Disse-lhe que o metêsse tambem na rêde. Quando chegámos a Coimbra, elle foi logo ao sitio procurar o guarda-sol, mas não

dava com o chapéu. É a superioridade da memória dos actos que são da nossa propria iniciativa.

Ha creanças tão pessoas, que não podem fazer de prompto o que se lhes manda. Hão de primeiro olhar, examinar, considerar, reflectir.

O mau é o exaggero, é que tudo se ponham a impugnar, ainda que seja pelo desejo de saber e de se convencer.

Por mais que um dia lhês gritemos para as avisar de algum perigo, não se afastam de prompto e são victimas. Clama-se-lhes — «Recuem, olhem que têm ao pé um precipicio» — e ellas, a perguntarem — «Onde? Porque?» — cahem ao fundo.

As creanças teimam, porque a força das suas impressões lhes dá uma inabalavel certeza. Eu, em geral, vou por ellas.

Os moços vão para as más companhias para poderem fazer alguma coisa. Se, em casa, e entre gente séria, não os deixam fazer nada...

Já dos 15 annos para 16, ha creanças a

quem não se pode entregar uma chavena, sem que ellas a deixem cahir e partir-se pela escada abaixo.

O estouvado faz o mal e nem dá por nada. Ainda depois pergunta: «Que foi, que fiz?» E nega, e parece-lhe impossivel.

Os filhos dos ricos, já homensinhos, por negligencia, não se lembram sequer d'um recado para o darem.

A creança chama por uma pessoa, que está occupada; e, para a distrahir, offerecem-lhe e dão-lhe qualquer coisa. Não troquem uma pessoa por uma coisa!

O proprio prazer vae-se acendrando. A creança vê uma flôr: logo quer colhê-la. O moço vê uma rapariga formosa: faz tudo por possuí-la. Mas, com o tempo, chega-se a reconhecer que o que ha de realmente bello na criação, é a sua graça e pureza, a sua espiritualidade, que se não colhe nem pode possuir nunca.

Não vindo o Domingos pontualmente, como

de costume, ajudar-me a vestir, porque naquelle dia tinham chegado as irmãs e estava todo entretido com ellas, repelli-o, quando me appareceu, dizendo-lhe que já tinha comigo o Dino. E elle voltou muito satisfeito para a brincadeira, explicando que o papá só queria o Dino. Um modêlo de obediencia!

Dei-lhe duas amendoas, a maior para elle levar á Isabel; e, vendo-lhe essa depois na mão, ao meu olhar, replicou elle de prompto: «A Isabel escolheu a outra». Que respeito pela liberdade humana!

Nem, tendo por nós a razão, numa pendencia com qualquer pessoa, a temos para sermos desabridos contra ella. Ninguem tem nunca razão para ser insolente e descortez.

«Hoje, veiu o papá, já o dia está bom!» diz amavelmente a Rita, ao meu regresso a casa, 6-7-98. É que para ella o papá merece tudo, ou tem virtudes para tudo.

Para eu tomar o café com leite, ahi veem, a Rita com o leite, a Maria com o café, a Quina com o assucareiro e o Dino com a

tenaz do assucar. Falta o Domingos na procissão, porque está de cama, coitadito! Senão, havia, pelo menos, de pegar a uma aza do assucareiro.

O Dominginhos, todo feliz, porque lhe pedi emprestado o lapis com que a mãe acabava de presentear-lo. «Quer o meu lapis?» E, depois, para a mãe: «Emprestei o meu lapis ao papá. Emprasto a todos!»

Domingos, 3 annos, corre sempre para mim, quando eu chego a casa; mas, um dia, que, na brincadeira com o Dino, o feriu, não se atreveu a apparecer-me senão depois para me entregar uns jornaes.

A Gigi pede toda anciosa que a vistam, e não é por tafularia, coitadinha! mas porque a não deixam sahir como anda por casa, e ella quer passear, quer ir aos *tões* (botões), que é como chama ás flôres.

E não ha dia em que se não chegue para mim, a pedir *ape* (lapis) e *papexe* (papel), e depois *có* (collo), para que eu lhe desenhe.

Como a curiosidade alvorece cedo! «Ó mamã, sente (sente-se)!» diz a Gigi, de pouco mais d'um anno, com um livrinho de figuras na mão, para que a mãe lh'as explique. E, depois de ouvir várias historias, ainda pede: «Mais!»

Ainda os pintainhos estavam e estiveram na casca, e a Rita, ao pé do chôco, já os sentia piar!

Creanças, no impeto do seu desejo, consideram e vêem mesmo eguaes os objectos mais diversos. Fazem do preto branco e imaginam grande o que é pequeno e muito o que é pouco, ou reciprocamente. Com o desejo de ir á quinta, apesar de chover, diz a Maria: «Não está a chover!» Para ella effectivamente é como se não chovesse, porque não importa a chuva; e não a vê.

Como Domingos pensa:

«A Joaquina trouxe um passarinho. Está vivo. Só chegando o dedo ao bico, — muito —, elle morde».

«Quanto custa uma pistola — que os manos quebraram — que o papá comprou para o

Dininho? Quanto custa? dez réis? Uma pistola assim, d'este tamanho; de fulminante. Cinco réis ou dez réis? Que é mais?»

O crescimento da intelligencia é manifesto. Domingos chorava, ao vêr-me dentro da caruagem do comboio, — onde eu fôra dizer adeus a minha mãe —, por imaginar que o comboio ia partir commigo; mas Dininho, de mais um anno, accrescentou que, se eu fôsse no comboio, poderia apear-me logo na estação immediata, em Mattosinhos, a poucos passos de Leça, onde estavamos.

Subtileza infantil. A Alice Barjona, de 4 annos, parada com a tia Isabel em frente d'uma confeitaria, depois d'ali estar algum tempo, pergunta-lhe: «Para que será que estas lojas tẽem tanto doce, se ninguem o compra?»

O Domingos vai dar um recado, dá-o logo cá de cima, tão de longe que não o ouvem. Mas elle não pode reprimir-se mais. Não é por preguiça de ir até lá baixo, não; é porque se não contém.

Outra vez, que levava um recado, volta,

a meio caminho, exclamando em voz lastimosa: «Que é, papá? Não me lembrei mais!»

E depois atira logo para fóra o recado, pondo-se a gritá-lo de longe.

«Que recado deu, que disse á Rosa?» Resposta do Bernardino: «Já não sei. Como o papá disse».

- A memoria pode, pela sua promptidão, prejudicar a intelligencia.

Tive um companheiro de casa, estudante de memoria tão feliz, que se não dava ao incommodo de entender as lições. Se as decorava mais depressa! E até por isso passou por menos intelligente.

«Ah! este Domingos faz o que quer», diz a mãe. E elle, em vista de tal lei, vai effectivamente fazendo o que lhe parece.

Mesmo os prazeres intellectuaes, é preciso moderá-los. O pae dá ao filho um romance, e depois o filho, absorvido na leitura, nem bons dias dá ao pae.

O bem estar ou mal estar é communicativo.

O encanto que as creancinhas derramam em torno a si, pela casa! A Gigi, ao erguer-se de pé sôbre a sua cadeirinha de palha, chama, victoriosamente, a minha attenção: «Oh, papá!» E todos olhamos para ella enternecidos, no mesmo enlevo, a mãe, eu e os irmãos. Até o Dominginhos fica extasiado, a contemplá-la.

A pequenina Gigi tomou o costume de adormecer com um dedo na bôca. Pois outro dia, aninhando-se numa cadeira, annunciava-me que ia dormir — «Naná» — e lá chuchava o seu dedinho.

Gigi teve um rebuçado, mas quer outro. Objectam-lhe: «Ainda tem um na bôca». E ella engole-o. É a tentação do mal.

O progresso individual é visivel; mas ainda, a muitos respeito, aos quatorze ou quinze annos se é como aos quatro. Não imaginemos que o homem se completa depressa e contemporizemos com a natureza. Nada, pois, de severidade antes de tempo! O Antonio é ainda ás vezes como o Domingos: um nada

o distrahe e prende e absorve; e quasi as mesmas teimices, a mesma cegueira de temperamento.

Mas é preciso ir vencendo os destemperos do automatismo.

As creanças estouvadas convertem as melhores coisas em más; fazendo, por exemplo, a leitura, quando deviam tomar o banho ou sentar-se á mesa para jantar, ou quando, no comboio, deviam ver a paisagem. Ordem!

A mesma confusão que as creanças fazem com a roupa, vestindo indistinctamente, em qualquer occasião, o novo e o velho, contagia-se-lhes ao trato e fazem com as pessoas, não distinguindo as que merecem o maior respeito.

Exercitem-se tambem as faculdades, como se apprende a andar e a falar, automaticamente. Mas é, em todo caso, mister adquirirmos a capacidade de executar todos os actos pela propria iniciativa, pois só assim teremos na mão a chave do nosso destino; o que não tira, é claro, que a vontade deixe uma larga margem ao automatismo para se

alliviar de encargos e para, ligando solidariamente um acto com outros, olhar de cada vez só por um, para poder olhar bem.

A idiotia é sobretudó uma doença da vontade. Sem esforço, nada; pelo esforço, tudo.

Desde a eschola, a verdade tem de ser até certo ponto descoberta pelo proprio estudante, o que não quer dizer que elle faça sciencia nova, mas sim que adquira por si toda a que se acha já feita.

A intelligencia não é nenhuma faculdade receptiva, a modo d'um tonnel, onde se deite a sciencia, e d'onde ella esguiche, quando alguém lhe abra a torneira. O que então sai, são escorralhos de palavras, que não dizem nada.

O Domingos, fazendo construcções: «Já sei fazer esta sem livro. Quantas já fiz sem livro! 6, 7, muitas». E, como eu lhe recommendasse que, para fazer mais, sempre era melhor pedir á mãe figuras — «Eu invento sem figuras» — replicou-me num tom de queixume. E depois: «Vê como invento cruces? olhe!»

O apprendizado do esforço é lento. Quasi todas as creanças acceitam e tomam de bom grado as situações mais commodas.

Gabavam sempre tanto o talento do seu irmão mais velho, que um rapaz, apesar de muito intelligente tambem, julgava-se com direito a não estudar, e explicava: «Quem tem talento, é meu irmão».

Domingos chorava, ao ir para o banho, e ficava depois sem appetite, febril. Disse-lhe: «O menino vai á praia com os seus irmãos, mas toma ou não banho, como quizer». Logo no primeiro dia resolveu-se a tomá-lo, mas ainda lhe custou e quiz ir ao collo; no outro dia, já entrou no mar pelo seu pé.

E não se tenha receio do *personalismo*. A Gigi pede-me *papexe* (papel) e *ape* (lapis), e põe-se a rabiscar; mas, como não lhe saia nada que preste, volta-se para a Rita, entregando-lhe o papel e o lapis: «*Tita, fa!*»

A desordem juvenil é muito a desordem da educação. Nos primeiros tempos, as creanças não são tão estouvadas como se imagina.

«Gigi está a dormir, não posso ir lavar-me

ali, vou ao quarto lá dentro», diz-me o Domingos, só de cinco annos, estacando á frente do quarto da irmãsita. Ora ahí tēem o que é um homem d'ordem! Escuso de accrescentar que elle é tambem muito amigo da Gigi.

Jeronyma (Gigi), quinze mezes, não deixa nada fóra do seu lugar. Se algum papel encontra pelo chão no meu gabinete, vem logo com elle: «Papá, papá!» E Domingos, cinco annos, é ainda grande arrumador. Elle, pondo tudo em ordem sôbre a minha banca de estudo: «Cannetas para aqui!...»

Gigi, que começa a andar, de vez em quando tenta a sua ascensão pela escada; mas, á cautela, está no patamar de baixo á espera de que mais alguém queira subir, e larga então na frente, indo sempre a espreitar se é acompanhada de perto.

É a prudencia que já engatinha tambem.

É em nome da logica que certos professores pretendem que os discipulos pensem como elles, exactamente pela mesma ordem; mas esquecem-se de que é sôbre o modo de

pensar dos seus discipulos que elles proprios deviam estudar a logica e rectificar a sua.

O estudo que se faz nas nossas aulas só por livros e palavras, tão longe dos factos! não deixa no espirito um saber vivo e fecundo, mas apenas uma especie de sonho vago e esteril.

E que esforço não é preciso para, com as simples observações vulgares, ao alcance ordinario de cada um, se imaginar tudo, de tão longe!

E nas nossas aulas crê-se que é pela concentração do espirito sôbre as theorias que a sciencia progride; e isso não basta: sem novas observações, quasi nunca se descobre nada de novo. Depois, o abuso das theorias chega ao ponto de se pretender architectá-las sem factos. Não são theorias, são chimeras.

Como as naturezas simples são faceis de conduzir! Eu disse á Gigi que não mexesse na caixa das construcções, porque, d'onde estava, podia cahir-lhe em cima dos pés e pisá-la. No dia seguinte, ouço-a — «Papá,

tira!» — e eu só soube o que era, quando ella me levou defronte da caixa.

E, passados dias, querendo uns exemplares de minerio, que estavam noutra estante, ao seu alcance, não lhes deitou a mão, mas veio ter commigo: «Tira, papá!»

Creanças, egoistas, de tudo fazem pretexto para não servir os outros. Forjam as interpretações mais complicadas das ordens mais simples e claras que se lhes dão, só para retardar a sua execução; e até, se é preciso, lançam mão do recurso de fingir que não entendem, e o caso é que chegam effectivamente a não entender nada do que se lhes ordena. A rebeldia tem este castigo.

Tantos annos de egoismo nas nossas escho-las dão os seus naturaes fructos venenosos. Os nossos homens cultos estão a cada passo a provar na vida a sua falta de senso moral.

Ha estudantes, tão cheios de presumpção, que, se uma vez não souberem bém a lição, fallece-lhes o animo para redobrem de esforços, e, em logar de nos dias seguintes se

applicarem mais para resarcir o perdido, pas-sam a dar-se ares superiores de quem não precisa de fazer caso da aula nem do ensino do professor, de quem lhes não liga importancia. Figurões! E ou se tornam chefes de discolos entre os condiscipulos dentro da aula ou de extravagantes lá fóra. D'algum modo se hão de mostrar *distinctos!*

Assim são tambem certos adultos. Se não brilham facilmente nas sociedades ou no partido a que pertencem, perturbam-nos ou deixam-nos com espalhafato.

Dá-se um par de luvas a um rapazito, elle fica logo com vontade de sahir para se mostrar com ellas. E ha de custar-lhe a descalçá-las para deitar a mão a qualquer serviço. O luxo não representa só desperdicio de dinheiro, mas tambem dissipação do espirito.

As raparigas escapam mais ao atrophiamiento das aulas. Emquanto os rapazes lêem nos livros, ellas lêem nas pessoas, d'ahi a sua maior penetração e tacto social, e lêem na vida, d'ahi o seu maior senso práctico. É que o ensino é como a medicina: antes nenhum do que mau.

A Gigi queria não sei já o que; mas, ao pedi-lo com o seu pratinho na mão, bateu com elle na mesa, e a melodia dos sons deu-lhe tanto gôsto que a distrahiu do manjar.

A mesma, onze mezes. Queriam-lhe dar de comer com a colhér, e ella por força que havia de levar a comida á bôca com a sua propria mão.

Domingos não é de meias medidas. Perguntei-lhe o que tinha visto no Jardim Botânico. Respondeu-me, como o celebre orador d'um romance de Camillo: «Vi tudo!»

Os rapazes que numa aula pouco estudam no primeiro anno, arriscam-se a não estudar nada no seguinte, quando a repitam, por imaginarem que já sabem alguma coisa.

A Manoela, apesar dos seus 16 annos, vai escrevendo logo um nome, para ella novo, com que ha de sobrescriptar a cinta d'um livro meu, com receio de o esquecer d'ali a pouco. E mais tem excellente memoria.

Quantos rapazes deixam de estudar para

as aulas, porque é obrigatorio e a obrigação lhes é imposta não só pela consciencia, mas tambem pelos outros! Até o meu filho Miguel, convidado a passear no cavallo que eu lhe dera, repontava: «Tenho agora a obrigação de montar!»

Domingos quer ir á quinta, mas a mãe tinha-lhe recommendado que não sahisse do quarto para não peorar da constipação. Elle então pede licença para ao menos descer ao rez do chão; e obtem-na e contenta-se. Assim vai apprendendo a ter espirito de resignação. O optimo é inimigo do bom, lá diz o nosso povo.

A obrigação deve tornar-se em imposição da vontade e a obediencia em disciplina propria.

As pessoas, fracas de vontade, que, por mimo, se habituaram a fazer quanto lhes passa pela cabeça, são arreliosas, se os outros se lhes não impõem. Diz-se a uma — «faz-me isto?» — e faz; diz-se-lhe — «faz favor?» — não faz. Não podem ficar muito entregues a si, precisam d'um impulso extranho para

procederem. Muitas vezes é preciso mesmo pôr de parte delicadezas, e dizer: «faça!»

«Fui eu sósinho!» exclama toda ufana a creança, que conseguiu só por si abrir a porta.

Dizia-me uma rapariga: «Tendo um livro, tambem eu cozinho». «Julgue-o por si, depois, comendo do seu cozinhado» respondi-lhe.

Por falta de coordenação dos seus actos, d'a proposito, muita gente faz do bem um mal.

Mesmo o amor do saber, é necessario regulá-lo. Para dar bôa lição, um rapaz lia ao jantar, e imaginava-se justificado pelo seu dever de estudo.

A educação das raparigas leva vantagem á dos rapazes, porque as mães as associam aos trabalhos caseiros. Em algumas familias são ellas mesmas que cortam e cosem os seus vestidos, enfeitam os seus chapéus, etc. D'aqui sem duvida a sua boa disposição para os outros, o seu animo serviçal.

A educação das raparigas, por ter sido

mais descurada pelos poderes publicos, lucrou até certo ponto, porque não perdeu tanto o seu character social, familiar. São ellas que os paes e os irmãos chamam em casa para tudo: para arranjar a sala, para dobrar os guardanapos e adornar a mesa, para dar um ponto, para arrumar uns livros, para copiar um artigo. E são ellas que trazem á vida de interior, com a sua graça pessoal, os encantos da musica, da dança, e até da conversação.

É frequente ouvir da bôca dos nossos professores esta condemnação fulminante: É um estúpido! E não ha applicação que salve o desgraçado. Até, por isso, o humilham: Estuda como um burro!

Pois a condemnação, além de deshumana, é que não tem nada de razoavel. Quantas vezes, ainda durante o seu curso, o estúpido dos primeiros annos se torna, pelo seu esforço e trabalho, num dos mais intelligentes dos annos adeantados! Entre outros, conheço um homem, do maior merito, hoje geralmente reconhecido, cujo talento se foi gradualmente desenvolvendo nas aulas.

A habilidade do professor não está em ensinar aos que por si tudo apprendem, mas

aos menos senhores da sua intelligencia, que precisam de direcção.

É preciso convencer a creança applicada de que, nem por amor do estudo, lhe é licito abandonar as suas obrigações sociaes, especialmente para com a familia. Temos o dever de nos instruir, mas temos primeiro e sobretudo o de fazer o bem. A instrucção, em si mesma, é meramente egoista; e nem devemos estudar demais, o que é prejudicial, nem devemos fazer como aquelle personagem de Julio Diniz que passava a vida a comer e a esperar pelas horas de comer, passando-a nós só em estudo e recreio. Trabalho! Serviços!

Ha nas creanças uma disposição natural para a amabilidade. A Gigi, de vinte mezes, que mal ainda pode falar, vendo-me de pé, ao lado d'ella, que está sentada á mesa, aponta-me para uma cadeira, ali desoccupada: «Tem! tem!» (Que tenho ali uma).

Chegando eu tarde a casa, quando já passava da hora do jantar e todos estavam á minha espera, a Gigi foi logo puxar pela

minha cadeira «senta!», e, depois, por traz de mim, empurrava-a para me ajudar a sentar-me depressa á mesa.

«O papá quando faz annos?» perguntava a Rita no dia anniversario da Manoela. E, como ainda faltassem mezes, commentava, quasi suspirando: «D'aqui lá!» Tinha pressa de me festejar.

Todos os paes se tornam avós para os ultimos filhos.

A bondade do nosso povo! Ia com meus filhos por Monsanto, quando encontrámos um padeiro sôbre o seu grande macho. Todos quizeram pão saloio, e eu comprei-lh'o. Ouviu-se então a voz d'uma santa mulher, dona ali d'umas vaccas leiteiras, que me dizia — «Os meninos não hão de comer o pão sem nada!» — e logo nos presenteou com uma porção da mais deliciosa das manteigas.

Argumentos do coração. Uma desgraçada viuva d'um professor primario, meu amigo, que falleceu em Africa, explicava-me assim porque, apesar da sua pobreza, não podia

separar-se dos filhos: «D'esta, porque é a mais velha, já quasi uma mulher, d'aquella porque é muito novinha, — e o pae queria-lhe tanto! —, e do pequeno, porque é o unico rapaz».

Todas as profissões deviam ser como a lavoira, em que a mulher e os filhos são os companheiros de trabalho do chefe da familia. Infelizmente, quantas hoje divorciam os esposos, e até as creanças de mamma separam do collo das mães!

Cada um dos meus filhos me vem fazer a sua offrenda de flôres; e tenho que lhes pedir que não colham mais, porque senão traziam-me o jardim para cima da minha banca de estudo. A Gigi então é insaciavel de todo. E o Domingos até uma ponta de piteira quer meter-me no ramo, assegurando com voz de convicção: «Enfeita!»

Quantas vezes a realidade contraria a intelligencia, rasgando as nossas illusões! Domingos, tres annos e meio, chorou num desespero, porque o cavallo de lata não comia a palha que elle lhe dava.

O tempo necessario á percepção. Não é só o Antonio que, estando a ler, não responde logo. A Gigi, com um anno, costuma vir entregar-me todas as cartas que encontra. Todas são para mim. Mas eu dou-lhe um sobrescripto para levar á mãe, e, apesar da ama lhe repetir — «É para a mamã!» — ella quer restituir-m'ó. Só alguns instantes depois, é que se foi embora, exclamando, de sobrescripto em punho: «Máaa, máaa!»

A teimosia das creanças chega ás vezes até á estupidez e crueldade. Com a sua idéa fígada na cabeça, nada consideram e a ninguem respeitam. Teimam, ainda que estraguem tudo e a todos incomodem. Se os adultos fazem o mesmo! «Salvem-se os principios e percam-se as colonias!»

Pergunto ao Domingos: «Como se chama a irmã da Joaquina?» E elle, que a conhece menos, faz, para se lembrar, um esforço de cabeça, que até a testa lhe vinca sôbre os olhos.

Ha uma glotonice intellectual, que não é grosseira como a outra, mas não deixa tambem de ter seus perigos.

Certos estudantes correm tanto atraz de novas emoções mentaes, que se tornam incapazes de repetir as operações correntes do espirito e desapprendem-nas. O resultado é que, mais cedo ou mais tarde, todo o seu edificio intellectual baqueia por insufficiencia de alicerces.

Não acreditem na sciencia d'estes fidalgotes do espirito que para tudo, até para fazerem as quatro operações, precisam de creado atraz.

Passa alguém e derruba a construcção architectonica de Domingos: choradeira! Tiraram uma rosa á roseira da Rita: choradeira! Coitados! é o sentimento artistico que os punge.

Parece-lhes que não são nada as primeiras difficuldades da escripta? «Eu ia fazer um *i* e sai-me isto» diz-me todo triste o Domingos, mostrando-me o seu rabisco.

O prazer de *fazer a sua vontade* corre o perigo de se tornar em teimice, e então é preciso não o consentir.

Domingos, que tem uma face um pouco inchada e trá-la coberta com um lenço, pede licença para ir á quinta. Dá-se-lhe. Mas logo pretende livrar-se do lenço, e, na sua teima, não duvida sacrificar o passeio. Deixá-lo! comtanto que não alcance o suspirado desmando, até assim se habituará a luctar pela victoria da sua vontade, apprendendo ao mesmo tempo a expurgá-la de impurezas.

Eu reprehendo um filho por qualquer falta. Diz logo d'ali a avó paterna: «Esse pequeno não anda bom. Se elle não come mesmo nada!»

Dizia-me o filho d'um amigo meu, depois d'um *estenderete*: «Não sou supersticioso, mas com este professor não faço nada.» A culpa, está claro, não era d'elle, victima, coitado! da sua má sorte.

A sociabilidade póde mais do que a razão, e por isso passa ás vezes por cima dos seus dictamens. Negaram pão ao Domingos por serem d'ali a poucas horas de jantar, mas, como elle chorasse, Gigi pediu-o para si e foi-lh'o logo meter na bôca.

Como uma santa rapariga, filha d'um amigo meu, estava divertidissima um carnaval no seu insipido logarejo: Com os passatempos do irmão, em Lisboa.

Quando posso fazer algum bem com o que tenho, lembro-me logo de que a meus paes o devo.

Quando alguém, e sobretudo a pobre gente inculta, nos faz mal, perdoemos-lhe. É a miseria moral.

Algumas pessoas expõem aos filhos os males que podem advir dos vícios: as doenças, etc. Não é muito efficaz o meio. As creanças estão longe de fazer exacta idéa da doença e da morte, nem isso são espectros que as amedrontem. Ao meu Domingos ouvi-lhe eu, um dia que me falava da morte do pae do creado Manoel: «Morreu! torna a nascer?»

A inercia moral é a peor.

Quando offerecemos um dôce, um bonito, uma flôr a uma creança, nenhuma lhe deita a mão, sem primeiro levantar para nós vivamente os olhos, abrindo-os num grande olhar de enternecido agradecimento.

O trato social, a camaradagem, é indispensavel para a formação do character. Por isso em Inglaterra as classes que não mandam os seus filhos ás officinas e escriptorios fazer o apprendizado da industria ou do commercio e ao mesmo tempo da convivencia, entregam-nos ás Universidades, que os associam uns com os outros e com os professores para os trabalhos escolares e em excursões, em jogos athleticos e até em serviços braçaes ás populações locaes.

Só as creanças pobres, pela sua vida de trabalho, se educam bem hoje em dia. É difficillimo educar os filhos de gente abastada, que nada fazem pelos outros! E esta é uma causa de fatal decadencia das noßsas classes ricas.

Um dever não isenta d'outros. Nem imagine ninguem que vai a direito, cortando por todas as conveniencias.

Expição não quer dizer arrependimento. Ha creanças que de tudo se julgam absolvidas, desde que se lavam em lagrimas; e passam o tempo a fazer o mal e a caramunhá.

Quando ainda nos não lançam a culpa das lagrimas que choram!

Estudante, num dia feriado: «Hoje não tenho que *estudar*». Como se fôsse o mesmo que não ter aula.

Nas vespéras de Paschoa, vem a mim um collegial: «Que hei de fazer agora nas ferias?» Por si, não acha em que se occupar. Tão longe estão as aulas da vida!

É preciso muito cuidado com a instrucção. Estava a mãe a ler d'alto, quando a Gigi chegou, lançando a perturbação no ar. Diz a Rita: «Trazem a Gigi para aqui! Estava a gente tão bem!» Já lhe desagradava a irmã. E mas é tão amiga d'ella!

As creanças mais amigas de prestar serviços, logo que começam a ter aulas, passam a não fazer nada pelos outros e desculpam-se com ellas. Que aulas!

Os professores poucas vezes conseguem tornar grato o estudo. «Se eu apresentar já hoje o exercicio, elle passa-me logo outro» diz-me um estudante, receoso. Que castigo!

Certos professores habituam-se tanto a impôr aos discipulos as suas opiniões, que perdem depois o dom da discussão.

A educação deve ser rasgadamente liberal. Desde que se faz uma concessão, ou se reconhece um direito, faça-se e reconheça-se sem ratinhar, sem pôr pequeninas condições, auctoritariamente arreliosas, que não servem senão para provocar á revolta pelo excessivo ciúme do mando.

Domingos, cinco annos, philosophando:

Primeiro: «O ceu está tão escuro! Haverá trovoadas?»

Depois: «O ceu já não está escuro. As *nuvas* encolheram-se. Onde vão as *nuvas* buscar a agua? Umhas pessôas estão a lavar no tanque, e depois desaparece a agua: é as nuvens que levam. O ceu ás vezes é debaixo da terra. (Miguel, do lado, explica: «Quando a gente morre, vai para debaixo da terra»). Que a gente não sabe onde é o ceu».

A emulação é despertada pelo desejo, e, como elle, pode ser intellectual, pode ser, por exemplo, a emulação arithmetica de grandeza

e número. Disse ao Dino e ao Domingos que fôsem apanhando as pedras da terra que se ia cavar, e elles logo se pozeram em acção. D'ahi a pouco, que o Domingos me veiu mostrar orgulhoso as grandes pedras que levava nas mãos, o Dino, d'onde estava, reclamou que as suas eram maiores. «Mas leva-as com ambas as mãos!» acudiu o Domingos.

É impossivel a educação sem um officio. O mais excellente estudante nem para um recado servê. Pede-se-lhe o minimo serviço, e elle fica-se; e, se depois ainda vai a tempo e não lhe esqueceu já a incumbencia, o muito que faz, é transmitti-la a qualquer outra pessoa que a desempenhe.

Ao ensino compete fazer com que todos procurem tanto satisfazer as necessidades espirituaes como as organicas. Que a ninguem se dê mais de nutrir-se do que d'emozionar-se, de sentir e agir, de pensar. Assim se irão abrindo grandes mercados populares para os gêneros de alimentação do espirito.

Uma creada trocou os remedios a uma

parenta nossa, que, se não se lhe acode, morria envenenada. A Rita commentou: «Ora ahi está o mal que faz não saber ler!»

Como ha de uma nação fazer a sua fortuna espiritual, se a maior parte dos seus filhos não puderem amealhar na lingua patria o peculio das suas observações, sentimentos e idéas?

As creanças, desde que não tẽem o professor para as applaudir pelas suas lições, já não estudam. Tão pouco ainda os nossos estudos prendem os espiritos! Se não se vê para que sirvam, a não ser para os louvores e premios nas aulas! Por isso, neste regimen, mesmo que sejam instruidos, os paes não prestam para professores, porque das boas graças d'elles estão os rapazes sempre certos.

Não se devia estudar para exame, não! Mas é bom de dizer. Seria necessario que os estudos conduzissem a mais alguma coisa. Hoje ha uma instrucção facticia, que só por convenção valoriza socialmente os que a adquirem. Por isso a classe da gente instruida pre-

cisa de que os outros trabalhem para ella. Antes nenhuma do que tal instrucção!

Livros? Sim, são excellentes; mas não unicamente para alimentarem o goso epicurista da leitura. Como todo consumo, ella só vale pela producção que origina.

Na mocidade o trabalho material é uma afflicção; mais tarde, um allivio.

Decorem-se versos, orações, que falem ao coração. Em certos estados d'alma, faz bem recordá-los para nos livrarmos da obsessão d'alguma idéa torturante.

A bondade excessiva das mães e a complacencia dos parentes e creados deixam ás vezes muito sós os paes para a disciplina das creanças, e tornam-na por isso bem difficil. As creanças chegam a imaginar que as admoestações dos paes são caturrices, impertinencias, implicações d'elles. Se ninguem mais lh'as faz!

Todos os paes, ainda os mais rigorosos

para os primeiros filhos, tornam-se nuns avós para com os ultimos.

Será um pouco de fraqueza do coração. Mas o tempo vai sem dúvida inspirando cada vez mais confiança nas fôrças ingenitas da natureza. Castigos e ralhos, para que? a advertencia é uma amoravel suggestão.

Para que hão de as senhoras consultar os maridos sôbre todos os pedidos dos filhos, ainda os mais evidentemente desarrazoados? É darem a esses pedidos a fôrça d'um certo direito opinativo, como se a materia offerecesse dúvidas. Exerçam a parte que lhes toca, da magistratura domestica.

A supremacia da emoção moral. «Vi em Santo Antonio dos Olivaes uma capella muito bonita, com judeus» conta a Rita. «Como? não ha judeus bonitos!» contravem a aliás dôce Maria.

As creanças preferem a sociedade dos creados e do povo, porque é a sociedade de gente simples como ellas. Pensam e sentem muito parecidamente, falam quasi a mesma linguagem.

Moral para os outros. O Domingos, que trouxera, com o Dino, pedrinhas da praia para jogarem, não querendo que o irmão se lhe antecipasse na brincadeira, enquanto elle ainda se lavava, invectivou-o: «Dininho vai jogar, sem o papá mandar? Dininho! o papá não deu licença ainda».

O que é a honra para tantos, que presumem de briosos! Não têm a sensibilidade do dever, da gratidão, mas unicamente a do amor proprio, a da vaidade. É uma sensibilidade que não passa d'uma irritabilidade.

Se não podemos ostentar riquezas materiaes, podemos sempre as nossas riquezas espirituaes e moraes. A grandeza epica das nossas façanhas, eis o bem que não chegamos nunca a dissipar, nem ninguem a esbulhar-nos d'elle.

Que falta? torná-las conhecidas, ensiná-las ao povo, e, ainda mais, ás classes dirigentes.

O verdadeiro socialismo não é inimigo da domesticidade do trabalho.

Separar o marido da mulher, que só estão juntos, quando cançados, abatidos, enfada-

dos; separar o pae e a mãe, a mãe! dos filhos, que crueldade!

Diz das perrices da Rita a avó: «São nervos!» E a Rita capacita-se de que é uma prenda delicada que tem, e cada vez requinta mais as suas perrices. Pois se são os seus nervos!

Como o amor das flôres excita delicadamente as almas! A Rita traz festões de per-vencas com que enfeita o espelho do meu quarto. E o Domingos exclama: «É o espelho do sr. Giner!» (Effectivamente servira em minha casa áquelle meu fraternal amigo.) E logo os nossos corações se entretecem das mais ternas flôres da saudade.

As boas flôres... A Maria vem dizer-me que já estão a abrir aquellas rosas pequeninas de que a Therezinha (que morreu) gostava tanto...

A Quina é grande inventora de historias, com a collaboração por vezes da Maria. Quando a Quina as lê no seu caderno (a que põe sempre indice), — em voz alta, sentada

á mesa, rindo-se das suas invenções —, atraz d'ella, de joelhos na mesma cadeira, Dino e Domingos escutam embevecidos, virando-se um para o outro nas passagens mais sensacionais...

A Gigi ouve-me dizer de manhã: «Levanta-te, Antonio, que é tarde. Põe-te a pé». E bastou-me um dia, que acordei mais tarde, dizer da minha cama — «É tarde!» — para ella da sua excluir: «Antonio, levanta, a pé!»

Discernimento. Gigi queria servir o Domingos, que, por estar doente, almoçava no quarto; e, como eu me oppuz a que ella tirasse um prato em que ia pôr a mão, porque podia parti-lo, viu bem que tão pouco devia mexer na chavena, nem no copo, e pegou logo mas foi do guardanapo do irmão e levou-lh'o.

A intelligencia dos outros é para nós uma especie de materia prima, sôbre que precisamos de trabalhar como trabalhamos com os corpos.

Veja-se o que as creanças pretendem ser attendidas! Domingos mostrava a sua car-

teira ao Dino, mas, como o irmão, que estava a lavar-se, lhe não prestasse atenção, elle lamentava-se asperamente: «Dininho! não olhe só para deante, olhe tambem para traz».

Dininho e Domingos fechavam cuidadosamente as portas por onde passassem; mas, desde que começaram a apprender a escrever, elles ahi veem de corrida mostrar-nos as suas habilidades, arremetendo contra todas as portas e deixando-as escancaradas. Vão entrando na crise intellectual, cuja febre é indispensavel moderar.

Não ha erro tradicional, cuja auctoridade resista á inoculação do sangue da mocidade.

Não nos desmandemos em zelos pela verdade conquistada, que não é nunca a verdade definitiva.

Definição da mathematica por um seu estudante: «É uma sciencia abstracta, inventada pelo homem, sem relação com coisa alguma». Effectivamente assim parece, pelo modo por que de ordinario se ensina.

A Rita, estudando a grammatica, encontra de frente a palavra propriedades e insurge-se: «Propriedades são terras!» É que primeiro se adhire ao significado concreto do que ao abstracto, e é sempre laborioso passar d'um para o outro.

O saber transforma-se em serviço, em attentões. As pequenas apprenderam a gravar letras em folhas d'arvores, e logo vieram offerecer a cada pessôa da familia uma folha com a inicial do nome d'ella. Os meus filhos mais velhos, quando começaram a carpinteirar, a primeira coisa que fizeram, foi um barquinho para o irmão mais novo. Todos deviam apprender os rudimentos dos officios.

Para se desculparem de não fazer qualquer coisa, explicam os rapazes: «Fulano é que costuma fazer isso!» E, se a coisa está mal feita, declaram logo: «Não fui eu que fiz». Pois o grande mal e o maior que podiam fazer, é não fazerem nada!

Muita gente nem pelo seu futuro se sacrifica. Fóra do momento presente, até o pro-

prio interesse é para ella como se fôsse d'outrem.

Por isso o estudo constitue já uma fórma de transição entre o egoismo e o altruismo.

Depois do gôso d'uma bôa acção, não o ha maior do que o de honrar os bons.

«Vá ver tambem a festa!» digo ao Domingos. «O papá não vai!» responde elle, declinando o convite.

Domingos, na quinta, chamando-me á hora do calor para uma fresca sombra de laranjeira: «Que houvesse um banco, aqui é que estava bom para a mamã se sentar. Dois bancos, um para a mamã e outro para o papá».

«Vovó! se a vovó morrer, que eu morra tambem logo!» diz a Quina a minha mãe, que a tem tido quasi sempre na sua companhia.

A pobre da Gigi, entre as dôres da abertura d'um abcesso, chama, com o seu coraçãozinho a bater, pelo Domingos que venha

para ali para o pé d'ella. Quer vê-lo! Assim lhe custou effectivamente menos a operação. E elle tambem foi logo depois buscar o melhor que tinha, a sua pasta de papeis, toda ornamentada de figuras, para com esse presente lhe mitigar as dôres.

Idéa da sociabilidade. Domingos, ao ver os pintainhos entrarem na pocilga: «Os porcos não lhes fazem mal! Porque é que não fazem mal? É porque são conhecidos...»

A necessidade é o primeiro fautor da ordem, precede a liberdade. É ella que nos vai disciplinando, obrigando a vencer a apathia ou o arrebatamento das faculdades, as resistencias do temperamento e as contrariedades do meio. Ha uma ordem automatica, antes da que opéra a vontade livre.

Uma pessoa que não necessitasse de nada, careceria d'este apprendizado da ordem.

Ha uma probidade na obediencia, que é a de reconhecer e acatar o dever.

As creanças, quando tẽem a sombra d'um direito, julgam-se com direito a tudo, até á

insolencia. São como infelizmente ás vezes o povo: até á revolução sangrenta.

Quem estraga, rouba aos pobres.

Com o primeiro filho, os paes assustam-se á menor maldade que elle faz, como á menor doença que soffre; e já estão imaginando que elle lhes vai morrer ou ficar depravado para sempre. O tempo lhes mostra que podem ter mais confiança na natureza humana, e mais serenidade.

Não se diga, sem certeza, a uma creança que ella fez qualquer maldade, porque, se ella a não fez, é dar-lhe a idéa do mal e melindrar-lhe a sua delicadeza moral. Mesmo quando ella a fez, toda a cautela é pouca, ao dizer-lh'o, não vá parecer que lh'a admittimos, admittindo essa idéa.

Perdõe-se ás mulheres o desejo de serem queridas dos filhos. Tambem nós, na tarde da vida, apeteçemos saborear essa doçura. Infelizmente ás vezes é já tarde demais!

Mas o que são os mimos! Em certa familia

nobre da provincia atiravam com papelinhos pela fisga entreaberta d'uma janella; e, por pouco que o ar os baloiçasse, já as creanças não sahiam de casa.

Não é possível fazer a educação dentro de certas familias. A complacencia domestica torna os animos infantis duros, intransigentes e irritaveis á menor contrariedade. Só pelo encontro viril das vontades cada uma se tempera, ficando forte e maleavel. Entre os mimos dos paes, parentes e creados não pode ser.

É preciso não proteger demais nem na politica, nem no ensino. Sabe-se o que hoje em direito internacional significam os protectorados.

Figura da meditação. Ao inventar as suas historias, a Quina, na sua concentração, suspende o olhar, e, de vez em quando, entrecerra os olhos, pestanejando.

Até para pensar é preciso opportunismo. A muitos rapazes é, quando se lhes trata de explicar um assumpto, que lhes dá para o recolhimento e meditação.

Por isso nem todos sabem fazer a colheita de idéas que brotam da conversação.

Argumento irrespondível. Joaquina, Dino e Domingos discutem a fôrça das nações. Os rapazes vão pelos estrangeiros. Mas Joaquina, a patriota, não podendo equiparar-nos em vida com os povos mais fortes, tapa a bôca aos irmãos com este apophtegma: «Afimnal todos morrem!» Ao que mesmo o inglês Dino se rende, confessando: «Até a propria Inglaterra».

Os que depressa apprendem, são felizes, mas precisam de ter cuidado comsigo, porque, se depressa apprendem, de pressa esquecem, não repetindo.

Quasi só os pobres, que precisam de trabalhar, se podem educar.

As creanças que não têm nada que fazer, rabujam.

Mas os estudantes habituam-se tanto a não fazer nada por iniciativa propria, que nem d'um simples recado dão conta. É preciso

extrahir-lhes a resposta. Tudo por perguntas e respostas, como a lição.

Muitos mesmo, assim como precisam de chamar alguém para ir dar um recado, buscar uma encomenda, também precisam para que lhes faça um córte de rocha, a minima preparação, até uma simples somma ou multiplicação.

Dizem que os hespanhoes não gostam de ver bons principios aos filhos. Não o sei; mas terão certa razão. A desordem nas creanças é da idade; e as que são muito socegadas, é quasi sempre porque são fracas de espirito. Às mais vivas como que se torna mais difficil pôrem-se completamente em ordem, disciplinarem-se. Desculpem-se os diabretes!

Espirito d'ordem. Domingos, dois annos e meio, arruma tudo, jornaes, botas, etc. E, vê um arranhão numa das mãos, procura logo se estará também arranhado na outra.

Mas o mesmo. Como eu estivesse entretido a ver umas pedras que as irmãs tinham trazido da quinta, Domingos, na sua pressa

de m'entregar um ramo de flôres que lá apanhara, pegou-me da mão e meteu-me nella o ramo, explicando-se: «Bonitas flôres!» E, tendo falado o artista, logo com egual incontinencia falou o sabio: «Para o papá classificar». E mais é um prodigio de equilibrio, um pequenino Gœthe.

Dar o gôso do dever é a suprema aspiração do educador.

Ha creanças que apprendem perfeitamente quantas sciencias ha, mas não percebem uma palavra das suas obrigações. Porque? porque a vida parasitaria que levam, lhes não offerece nenhuma noção d'ellas, antes é de todo o ponto dissolvente da educação moral.

A differença que ha entre muitos rapazes applicados ou preguiçosos, é apenas que uns gosam e os outros não com o estudo. Mas, em summa, no estudo, como em todo trabalho util, embora egoista, já ha um principio de virtude.

O estudo, que, para as naturezas mais languidas, pode parecer uma tortura, e, para

as mais felizes, um facil recreio, não é tanto um prazer ou uma pena como um dever. E cumpre dar-lhe sempre este cunho social. Diz-se que é preciso torná-lo interessante, que a sua mais poderosa mola interior é o interesse. Sim! mas não o interesse pessoal; o interesse humano!

O espirito, no isolamento, fenece. Nem nos é licito recolhermo-nos dentro em nós mesmos senão o tempo imprescindível para dispôrmos e concentrarmos as nossas fôrças ao serviço da collectividade!

Quantas vezes não temos de sacrificar a nossa instrucção e desenvolvimento! Imitemos, todos, esses valentes trabalhadores, homens e mulheres, que labutam de manhã té a noite na fragua do seu mister, sem quasi um instante de lazer para o seu espirito, para que o possam ter á larga os filhos que trazem nas aulas. Adoravel gente!

As pessoas que mais incommodam os outros, são as que mais se doem de tudo.

Só uma disciplina liberal e amavel é

capaz de servir o progresso dos estudos, e, com elle, o engrandecimento do espirito nacional.

Até para emendar os erros dos outros é preciso não os vexar. O melhor mesmo é levá-los a acharem por si a verdade. Elles ficam contentes comsigo e connosco, e acceitam-na; e nós não perdemos por isso a auctoridade legitima para os conduzir.

Todo o bem, é preciso fazê-lo com delicadeza. Como desagradam os que, a titulo de obsequio, nos magoam! Custa-nos a ficarlhes agradecidos. Dar com uma das mãos, sem que a outra saiba, é preceito não só moral, mas tambem de delicadeza. A simples affabilidade é já um bem.

Se os rapazes soubessem quanto custa aos paes, que dariam tudo para tê-los sempre bem perto do coração, em toda a intimidade, verem-se forçados a tratá-los menos ternamente, a não lhes falar e a afastá-los mesmo temporariamente de ao pé de si para lhes significar o seu desgosto!

Toda a serenidade é pouca na educação. A nossa inquietação pelas creanças, que é proveniente dos nossos extremos e apprehensões por ellas, pode parecer-lhes fraqueza e temor, temor de que ellas nos falem ao respeito e fraqueza da nossa parte para as disciplinar.

Hoje, com a extensão dos programmas, a custo se faz ensino; é quasi só reportagem.

Ensinem, se puderem, tudo quanto se tem pensado e sentido e feito, se puderem; mas deixem aos alumnos algum tempo para elles sentirem, pensarem e agirem tambem por si.

Quando os rapazes se insurgem contra um ensino que não deixa a ninguem tempo para profundar e admirar as maravilhas da natureza e da humanidade, que colhe o estudante como uma roda de engrenagem, e, sem lhe dar um instante de respiro para ver, sentir e pensar por si, um instante para se ensaiar em qualquer trabalho proprio, o arrasta e revolve de lição em lição até lhe despedaçar as fibras ainda tão tenras da sua espontaneidade, os rapazes têm razão.

E não é infelizmente sem motivo que elles;

do seu natural tão communicativos, se doem e queixam da frieza das aulas. Tambem a mim ainda hoje me arripia por vezes.

As faculdades tẽem uma certa capacidade, que é mister não exceder. Seja o que fôr que se dê demais a uma creança, comida, brinquedos ou estudo, ella vomita. É ver como as mais pequeninas, enfartadas de quaesquer bonitos, os arremessam para longe. São sensações demais.

A frio nada se faz de grande. Sob pena de amortecerem em nós todos os impulsos generosos, faz-se mister cultivar e desenvolver a actividade do coração, felizmente tão viva e irreprimivel na juventude.

Um filho, para se desculpar de não ter cumprido uma ordem, declara que não a ouviu; e a mãe, para o desculpar, declara que se não lembra se lh'a deu. E ambos são sinceros!

As creanças que mais teimam com as pessoas para que tudo lhes façam, são as que menos teimam com as coisas para fazerem

d'ellas bôas. Habitadas a que os outros as alliviem de obstaculos, succumbem logo aos primeiros.

O amor do auctor pela sua obra. Domingos, depois de fazer uma construcção, pede mais solidos para outra. «Desfaça essa» indico-lhe. Mas elle, choramingando: «Deu-me tanto trabalho! Fi-la para durar. Quero-a para durar».

Creanças do povo. Tão pequeninas, e as distancias que percorrem a pé para a escola, e como vão a qualquer recado, de noite e por maus caminhos, sósinhas, sem o minimo susto!

A falta de educação physica torna-se numa deficiencia moral. Como hoje se educam, as creanças dentro em pouco não observam nada e por isso a ninguem attendem, nem fazem nada e por isso a ninguem servem.

Como custa não saber desenhar ou cantar, quando as creanças no-lo pedem! Mas, por amor d'ellas, se vai pouco a pouco apprendendo. «Vá xe bu! (Faze um burro!)» diz a Gigi, e o burro faz-se.

A ignorancia facilmente se converte em odio. Veja-se a tendencia que tẽem os cabulas nas aulas para julgar mal dos condiscipulos premiados.

Algumas creanças, pela sua rebeldia, tiram aos paes o prazer de lhes sorrirem.

Um professor diz á noite ao filho, estudante dos seus 16 annos em gôso de ferias, que lhe vá levar a correspondencia á estação postal e vá immediatamente, porque o correio está prestes a partir; e, enquanto o rapazola, que estava refestelado na sua cadeira, succumbindo ao encargo e quasi ferido na sua dignidade d'ocioso, pergunta para o lado á mãe — «Então eu hei de ir agora lá abaixo?» — e, para entreter, inventa que lhe falta qualquer coisa que a irmã vá buscar, o tempo passa e passaria a hora da partida do correio, se não é chegar uma pobre mulher do povo que, depois de ter labutado todo o dia e ainda agora vir de curar o caustico a uma visinha, logo se offerece para levar a correspondencia, e, bondosamente, para livrar o estudante de responsabilidades, nem mesmo espera pela resposta, pega nos papeis e deita

a correr por ali fóra, exclamando que leva dinheiro no bolso e depois lh'o pagarão.

A dependencia até a vivacidade da comprehensão nos embota. É tambem intellectual: tira-nos a faculdade de ter idéas proprias.

F., estudante de 16 annos, já tinha tomado banho, quando se lembrou da roupa branca. «Mas porque a não levou comsigo?» perguntolhe. «Julgava que teriam o *cuidado* de m'a pôr cá» responde elle impertinente mas ingenuamente.

A aristocracia da intelligencia não é menos ferina que as outras.

Servia em minha casa um rapaz, que era excellente. Fazia muito bem todo o seu serviço, e ainda achava tempo para fabricar pequenos objectos de madeira com que entreteinha as creanças. Mandeio cursar a eschola industrial, e elle estudou e sahiu distincto nos seus exames. Mas, ao mesmo tempo, foi-se descuidando cada vez mais das suas obriga-

ções domesticas, e até, para aviar qualquer encomenda, ia chamar uma irmã, nossa jornaleira.

Eis o perigo das aulas hoje. Os rapazes, occupando-se só de si, tornam-se fatalmente egoistas. Por isso o estudo deve identificar-se com o trabalho; e aulas, para todos, mas só nas horas de ocio, a que todos, ricos e pobres, têm direito.

Ai! a nossa falta de educação economica! «Para que se é rico, senão para viver sem trabalhar?» aventa um homemsinho dos seus 16 annos. Ainda ignorava que é precisamente para se trabalhar mais e melhor.

Que as escholas não isolem da sociedade os seus alumnos! Só porque a sociedade não está perfectamente constituída, é que ellas se criam. Hoje já a industria vai confundindo as suas officinas com as aulas; e, se a sciencia e a arte quasi não têm outras officinas senão os estabelecimentos de ensino, não se esqueça que ellas têm egualmente por fim servir o progresso do paiz. Que vem a ser, por exemplo, uma chimica que não analysa nada do nosso sólo, e sobretudo como é possivel o

ensino do direito fóra de todo o contacto com a vida nacional?

O progresso vem pelas instituições populares. É ver como os methodos de ensino tẽem melhorado, a partir da eschola infantil. Ella é que dá sempre o rebate.

O livre-cambismo e o proteccionismo são para as classes productoras e para a economia das nações o mesmo que a liberdade e a protecção ou tutela para os individuos. A liberdade plena, só a podem gosar os individuos como as classes e nações fortes e prosperas. Na sua infancia scientifica, artistica e industrial, todos precisam de amparo. D'aqui principalmente o dever d'assistencia ás classes proletarias.

Mas, cautela! que a protecção não se converta nunca em oppressão ou corrupção!

O calor dos affectos não é uma simples figura de rhetorica. A Therezinha, que estava com um forte ataque de tosse, passando para o collo da Isabel, de quem muito gostava, logo socegou.

«Mas eu tenho vontade de mais!» exclama o filho. «Se elle tem vontade, deixem-no comer.» apoia a mãe. Nem tanto naturalismo! Nem tanto fiar na ordem da natureza! O guia mais seguro é, sempre que pode pronunciar-se, a intelligencia. Come-se já sem precisão, por guloseima, pelo prazer dos sentidos, pelo proprio prazer da digestão. E, se o apetite fôsse razão e justificação cabal á mesa, sê-lo-ia tambem para tudo. Quando nos apetecesse um relógio, isso significava que tínhamos necessidade d'elle, e caber-nos-ia o direito de lhe deitarmos a mão. «É que a comida é das creanças ou dos seus paes, e o relógio não, pertence a extranhos.» Sim! mas é uma questão de grau, lá se chega; tambem os que comem demais, roubam aos que não têm nada que comer.

Para que fôste dar agora pera á menina? pergunto á irmã mais velha. «Ella viu-a!» Antes a deixasse chorar, que lhe fazia menos mal; já que as creanças são ao mesmo tempo tão teimosas como levianas, e nem sempre se pode largar o serviço que se tem entre mãos, para tratar de as distrahir.

A virtude dos affectos! Não ha dôr ou susto que não mitiguem. Começou a trovejar, e a Gigi, correndo para mim: «Tenho medo! vou sentar-me ao pé do meu papá.»

«Esta pera é muito bôa.» diz o Dino; e explica: «É da casa do vovô.»

Os rapazes, que sabem do nosso fraco por elles, procuram ver no nosso rosto até que ponto essa fraqueza lhes permite a ousadia nas respostas, quando os reprehendemos, e por conseguinte a reincidencia nos seus desmandos.

O espirito da gente moça é extremamente simplista, e por isso mesmo dogmatico, intransigente. A verdade para ella é ainda inorganica e tem as arestas vivas d'um crystal.

Domingos, o pensador. «Papá, para que servem os macacos?» E, com exuberancia grammatical, dizia *mascacos*, começando logo o plural na primeira syllaba.

As creanças obrigam-nos a toda a inteireza

de explicação. «Papá! ha duas luas?», pergunta-me o Domingos em Moledo, poucos dias depois de chegarmos de Coimbra. «Não! Se fôres andando d'aqui para Coimbra, has de ir vendo sempre esta.» Mas elle, ainda na sua, insiste: «E o que fica cá?» Effectivamente podia entretanto ir para lá outra, até a de Coimbra.

Desenhe-se primeiro a traços largos; senão, perdendo-se a idéa do conjuncto, fica-se sem saber para onde elles hão de dirigir-se. E em todas as composições se deve proceder do mesmo modo: faça-se primeiro o plano. O que não tira que se estudem os pormenores, para quando forem precisos. É como em qualquer construcção: tem de principiar-se pelos fundamentos, que são, na ordem tambem intellectual, os factos mais firmes, mais constantes, mais geraes. Por isso mesmo se lhes dá o nome de principios. Mas está claro que, antes de empregá-los, é necessario descobri-los, destrinchá-los; sub-entende-se.

O prazer de cumprir a sua tarefa. Domingos, a cada traço do seu desenho, exclama, todo satisfeito: «Prompto!»

«Não foi por querer!» diz muita gente para desculpar-se. Podera! era o que faltava. Mas nem por isso se deixa de ter a culpa do estouvamento e distracção.

O estouvamento é desrespeitoso. A creança estouvada não quebraria, não estragaria, se olhasse para as coisas como productos sagrados do trabalho de seus paes. Fale-se-lhe, pois, ao sentimento filial.

Antonio, um grande leitor, dizia-me: «Mas para que hei de ir observar a lua, se posso lêr a sua descripção?» Ficas como o cego, que ouvisse falar do branco ou do amarello, respondi-lhe.

A. M. A., foi uma afflicção para ella aprender piano, até que, á força de instancias e cuidados da mãe, começou a tocar menos mal, e d'ahi por diante já não era preciso ninguem olhar por ella, porque ia sempre por si estudar a sua lição. É que, em tudo, para se trabalhar com gôsto, ha de vêr-se o producto do trabalho. E o segredo do ensino está em dar ao educando esse incentivo, procurando-lhe logo de principio tarefas com-

pletas, mas simples, que elle possa executar quasi de prompto, e não exigindo d'elle senão gradualmente uma elaboração de largo horizonte. Ha d'elle vêr sempre para o que serve aquillo que está fazendo. Não pretendam pôr-lhe immediatamente em mira Beethoven, porque não o alcança.

É indispensável ter a noção do tempo. D'ahi a pontualidade, o talento de fazer cada coisa a seu tempo, isto é, o talento da ordem chronologica.

«Um logar para cada coisa, e cada coisa no seu logar.» recommendava Franklin. Para isso é preciso ter a noção do espaço, o talento da ordem geometrica.

«De boas intenções está o inferno calçado.» Só se Deus não fôr avô. O Antonio não tem a decisão de levantar-se a horas. Mas a avó allega — «Elle até hontem á noite me pediu que lhe deixasse a janella entreaberta!» — como quem diz que, coitado! agora com o somno não está em si. E elle espreguiça-se, e volta-se para o outro lado da cama.

A Quininha, que gosta muito de figos, mas

incomparavelmente mais da avó, não lh'os acceita, quando ella lh'os quer dar do seu prato, para que ella os coma tambem.

«Levantar cedo, não faltar ao banho, isso é que são deveres?» pergunta-me ironicamente um rapaz. Imaginava que só havia grandes deveres, solemnes, theatraes, e os deveres vulgares, que lhe eram accessiveis, não se dignava cumpri-los. Não valia a pena. Pois era pelos mais pequenos que precisava de começar para vir a ser capaz dos maiores. E a sua illusão commodista já significava a fraqueza da sua vontade, a sua ignavia.

A alma é como o sólo, que, para produzir grandes arvores, precisou primeiro de crear pequenas plantas rasteiras, simples musgos e lichens. Para sermos capazes de grandes acções, havemos de ensaiar as nossas fôrças nos mais vulgares serviços.

«A occasião faz o ladrão.» Não é exactamente assim; mas de facto não é prudente tentar o mal. Muitas vezes a vontade não pode logo medir-se com as más paixões, e em provocá-las proya a sua propria fraqueza. O resultado dentro em pouco é que ellas,

renovando-se pela lucta, crescem tanto que se apoderam inteiramente da alma. Afastemo-nos a tempo do perigo, interpondo entre nós e o objecto dos nossos inconfessaveis desejos um obstaculo qualquer, porque assim mesmo nos iremos armando e aguerrindo para arrostar vantajosamente contra as suas sollicitações.

«O papá devia comprar uma *mãe* para aquelle cabritinho.» diz o Domingos, compungido pelo desamparo da orphandade.

A curiosidade de conhecer outra alma tem grande parte nas nossas inclinações.

Effeito contrario. É tamanha a curiosidade nas creanças, que, só para a satisfazer, commettem maldades. Quando a ama do Dino se foi embora, deixando-o inconsolavel, o Antonio, aliás de natural bondoso para todos, poz-se-lhe a perguntar por ella, e, advertido, continuou. Era para ver o effeito.

Por mais cheio de razão que se esteja, nunca ha razão para ser mal creado. Mas desculpem-se ao automatismo intellectual as suas vivacidades.

Quando as creanças choram por um objecto, não é sempre para se utilizarem d'elle; pode ser para o servirem aos outros. Domingos, de dois annos, queria a todo transe ter o assucareiro para andar a offerecer o assucar ás pessoas de familia. E não era para ter o prazer do movimento, porque elle offercia mesmo do seu logar, passando apenas o assucareiro.

Quem não sabe, tem a tendencia para responder mal. «De quem são estas casas?» «Eu sei lá! Importam-me agora as casas!»

Não se consinta que as creanças tratem tudo como brinquedos, dando-lhes tudo para as mãos. É necessario que ellas apprendam cedo a ter respeito pelo trabalho.

As creanças ricas habitua-se a chamar os creados para tudo, sem olhar ao que elles têm que fazer; e, se não são servidas de prompto, irritam-se e fazem gritaria. «Para que são os creados?» contestou-me uma, porque a increpei de não ir buscar o jarro d'agua para que estava berrando pela creada. Que auspicios sociaes!

A egualdade dos sexos não pode ser o divorcio da familia: o marido a pensar em litteratura e a mulher em medicina. A unidade da familia é o fundamento da unidade social, e para a cohesão da vida domestica é indispensavel que paes e filhos se achem intimamente unidos por uma occupação commum. A familia exemplar é a do lavrador, na qual a mulher é uma verdadeira companheira do marido e o filho o discipulo de ambos.

A razão por que não deixam a creança fazer nada por si, é porque isso exige mais paciencia. «Ella vai pelo seu pé!» advirto á creada, que leva a Gigi ao collo. «Assim leva muito tempo!» responde ella, pondo-a no chão.

Antes não frequentar as aulas do que frequentá-las sem estudar. Não se ganha em instrucção e perde-se em educação moral. Faz-se o noviciado do desleixo e do descaramento social.

Nenhum pae bata numa creança, nem lhe ralhe asperamente, se não quer ter o tremendo castigo de ser por ella repellido e não

lhe servir de nada, quando ella numa doença grave tanto precise dos seus cuidados, e elle de lh'os dar.

Se se condescende demais com as creanças, ellas fazem o mal até ás pessoas que lhes consentem as maldades.

Uma creança não come o que vem á mesa, e a mãe, com pena, manda-lhe depois, quando lhe ouve dizer que tem fome, fazer um bife. E como lhe paga ella esta bondade? Chega a hora da outra refeição, e ella, que não tem appetite, lança as culpas sôbre a mãe, declarando que não pediu a ninguem o bife que lhe deram, e que, se lh'o deram, foi porque muito bem quizeram.

Se nos encanta ver o gôsto com que a creança apprende a ler, mais ainda o quadro da mãe, toda enternecida, a ouvi-la...

Gostamos sempre mais d'aquillo que nos deu que fazer. Bastou a um amigo meu trazer no lenço umas maçãs que lhe offereceram no caminho, para depois querer que as preferissemos ás, muito melhores do que ellas, que já estavam sôbre a mesa.

Preste a creança attenção ao que faz, esteja nisso; senão mete o cotovello ou os pés onde devia pôr os olhos, e derruba e estraga tudo.

As pessoas distrahidas estão sempre a ter surpresas e a achar novidades pelo mundo. Mas pagam-nas frequentemente bem caro!

Era por curiosidade que a filhinha d'um amigo meu não queria confessor passa-culpas, mas minucioso, inquisitorial, que lhe desvendasse bem os peccados.

Esqueci-me! diz muita gente para se desculpar, como se a memoria lhe não pertencesse.

Ardileza feminil. Uma rapariga despejou a agua d'um vaso de flôres para o jardim; e, como o visinho do andar de baixo se queixasse de que já por duas vezes o tinham molhado, ella defendeu-se: «Eu não fui, que deitei só uma vez.»

Outra rapariga. «Porque não abriste as janellas do teu quarto?» «Abri.» «Como? abriste!» «Sim! abri a da varanda.» Apenas se tinha esquecido de abrir mais duas!

Ainda outra. Numa occasião em que, passando por uma porta, a deixou fechar-se com estampido: «Não fui eu que bati com ella, foi o vento.»

A theoria determinista do universo, com eliminação da vontade, não é preciso procurá-la nos philosophos. Um rapaz entorna o tinteiro sôbre um livro, e logo, para desculpar o seu estouvamento, allega: «Não fui eu que puz o livro em cima da mesa!» Está claro! era fatal.

Tire-se d'aqui o aviso de que com os estouvados todas as cautelas são poucas.

Não digam: «Esta creança é má.» Senão ella julga-se obrigada a corresponder á expectativa publica.

O Rodolpho tinha no collegio, onde andava, a reputação de incapaz, e nem elle se sentia com força para vencer a sua má fama. Aconselhei os paes a que o mudassem para outro collegio, e logo se levantou no conceito desprevenido dos novos mestres.

O culto externo fanatiza immenso o espi-

rito juvenil. Não são só as mulheres que sacrificam á moda, ao ritual, mas todas as almas simples. A um rapaz, dos seus 16 annos, fui eu encontrar metido em casa, a um canto, todo tristeza, quando os irmãos já tinham ido para a praia. «Então não vais hoje ao banho?» «Não tenho chapeu, perdi-o hontem.» «Mas eu vi-te depois a passear com outro.» «Esse não é decente para a praia.» replicou-me elle impertigadamente. «Ora essa!» exclamei a rir. Mas elle, muito serio: «Não me quero envergonhar.» E não lhe custava perder o banho, desgostando com isso os paes, que por causa d'elle tinham vindo de longe para a beira-mar.

É pela mesma razão que muita gente entende que pode dispensar-se de todas as suas profundas obrigações, uma vez que não falte á missa nos domingos e dias santos de guarda e que não coma carne ás sextas-feiras.

Mas o culto externo não deixa de ser educativo. As ceremonias têm a vantagem de chamar a attenção para as deferencias sociaes. Não é inutil dar bom dia, tirar o chapeu, etc. O que é preciso, é não ficar por ahi, e não

se deixar ninguem persuadir de que, cumpridas as formalidades do ritual, tudo é lícito.

A facil disciplina das creanças. Na simplicidade da sua alma, ainda os seus actos se não metem uns pelos outros e se não embaraçam e confundem; e por isso ellas os reproduzem fielmente no mais perfeito concerto. H. pede uma tarde, ao jantar, um palito á Gigi, e é ella quem espontaneamente no dia seguinte, ao jantar, vai buscar o paliteiro para o servir.

E, quando ella, que faz só dois annos, se senta ao piano, logo pede que lh'o abram todo, e lhe armem a estante e lhe ponham defronte um livro de musica; e, só depois de tudo isto, é que principia a tocar.

A ordem social, bôa ou má, impõe-se. Estão bocados de stearina pelo soalho, e eu digo á Gigi que os apanhe. Mas ella, que de mais a mais vai com pressa, chama pela creada Isabel — «Oh, Já!» — e, vendo-a vir: «Olha o *çã*o (chãõ)!» Pois não é a quem aquelle serviço compete?

. Ninguém escapa á fascinação do que diz. Certa creança pronunciava errada uma palavra. Pois, em abono do seu disparate, até Herculano citou. Era assim que sempre a tinha visto escripta, assegurava.

Diz-se que a ignorancia é atrevida. Não é atrevimento, é instabilidade explosiva do espírito.

Muitas creanças se atiram a responder, ainda que não seja a sua vez, arredando os condiscipulos, e tudo pretendem mostrar que sabem. Instruam-se, e ellas se moderarão. Se soubessem alguma coisa bem, estavam mesmo seguras de que lhes não faltariam occasiões de demonstrar o seu saber, e não as tirariam aos outros.

Decidir-se é o que a muita gente mais custa. E, se alguma vez o fazem, o espanto com que ficam da propria façanha! Parece-lhes incrível.

A vontade, na posse da sua direcção, chama-se educação.

O Domingos, lamuriante, porque, tendo pedido á Maria que lhe ensinasse o desenho, ella lh'o foi fazendo. «Eu queria-o fazer, mas a Maria não deixou!» caramunhava. E aqui está como ninguem quer ser protegido demais, nem o agradece.

Nenhuma sciencia é digna d'este nome, se não collabora para o bem da humanidade.

A leviandade do estouvamento transforma-se facilmente em crueldade.

Até as creanças, na sua vaidadesinha, quando ignoram uma coisa ou faltam a alguma obrigação, tẽem a tendencia para o lançar ao desprezo. «Importo-me lá com isso!»

O hebetismo moral de certos rapazes, já quasi uns homens, filhos mimosos de gente abastada, é de pasmar. O pae d'um, zangado por elle se ter erguido tarde demais da cama, ordena-lhe que vá promptamente almoçar, e o sujeitinho não tem pejo de responder, atirando com o almoço á cara do pae: «Eu tambem posso deixar d'almoçar...»

O bom exito do nosso trabalho, o effeito que produzimos sôbre a natureza ou sôbre os espiritos, dá-nos uma seguridade de grande confôrto. Mas só é completo o nosso contentamento, quando produzimos o bem, que é a mais perfeita coordenação das nossas forças com o mundo.

A força das emoções moraes. Custa-me sempre uma separação. Até não abandono sem pezar a penna com que escrevi qualquer coisa.

O que fortalece e alegra a alma, é a satisfação do dever cumprido.

O contentamento de que o bem nos enche a alma, torna-nos facil o sacrificio.

E preciso tambem psychicamente deixar obrar a natureza e não forçar as faculdades.

Certas creanças muito intellectuaes não cedem a nenhuma observação, antes redobram de teimosia e insolencia. Discutir com ellas é irritá-las; admoestando-as, vai-se fatalmente num crescendo a que se não vê termo,

porque ellas retrucam cada vez mais de rijo tambem. Nem por nada cahem em si. Ha de appellar-se para a força? Fale-se-lhes gravemente, mas ternamente, ao coração.

E com as creanças, d'uma certa passividade mental, é preciso não carregar demais na reprehensão; senão ellas esmorecem de todo e podem ir perdendo o brio e azeitando.

Que fazer, quando uma creança não obedece e reponta? Castigá-la pelo desprezo, dispensando-lhe o serviço, ou intimá-la auctoritariamente a prestá-lo? Ambos os meios são maus. Com o desprezo accomoda-se ella facilmente, até pela bôa razão de que não acredita que seus paes ou seus mestres lh'o votem; e da submissão forçada intenta quasi sempre depois desforçar-se pelo encarnecimento da rebeldia. Que fazer então? Ah! o mal está em que se exige de repente da creança aquillo para que se não tratou de prepará-la com tempo.

Varios modos de estragar a mocidade:

Ha pessôas que tanto querem prestar aos

outros, que os estão dedicadamente incitando a precipitarem-se nos vícios. É para os poderem salvar, e apregoarem depois as suas façanhas e sacrificios por elles. São amizades fataes, sobretudo para os animos desprecauidos da juventude. Tentam-na. E para a incitar e tentar basta commeter a fraqueza de coração e de character de desleixá-la.

Outras ufanam-se com os desmandos dos seus filhos ou pupillos, porque assim fazem ostentação e alarde da sua importancia. Por seu respeito, o publico que os ature, ainda que lhe custe.

E ha-as ainda que saboreiam as aventuras dos novos da sua familia, como se fôsem suas proprias.

Não se reprimem os pequenos desmandos, porque são pequenos; e, dentro em pouco, as creanças tornam-se incapazes de soffrear os seus desejos, e perdem toda a noção das conveniencias e deveres.

Quando se reprehende uma creança, não é occasião de lhe testemunhar maior interesse. Pode parecer fraqueza, como que um pedido de desculpa da reprehensão; e, abatendo-nos

assim, corremos o risco de ver desdenhado e repellido o nosso indiscreto carinho.

A educação tem por fim, acima de tudo, o aperfeiçoamento moral. Mau ensino o que fórma egoistas. Mas, como elle infelizmente se dá, as creanças acostumam-se a não prestar o minimo serviço, e são até muitas vezes as mais applicadas as que mais se arrelham, quando se lhes toma o tempo com qualquer encargo.

O destino das raparigas é tão estreitamente o casamento, que nada mais as conduz na vida, e d'essa falta de ideal civico se resentem logo os seus labores. Tenho-as conhecido, que dão excellente conta de si nas aulas, dia a dia, mas raras são as que põem sequencia nos seus estudos, como quem espera mais tarde fazer uso social d'elles, a não ser que precisem de os aproveitar para seu proprio ganha-pão. Por isso tambem, logo depois de casadas, não fazem mais caso das suas *prendas*.

O egualitario Domingos: «Vamos a Coura? Eu só vi o castello e o largo do jardim do

vovô, e as manas já viram tudo, até os perus.» Que desigualdade! Urge effectivamente partir.

Patriota. Gabavam ao Antonio, ainda pequenito, a sua roupa nova: Que a fazenda era muito bôa, muito bonita . . . «E nacional.» accrescentou elle.

O desejo é allucinante, sobretudo na infancia. A Gigi quer que se lhe abra o guarda-sol. Mas para que, pergunta-se-lhe, se não faz sol, nem está a chover? «Faz sol, faz; e está a chover, está!» protesta ella.

Depois de fazermos varios jogos sedentarios, o Dino reclama: «Papá, vamos jogar coisas de saltar?»

A creancinha pensa, falando. Por isso a Gigi não medita tolice, que não previna: «Mamá! vou mexer na machina (de costura).»

O que alguns psychologos chamam generalização das creanças, não é ainda muita

vez senão a sua confusão de expressão. « Vou dar bôa *noi* (noite) á mamã.» diz a Gigi, de manhã, depois de me dar bons dias. E, á noite, ao ir deitar-se: « Vou dar bom dia.»

O Domingos tinha deante de si 4 *raquettes* do *tennis*, e dizia-me, sem que eu logo comprehendesse: « As *raquettes* são 3.» « 4.» emendei. Mas elle: « As *raquettes* são 3.» É que contava para dentro. E explicou-me: « Uma para a Manoela, outra para o Antonio, duas; outra para o Miguel, tres. O sr. Hincker não tem chapeu, d'aquelles de jogar... » Logo, pela conta d'elle, attendendo muito especialmente aos chapeus, mais de 3 *raquettes* era na verdade inadmissivel!

Ha creanças que não prestam sentido a nada que as não desafie com alguma difficuldade de comprehensão. Só os problemas especulativos as prendem. Para ver, hão de discurrer ao mesmo tempo.

Como se vai levando a gente moça a pospôr o juizo proprio! Para tudo lá está o figurino.

Às vezes, relendo um livro, que a princi-

pio nos deixara cheio de duvidas e obscuridades, temos a illusão de já saber o assumpto, quando apenas nos adaptámos á exposição do auctor com todas as suas lacunas e imperfeições.

As creanças attribuem ordinariamente a causas extranhas os seus actos automaticos. Não lhes parecem seus. O Dino, que estava sentado á varanda, ouvindo a Rita guinchar em baixo, debruçou-se tão precipitadamente para ver o que era, que cahiu da cadeira; e, chorando, exclamava: «Foi a Rita!»

Quando as creancinhas teimam, a querer só o collo das mães, não lhes importando fatigá-las, não é por paixão affectiva levada egoistamente até á crueldade, mas por espirito automatico de submissão á ordem. Se são as mães que de ordinario as acalentam!

Domingos, no estado potencial ou de tensão. Quebrou-se-lhe o cabo do martello; e elle ali vem, pelos quatro lanços da escada acima, reprimindo-se, poupando-se, suspirando apenas, para poder explodir com toda a força ao chegar ao pé de mim. E, já por mim con-

fortado, apparece a mãe, rebentam-lhe em novo desafôgo as ultimas convulsões do choro.

Ha rapazes e raparigas que logo se cançam antecipadamente, em imaginação. Ainda vão principiar um trabalho pela primeira vez, e já nos perguntam, desfallecidos: «Então agora hei de sempre, sempre, fazer isto?» O futuro prostra-os.

A fraqueza de vontade d'alguns! Se tiverem um aleijão, aggravam-no cada vez mais, porque a sua pusillanimidade os persuade de que estão desobrigados de se endireitar. «Que quer que eu faça? sou assim!» D'elles se pode asseverar que, se derem um passo em falso, cahem por fôrça. Vão dizendo comsigo: «Horror de caminho! quem por aqui não ha de cahir?» E, assim preparados, deixam-se ir ao chão.

«Deixa isso, chama pelo creado!» é a expressão que muita gente tem sempre na bôca, quando os filhos se mexem para algum serviço. Assim os vão tornando moralmente rudimentares, como physicamente succede

aos órgãos que, por falta de exercício, se atrophiam.

Muitas creanças, tudo quanto fazem, inclusivamente o estudo, é por glotoneria, só a trôco d'algum gôso, quando mais não seja, da vaidade. Nada pelo direito e pelo dever. Uns pequenos regalos! E as familias, na sua fraqueza, apuram-se á busca de aperitivos com que lhes capturem a bôa vontade. Que trafico, e que traficantesinhos! Assim lhes vão alimentando o seu sensualismo.

Digo a um rapazito que chegue ali a fazer um serviço. «Eu?» A sua surpresa! E objecta: «Estou a estudar.»

Paixão infantil da grandeza. «Papá! dá-me um grande?» diz a Gigi, pedindo-me um livro.

Uma ascensão mathematica. Domingos, trepando por uma escada, a meter o seu martello nos buracos do muro: «Olhe, papá! *puze-o* já mais acima.»

Na maioria dos collegios de meninas ensi-

na-se muita grammatica e desvairadissimos bordados, mas não se trata de ensinar nem a escrever uma carta, nem a cortar um vestido.

Instruidos e incapazes, tal é o estado da maioria dos graduados das nossas escholas. E porquê? por falta de educação pratica. Têm muitos theoremas na cabeça, mas inertes, infecundos, sem serventia. Nem a apprenderam, nem lh'a acham. Qual é o professor de geometria, por exemplo, que ensina logo pelos mais simples exercicios praticos para o que servem as parallelas?

A não ser para repetirem o que os livros dizem, ha creanças que parecem incapazes para tudo: não acham nada, não fazem nada por si.

Para escrever, isto é, para pormos por escripto o que sentimos, observamos e fazemos, ou pensamos, é sempre preciso vencer um certo enfado que ha em nos repetirmos, em vez de irmos apprender alguma coisa nova. D'ahi o valor tambem educativo das composições litterarias.

A immoralidade do estudo. Estuda-se por ostentação para dar lição e para fazer exame, e não para saber e ter prestimo. É como a philanthropia que dá esmolas para que falem d'ella as gazetas.

São as mães que principalmente desempenham a funcção affectiva na familia. Sem ellas, que, escondendo-se sempre para o ultimo plano, nos falam a todo o instante dos trabalhos e sacrificios de nossos paes por nós, das suas virtudes, nunca os amariamos tanto, porque, na rudeza do nosso coração, não seriamos capazes de adivinhar por nós mesmos todo o seu carinho atravez das suas mostras de severidade. De si nunca ellas cuidam. É só: «Já fôste ver teu pae?» «Já pediste, já consultaste a teu pae?»

E as filhas collaboram com ellas. Para a educação dos rapazes, para a sua dulcificação, fazem muita falta as irmãs. São naturezas tão mimosas, que o mais leve desprimor as perturba e magôa, e não ha selvageria de rapaz que se não quebre, por encanto, deante da sua gracilidade. Casa que tenha raparigas, não precisa de mais nada para rescender a

todos os perfumes das delicadezas domesticas.

A Maria, num dia em que a Rita cahiu e feriu-se, não comeu quasi nada, nem dôce, ella, que é tão lambareira!

As cariciosas raparigas. A Rita: «O jardineiro plantou hoje violetas, que hão de dar em março, pelos annos do papá.» E logo a Maria: «Quando o papá faz annos, ha tantas flôres! amores perfeitos...»

A suavidade da Maria, que, ainda quando de manhã a acordo de sobresalto, abre logo, com o olhar, um sorriso...

Uma vez, que, em pequeno, não reconhecendo logo certa pessoa que encontrei, fui passando indifferentemente para deante, meu pae exprobou-m'o: «Na dúvida, cumprimenta-se sempre.»

A fôrça da attracção social. Aos rapazes não ha paisagem nem monumento que recreie tanto como a pasmaceira d'um passeio, para deante e para traz, horas inteiras no mesmo

sítio, mesmo sem trocarem palavra, só a sentirem-se juntos ou a olharem para o publico que passa.

Fazer a avenida é em toda a parte com diferentes nomes o divertimento predilecto da sociedade que tem ocios.

Domingos, como é mais novo do que o Dino, tem o culto da egualdade; mas, quando, por ser o mais pequeno, é o mais animado dos dois, sorri-se superiormente para o outro, todo desvanecido da sua prerogativa.

Cedo começa a lucta entre o amor da independencia e o interesse proprio. É ver as lagrimas da Gigi, coitadita! porque quer fazer sósinha um casôto no jardim, mas não pode.

O egoismo transforma-se em negligencia, e, com o tempo, sobrevem-lhe a atrophia das faculdades.

Um rapaz, mandado comprar vinte bilhetes postaes, não encontra senão seis e volta sem nenhum. Porque? Achou mais expedito e commodo vir-se logo embora. Só seis não era effectivamente o que lhe tinham encom-

mendado. E não fez a simples reflexão de que sempre era melhor do que nada.

O desregramento dos filhos afasta d'elles os paes, e a severidade dos paes afasta d'elles os filhos. Que circulo!

No desvario das más companhias, as creanças começam por perder a saude e acabam por perder o brio e a dignidade.

Pessimas conversas e pessimos livros são a perdição dos rapazes.

Como os rapazes vêem tanta vez das aulas, numa enervação, que tudo os impacienta, até as festas dos irmãos pequenitos!

Infelizmente os nossos costumes politicos instillam-se nos espiritos juvenis, sem se expurgarem atravez da eschola, onde falta de todo a educação civica. Um moço dos seus 17 annos, já quasi no fim do curso do lyceu, pergunta-me para que serve a alguém ser deputado na opposição, se, combatendo o governo, nada pode obter d'elle. E, peor ainda! não tardará muito que saiba e pense que é esse ás vezes quem mais consegue.

Quando qualquer dos meus filhos manifesta repugnância por um alimento são, costumo perguntar-lhe em tom austero que razão de queixa tem d'elle, se aquillo lhe fez algum mal; mas confesso que não julgo legitimo, nem possivel, obrigá-lo a vencer logo de prompto essa especie de idiosyncracia. Não quer isto dizer que abandonemos as creanças aos seus appetites e enojos naturaes. Mas não se desprezem esses indicadôres. A principio os pequenitos não comem senão com fome. E o mesmo fazem os animaes em geral. Até os mais ferozes, quando saciados, se tornam inoffensivos.

A intuição verbal e physionomica que temos do estado d'alma dos outros, prejudica e altera muita vez a nossa percepção das coisas e até a capacidade de as sentirmos. Um rapaz, a quem certa pessoa de consideração dissera com ar de engulho que não podia comer carneiro, passou tambem a aborrecê-lo, e perguntava á mesa — «É vitella ou carneiro?» — comendo ou não, saboreando ou careteando, conforme a resposta.

A plasticidade da imaginação. A Rita, que

anda como externa a aprender lavôres e piano no collegio das Ursulinas, vê nas nuvens do poente figuras de freiras. «É verdade!» confirma uma das irmãs, suas companheiras de aula, e vai indicando: «Aquella parece mesmo a D. Visitação, como estava outro dia á missa, de joelhos, toda debruçada, com as mãos postas. . . .»

A., ao chegar a casa, viu uma pessoa das relações de seu pae na entrada principal, mas, não se importou, foi entrando por outra porta e nada disse á familia; d'onde resultou ficar a visita esperando longamente que a recebessem. Admoestado, explica: «Eu imaginava que já soubessem que lá estava aquelle senhor.» «Eu imaginei que elle me não reconhecesse.» Está claro que podia e devia antes imaginar o contrario, mas teve a imaginação commodista.

Quantas vezes a imaginação nos punge mais do que a realidade, e os soffrimentos imaginarios abafam em nós as miserias reaes! O Dininho cahiu do baloiço, batendo com a bôca no chão; mas o que mais o faz chorar, não é a dôr da pancada que deu, é o receio

de ter de ir ao dentista para arrancar algum dente que partisse.

A Gigi, — que entalou um dedo —, mal me vê chegar a casa, diz logo, com receio do tratamento: «Já não tenho nada; não é preciso o dr. Daniel.»

O desconhecido tem para nós attractivos, mas é pelo que o imaginamos, isto é, pelo que de certo modo vislumbramos d'elle. A verdade é que, á medida que vamos sabendo melhor um assumpto, mais elle nos occupa e preoccupa, mais nos interessa. Por isso quanto mais soubermos a historia da patria e da humanidade, mais as amaremos.

«Já dei.» respondo summariamente á Gigi, que me pede mais chocolate; e ella, no seu respeito á ordem dos factos, não mais insta e espera pela outra vez.

Domingos, passando por deante d'uma quitandeira, formúla diplomaticamente o desejo que lhe vai nalma: «Mamá, ali vendem-se bolos.» Apenas uma indicação, pela qual até se lhe deve ficar obrigado.

A um processo mais lucido de raciocinio e de calculo corresponde sempre uma technica mais habil; e reciprocamente.

Como se conserva a memoria do prazer! A pequenina Gigi, que tanto gostava de brincar na praia de Moledo, ao pisar em Coimbra, mezes mais tarde, os areaes do Mondego, exclama, toda alegre: «Uma praia!» E, logo depois: «É outra.»

A instrucção é para o espirito como a nutrição para o organismo, e a liberdade como a força nervosa que preside ás funcções de nutrição.

A instrucção é tambem virtualmente educação, porque não ha trabalhador que não aspire ao livre exercicio das suas faculdades, e a liberdade é o fundamento da dignidade humana.

A liberdade e a instrucção são solidarias. Nem ha propriamente liberdade sem instrucção, nem verdadeira instrucção que não seja liberal.

Como ha de ser livre quem desconheça as

suas faculdades, que são os principaes agentes de todo trabalho, e desconheça o mundo e a sociedade, em cujo seio tem de exercer a sua acção? A ignorancia é fatalmente o erro, a confusão e o fanatismo.

A instrucção passiva, servil, que affrouxa as molas da vontade, amortece a iniciativa e a força de sacrificio pelo dever, é uma instrucção viciosa, que perturba, desequilibra e mutila os espiritos, já violentando parte das faculdades até á fadiga e prostração, já immobilizando as outras até ellas se atrophiarem pela inercia, e ou rouba ao homem a comprehensão do ideal da vida, ou a intuição prática dos meios que estão ao seu alcance para o realizar, ferindo-lhe, em ambos os casos, o coração, porque lhe rouba ao mesmo tempo a capacidade de o sentir e por elle se apaixonar nobremente.

E a instrucção que amputa a alma, amesquinhando a dignidade humana, é incomparavelmente mais funesta do que a simples ignorancia, que é apenas rudeza nativa ou deficiencia de cultura.

Não amemos egoista ou soberbamente a liberdade e a instrucção, não queiramos só

para nós os seus beneficios, mas proclame-mo-los bem alto para todos, principalmente para os pobres e humildes.

Todos os inimigos da liberdade condemnam e combatem a instrucção, e os peores d'elles fazem peor ainda, deturpam-na e desnaturam-na.

E são elles proprios, que maldizem da instrucção, quem vem depois, em nome d'ella, negar ao povo os seus direitos, apodando-o de ignorante!

«Para que ha de o povo apprender a ler? para ler maus jornaes?» dizem os reaccionarios. E, depois: «Como se ha entregar o governo ao povo, se nem ler o seu voto sabe?»

É generoso o sangue que pulsa no coração portugûes, e não ha lance arriscado em que não provemos pelo arrojo dos nossos feitos a nossa activa e heroica ascendencia; mas a rigidez ingenita do nosso character vai sendo dia a dia minada pela nossa ignorancia e sobretudo pelos vicios da instrucção que recebemos. Para um lado, os dirigentes, que quasi não apprenderam senão palavras vãs e estão

longe de possuir o conhecimento real e prático dos negocios publicos que tẽem de versar; para outro lado, a massa dos trabalhadores, avergados á rotina, que nem sequer apprenderam a ler e a escrever para poderem fixar e coordenar as suas idéas e portanto adquirir a consciencia da sua personalidade. E, entre uns e outros, não temos o nucleo d'uma classe média, em que ao menos a nossa vida social se apoie, porque não temos instituições de ensino bastantes para a formar.

O grande problema é dar descanso ás classes pobres para que ellas possam instruir-se e dar trabalho ás classes abastadas para que possam educar-se.

As aulas são tão nephelibatas! Por isso os rapazes, quando chegam á realidade, é de trambolhão e como quem cahe das nuvens.

Uma rapariga, que aliás me parece séria nas suas inclinações, communica-me: «Já gósto mais do allemão do que do francês, porque é um estudo novo.» Ha effectivamente uma variação de estudos que é tão necessaria ao espirito como a de alimentos á

saude do corpo. Sempre o mesmo assumpto, seja qual fôr, cança o apetite e produz a inanição final.

Quando a creança nos vem prestar serviço, ou vem para nós dedicadamente, seja para o que fôr, não é occasião de lhe ralharmos por qualquer desvario passado.

Lembro o dictado: pae impertinente torna o filho desobediente.

Ao Domingos, mostrando-lhe a figura d'um homem illustre, eu disse — «Era um grande homem.» — e depois, pousando a minha mão sôbre a sua grande cabecinha, accrescentei, rindo: «Maior que o menino.» Ao que elle, com uma seriedade tocante, como quem já estava entre si fazendo essa apaixonada comparação, respostou de prompto: «Maior que o papá, não!»

Momentos antes da Therezinha expirar, rebentando uma forte trovoada, ella, com a lembrança no medroso do irmão mais velho, apontou para o céu: «*Tó* (Antonio) medo.»

O Domingos, explorando o patriotismo facil para se inculcar superior ao irmão: «Eu gósto muito mais do meu chapéu, que é azul e branco, das côres da bandeira portugueza. O do Dininho é um inglês.»

A paixão egoista da propriedade. A Gigi, com o seu livro de figuras, quer que eu lh'as explique, mas sem ninguem mais as ver; e, ao virem os irmãositos sentar-se tambem ao pé de nós, ella levanta-se logo de golpe, e, pegando no seu banquinho, que não larga, puxa por mim para longe — «Para aqui, papá! para aqui!» — para onde estejamos bem sós.

As creanças habitua-se tanto aos sacrificios dos paes, que nem dão pelas arrelias e consumições que lhes fazem. Uma, é sempre uma ralação para a pôr a pé, é preciso sempre que o pae se zangue para que ella tome logo o seu banho, e depois ei-la ahi vai de corrida para a aula, deixando afflicta a mãe, que em vão a esteve chamando para almoçar. E isto um dia e outro dia, sem nunca tentar o minimo esforço para se apromptar a tempo!

O cidadão não se improviza. Não se pode passar a juventude alheio aos direitos e deveres sociaes para depois os exercer e desempenhar na virilidade. Capacidade presume uso. *Usa e serás mestre.*

A creança pede a lua, como pede o que se lhe pode dar, ignorando ainda os impossiveis, como ignora as difficuldades.

Ao Domingos, que vinha do jardim com um arame retorcido na mão, perguntei: «Que anda a fazer?» Resposta: «Ando a achar coisas!» Já é mais ambicioso do que um quintanista das nossas Faculdades, que nem procura sequer nada por si.

As creanças, por todos os modos, procuram encostar-se a uma lei que as desculpe: «Eu nunca sei isto!» «Não sou eu só que perco as coisas!»

Outras vezes pretendem desauctorizar-nos, generalizando as nossas advertencias numa lei absurda: «Não tenho senão defeitos!»

À formação espiritual do homem são equal-

mente necessarias as artes, as industrias e as sciencias, para que elle não desenvolva uma faculdade em prejuizo das outras; e o mesmo diremos da sua instrucção scientifica, que não pode limitar-se só a alguma ou a algum grupo das sciencias.

Na futilidade e incoherência dos nossos estudos, não se chega a ganhar gosto por nada. Quasi que só se applica a alguma disciplina quem nunca a aprendeu nas aulas. Nem os *Lusiadas*, lido nellas, se salva: nunca mais se abre!

Os meus filhos cantam versos para fazerem apparecer gomminhos dentro das tangerinas.

«Tangerininha, tangerinão,
Dá um gomminho para S. João,
.....»

Eu, em pequeno, se não rezasse o rosario, ia inquieto para as aulas, e, quando tinha de fazer exame, pedia a um bom velho amigo que me encommendasse nas suas orações. O povo tambem crê applacar a trovoada com a *magnifica*, e confia nas formulas das

feiticeiras para conquistar os corações e descobrir os objectos perdidos.

Não é só porque creanças e povo imaginem communicar pela palavra com os espiritos; mas tambem porque nos habituamos na infancia a falar e ter ali logo tudo que queremos por obra e graça de nossos paes, e porque infelizmente o povo vive ainda tão escravizado, que, por mais que labute para obter seja o que fôr, até o pão para a bôca, tudo tem de supplicar.

As creanças amimalhadas não procuram o que devam fazer para comprazer, mas sim a explicação que hão de urdir para recalitrar.

Quando alguma se embaraça em qualquer serviço, a tendencia é logo para se desculpar com elle, com as suas difficuldades, e principalmente com a falta de auxilios. Os outros é que tẽem a culpa.

Quando admoestamos alguem, especialmente rapariga, a tendencia d'essa pessôa é de ordinario para attribuir a admoestação a uma mudança nossa, do nosso estado d'alma,

a um nosso estado anormal, de excitação, disputando-nos assim a legitimidade da admoestação. Quer dizer que á nossa oppõe ella a sua. E, por pouco que nos tenhamos com effeito exaltado, sentimo-nos feridos certamente no nosso fraco e vacillamos na nossa auctoridade. A diversão vingá. Com quanto cuidado não devemos, pois, manter a maxima serenidade em todos os actos da disciplina!

As pessôas distrahidas, desattentas, são tambem desattenciosas.

Na educação, como no governo, é preciso prevenir para não reprimir. Ha pessôas que, por não prevenirem nada nunca, passam a vida a reprehender por tudo os seus subordinados.

É preciso não habituar as creanças ás admoestações. Senão não fazem nada capaz sem lhe estarmos sempre a ralhar. E afinal nem assim, porque já não dão por isso.

Vendo a Gigi com uma tesoura nas mãos, todos ficaram inquietos. Quizeram-lh'a tirar:

ella chorou com paixão. Pediram-lh'a: era demais para as suas forçinhas de renuncia. «Empresta-m'a?» disse-lhe eu; e ella veio entregar-m'a, condicionando: «Depois dê-m'a.»

As creanças desattentas, de rude trato, que incommodam a todos e tudo estragam, até a propria vista tornam grosseira: estão deante do objecto que procuram, e não o acham; e menos podem dar pelas delicadezas das coisas e das acções.

A dialectica *in herbis*. «Não esfregue essa caixa com tanta fôrça, que lhe tira a tinta.» recomendo ao Domingos. Mas elle logo: «Eu não tenho muita fôrça!»

E a petulancia dialectica. Vou a sentar-me e vejo agua debaixo da minha cadeira. «Quem deitou agua aqui?» Responde-me uma rapariga: «Eu não, que não cabia debaixo da cadeira.»

Muitas creanças parecem ter grande intelligencia, emquanto a não subordinam ao estudo. São naturezas exuberantes, mas inconsistentes.

A philosophia natural do Domingos.

«Como se fazem as pedras? É com massa que Deus faz as pedras, como a mamã faz os biscoitos? Nosso Senhor é que faz a massa para ellas?»

«E como se pode fazer o lume? que é o lume que se accende?» cogita elle.

A Gigi, radiante de me ver, faz-me á queima-roupa esta declaração: «A Gigi estava lá em baixo a chorar pelo papá.» E, num sorriso aberto, faisca sôbre mim toda a alvura dos seus vinte dentinhos.

Jogos affectivos. A Gigi, pegando-me na mão, leva-me para onde está minha mulher. «A sua mão, mamã!» E então, com as suas mãosinhas nas nossas, trina num terno alvoroço, a andar entre nós: «Vou no meio!»

Pobres mães! Vejo-as passar, ainda tão pallidas, com as creancinhas recém-nascidas nos braços, rosto com rosto, para as não perderem um só momento de vista...

Mas quantas vezes a creança do pobre

fica sem mãe, que vai para ama; e a do rico sem mãe, que se troca pela ama!

Nos anniversarios de familia são as pequenas que têm sempre alguma prenda para offerecer. É que a sua educação é mais practica e delicada do que a dos rapazes.

O espirito de ordem, de arranjo e de previdencia que predomina no sexo feminino, provém da sua educação mais practica e social, da sua educação da paciencia.

Ninguem se importa com a lei; mas, se ella dispensa trabalhos, logo se invoca. «Eu não tenho obrigação d'isso!» Até o estudantinho que tanto alardêa de republicano e livre-pensador, proclama: «Hoje é dia santo de guarda!» «Hoje fazem annos o rei e a rainha: é dia de grande gala!»

Não ha doenças, ha doentes. Pois esta variabilidade organica ainda não é nada comparada com a dos espiritos!

As creancinhas têm uma mobilidade unica de rosto e de labios, que é deliciosamente

expressiva. «A Elzirinha quer falar e não pode, e começa a rir-se para mim» diz o Domingos, encantado, interpretando-lhe os movimentos physionomicos.

As emoções luminosas. «Quero ver a luz!» pede anciadamente a Gigi; para que a ergam sôbre o parapeito da janella.

A curiosidade. Entrego a minha mulher um frasco de xarope: «Para quando a Gigi tossir.» Mas ella, que me ouviu, reclama logo: «Mamã, tenho tosse.»

Gigi, insaciavel de novidades. «Papá? que trouxe?» E, depois de ver: «Que trouxe, outra coisa?»

A idéa briga muita vez com o acto. Pensa-se d'um modo e procede-se d'outro.

É ingenuamente que, mais ou menos, todos negam o acto que por inadvertencia praticaram, ou ficam surprehendidos, quando veem a dar por elle. Como hão de ter idéa de tal, se não são essas as suas idéas? Pelo que não raro tornam a cahir na mesma. É preciso fundir o pensamento com a acção.

Para os espiritos mais concentrados e distraídos, os factos não existem. Passam por elles sem os ver; e depois não se lembram d'elles, e até os negam. São muito assim, destituidas das faculdades de observação e applicação, as creanças mais intelligentes.

A Gigi quer que eu lhe abra uma caixa que tem dentro uma medalha. «Depois do jantar» prometto-lhe. Vimos de jantar. E ella, logo, para mim: «Papá, já *almocei*.»

A lembrança da operação que o dr. Daniel lhe fez, ainda persiste na memoria da Gigi. A elle attribue até as mutilações que são da sua propria layra. «Daniel cortou os dedos todos á boneca» denuncia-me ella, lastimosamente.

A creança transborda de vida, e a sua imaginação creadora communica-a a tudo. A Gigi: «Este quarto é do papá; e aquelle é meu, da mamã, da Nella, e da *boneca*.»

A creança conta, a poder de gestos, não só o que viu, mas ainda o que só existe na sua phantasia. A Gigi quasi se deixa cahir

no chão para me pintar ao vivo a ferocidade d'um macaquinho de velludo, que lhe deu, declara ella, um grandissimo empurrão.

Cultive-se a imaginação. Por ella vivemos nos outros, e, sentindo as suas dôres, nos dispomos a sacrificar-lhes os proprios gosos.

A questão para as creanças não é muitas vezes de qualidade, mas sim de quantidade. É que lhes entrou a paixão arithmetica. «Mamã, não quero pouco, diz a Gigi já sem vontade de comer, quero muito.» É-lhe indifferente a iguaria; o que deseja, é ver o prato cheio.

Gigi: «Não quero isto (um gaipo só d'uvas), quero tanta uva.»

O tempo e o espaço ainda mal existem para a creança. Seguimos viagem em caminho de ferro, quando numa estação a Gigi: «Papá! vá-me buscar uma boneca.»

A Manoela perguntou á Gigi em Zürich onde estava a Esther (uma amiguinha de Coimbra). «Ali em baixo, na outra rua.»

Pensando e escrevendo por imagens. A Gigi traz-me um bilhete postal illustrado que lhe dei: «Escreva a mim, papá.» Que hei de dizer á Gigi? «Tantas lettras.» Muitas? «Sim, muitas.» Que lettras? «Umas lettras quaesquer.» E que hei de dizer nas lettras? «Um pipo.» Como? «Um urso.» «Um macaco.» «Um pau para bater no papão.»

D'outra vez, usando já a figura em sentido translato: «Papá, escreva a mim, escreva uma carta minha á Gigi.» Que hei de dizer? «Lettras.» E nas lettras? «Malmequer.» Que lhe não quero bem? Mas se quero! Não! isso não ponho.

Quem não critica e profunda as suas idéas, fica na instabilidade mental do povo, que, a proposito de tudo, tem sempre dois rifões contrarios, e ás vezes até a antithese e a synthese em confusão. «Fia-te na virgem e não corras» diz agora, e logo «Mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madrugá», e pouco depois «Trabalha, que Deus te ajudará.»

Nesta instabilidade mental se acham ainda as creanças; e assim se explica porque lhes pareça tudo igualmente possivel, o pró e o contra.

As creanças que já distinguem as côres, podem distinguir tambem os nomes respectivos, mas trocá-los ainda. O mesmo succede com a graphica. Por isso a leitura não é logo para os primeiros annos. A correspondencia exacta entre os objectos e os termos é operação para mais tarde.

Apprendendo a lingua. A Gigi traz-me nozes: «O papá gosta? Foi o padre que mandou.» Como, padre? «A mamã disse.» Ah! o compadre? «Foi o compadre.»

Muito gostam as creanças de brincar com as palavras! Um *calembourg* aos tres annos. À sobremeza, offerencia-se uma torta á Gigi. E ella: «Quero a torta e quero a direita.»

É mesmo possivel que depois ficasse com curiosidade do prato antithese, creado pela sua imaginação.

A Gigi joga com a bola e com as palavras ao mesmo tempo. «A bola é da menina?» «Não! é de pelle.»

A Gigi, falando analyticamente: «O papá toma banho frio, e eu quente e frio.»

O amor da arte. A Maria, desgostosa com as secussões do wagon, por não poder desenhar umas figuras, lastima-se para a sua admiradora Joaquina: «No comboio nem se pode pôr o bigode a um homem!»

A delicadeza não deve ser um objecto de luxo, vão adorno dos ricos, inaccessible aos pobres.

O prazer é como a saudade, radiante, cordial. A Gigi, sensibilizada pelo canto, sente a necessidade effusiva de se chegar para a mãe e fazer-lhe festinhas.

O apuro da elegancia é socializador. O mal é que o venha a ser demais, convertendo-se em dissipação.

Comprou-se um lindo chapéu de palha á Gigi. E ella, todo o dia, após cada passeio, instava: «Quero sahir outra vez!» Para ser admirada. Tinha-se-lhe assim despertado uma certa ponta de tafularia.

A diplomacia, o *savoir faire* infantil. Tinha-mo-nos levantado para sahir, mas continuavamos de pé, entretidos com a Gigi, que

estava adoentada. Nisto, a um dos nossos hospedes que lhe dava conselhos para ella ficar boa, alguém sublinhou do lado: «V. fala como um medico.» E immediatamente a Gigi, com o seu terror pela medicina, vem para mim, estendendo-me a sua mãozinha: «Adeus, papá!» Está claro que de quem ella queria ver-se livre, era do *medico*. Ninguem o despediria mais finamente. Fechada a porta, voltou-se com toda a naturalidade para a mãe: «O sr. F. é medico, sabe?»

O saber logo se converte em serviço, quando se sabe tambem com o coração. A Gigi, que está ao meu lado a comer peixe, volta-se de sobresalto para me avisar: «Papá, olhe as espinhas.»

Domingos, 6 annos, é a admiração da Gigi. Elle, todo refestelado numa cadeirinha de palha, com uma pasta sôbre as pernas encruzadas, a rabiscar bonecos; e ella, ao lado, de pé, extasiada: «O Domingos sabe muito bem. A Gigi não sabe, mas ha de aprender.»

Não se antecipem os estudos. Mandar a uma aula alguém que ainda não pode interes-

sar-se nella, que, por qualquer motivo, não pode prestar-lhe toda a attenção, é, por amor á instrucção, comprometter a educação. E, depois, nem uma, nem outra.

Diz-se a uma creança: Não ponha a mão ahi. E ella, zás! põe logo a mão. Foi mais forte a suggestão do que a ordem.

A Gigi, quando não quer alguma coisa, diz: «Não posso.» A Manoela, essa, é: «Não sei.» Uma, pequenita, desculpa-se com a sua fraqueza; a outra, como anda a estudar, com a sua ignorancia. E pessôa, por exemplo, que não tenha bôa vista, dir-nos-á: «Se eu não vejo!»

O que a Gigi, a passear commigo, quer quasi ao mesmo tempo. «Papá, quero um carrinho para a boneca e outro para mim. Quero um gato. Quero um relógio pequenino. Quero uma bicycleta grande. Quero um cão sem dentes.» E continúa.

Estando o Domingos a despejar a bacia para lavar as mãos, eu adverti-lhe que a agua estava limpa. E elle apressadamente tapou

o buraco da bacia, exclamando: «Não sabia.» Mas em seguida tornou a abri-lo com este singular commentario: «Já agora, acabo de despejar.» O que é o automatismo, a velocidade adquirida!

Certas creanças habituaem-se tanto a responder, retrucar, renhir, que de tudo, ainda o mais agradável, tiram motivo para impertinencia e ataque. «Afinal não está aqui o frio que diziam!» brada, ao meu lado, em tom agoniado, uma rapariga, ao sentir-se, como todos, docemente acariciada pelo ar tepido de maio numa terra montanhosa do norte.

A obstinação das creanças nos seus pedidos não provém só da natural impaciencia da idade, — como diz a Gigi, não podem esperar —, mas tambem da experienciasinha dos seus desenganos, das vezes que lhes tẽem faltado ao promettido.

Amamos a tal ponto a liberdade, que os males que nos infligimos por nossa cabeça, não nos custam tanto. Quando são as proprias creanças que se magoam, por tolice e

culpa sua, dizem logo, como a Gigi: «Não foi nada!» Senão, oh, que choradeira!

As creanças, como ainda não alcançam as consequencias todas dos seus actos, attribuem-nas a outros agentes, mesmo materiaes.

«Que pancada tão forte que a Gigi deu no joelho do papá!» exclamo, queixoso. «Foi a cadeira» rectifica ella.

Ha um certo imperativo indispensavel para a disciplina.

A grande intelligencia de certas creanças tira-lhes até certo ponto a confiança nos outros, e torna-lhes difficillimo o apprendizado da obediencia. Não fazem o que se lhes diz, ou vão primeiro ver se o devem fazer. E assim deixam muita vez passar a opportuniidade para o que se lhes ordena. Cumpra e represente depois: esta velha formula absolutista, se não é absolutamente verdadeira, tambem não é absolutamente falsa.

As creanças que não tomam a educação de seus paes, sujeitam-se a recebê-la de extranhos.

O homem não nasce bom ou mau, a virtude é obra sua. Mas a infancia esboça em todas as raças um estado superior que ao adulto não é dado ainda attingir. Na verdade, a creança é por toda a parte um prodigio.

A arte é sobretudo cordialidade; a industria, serviço; e a sciencia, sobretudo lei, dever.

«Para que é o guardanapo senão para sujar-se?» professa um rapaz á mesa. É para o que servem effectivamente a muitos adultos as immunidades inherentes á sua jerarchia; é para, julgando-se livres de obrigações, se emporcalharem moralmente, sem d'ahi lhes advir mal algum.

Muita gente faz gala d'astuciosa. Mas a astucia é tão accessivel a todos, é tão infantil!

A Gigi quer ir para o jardim. Como está a chover, fecho-lhe a porta do meu gabinete. Mas ella: «Só uma voltinha, papá!» Permittolhe que vá até ao pateo d'entrada dar a tal voltinha, e fico a olhar. Então, como quem abunda nos meus receios, ella adverte-me com extranheza: «Papá, feche a sua porta,

tenho frio.» E d'est'arte pretende livrar-se de mim e escapar-se, a espertalhona. Quantas se conservam assim até aos 20 e 30 annos!

A corrupção da mocidade não pode deixar de repassar toda a vida d'um travo arido e doloroso.

Corajoso é só quem cumpre o seu dever. Qualquer outra coragem é vã, e é falsamente que se lhe compara.

Todos os rapazes, a estudar, fazem pouco mais ou menos como o Domingos, que, entretido, dizia á santa da avó: «Deixe-me agora em paz.» Ah! A paz, meus filhos, não é o egoismo, a indiferença pelos outros, mas a harmonia social pela mutualidade dos serviços.

O engenho é discreto e conciliador. Gigi, sentada ao meu lado no comboio, queria a vidraça corrida até baixo para ver melhor, mas, como eu lhe observasse que andava constipado e me faria mal, não insistiu; deixando-me, saltou para o collo do nosso companheiro de viagem, o sr. Hincker, que estava

de pé, para elle a levantar á altura da fresta da janella.

A Gigi puxa-me pela mão para que eu vá ver a Elzirinha ao collo da avó. E o Domingos, que está ao pé da pequerrucha, noticia-me, cheio de enthusiasmo, que ella acenou com a cabecinha *que não torna mais*. Escuso de dizer o que ella tinha feito.

Não só o estomago, o coração tambem dá horas. «Estão a ser horas... da gente ir ás manas» diz á Gigi, bem longe d'ellas.

Tudo quanto via durante a viagem, a Gigi queria mostrar ás irmãs que tinham ficado em Portugal. «Vou mostrar á Rita.» Ou á Maria ou á Quina. Tanto pelo espirito se conservava perto d'ellas!

A Gigi, quando nos offerece seja o que fôr, é sempre prazenteiramente, doirando-o com o seu sorriso.

A Gigi é bem mulhersinha. Os seus cuidados já pelos irmãos! Em Barcelona, quasi ao partirmos, toda inquieta: «O Antonio está

sempre a dormir! A gente vamos embora, e o Antonio está na cama! Vá ao pé do Antonio!» E note-se como, só de tres annos, encadeia tão bem as suas idéas e se exprime nitidamente!

Estou para sahir. Arrefeceu. Noto-o. Diz logo d'ali a Gigi: «O papá vai sem sobretudo?» Olho, suspenso, para a mãe. E a minha joven conselheira, como se eu nada tivesse de que me admirar: «Eu sou muito amiga do papá.» Ah! como saio feliz! Nem precisava de agasalho. Pode nevar muito emborá sôbre o meu caminho, que não haverá frio que entre comigo. Levo o melhor cordial.

A Gigi: «Até logo! Ó mamã, diga até logo ao papá.» E, em seguida: «Papá, dê-me um beijo antes de se ir embora... E agora dê outro á mamã.»

A Gigi sente tanto gôsto em dar, em prestar serviço, que reparte esse gôsto com as suas amiguinhas: «Vá dar ao papá. Vá levar ao papá» diz ella.

O prazer de ver as pessôas queridas! A

Gigi não sentiu a Manoela sahir. Mas, logo que deu pela sua ausencia, voltou-se para mim. «Papá! a Nella? Quero vê-la.»

A Maria e a Joaquina dançam ao compasso, não da musica do piano, mas da musica muito mais melodiosa do seu mutuo arroubamento.

Tambem a falta de noção do espaço é muitas vezes porque o coração não mede distancias. «Vamos ver as manas.» «O papá foi a Famalicão?» diz em Zürich a Gigi, com saudades das irmãs, como se bastasse dar alguns passos para ir ter com ellas.

A Gigi faz propaganda de meiguice: «Papá, dá um beijo á boneca.»

Não pede só o guloso para o desejoso. A meiga Gigi, vindo do almoço: «Papá, papá-sinho, vá almoçar!»

Voltando-me para duas creanças que estavam á mesa d'um hotel, perguntei: «Não comem?» Responde-me uma, toda delambida: «Ainda ninguem me serviu!»; e a outra,

discretamente: «Ainda me não servi.» De facto, ainda o creado não tinha chegado ao logar d'ellas.

A quem tem coração, custa sempre ser desagradavel, mesmo a uma creança. O dr. Daniel escreve-me para Zürich que vá tirando á Gigi o vicio de adormecer com o dedinho na bôca, mas sem lhe meter medo com elle, que foi o seu medico e teve de a operar. Não quer ser o seu papão.

As lições da infancia: «Papá, que está dizendo á mamã?» pergunta-me a Gigi, com extranheza, por me ouvir falar a minha mulher em tom agastado; como quem acha que se lhe não deve falar assim. Beijámo-la; e, depois de lhe explicarmos que a minha quissilia era com outra gente, eu prometo-lhe que hei de fazer tudo por me não zangar com mais ninguem. A irritação effectivamente destôa como uma embriaguez.

«Não chore!» dizemos á creancinha em tom de rogo. E assim ella apprende a levar-nos pelo enternecimento, quando não é mesmo pela impertinencia e importunação.

Não é sempre inconscientemente que as creanças reforçam pelo chôro as suas pretensões. É por vezes muito propositalmente. A Gigi ainda outro dia ameaçava a Manoela: «Ó Nella, eu choro!»

«Mamã, deixe-me ir á chuva.» Assim zomba a Gigi do mimo que lhe dão.

As Universidades não se sustentam para caberem dentro d'ellas os descendentes degenerados dos grandes homens. A aristocracia, se pretende manter os seus titulos, que os dispute esforçadamente aos filhos do povo, em toda a parte, e, a começar, nas aulas.

O que duram enganos. «Logo!» diz-se ás creanças, por falta de coragem de lhes oppôr uma recusa terminante, com pena de as ver chorar. Conta-se, como em tudo, com o effeito da procrastinação, que é o esquecimento. Mas, em breve, ellas descobrem o estratagemma, o *truc*, e até o voltam contra nós. Ahi está a Gigi, apenas de tres annos, que, quando a convidam a tomar um remedio, já não diz que não, trata tambem de entreter a gente

com esperanças, prometendo com a maior firmeza: «Logo!»

Se as creanças sentem quanto dependem de nós, das mães sobretudo! Pobres das orphans!

Por causa de certa rabugice que a Gigi fizera de noite, a mãe disse-lhe que a não queria mais. E a ella doia-lhe tanto só a sua vaga idéa de ser enjeitada e perder os carinhos maternos, que, no dia seguinte, mal acordou, como tinha estado socegada toda a noite, as suas primeiras palavras foram: «A Gigi é da mamã.»

A Gigi, meu dictador, dignando-se explicar-me que os seus pedidos são ordens: «Quando a Gigi pede ao papá que corra, o papá corre.»

Gigi é quem superintende nos meus exercicios physicos. Abre-se de pancada a porta do meu gabinete de estudo, e uma voz inconfundivel me brada: «Papá, levante-se!» «Papá, salte!» «Papá, bata palmas!» «Ande, papá, dance!» E quem não ha de saltar e dançar, só de vê-la?

A noção que a Gigi tem da propriedade. Quando, ao passar por algum sitio vê flôres bonitas, exclama logo: «Olhe as minhas flôres!» Tudo quanto lhe agrada, pertence-lhe de direito natural.

A bella musculatura dos filhos do povo, e até das rapariguinhas, que, a andarem, o chão treme sonoramente sob os seus passos!

O musculo é o grande educador organico da motricidade e da sensibilidade.

É facil a allucinação dos sentidos por persistencia das impressões. Dino, que vira as irmãs á lição no salão, atravessa-o outra vez tão absorto, que, quando chega abaixo, á sala de jantar, fica muito espantado de já lá as encontrar. Imaginava-as ainda no mesmo sitio. E vem ter commigo, o olhar de pasmo: «Não sei como isto foi!»

A creança faz uma tolice, e depois protesta: «Como é que eu havia de fazer isso, se é uma tolice?»

Para muitas pessôas palavras valem razões.

A questão é não ficar calado. Tanta é a intimidade da intelligencia com a loquela!

Ha pessoas que, quando a gente começa uma observação, são ellas mesmas que a completam, tanto estão identificadas conosco no mesmo modo de pensar. Simplesmente, em chegando a occasião de fazer applicação, como não estamos alli para lhes dar corda, nem mais de tal se lembram. Têm as idéas na cabeça, mas não dispõem d'ellas. E, em parte, é por não prestarem attenção a quem lh'as expõe de novo. «Não me dá novidade nenhuma, sei isso perfeitamente.» dizem. Não sabem tal, é um engano; papagueiam apenas machinalmente. E ainda por cima se lamentam, quando a gente insiste na mesma observação: «Que maçada!»

Ás vezes vale a pena pensar num assumpto muito distante: esclarece-nos, projectando aspectos novos, imprevistos, sôbre as nossas idéas.

Livra-te dos ares, que eu te livrarei dos males. Nada de tentações! A preventiva Gigi diz á Rita: «Tire d'ahi as laranjas, senão a

Gigi quer.» Como ella sabe a psychologia determinista!

Cada idéa tem a sua duração, um certo tempo minimo de persistencia. E nenhuma se substitue de prompto pela contraria.

Digo ao Antonio que feche a porta da rua. Mas elle, da escada, que vai descendo, exclama: «Está aberta!» Por isso mesmo é que era necessario fechá-la, está claro. Qual! como ia de corrida, deixou-a ficar na mesma. Não teve tempo para mudar de idéa.

O raciocinio empolga-nos. «O taboleiro?» pergunta o Domingos, a procurá-lo. «Não está aqui, já o levaram.» observo-lhe. «Se o levassem, a mamã não o pedia.» replica elle. E continúa a procurá-lo, arrastado de certo pela sua deferencia á mãe, mas tambem pelo impulso do proprio raciocinio feito. Era como se tivesse formado um salto.

Somos facéis em aventar soluções, tanto nos seduz e desvanece o prazer de as descobrir!

Eu digo a uma das minhas filhas mais

velhas: «Leva a Gigi.» Mas a Gigi não quer ir. Inverto então: «Ó Gigi, leva a Rita.» E a Gigi vai logo tomar a mão da irmã.

Para o corpo se dispôr, não ha como dispô-lo o espirito. Meu pae extranhava sempre que eu não quizesse vagens de feijão, sendo tão bôas. O caso é que, começando a servir-me d'ellas só para lhe comprazer, dentro em pouco já tambem as comia por gôsto.

Domingos, que continúa a *achar coisas* no jardim da casa onde moramos, a qual foi antigamente Collegio dos Grillos, não se contenta com o presente, pretende sondar a historia do passado. Desenterrando, a custo, uma peça qualquer d'uma lapiseira partida, corre, como um archeologo, a mostrar-m'a, com a alegria d'um salvador: «Certamente era dos frades!»

Se importa dar as noções praticas dos officios desde a instrucção primaria, note-se que a nossa industria de todos é a que tem por fim a conservação e o restabelecimento da saude, e dêem-se a todos, sem falta, as noções fundamentaes de hygiene e de medi-

cina. Diffundam-se a todos, creanças e adultos, e por todos os meios de ensino.

Domingos não quer ser menos do que os irmãos; e, como os outros vão revaccinar-se, elle, apesar de ter ainda menos de 7 annos, estende heroicamente o braço á lanceta.

Que differença ha entre a arte, a industria, ou a sciencia, e a moral? A moral é qualquer d'ellas elevada ao seu mais alto grau de perfeição, socializada, universalizada, é qualquer d'ellas pura de todo egoismo. O dever é a obediencia da arte, industria e sciencia individual, á arte, industria e sciencia geral. Impõe-se como uma lei physica. Eis o imperativo categorico. Arte, industria e sciencia têm de ser humanas, e, atrevo-me a dizê-lo, quanto possivel, divinas. Não somos só nós a existir. A obra collectiva domina-nos, e a ordem, sob a tripla fórma d'arte, industria e sciencia, não se encerra na nossa felicidade pessoal, pode mesmo exigir o seu sacrificio.

A ordem universal é uma *ordem*, o mando supremo.

Prégue-se por toda a parte, em Portugal,

a abstenção do luxo, a eliminação de todas as necessidades facticias, a moderação e a temperança.

O dever acata-se mais facilmente e mais depressa por pensamentos e por palavras do que por obras. D'ahi vem mesmo a confusão em que ás vezes ficamos, imaginando cumpri-lo, só porque o reconhecemos.

E assim deixamos de o cumprir.

Até parece que, formulando a lei moral, a externamos, e a tomamos desde então como uma lei physica, que ha de executar-se independentemente e a despeito da nossa vontade.

«Que é do sabonete?» pergunto a uma das minhas filhas, que se esqueceu de tornar a pô-lo no seu lugar. «Elle deve estar ahi.» responde-me ella.

Algumas pessôas habituam-se tanto a ter quem faça tudo por ellas, que transferem commodistamente os seus deveres para os outros, mesmo para os seres inanimados. «Não fechaste a porta. Que barulho!» «Foi

ella que bateu.» Como se fôsse a porta que devesse olhar por si!

Não deixa de ser perigoso que a lei preceda os costumes. Tem sem dúvida valor educativo o preceito do legislador ou do mestre, mas não basta; é preciso velar pelo seu cumprimento. Actos! O facto de sabermos as nossas obrigações habilita-nos para a sua observancia, mas tambem nos induz a confiarmos demais em nós, arriscando-nos a transgredi-las.

O amor é uma eschola de tolerancia. Até por isso as novas gerações, sempre amadas dos velhos, vão sendo cada vez mais livres.

Ninguem mais intransigente miguelista do que o meu mestre de latim. Mas era muito meu amigo; e, quando no dia d'annos do *Senhor D. Miguel segundo*, ao vir o creado servir-me Porto para uma saude, eu puz a mão sôbre o calix, recusando o vinho, elle, da cabeceira da mesa, condescendeu indulgentemente: «Não teime com o menino!»

As creanças intelligentes são quasi sempre tambem as mais affectuosas, e reciproca-

mente. Toda a sua massa é mais fina. Nós é que as deformamos, entregando demais ao estudo as que nos parecem mais intelligentes, e sobrecarregando com todos os serviços as que nos parecem mais affectuosas.

Rita, Maria, Joaquina, Dino, Domingos, todos em côro veem ao pé de mim perguntar-me: «O papá está melhor?» Não estava; mas fiquei.

Como dispõe bem para tudo o olhar docemente grato d'um pobre!

Vendo-me com uma creança, quem passa, olha para ella e sorri-se docemente para mim. A infancia é laço d'união não só na familia, mas tambem na sociedade.

«O papá vai ahi ver!» annuncia, cheio de enthusiasmo, o Domingos ás irmãs, que estão muito entretidas a cozinhar um jantar. Eu sou o seu grande publico.

A Gigi, olhando por mim: «Papá não corra ahi. É uma descida e cahe-se.»

A Gigi, quando quer que eu a ajude: «Eu sou pequenina, papá!» Ninguem faz apprendizado de modestia com mais graça.

Disse não sei quem que na educação não ha nada sem valor, insignificante. É verdade. Porque a grandeza é relativa. Na creança tudo ainda é pequeno, vicios e virtudes; mas, proporcionalmente, grande. E nós encantamo-nos com o brilho das suas qualidades, que nos parecem tamanhas, e descuramos os seus defeitos, por serem minimos. Temos duas medidas. É sempre assim o coração.

As irradiações do espirito da creança são como a sua irradiação calorifera. E, assim como é preciso agasalhá-la mais, por ser, para o seu tamanho, maior que no adulto a superficie do corpo em contacto com a atmosphera, egualmente o seu espirito demanda mais cuidados. Parece que tambem elle tem mais pontos de contacto com o mundo.

A opinião dos paes, da familia, importa pouco; mesmo sem querer, inconscientemente, faz-se menos caso d'ella. Um extranho tem quasi sempre mais prestigio. Vem do

meio da sociedade, impondo-se-nos até mysteriosamente pela propria distancia a que vive, longe de nós. A sua opinião affigura-se-nos ser a opinião geral, que faz lei. Por isso a filha d'um amigo meu, que estava toda contente com o seu vestido novo, muito gabado por todos em casa, nunca mais o quiz pôr, desde que uma senhora com quem entabou relações, lhe disse: «Mas que mal que lhe fica!»

Desde que o pae ou o mestre é complacente demais, já não preoccupa o espirito da creança, torna-se-lhe indifferente, e ella não estuda e não obedece. Nem á aula, nem a nada de casa chega a tempo.

A Gigi pede-me: «Papá, dá torrão (d'assucar)?» «Não; respondo-lhe, porque a Gigi fez tolice.» E ella lá se vai embora, sem protesto, nem lamentos. Mas, antes de descer a escada, despede-me esta setta de desafio: «Gigi tem torrão lá baixo, a mamã dá.» Ao que eu acudo logo: «Não, que vou dizer-lhe o que a Gigi fez.» Não tive, porém, animo para tanto, deixei-a só sob a inquietação da ameaça. E já era demais. Pois, se o assucar lhe faz bem, porque não havia de dar-lh'o?

Se em Portugal não temos riquezas para dar ao ensino, demos-lhe idéas, demos-lhe amor e demos-lhe os nossos serviços. A riqueza virá.

A dissipação é sempre uma falta de sensibilidade e atenção pelos que precisam, uma estupidez e brutalidade; ao passo que a verdadeira economia é fundamentalmente não só um dever de sociabilidade e assistencia, mas até de cortezia.

Quem, por exemplo, não cabe no seu logar á mesa, usurpando o dos outros, não tem ainda em toda a pureza a genuína noção de propriedade.

É absolutamente indispensavel que os filhos, não só no interesse publico, mas no d'elles, não estejam contando para tudo unicamente com os paes e os seus haveres.

Creanças muito ricas, só pequeninas. Em crescendo, perdem quasi sempre toda a graça.

Um regimen de egualdade e justiça precisa de muita parcimonia. A Rita pede-me um torrão d'assucar. Digo-lhe que o pode

tirar. E logo ella offerece tambem um a cada irmã. «A menina pediu só para si!» exclamo, extranhando a liberdade. «O papá, dando a mim, dá ás manas.» justifica ella. E lá se foram todos os torrões do assucareiro.

A Gigi, que não mede as suas fôrças, pula e corre de mais pelo caminho, e, de repente, sem ter cahido, sem se ver porquê, desata a chorar. Porquê? porque está cansada, coitadinha! e não pode mais. Estas naturezas infantis são assim. Não vêem como as creanças adormecem tambem de repente? Ellas não têm ainda um capital de fôrças a que recorram; e, como succede aos proletarios, o menor desequilibrio entre a receita e a despesa prostra-as.

O prazer muscular que têm as creanças! e como elle as embriaga, dando-lhes fumaças de valentonas! Uma, que a mãe leva de passeio num carrinho, onde mal ainda se sustenta sentada, agarra-se toda á bengala que o pae lhe estendeu, puxando por elle com a expressão homérica de quem o vai arrastando.

Oiço a voz da Gigi, olho, e vejo a sua

doirada cabeça por cima do parapeito da janella do jardim, que nunca me pareceu tão cheia de luz, porque me entra por ella alguma coisa mais radiosa do que o sol, o seu sorriso.

O movimento externo auxilia o interno. Domingos, para contar, vai enrolando um papel entre os dedos. «5 e 3?» — 3 voltas.— «7 e 5?» — 5 voltas.—

A pratica, sem uma solida instrucção intellectual, persuade enganosamente o homem de que já está habilitado para o serviço. Se já o prestou! Mas mal.

Por isso, quando se escreva ou preleccione de ensino a professores, conte-se pouco com esse publico. Em geral, julgam-se já sufficientemente instruidos, e, se são do ensino superior, acima de toda a crítica. Custa a conquistá-los.

Luctamos com os males reaes, e com os imaginarios não. D'ahi tanta vez temermos mais estes.

«Eu pensava!» dizem continuamente certas

pessôas para se desculpar dos seus descuidos. Estão sempre a pensar, e não chegam nunca a pensar em nada.

Quando estamos a explicar-lhes um ponto, é que a algumas lhes dá para pensarem noutro.

Ha-as que só têm uma idéa de cada vez, e nunca é a que deviam ter.

As creanças contradizem-nos, aventando, por vezes, absurdos, não porque os pensem, mas para que lh'os refutemos bem. Façamos-lhes, pois, a vontade, sem a minima irritação.

Batendo as azas da generalização. A Gigi, tres annos, como quem lê os rabiscos d'um papel: «Rita Machado, Maria Machado, mamã Machado, papá Machado. Tudo Machado!»

Os recursos d'uma pequenita. A Gigi, como se lhe não desse a agua senão morna, por causa d'estar constipada, tirou um prato de cima da mesa, e, despejando dentro a agua, foi-a bebendo assim arrefecida. Occorreu-lhe logo!

A Gigi: «Sem o dedo na bôca não sei dormir.» E, como a mãe lhe explique que fica com o dedinho murcho de chupar, ella faz-lhe esta concessão: «Então meto outro.» Está claro, assim ficarão todos eguaes.

Pescando nas aguas turvas. A mãe pergunta por um solido que falta na caixa de construcção. «Deixá-lo-ia lá fóra?» E a Gigi, que o que quer, é ir para o jardim, logo: «Vou ver.»

Muita gente, principalmente na mocidade, para praticar um acto que pode ter más consequencias, persuade-se illusoriamente de que é capaz de as evitar, e, depois, para se desculpar de o ter praticado, allega a sua candida presumpção. Como se nisso precisamente não estivesse a sua fraqueza e a sua culpa!

Ha individuos tão levianos, que não dão pelo mal que fazem. Fazem-no sem querer, impulsivamente, e do mesmo modo, esquecidos, veem acto continuo ter comnosco, como se nada se tivesse passado. Não são pessôas: nem bons nem maus. Ninguém confie nelles

para nada, ninguem faça com elles contracto e tome responsabilidades communs. Quando muito, podem ser interessantes, como uma planta ou um sonho.

O Domingos, a rabiscar figuras, que me vai trazendo, em vez de poupar o seu papel, desperdiça-o, e, para fazer uma muito pequenina, inutiliza meia pagina. Eu então digo-lhe: «Não! a gastar tanto papel, não quero.» Ao que elle oppõe: «É que a Rita deu-me este todo!»

Se ha quem coma ou beba de mais, só por ter o prato ou o copo cheio! «Já agora!» explicam.

Uma das pequenas foi a deitar-me o elixir no copo da agua dos dentes, e deixou cahir demais; acto contínuo, deitou fóra parte da solução. O copo estava effectivamente tão cheio, que não a podia enfraquecer nelle; mas repartisse-a por outro. É que foi levada pelo automatismo da primeira idéa.

A Gigi tem uma conta corrente commosco no livro intimo dos seus desejos. Está claro que o seu credito sôbre nós é tão infinito

como a sua phantasia. E não perdôa nada. Se, com a pressa, lhe esquece assentar algum desejo, logo reclama uma confissão de divida: «Porque é que eu estava a chorar, mamã?» E, sendo preciso, novas lagrimas para nos avivar a memoria.

Algumas pessoas tanto se deixam arrastar pela corrente dos acontecimentos, que, passando á frente de todos, parecem ser os seus principaes actores. E ellas mesmas se chegam a capacitar d'essa prerogativa.

A preguiça é optimista. Para que um acto seu não seja erroneamente interpretado e se lhe não impute uma intenção hostil, eu digo a um individuo: «Não vá F. julgar mal d'isso.» «Não! elle bem sabe quanto lhe quero» responde-me. E, podendo evitar o equivoco, não se mexe.

Nunca é cedo demais para começar o apprendizado da liberdade.

A vontade em toda a sua plenitude implica uma consciencia que não se attinge logo nos primeiros annos. As creanças ainda mal diffe-

rençam das outras fôrças a sua propria personalidade; por isso até as personalizam.

Uma idéa propria, ainda a menos exacta, uma hypothese, por mais architectada que seja no ar, mas nossa, quando não tenha outro valor, tem pelo menos a virtude de nos prender ao assumpto e de no-lo tornar mais pessoal, mais propriamente nosso tambem. Um rapaz, levado da sua idéa, sujeita-se a trabalhos e a fadigas de investigação, que, sem ella, não arrostaria. E afinal não ha nenhuma que não seja fructuosa, mesmo que se infirme e se tenha de proscrever depois, porque deixa sempre da sua passagem os abançoados fructos da meditação e estudo.

Estamos pacientemente a explicar-nos, discutindo com rapazes, e elles acabam por nos declarar que os não convencemos. Pudera! Como havemos numa simples palestra de supprir a sua deficiencia e falta de estudo? A ignorancia é tambem incapacidade.

As rapidas aquisições do espirito são tambem fugazes. Por isso os alumnos que estudam por atacado, depressa esquecem tudo.

O que importa, não são as explosões de esforço, mas a continuidade e persistencia do trabalho. Fortuna, feita á pressa, depressa se dissipa.

A instrucção geral ainda vai sem grande custo na eschola primaria, mas, na secundaria, onde o estudo toma já certa intensidade, é um problema como se ha de apprender tudo que é preciso. A principio, a questão foi entre as lettras e as sciencias; as lettras estavam na posse do ensino, e não queriam dar logar ás suas irmãs mais novas, as sciencias. Depois, a questão passou a travar-se entre as linguas classicas e as linguas vivas, e a solução está longe ainda de encontrar-se.

Não ha combinações e arranjos, não ha transacções possiveis; a questão é mais alta. Falta ás lettras uma ordem didactica como ha para as sciencias. Estudam-se ainda historicamente, e cada vez vai sendo menos possivel consultar todos os antigos documentos litterarios mais ou menos importantes. É preciso constituir com os factos de ordem espiri-
tual; idéas, sentimentos e aspirações, consi-

gnadas nessas obras, um corpo de doutrina, como é a *physica* ou a *physiologia*, por exemplo, para as sciencias, — corpo de doutrina, que será a verdadeira *psychologia* —, reduzindo o estudo directo dos textos ao estricitamente indispensavel.

Se ha toda a vantagem em ler nos grandes mestres as passadas theorias, não é por elles que se começa a estudar as sciencias; e ainda é pela lição dos auctores que se apprendem as letras. Bem sei que ha differenças profundas. Ás obras litterarias vão-se buscar os proprios instrumentos do espirito, as linguas. Mas não se acredite que ellas possam dispensar o uso pessoal da linguagem na pratica ordinaria da vida. O principal, o fundamental, é que se faça uma forte vida espiritual, o que, diga-se de passagem, mal se logrará, emquanto a eschola estiver tão separada da sociedade. Os auctores apenas poderão descobrir-nos aquillo que já tivermos começado a entrever por nós mesmos. As letras, como as sciencias, senão mais ainda, hão de ser vividas; e jámais se espere iniciar alguém só pelos livros na alma das civilizações. Quantos lettrados, cheios de leituras, andam ás ara-

nhas neste mundo! O polyglotismo mesmo de muitas pessoas só serve para ellas exprimirem a sua ignorancia em varias linguas.

E note-se que tão necessario é meter na instrucção geral as sciencias como as artes e as industrias, e quanto urge pois caminhar.

Os ditos das creanças trazem-nos sempre em festa. Não ha aborrecimento de que nos não desenruguem.

Sabem o que é a garridice dos velhos? É um reflexo risonho da primaveril juventude dos filhos. São elles que nos fazem bonitos. Um dia um dos rapazes traz-nos uma gravata toda cheia de frescura, e logo a irmã corre a atar-no-la ao pescoço com o laço mais elegante. Outro dia. . . Vêem-me com esta margarida? Presente da Gigi. Quando eu estava já prompto para sahir, veio para mim: «Põe ao peito, aqui.» E, como eu ainda me sentasse á banca, a tirar uns ultimos apontamentos, poz-m'a ella mesma na lapella do casaco. Vamos sendo a obra dos nossos filhos, sobretudo das filhas. E não só nos prestamos com delicia aos seus mimos, mas até dissi-

muladamente fazemos por nos ajanotar para lhes agradarmos. Por amor d'elles, remocamos.

As creanças mais sentimentaes são frequentemente as que mais jogam com os sentimentos dos outros, tão meigas umas vezes, como, outras vezes, irritantes e molestas. Para verem e experimentarem nos corações. Se é a sua especialidade!

Não se divirta demais a juventude, que a dissipação do espirito é ainda peor que a do dinheiro e do tempo.

As creanças, como os povos selvagens ou creoulos, das palavras da lingua culta só tomam as syllabas tonicadas. A Maria, em pequenina, pedia *um ti nó* (um vestido novo).

Foi a Rita, já mais crescidinha, quem nos deu a traducção da phrase. As creanças de mais idade são uma especie de resonadores microscópicos que nos tornam perceptivel o espirito dos pequenitos.

Como a Gigi aprende de pressa o seu

diccionario. «Chorou?» «Chorei, porque o Domingos não me quiz dar a pistola.» «Ah! é que as pistolas são para os rapazes, para as meninas são as bonecas.» Sentem-se passos d'um dos irmãositos á porta, e ella logo: «Ahi vem um *rapaç!*»

Grammatica prática: mudar o verbo para a passiva. «A Gigi quebrou o boneco?» «Não! foi no chão que se quebrou» rebita ella.

Os outros já entram de roldão; mas a pequenina Gigi não entra nunca no meu quarto, que não pergunte primeiro: «Posso entrar, papá?»

A ordem, o encadeamento dos actos da vida, eis sempre o grande problema. Que difficuldade para as creanças acertarem os movimentos já d'uma certa complicação! Diz-se a uma que leve o castiçal, mas ella não poisa primeiro o caderno que tem na mão, e deixa cahir no chão véla e aparadeira. Outra, que vai com um prato de comida, ao cahir-lhe um garfo, abaixa-se para o apanhar, e logo se lhe despeja o prato, que por pouco que lhe não escorrega e salta tambem das

mãos. Por isso, se a Gigi, á mesa, quer apear-se da sua cadeirinha alta para ir buscar mais á cozinha, a mãe diz-lhe: «Desça primeiro e pegue depois no seu pratinho.»

A ninguem é possível dispôr logicamente todos os actos da sua vida. Uma pobre rapariga, depois de ter feito uma trapalhada para se explicar, implorava com razão: «Não me obrigue a explicar tudo, que não posso!»

Ha uma educação do coração, ha uma educação dos sentidos e dos movimentos, e ha uma educação intellectual; mas todas tẽem de se fazer conjunctamente pela educação scientifica, artistica ou industrial, sob a inspiração superior da educação moral.

Devemos parecer-nos com estas arvores que lançam sempre para o ar as suas flechas, como quem nunca se cança de subir.

Sociabilidade infantil. A Gigi, encantada com a irmãsita que chegou da casa da avó paterna, quer que m'a tragam para eu me embeber no mesmo encanto. E, logo, no meu escriptorio: «A menina quer figuras?» E,

para mim: «Mostra á menina?» A pequerrucha, coitada! mal vê ainda; tem apenas quatro mezes.

Pergunto á Gigi no jardim: Quer esta flôr?
«Quero, para dar á mamã.»

Ás vezes sou interrompido no meu trabalho pela Gigi, que, trepando á minha cadeira, docemente me repete ao ouvido: «A Gigi gosta muito do papá.» E volto-me, e encontro-me com aquella adoravel physionomia, que me enche de paz e felicidade.

A Gigi, cansada de trazer o carro e o arco e a bola, entrega-m'os. «Não posso!» E logo, admirando-me com certo enternecimento: «O papá pode com todas estas coisas?»

Nos retratos que os nossos filhos que ficaram com a avó, nos mandam, dir-se-ia que elles não olhavam para a machina, mas alongavam atravez d'ella os seus olhos até nós.

E digam que a Gigi não gosta dos medicos! É uma injustiça. Ainda ha pouco, logo que lhe disse adeus o que a está tratando aqui

em Zürich, ella pediu que a chegassem á janella. «Quero vê-lo sahir.» Queria convencer-se pelos seus olhos de que podia ficar socegada. Quem daria uma expressão mais polida, quasi de terno reconhecimento mesmo, ao seu intimo desejo de ver alguém longe, pelas costas?

É preciso que a socialização não oblitere a originalidade individual, senão a floresta affogará a arvore.

Não imponhamos a ninguem os nossos serviços. Nada sabe melhor do que o que cada um alcançou pelo seu trabalho livre. Os dictadores querem á viva fôrça fazer a felicidade dos povos, e ficam espantados de que elles a recusem e não lh'a agradeçam. É que não conhecem a alma humana. O que sobretudo amamos, é a liberdade. Não a damos por nenhum outro bem. Aqui está a Gigi, que como é pequenina, eu puz á mesa, levantando-a no ar: pois preferiu descer da cadeira abaixo para depois subir a ella sósinha. As nações tambem parece que preferem decahir, para se levantarem pelo proprio esforço.

As creanças, por toda a parte, imitam a lucta entre inglêses e böers, mas todas querem ser böers e só ha inglêses pela necessidade do jogo. Assim a injustiça vai sendo já condemnada pelas novas gerações.

Certos dirigentes reprehendem com tanta fraqueza, que ainda os subalternos lhes ficam depois com menos respeito. São assim muitas senhoras; e talvez por isso tantas tomam o commodo partido de governar pelas complacencias, isto é, de se deixar governar.

Deve haver justiça mesmo nos affectos, e ninguem tem o direito de se mostrar egualmente amigo dos filhos, quer o procedimento d'elles seja bom, quer seja mau. Amizade é sobretudo confiança, que se não pode dispensar cegamente.

Quando um rapaz é grosseiro, insolente para com seu pae, este, ao repellir a affronta, facilmente se esquece de que elle é seu filho. Mas, cautela! não o faça tambem esquecer de que está deante de seu pae. Nem tanta indignação! Mais paciencia.

Quando uma creança pede absurdos de comida, os pobres dos avós e as proprias mães dizem logo — «Tem vontade, coitada!» — e accedem. Mas ella, quando passa por um relógio, por uma porcelana, também os quer. Porque não lhe fazem egualmente a vontade? É que, num caso, se dá mais apreço á creança do que ao objecto, e, noutro, pelo contrario? Pois tanto se não deve dar-lhe uma coisa que lhe possa fazer mal, como uma que ella possa estragar; o peor mesmo, em todo o caso, é que ella se estrague.

Ha pessôas que amam as creanças por si e não por ellas, amam-nas só pelo prazer que ellas lhes causam, e por isso, para o não aguar, enchem-nas de mimos, fazem-lhes quantas vontadinhas ha. Bondade? De certo que não. Egoismo.

É preciso velar pela creança, mas não pôr-lhe sempre policia de sentinella ao lado.

Admirando eu a serenidade e robustez d'uma creança do campo de Coimbra, a mãe diz, orgulhosa, para as outras mulheres do logar — «Como elle está testo!» — e para

mim — «E é creado aqui aos trambulhões, senhor!» —

Sejamos sempre bons, mas com discernimento. Até para nos fazerem a vontade e obedecerem, não havemos de dar-nos a esmo aos nossos filhos. É preciso que elles se sintam attrahidos por alguma difficuldade a vencer para captivarem o nosso apreço. A gratuidade das pessôas e das coisas, por melhores e proficuas que ellas sejam, tira-lhes o valor. Muita gente não gosta de sardinhas, só porque são baratas.

Algumas pessôas parece que se incommodam ainda mais com a noticia das tolices dos filhos do que propriamente com as tolices.

É muito mais necessario o rigor da linguagem, quando se fala a creanças, do que a adultos. Ha d'umas para outras palavras transições e entrelaçamentos de sentido, que as tornam substituiveis, mas só para quem lh'os conhece.

Sobretudo não conte ninguem, sem esse rigor, com a sua acção disciplinar. Os rapa-

zes, em não se lhes marcando a sua falta com o termo exacto, negam-na, aparando a accusação como num jogo d'armas. E não se averbem por isso de mentirosos. Ás vezes nem dão por ella, á falta de expressão que lh'a ponha a claro.

Quasi sempre os caracteres briosos dedignam-se de se defender de faltas que não commeteram. Não se imputem, pois, de leve a ninguem, nem se condemnem logo por culpados os que se não justificam.

Não é de qualquer modo que se exerce a disciplina. Estou a lavar-me, quando a Gigi chega com o ramo d'um arbusto na mão. «Achei» «Cahiu» diz ella. E, como eu vou para ver se está esgarçado de pouco, recusa-m'o: «O papá tem as mãos molhadas.» Assim se escapa á verificação.

Para conduzir uma machina, é indispensavel conhecê-la. E para dirigir uma creança, uma alma, não?

Mestra de tres annos. Eu pergunto á Elzrinha—que, como diz a mãe, já quer falar—

quem lhe deu aquelle guiso. E a Gigi, do lado: «Diga, Zirinha, foi o papá!»

A Gigi, se não está bem, tudo a afflige; e, não tendo mais por que carpir-se, até do proprio chôro tira motivo para lamuria: «Ai! que estão a cahir-me as lagrimas.»

Uma creança, ao dar-nos uma coisa com uma das mãos, deixa cahir o que traz na outra. Não é sempre por desconcerto infantil. A causa pode ser exactamente o contrario, o rythmo dos dois braços.

O jantar numa loiça alegre sabe muito melhor. Às vezes, para abrir o apetite a uma creança, basta dar-lhe o leite por uma canequinha airosa. Assim aconteceu á Gigi com uma que lhe trouxe de Munich um amigo meu.

Uma meia de sêda com *baguettes*, um trapo qualquer bordado, um berloque, um diche, sóbe vertiginosamente á cabeça da gente nova, principalmente raparigas, embriagando-a como se fôsse um vinho capitoso. Porque? porque concentra em si o espirito licoroso da civilização, d'uma vida superior, que

é tão estonteante para a imaginação como um cheiro forte demais para os sentidos.

É o unico prestigio tambem de varios auctores modernos e de varios modernismos insignificantes.

Um rapaz, durante toda uma longa viagem, não tira os olhos das botas novas, á ultima moda, que comprou ao partir. São o alvo principal da sua admiração.

Uma bagatella, uma frioleira d'essas enche o seu joven possuidor d'um gôso paradisiaco, d'uma jactancia, só comparavel á do feliz oriental que foi admittido a vêr de longe o pé do seu soberano.

As creanças acham sobretudo graça ás palavras que não entendem. O que ellas as fazem rir! E como as repetem com gôsto! Será para se darem ares superiores, de mais idade, como os toleirões que desatam a rir do que não entendem? Ellas são effectivamente achacadas da toleima de parecerem grandes. Mas será tambem porque as mais crecidinhas sintam já vivamente a nota co-

mica que ha em pronunciar vocabulos sem idéas? É muito possivel.

Apeando-se da sua bicycleta um rapaz á porta da igreja inglêsa para ouvir missa, exclama, entre ironica e escandalizada, ao pé de mim, uma catholica: «Que respeito!» Parecia-lhe uma quebra tremenda de todas as conveniencias.

E a superstição das ceremonias distingue em todos os costumes. Tambem, entre nós, se não toleraria que um rapaz, deixando o seu velocipede no vestibulo, entrasse com o traje de bicyclista para uma aula.

No estrangeiro as pessôas com quem falamos, os jornaes que lemos e até as taboletas e os pregões que se nos metem pelos olhos e pelos ouvidos, nos vão ensinando a lingua. Era parecido o methodo d'um condiscipulo meu. Quando tinha que decorar qualquer nomenclatura, escrevia-a com grandes lettras em tiras de papel que pendurava pelas paredes do seu gabinete. Pelo dia adeante, insensivelmente, ia olhando para ellas e fixando-as.

Em que se entretem na aula um cabula intelligente, quando, não tendo já onde rabis-car a sua vagabundagem espiritual, contou todas as veias das mãos? Estuda a alma humana nas figuras do professor e dos con-discipulos e em si proprio. É mesmo esse o verdadeiro estudo official de psychologia que temos. E vamos lá que não tem dado maus doutores!

A Gigi, cheia de somno, mas sem vontade de dormir, procurando pretextos para justi-ficar a choradeira que está imminente: «Não comi sopa!» Pudera! se a não quiz!

«Esta creança está com a cabeça tão quente!» diz a mãe, inquieta. E d'ali a pouco, por essa suggestão, a creança acha-se peor.

A instabilidade de principios, que é o estado em que as nossas aulas deixam ou põem a maior parte dos espiritos, não pode deixar de repercutir-se no character. É assim que se chega a praticar o bem ou o mal, indiffe-rentemente.

Nas creanças, especialmente raparigas, é

muita vez a *vis dicendi* e o estro dialectico o que tudo baralha e a todos ataranta, conservando-se ellas impavidas. A cabeça saltalhes como as pernas, egualmente infatigavel. O peor é se essa prenda se torna num talento enredador, que ponha em balho tambem o dever.

Algumas raparigas tanto querem sempre justificar tudo o que fazem, que se tornam despejadamente trapalhonas. Mas, cautela com a repressão! não vão passar da desenvoltura da loquela ao silencio da hypocrisia!

Nada de instruir sem educar. Um conhecido meu, muito amigo de bailar, mandou a filha tomar lições de dança com um mestre famoso. D'ali a pouco já a menina achava que o pae não sabia dançar á moda e deixava-o para saracotear-se com outros pares mais modernos. Foi o que o pobre homem lucrou. Custa muito a educar? Mas afinal paga-se sempre muito caro a instrucção só, sem educação.

A Gigi, arrastando uma cadeira para subir a ella: «Papá, deixe pôr esta flôr ao peito.»

E depois, remirando-se na sua obra: «Está muito bem! papá, veja-se ao espelho.» Eu estava a ler com certo nervosismo os nossos jornaes politicos, e logo me passou.

Nem por bondade se contemporize com o mal. As vacillações são pessimas á disciplina. Não evitando que a creança principie a praticar uma má acção, depois é uma lucta para a reprimir, porque ella reage com uma fôrça adquirida, tanto maior quanto maior tiver sido a fraqueza da nossa hesitação. É já mesmo preciso vencer o seu *brio* combatente.

Uma pessôa da minha intimidade reprehendia a filha, porque não tinha seguido em linha recta para o collegio. Mas foram meia duzia de passos só a mais! observava-se-lhe. É que d'esta vez deu apenas mais uma vultinha, mas para a outra já será uma volta, na primeira occasião seguinte dará um passeio, e não tardará que faça o que os francêses chamam *le chemin de l'écolier*. Os desmandos, ainda os mais insignificantes, o que tõem de grave, é sobretudo a progressão que iniciam.

Ha quem diga para attenuar: «Foi a pri-

meira vez que elle fez isso.» Mas o mau é precisamente principiar. Se ainda fôsse a ultima vez! Então é que se podia desculpar. É verdade que se accrescenta: «Elle não torna mais!» Esse é que é o problema. De certo que, a principio, é ainda mais facil vencer o desregramento; mas é preciso combatê-lo.

Os que consentem tudo ás creanças, advir-tam que ellas teimam por absurdos, de pro-posito para experimentar e fortalecer o seu imperio. O lemma da tyrannia é sempre: *volo, quia absurdum*.

Inglaterra. — Estabelecimentos de educa-ção das creanças em perigo moral: numero de creanças recebidas, 1:000 em 1846; 24:000 em 1894. Ao mesmo tempo os delictos de menores desciam de 14:000 em 1846 para 3:800 em 1894.

O melhor modo que temos ás vezes de obsequiar alguem, é acceitar o obsequio que essa pessôa nos quer fazer. Não é menos amóravel receber do que dar.

E bom de dizer: evite-se, reprima-se o mal. Mas como? Eis o grande problema. É a questão disciplinar, tão importante na eschola como na sociedade. Pois não ha senão um meio heroiro, é a bondade sem fraqueza.

Os primeiros filhos soffrem sempre da inexperiencia dos paes. Raras são as pessôas que, quando casam, já chegaram á maioridade e madureza espiritual. As mais sollicitas educam como tratam os medicos novos, que sobrecarregam os doentes de prescripções e enchem-nos de remedios.

Certos paes cuidam tanto dos filhos, que se descuidam muito de si, e depois os filhos já não querem apparecer em publico com elles. E ha maridos que fazem e soffrem o mesmo com as suas mulheres.

Lembram-me sempre as pobres mães que eu via em Lisboa, no caminho da Eschola normal, de lenço na cabeça, a fingir de creadas, atraz das filhas, todas lirós, de chapelinho.

Não ha remedio senão ter certa indulgencia com as creanças. Não se opprimam, a querer fazer logo d'ellas umas pessôas for-

maes. Coitadinhas! fatigam-se do sem número de cuidados a que as obrigam. Por exemplo, á mesa, para se não sujarem, para não suja-rem tambem a toalha, para não deixarem cahir os pratos, etc., etc., incommodam-se tanto que acabam por não comer quasi nada. O que querem, é vêr-se d'ali para fóra.

A educação que os nossos politicos vão dando ás gerações novas. Um rapaz, já dos seus 17 annos, estudante do lyceu, ouvindo-me condemnar as dictaduras, pergunta surprehendido: «Mas as dictaduras não são de lei?»

«O que uma pequena nação pode fazer!» exclamava admirativamente um allemão, quando juntos contemplavamos em Zürich uma das suas monumentaes escholas primarias. Um municipio! accentuei eu. Ao mesmo tempo que reflectia amargamente commigo: E com honra! sem se abaixar a usurarios, e sem calotear ninguem.

Gigi substitue frequentemente o *este* por *meu*. Sentando-se no chão, ao pé de mim: «Papá, olhe o meu tapete.» Pudera! Não lhe damos nós quasi tudo que ella quer?

Quando uma creança começa a estragar um objecto, acuda-se-lhe logo, senão ninguem já se importará com elle, e dentro em pouco não haverá reparação possivel e ficará de todo inutilizado. Essa previdencia de bôa economia era o segredo de perfeito estado de conservação em que encontrei as aulas do Collegio militar, quando ha annos o visitei, sob a administração do coronel Nogueira.

Senhoras, em Madrid, indo ellas mesmas buscar os seus filhos á eschola.

Por varias partes de Hespanha, continuam todos os annos as colonias escholares; em Madrid, sob a direcção carinhosa de Cossio e de Rubio.

As deputações de Cadix, Cordova e Corunha mantêm dois lyceus, em vez d'um que é de obrigação de cada provincia. E em Figueras, Rens, Mahon, Baeza, Iapia e Gijon ha lyceus custeados pelos municipios.

Ai! quanto o physico é necessario ao moral! A Gigi bem quer acompanhar-me a pé,

mas, coitada! a principio fala o coração e depois são as pernas.

Minha mãe, ainda enfraquecida d'uma grave molestia, parece que mal pode olhar por nada. Mas eu, que a conheço, meto-lhe uns poucos de netos em casa, e diz-me logo depois o medico Urbano, meu querido amigo d'infancia, que ella está muito melhor.

Uma rapariga entra de novo para um collegio. Não pensa, não fala senão na familia e nas suas amigas ausentes; as condiscipulas, para travarem intimidade, fazem-lhe confidencia de todos os seus casos e sonhos do coração. E, nesta sobreexcitação, neste estremeimento prolongado, nesta consumpção emotiva, a sua saude soffre, e o seu character, gastando-se e enfraquecendo tambem, pouco a pouco se torna caprichoso, dorido, obstinado, atrabiliario mesmo.

Uma professora procurava sempre a menina mais ajuizada do collegio para se lastimar dos destemperos e estonteamentos das outras discipulas, e o resultado foi aquella ficar tambem desarranjada dos nervos. Eram

choques de mais para a sua delicada sensibilidade.

O mesmo succede com os romances pathologicos.

Um joven meridional não se encontra com uma rapariga sem uma languida titillação doentia. O que é o sangue? Não! o que é sobretudo a educação. Vivem tão afastados os dois sexos entre nós! É preciso fazê-los conviver logo desde a eschola.

Nihil est in intellectu, quod prius non fuerit in sensu. Mas, por estar nos sentidos, não se segue que chegue á intelligencia. Ella pode ter os materiaes ali ao pé, vê-los, discerni-los mesmo uma ou outra vez, mas não os possuir propriamente. Para essa posse precisa tambem d'um certo tempo de *sensibilização* sua.

Ameaça-se uma creança: « Ah! que se torna a fazer essa tolice. . . » E ella torna logo, para ver o que d'ali virá. Não é insubordinação; é curiosidade.

Como a Gigi instava por collo, inventei

um comboio, fazendo eu de locomotiva, a esbofar, e ella de carruagem, atraz. Mas no meio do caminho a carruagem interpellou a locomotiva: «Como é que o comboio anda?» Foi peor do que levá-la ao collo. Custa muito mais a pegar no espirito do que no corpo das creanças. É um pêso de perguntas que mal se aguenta. E todas são como a minha, que, em eu hesitando na explicação, implacavelmente reclama: «E depois?»

A fidelidade da memoria das creanças, ainda não conturbada pela lucta da concurrencia das idéas. A pedido da Gigi, eu repetia-lhe uma historia. E, chegando a certo lance, contei que um cãosito ladrara para outro: Se fizeres mal á minha menina, mor-do-te. E a Gigi, restituindo-me á primitiva lição: «Salto-te.» Que era como eu lhe tinha dito da primeira vez.

É, quando soffremos, que sobretudo nos lembram os que nos amam e nos desejaríamos com elles. A Gigi, cahindo, grita logo: «Quero a mamã!»

Um rapaz, ao passar, bateu ruidosamente

com a porta. E quem dos presentes se incomodou? Os mais novos. Quer dizer, os que fazem o mesmo. É que a mocidade não é capaz ainda de paciencia; não se contém deante dos disparates dos outros, como não contém os seus proprios.

«A Gigi estava ao sol» vem ella, toda vermelha, confessar-me. Não é insolente rebeldia. É simplesmente a verdade.

Tão tuteladas e constrangidas são as creanças nos nossos climas, que não é sem perigo que se transferirão de repente para os costumes livres do norte. A liberdade pode subir-lhes á cabeça. Se, entre nós, não praticaram tolices, não foi por não quererem, mas simplesmente porque lh'as não deixaram fazer. Não educaram ainda a vontade. Não sabem fazer uso da liberdade, que precisa tambem de apprendizado.

Para ser livre, é preciso tê-lo já sido. Quer dizer, a liberdade é tão essencial ao homem, que nunca se deve captivá-la. Ampare-se, dirija-se, isso sim, nas suas vacillações, principalmente dos primeiros passos.

Para que servem extremos? Uma creança que nunca se põe á janella, sem que alguém tenha mão nella, d'uma vez que se acha lá só, insensivelmente se julga ainda tão bem segura, que por pouco se não precipita á rua.

As proprias creanças pedem que as occupem: «A Gigi que vai fazer agora?»

Gigi é ainda a ordem. Como eu tivesse estado a escrever ao pé do seu logar á mesa, e ella vá almoçar, adverte-me para que se não entorne tinta: «Papá, feche o tinteiro.»

Quantas pessoas sérias neste mundo se devem tomar tanto a serio como á Gigi, quando, para se desculpar commigo, me responde gravemente: «Tenho que fazer, papá!»

Que é o falado talento pratico? É, se nos offerecem um prato todo enfeitado, importamo-nos com a comida e não com as flôres? Mas ha mais gôso em comer do que em vêr? Não! É mais importante? Tanto como o corpo é mais importante do que a alma, tanto como a rocha é mais importante do que o ser vivo. De certo que pode viver-se

mesmo sem espirito, é como vivem as plantas; e pode existir-se mesmo sem organização, é como são os mineraes. Mas, se o corpo precisa de todos os cuidados, porque é a base, o espirito não precisa de menos, porque é o coroamento. O verdadeiro talento pratico é o que realiza o preceito: *mens sana in corpore sana*.

O tal talento pratico representa uma degradação, não uma madureza. As creanças tambem ás vezes têm assomos d'isso. Dando á Gigi um papel de côr prateada que envolvia o chocolate, ella recusou-m'o: «O papel não se come, papá!»

Não bastam classificações scientificas. Os seres classificam-se tambem pela sua belleza, pelo seu encanto.

Está a trovejar. E a Gigi: «Quero sahir hoje.» Para nos ouvir. O que ella quer, é que lhe descrevam e circumstanciem bem os effeitos da trovoada! Vê que é occasião para uma bôa historia de horrores e sustos, e não a quer perder. Logo que lh'a contam, fica entretida, a ouvir, muito satisfeita.

Nem as brincadeiras são inoffensivas, quando em demasia. Também fatigam e enervam as creanças.

A ambição que as creanças têm de ser grandes e praticar grandes acções, empóla-lhes o estylo. A Gigi, enterrando-me na cabeça o chapéu que eu tinha ao pé de mim: «Ponha o seu chapéu. Eu *achei-o alli.*» Como se o tivesse ella descoberto, lá a distancia!

Ha que crear um sentido, o da sociabilidade.

A Gigi gosta muito de ver as figuras que lhe estou mostrando, mas ainda gosta mais de mim. «Papá, chegue-se ao pé de mim.» diz ella, em meio da sua contemplação.

Ha melhor que fazer das fraquezas fôrça, é fazer d'ellas virtude e êncanto. E como? Pela modestia. A Gigi, que precisa d'uma cadeira, recorre ao meu concurso. «Não posso, sem o papá.» Como é grato sentirmo-nos prestaveis a alguem! Pego-lhe logo pelas pernas e ella pelas costas, e ahi vamos os dois, a rir, muito contentes.

É mais facil apprender o dever nos outros. E assim se começa. A Gigi, deitando conta ás cerejas: «Arthur, são para as creadas, não coma mais.» Mas ella por sua parte ainda continúa a comê-las. Sósinha mesmo pode ficar com mais para si. Mas não vai tão longe o machiavelismo infantil.

Alguns, para calar a voz da propria consciencia, fazem projectos de regeneração futura, como os cabulas que prometem sempre que hão de estudar e resarcir o tempo perdido... para a epocha seguinte.

Uma rapariga, em Zürich, vai sósinha para o lago barquear com um rapaz das suas relações, como se fôsse tambem um rapaz, como um seu companheiro, um irmão. Conta consigo e com o respeito dos outros.

Os vicios, em pequena dóse, serão como que um aperitivo da virtude? E a felicidade, para ser completa, precisará, como a musica, d'essas dissonancias? O café, o licor, o charuto — o que os elegantes chamam, com apreço, os pequenos vicios, sentindo que não haja mais para os saborear todos — servirão

para dar relevo e decoração á vida? Não! Todos os excitantes, pelo contrario, são alfinetadas que a desangram. Os prazeres organicos são legitimos, mas não hão de deixar estragos no corpo nem na alma, hão de contribuir para a plena expansão e florescimento de toda a nossa existencia.

Só a vida ociosa precisa de que os vicios a excitem. O trabalho dispensa prazeres facticios.

Todas as almas delicadas preferem soffrer a que as livrem de embaraço, humilhando-as.

Como a Gigi é polida! Quer fazer a sua, mas sem offender, nem desagradar a ninguém. Pergunta-se-lhe porque não come mais, se não acha bom. «Gósto, mas não quero mais.»

Quando nos encarregamos d'um negocio, se temos que o confiar a alguém, julgamo-nos quites de cuidar depois mais d'elle e até o esquecemos, como se as nossas obrigações cessassem. A confiança que depositamos nos

outros, não nos resgata das nossas proprias responsabilidades.

Fechem-se, até certo ponto, os olhos ao mal — discretamente, é claro — para ver se se evita. Reconhecê-lo é, d'algum modo, acceitá-lo, tolerá-lo.

Cautela com a sua divulgação! Não vá o delinquente pensar: «Assim como assim! Se já sou tido nessa conta, para que hei de agora commedir-me e emendar-me?»

É como quando a creança ainda mal começa a fazer uma tolice, e já lh'a attribuem. Então é que ella a leva ao fim mais depressa. Não se desflore o seu pudor.

Em vez de «Olhe o que está a fazer» incriminando-a, diga-se preceptivamente «Não o faça!»

Accusar infundadamente uma pessoa é lançá-la no mal, pelo mal de que se julga que ella é capaz. Pode custar-lhe menos ficar debaixo d'uma censura do que levantá-la. Muitos não se sentem sequer com animo de

luctar contra a opinião. E ha até os que tratam de a fazer verdadeira para se vingarem de quem a formúla. «Acha que sou assim? Pois sou!» E os brasileiros ainda reforçam: «Pois sou mesmo!»

Para dirigir uma machina é mister conhecê-la. E para dirigir uma creança, um homem, serve quem quer?

Isto de querer que a eschola faça logo d'um rapazinho qualquer, mesmo de talento, um membro da classe dirigente da sociedade, é d'um absurdo! A superioridade conquista-se. O ensino falta mesmo ao seu fim moral, convertendo-se num novo meio facticio de aristocratização.

Não será tão injusto como a herança, porque o estudo já representa trabalho, mas ainda encerra a porção de injustiça que provém da cega fortuna. Nem todos se podem demorar igualmente nas aulas até alcançarem um diploma superior. E não é só isto.

Bem sei que as nações que caminham na vanguarda do progresso, procuram attenuar o mal d'essas desigualdades, instituindo bolsas, pensões ou, como nós cá chamavamos

e ainda hoje se chamam em Hespanha, becas, para os alumnos mais meritorios, que são pobres, proseguirem nos seus estudos. Mas como ha de apreciar-se unicamente nas aulas o merito de alguém? Ahi pode até certo ponto dizer-se que o homem só recebe e não dá. Não é, pois, o logar mais proprio para elle provar o seu valor. O justo é tornar as aulas accessiveis a todos que trabalham, ajudando o pobre a trabalhar. Haja então escholal, cursos e conferencias gratuitos, que elle os irá procurar. Não se tire para isso do lar, da vida, do trato social.

A questão educativa é essencialmente uma questão politica e economica.

Os que procuram uma disciplina externa, governar a creança não insinuantemente pelo poder da verdade, pela sympathia, e sobretudo pela attracção da justiça e bondade, mas pelo mando e arbitrio, encontram-se com esta consequencia pela frente: se lhe supprimem os gosos ou infligem soffrimentos, ella definha e adoece. Hão de prohibir-lhe o passeio, tirar-lhe a sobremesa? Mas o alimento e o exercicio são egualmente necessarios. Que fazer então? Permitir-lhe para

a premiar os pequenos excessos e abusos de prazer? É ao que realmente se chega.

Assim como, ao quente desabrochar da vida da planta, a flôr tem os seus nectarios, assim tambem na infancia, quando é tão intenso o trabalho vital, tamanho e tão rapido o crescimento, o organismo destilla maiores quantidades de glycose. Demonstrou-o Claude Bernard. Por isso mesmo a creança gosta tanto d'assucar, inferiu Spencer. E como é egualmente doce o espirito da creança, doce desde o seu olhar! Não lh'o amargurem, que a atrophiam. Affaguem-no, dêem-lhe tambem doces.

É preciso classificar os discipulos? De certo, como tudo. Mas não se faça por modo que os inferiores se deixem ficar para sempre commodamente nos seus logares.

Como vivem os nossos estudantes! Digo a um, já homemsinho: «Sabe as industrias que tem Coimbra?» E elle: «Mas Coimbra tem industrias?»

O que é preciso, é ter personalidade. Para

a não haver, nada mais adequado do que a engrenagem do lyceu, que é como uma d'essas machinas que recebem d'um lado a palha e pelo outro a despejam já serrada e empacotada. Será esse para algumas creaturas o unico meio de as instruir? Antes, em todo o caso, deixá-las a formar por si a sua vontade, ainda que tenham de ficar mais ignorantes. Nem ficam.

Para a formação do homem moral a sociedade conta demais com a escola e a escola pouco ou nada conta com a sociedade. A sociedade impõe á escola a missão de formar uma classe superior, que só se pode recrutar na vida real pelo merito e distincção dos serviços; ella, pela sua parte, toma tanto tempo, com a replecção dos seus programas, tão atochados, que o que sobra, é insufficiente para o tirocinio das necessidades e obrigações da vida.

Hoje reúnem-se as creanças em escolas, porque se não pode levar o ensino a cada casa. Mas não se esqueça o que ha de facticio e provisório nesta combinação. É um simples expediente. Não se pretenda fazer da escola

um novo mundo para a creança, apartando-a do mundo real. Seria apenas um microcosmo, e d'elle não poderia sahir senão tambem um pequeno homem, um homunculo.

Não se pode bem dizer em pedagogia — faça-se primeiro o animal e depois o homem — porque se tẽem logo deante os dois.

A eschola hoje ainda destece muito a vida social. E nem ao menos dentro de si mesma procura constituí-la.

A patriota Gigi nacionaliza tudo: «Essa *Parodia* tem umas figuras engraçadas» diz-me ella, entregando-me um periodico allemão illustrado.

Ha aristocracias que não valem mais do que o que custam no alfaiate ou na modista.

Na Suissa ha pobres? Todos lá tẽem de seu a fortuna publica. Só as magnificas escholas que para seus filhos possuem tanto pobres como ricos!

Tão caro o assucar entre nós! O nosso

legislador não saberá quanto elle é necessario ás creanças?

Eis a escala da vida. Na base está a nutrição. O systema nervoso central accumula com a sua funcção espiritual a de nutrição, do mesmo modo que, por exemplo, o apparelho circulatorio a accumula com a sua funcção de circulação. Sem desenvolvimento organico, sem nutrição, não ha vida animal, nem automatica nem voluntaria; como, sem desenvolvimento animal, sem instrucção, não pode haver vida moral. E, para o incremento da vida animal, é absurda e contraproducente a pretensão de desenvolver a intelligencia sem as faculdades sensitivas e motrizes.

De todo o organismo depende a vida da alma, mas os musculos, immediatamente ligados ao systema nervoso, são órgãos de primeira importancia. Da sua robustez depende grandemente o desenvolvimento da emotividade, bem como o da motricidade e da sensibilidade. A fraqueza e desequilibrio muscular torna vertiginosa toda a vida animal.

O que sabemos positivamente, é que, uma

vez produzida a vida, ella a si propria se gera. Um ponto de ossificação que appareça, annuncia uma formação óssea; como no mundo mineral um centro de crystallização é bastante numa solução para que em volta d'elle se vá operando um deposito de cristaes. É pelo exercicio que o corpo e a alma se nutrem e reproduzem. Para nos desenvolvermos o unico meio é trabalhar. A ociosidade é a doença e a morte da alma, é a origem de todos os vicios; como o atrophiamiento e suspensão do trabalho organico é a doença e a morte do corpo, seguida da putrefacção cadaverica. A vida não desaparece logo, mas baixa até ao vibrião.

Occuparmo-nos é o primeiro principio de toda a educação. Muitas creanças e adultos fazem diabruras e perversidades só por não terem nada que fazer. O segredo da disciplina está em trazer sempre occupados os educandos.

Infelizmente muitos mestres, para terem menos trabalho, e muitas mães, por não julgarem nunca bastantes os seus cuidados, reduzem de todos os modos a actividade infantil.

Para não haver o trabalho da vigilancia, supprime-se tudo ás creanças, e acaba-se por supprimi-las a ellas mesmas. Não se deixam brincar, para que não rasguem a roupa, não dêem cabo dos moveis, ou não pizem os canteiros do jardim; não se deixam sequer mexer-se, para que não vão fazer alguma *maldade*. Até as salas onde estariam com mais desafôgo, lhes fecham, porque as podem sujar. Encurralam-se, emparedam-se. Ha mais cuidado com as coisas do que com ellas. E, não só para que não dêem trabalho, mas tambem para que nos não incomodem, hão de estar, além de quietas, caladinhas. Deixá-las-hão ao menos meter-se a um canto, quietas e caladas, a ver figuras, a ler? Não, porque nem uns livros interessantes lhes dão. Têm medo de que os estraguem. Imobilidade absoluta!

D'aqui vem, com a atrophia das faculdades, a reacção de desespero com que as creanças se atiram a tudo e a todos, logo que se apanham á solta. A sua irrequietação torna-se tal, que por mais que os multipliquem, não ha depois castigos que as contenham. Eis como a falta de vigilancia concita fatalmente e desafia e gasta e inutiliza a mais severa

repressão. E peor seria ainda que a atrophia se completasse sem reacção, produzindo o deperecimento da alma.

O excesso de cuidados, o mimo, produz os mesmos desastrosos resultados. Para que lhes não succeda mal algum, as pobres creanças ficam sem apprender nada. Não montam a cavallo, porque podem cahir; não nadam ou barqueiam, porque podem affogar-se; não se baloiçam n'um trapezio, porque podem trambolhar; não pegam numa plaina ou numa enchó, porque podem ferir-se; não sahem sósinhas, porque podem perder-se; não jantam com os paes, para não comerem de tudo; nem vão á sala, para não ouvirem todas as conversas... É um nunca acabar de interdicções.

Pois a verdade é que a creança ainda tem pouca fôrça para se magoar por si, e ainda não sente gôsto por certas conversações e certos alimentos excitantes, que só paladares embotados ou depravados saboreiam. Por quem são, deixem-lhes desembaraçados e livres os movimentos da alma, não lh'a enfaixem e comprimam!

Por causa d'este regimen, tentam as crean-

ças fugir de casa e da aula para a vida das ruas. A vagabundagem é um vicio, mas é tambem o recurso espiritual das creanças. Por ella se vingam da estreiteza escolar e da vacuidade domestica.

Moderadamente, a actividade animal é fonte abundante de gosos. É ver como as creanças se agitam por dentro e por fóra.

Diz-se a uma creança rabugenta — «Vamos a ver se é capaz de pegar nisto sem o partir» — ou, d'outra vez — «Será capaz de olhar por este binoculo?» — etc.; e passou-lhe a furia. — «Vá buscar uma cadeira para ver da janella aquelle barco» — e logo muda, toda satisfeita, e mostra, ufana, como pode com a cadeira.

Nada consome tanto como a ociosidade. O desregrado ou excessivo exercicio, porém, provoca a dôr, que bem pode dizer-se o echo da reacção que o organismo oppõe ao nosso desmando.

A mãe, entrando no quarto da Gigi, que tem estado doente com uma *grippe*, recomenda: «Tirem d'ahi essas chicaras e a lam-

parina.» E logo a Gigi accrescenta: «E essas garrafas de remedio!»

Coimbra, fevereiro. As pervencas resaltam d'entre as sebes, e, como choveu, um bando de margaridas se debruça alegremente para a agua, fazendo-lhe em torno uma festa. D'ao pé dos combros espalha-se o perfume subtil das violetas, denunciando-as. Que alegria a das creanças, quando vão dar com ellas! «Quantas!» dizem, colhendo. E ainda ficam muitas em botão, a convidá-las para outra vez.

Porque é que a Gigi, ao acordar, de manhã, se lastima aos irmãos de ter de ficar na cama? «E esta! estou doente, e não posso ir ao jardim.» Com saudades das suas flôres.

O que a sensibilidade das senhoras soffre com o minimo incommodo dos filhos! Sonham-no até. Chegando o Antonio do collegio, um dia de verão, mas ainda pouco mais das 9 horas, a mãe, que já parecia abafar por elle: «Que calor que está hoje, meu filho!»

A Rita fazia scena para se lhe arrancar

um dos primeiros queixaes, sem ainda ninguem lhe haver tocado. Tirou-se-lhe, e diz ella muito admirada: «Eu pensava que doia.» Doia-lhe na imaginação.

A imaginação scientifica; primeiras hypotheses. Domingos, depois de ver um moinho: «Papá, é do vento que os comboios andam?»

A Gigi confessa a inconsciencia da sua idade. Porque fez isso? «Não sei.»

Ha creanças que precisam de entender antes de fazer uma operação qualquer. São as mais intellectuaes. Outras precisam de auxiliar-se da operação para mais facilmente entenderem. Assim, para contar, hão de mexer com os dedos; para pensar, falar. E por esta phase, depressa ou devagar, passam todas.

A Gigi, que quer que eu lhe vá fazer uma construcção, pondera-me para que eu saia do meu quarto: «A creada vem arrumar, papá!» Como tantos falam em nome do serviço publico!

Ha individuos que apprendem tudo, mas não criam nada, não têm a minima originalidade. São como uns optimos conductores electricos, mas por si não se electrizam. Diffundem as idéas, não as géram. Isolemnos, deixem-nos ficar algum tempo a sós comsigo, a ver.

Annuncio: O sr. dr. Daniel vem ver a Gigi. «Se está melhor» completa ella, a suggestionar-me que já não precisa de medicamentos.

Ha rapazes muito amigos da sua familia, que lhe dão todas as suas lagrimas, mas não são capazes, por amor d'ella, de fazer mais um esforço de estudo. Dois dias de chôro, e voltam a espreguiçar-se um anno inteiro.

Não se perca, por tolo amor proprio, a occasião de aproveitar um bom aviso. Á mesa, um sujeito olhava e tornava a olhar para o filho, para que elle deixasse de esgrimir com o descanzo do talher; mas o rapaz quiz fazer gala de independencia e autonomia deante dos mais convivas, que, distrahidos pela conversação, nem por tal davam, não se importou

com a advertencia, e d'ahi a pouco entornava sôbre a toalha um calix, que, ao cahir, partia outro, succumbindo então ao pêso da impressão geral.

É que as creanças, amimadas demais, da vontade só tẽem as doenças, a susceptibilidade e o enfatuamento.

O amor da independencia. Às vezes, que a mãe a vai acompanhando para que ella não faça alguma tolice, a Gigi reage a tanta tutela: «A mamã fica!» E lá vai sósinha com o prato na mão para o entregar á creada, ou desaparece pela casa em busca dos irmãos, etc. Em Zürich até rompia, sem ninguem, pelas ruas fóra, para ir ao collegio ver a Nella. Intrepida!

Como os nossos tyrannetes, Gigi faz dictadura de tudo, até de palavras. Não admitte que se use de certas expressões. «Não é assim!» E o caso é que nisso mesmo por fim a pobre da mãe, para ella não chorar, porque pode ficar peor, sendo já tão fraquinha, tem de ceder. Exactamente como o nosso bom povo, a aturar os mandões; que

não vão elles ainda peorar, ou seja caso que venham outros ainda peores.

Quando certas pessoas, contando quaesquer objectos, dão pela falta d'algum, o que primeiro ha que procurar, não é esse objecto, é se ellas os contaram bem. Em vez de perdermos o nosso tempo, ellas que verifiquem.

Duas creanças, uma rica, outra pobre. Chamam-se para um recado: nunca a rica se levanta primeiro. Dá-se a ordem á rica: mas, ainda ella vai no principio do caminho, já a pobre, que espontaneamente se levantou, lhe passa adeante, e é quem leva o recado ao seu destino.

A realidade só se pode comprehender, estudando-a miudamente nos pormenores de cada caso. Em these, os nossos actos affiguram-se-nos muito mais faceis ou difficeis do que são. Quantos nos assoberbam, que logo, com surpresa, se nos atrevemos com elles, verificamos que nada custam! Outros, é o contrario.

Muitas pessoas estudam como quem pre-

tendesse subir por uma escada, partindo-a pelos degraus andados. Nunca mais se importam com a lição por onde já passaram. O trambolhão é certo.

«O saber não occupa lugar.» Occupa.

A Gigi, que pretende livrar-se da nossa vigilancia para ir brincar para um pateo onde bate muito sol, já fechou a porta da sala do trabalho da mãe, e vem para fechar tambem a do meu escriptorio, quando se encontra com o meu olhar. Primeiro quer impôr-se: «Papá, fecho.» E, como eu recalitre, acha esta razão decisiva: «Eu fechei aquella da mamã.» Tanto pode a lei da symetria, da uniformidade, até no desregramento!

Não é só pelo poder do habito vicioso que *abyssus abyssum invocat*, é tambem pela fôrça de attracção intellectual da lei da unidade e da synthese.

Geographia sentimental. Mostrei no mappa á Gigi o lugar onde estavamos em Zürich. E ella: «E onde está a Rita, papá?»

Como as coisas se *descobrem!* Que é do

meu lapis? pergunto. E a Gigi, que se esqueceu de o tornar a pôr na minha banca, aonde o tinha ido buscar, acode logo: «Eu vou achar.»

A Gigi, jungindo o allemão e o portuguez ao carro triumphal da sua loquela: «Vou pedir *wasser* (agua) á *Sophie* (creada allemã).»

A primeira leitura. A Gigi, com um manuscripto meu: «Eu sei ler.» E, olhando para o papel: «Papá Machado, mamã Machado, Rita Machado...» Eis o que as creanças procuram nos livros: assumptos familiares. Porque não lh'os dão?

Diz-se modernamente que a historia não deve narrar só a vida dos reis e das classes dirigentes, mas tambem a do povo. Não basta ainda. É preciso igualmente fazer a historia das creanças. Assim pensa a Gigi, e eu com ella. Tendo-lhe succedido uma aventura dramatica durante a minha ausencia, ella, logo que eu cheguei a casa, pediu a minha mulher: «Mamã, conte ao papá a historia da Gigi.»

Nessa historia entrava uma senhora terrivel, que a tinha fechado, e um *vôvô*, que lhe veiu abrir a porta libertadoramente. Avô aqui não queria tanto dizer velho, como amigo.

Não ha como os fracos para amar as acções apparatusas. Assim se dão uma grata illusão de fôrça, como se se vissem a um espelho amplificador.

Mas nas creanças ha que desculpar, porque ha mais do que isso. Deixando-as, ellas são capazes de abalar tudo e ensurdecer-nos, a bater com as portas, pelo prazer de se experimentarem, deliciadas com o reconhecimento da sua ainda mal perceptivel fôrça. Se se moderassem — que não podem — não davam tão cedo por si.

Consciencia moral. A Gigi vem contar que emprestou o carrinho ao pequeno Walter. E, segura do proprio merito da sua acção, é ella que reivindica: «Diga, mamã, a Gigi é bonita.»

Associação de idéas pelo coração. A Gigi, em Zürich, vendo carruagens: «Agora estou

melhor (de saude). Vamos dentro d'um carrinho á Rita?»

O que é o valor da verdadeira educação, vê-se na grandeza da Inglaterra e dos Estados Unidos. Podem ter ainda os desvarios de fôrça dos poderosos, mas são as nações onde hoje mais brilha a luz moral.

A Quina vem perguntar-me: «Papá, quando sarô d'esta ferida?» «Não sei.» «Mas o Domingos diz que o papá sabe tudo!»

A Maria e a Quina são tão amigas, que vivem sempre em festa. Basta-lhes olharem uma para outra para logo ficarem electrizadas do mais jovial enlevo.

Tambem o coração faz a sua educação intuitiva. A creança ama os paes e avós, os irmãos e as outras creanças, os gatos, os passaros, as flôres, as pedrinhas. E como as pequenitas querem ás bonecas, isto é, a uns seresinhos já confiados á sua guarda e protecção! «Papá, dá um livro para a boneca ver figuras?» pede a Gigi.

Chamaram o Domingos para a sala de jantar; mas elle, em vez de comer, chora, porque está só. Não quer jantar sem os irmãos, que ainda não chegaram. Tanto a sociabilidade pode mais do que a fome!

A cadeia dos affectos. Cada creança parece querer sobretudo aos irmãos que lhe são mais chegados pela idade. A Gigi, vendo o Domingos a chorar, vai logo para elle e cobre-o de beijos. E, se oiço uma musica de risinhos no longo corredor, é ella que vem segurando pelas pontas das azas a irmã mais nova, a puxá-la para mais ligeiras correrias.

A nossa bôa gente. O albergue das creanças abandonadas tem collocadas em casas particulares 122 creanças. Pois só paga subsidios por 4; das 118, as familias que as receberam, não querem nada, dando-se por muito felizes por as terem comsigo, a alegrarem-lhes o lar. 1899.

Chegando nós a casa de minha mãe, onde está uma de nossas filhas mais velhas, a Gigi não se farta de a ver. E, repetidamente:

«Oh, mamã! olha a Quina. Oh mamã! dá um beijo á Quina.»

Os filhos não nos dão só um ceu na vida. «Papá e mamã vão para o ceu», promete-nos o Domingos.

Os paes isolam tanto as creanças, que veem a soffrer profundamente, quando ellas depois os trocam por outras companhias. E é fatal. Até para sermos amados é preciso que não tyrannizemos os corações; senão corre-se o risco de que elles um dia se revoltem, ou que pelo menos se sintam jubilosos, ao desafogarem-se dos nossos braços ciumentos. Umas pessôas da minha amizade, cujo filho nunca sahira de casa, a primeira vez que o meteram num collegio, vieram, além de muito saudosas, muito preocupadas com o receio de que o pequeno não pudesse dar-se lá com saudades tambem; por isso apressaram-se a ir no dia seguinte pela manhã ver como elle estava. Mas qual não foi a sua estupefacção, ao ouvirem-no, chegando todo alegre, saltitante, apostrophá-las: «Já cá tenho muitos amigos!» Num instante improvizara novas amizades, com tamanho arrebatamento,

que nem mais se lembrava dos paes. Tão ávido estava de sociedade!

A gentileza da Gigi, fazendo as honras da casa á pequenada de todos os outros andares e de todas as outras casas da rua onde moravamos em Zürich. Hontem foram uns dez rapazitos e meninas que ella me trouxe para os cumprimentos. Declinando o nome de cada um á porta do meu gabinete, afastava-se para os deixar passar; e, por fim, reunidos todos no salão contiguo, voltou ainda, sósinha, a deitar a cabeça para dentro, sorrindo-me effusivamente, como quem me agradecia o acolhimento feito ás suas visitas e desejava certificar-se bem pela minha physionomia do prazer que com ellas tinha esperado causar-me. Era um sorriso em busca d'outro.

É tão graciosa a infancia, que a nossa ternura pelos filhos sempre mais ou menos no-los representa nos seus traços infantis. «A minha *pequena* tem 35 annos» dizia-me um velho professor suiso.

A Gigi, publicando os beneficios que lhe

fazem: «Papá, olhe o dôce que me trouxe a Nella.»

Domingos, aproveitando a religião para humilhar o Dino, que é, dos mais velhos, o irmão logo chegado a elle, a quem elle dedica a maior amizade, mas com quem anda sempre de volta: «Nosso Senhor é muito grande, é muito maior do que o Dino.» A Quina intervem: «Não, não é por isso, Nosso Senhor é grande por fazer grandes coisas, milagres, coisas boas.»

O ensino ha de dar a cada um a instrucção naturalista — artistica, industrial e scientifica — até ao conhecimento do homem phisico, ao sentimento da sua belleza e á plenitude da sua acção sôbre a natureza, assim como a instrucção espiritalista toda — artistica, industrial e scientifica tambem — até ao conhecimento da alma humana, ao sentimento da sua belleza e á plenitude da sua acção sôbre as outras almas; e ha de elevar toda a instrucção até ao cumprimento do dever, isto é, á mais alta potencia de vida.

A efficacia do mestre. Joga-se melhor com :

bons jogadores. Os grandes oradores elevam sempre o nivel geral da oratoria nos parlamentos.

A magia da assistencia. Vou-me segurando sósinho na bicycleta, a imaginar que um amigo meu a ampara por detraz; e, mal elle, que a deixou ir, m'o diz, desequilibro-me de todo.

Referia-me uma allemã, casada de pouco com um allemão, o mallôgro das suas lições de francês ao marido: «Elle não apprende logo, eu começo a arreliar, a enfreniziar-me, e d'ali a pouco zangamo-nos os dois e deixamos. Não tenho paciencia!» É effectivamente esse condão, a paciencia, o segredo do ensino.

Dêem ás creanças a liberdade e o recreio de falarem como sabem, despreoccupadamente, não estando sempre sôbre ellas a obrigá-las a pensar no que dizem e a corrigir-se. Nem tanta lição! Senão ellas emudecem, e deixam de alegrar com os seus gorgeios o interior domestico. Como depois os paes se resentem d'esta tristeza! Um lastimava-se-me, deitando as culpas á filha: «Ao pé de mim, está sempre calada.»

Que ultimo recurso ha para que uma creança doente tome o remedio? Não servem de nada artificios. O unico meio é dar-lh'o a mãe, pedir-lhe ella que o tome. Não ha outro, a não se usar d'um processo mais ou menos cirurgico, que pode raiar na dureza e brutalidade.

Os maus habitos contrahidos são quasi sempre a consequencia do desmazêlo das familias, como o, tão feio, de meter o dedo no nariz, que provém da comichão que as creanças sentem, quando lh'o não lavam. E depois o que custa arrancá-los! Outro dia, vi um homem, já dos seus 40 annos, que ainda não podia reflectir sôbre nada sem estar coçando as azas do nariz.

A mudança de regimen da vida é como uma mudança de casa: deixa sempre estragos, além de representar uma perda de tempo. Quando está para mudar de professor, o estudante affrouxa no seu trabalho, porque não lhe importa já tanto desmerecer no conceito d'aquelle de quem vai separar-se, e o outro ainda não está ali ao pé para vigiar que elle se não descuide.

Uma senhora clamava de longe para a filha: «A menina cahe e eu não posso acudir-lhe.» Acudisse-lhe antes, prevenindo a tempo a queda. E assim em tudo.

A viveza das creanças é exuberancia de vida, é expansão e crescimento. Não se suffoque e amorteça!

Quem é o meu influente politico. Entra-me no escriptorio o Walterli, todo risonho. E a Gigi, para mim, que me estava comprazendo de o ver: «Fui eu que o trouxe.»

Pobres creanças portugêsas que vão para collegios no estrangeiro! Quanto tõem de soffrer da crueldade dos condiscipulos por causa do desconceito dos nossos governantes!

Gigi, exercitando-se nas flexões do genero. Deante d'um museu. Não deixam aqui entrar meninos, expliquei. «Mas meninas?» interroga ella, talvez já com o sentimento das deferencias devidas ao seu sexo.

A Gigi, um pouco cançada do passeio, chega-se para mim, segredando-me tão baixi-

nho que tenho quasi de pegar nella para a ouvir: «Quero collo!» Mas estamos já muito perto de casa. Procuo reanimá-la para que ella faça mais um esforço: deito a correr pela alameda fóra e só páro a distancia, escondendo-me atraz d'uma arvore. Ella então, que estacara a choramingar, adeanta-se, dá a sua corridinha, passa por mim a fingir que me não vê, e logo volta como quem por fim me descobre, soltando a mais alegre das gargalhadas. E é ella mesma que, tendo assim metido carvão á sua machinasinha, desata depois para a frente, a convidar-me: «Papá! vamo-nos esconder da mamã?»

Uma provocação á auctoridade. A Gigi, do seu quarto, ao levantar: «Papá, venha cá.» Vou. E que oiço! «Quero dizer-lhe uma coisa: Dormi toda a noite com o dedinho na bôca.» Não era uma confissão de fraqueza e um pedido de protecção e auxilio para vencer a má instigação propria, não; era evidentemente um desafio, mas que, pelo seu tom jocoso, não podia ser tomado como uma affronta. Quem se havia de indignar? Pensei então quantas vezes o povo sentirá tambem a necessidade irresistivel de amotinar-se, sem

intuito aggressivo, só por alvoroço, desafôgo e jogo da liberdade; quando muito, por um certo gôsto de esgrimir com os poderosos. Essas insubordinações não fazem mal, antes são um aviso de que a auctoridade, para ser efficaz, ha de assentar na consciencia moral de cada um dos subordinados.

Uma certa desordem, quasi mesmo effervescente, das vontades é a gymnastica indispensavel do eterno apprendizado da ordem. Mesmo na guerra, nos campos de batalha, se vai reconhecendo cada vez mais o valor da livre personalidade humana.

Os avós, não contentes de animarem demais as creanças, ainda põem ao serviço das exquisitices d'ellas a sua auctoridade. «A Quina não come d'isso» reforça minha mãe.

Para tudo ha uma occasião, depois da qual já do mesmo acto podem surgir inconvenientes e transtornos. Por isso os que não desejam practicá-lo, deixam passar a verdadeira opportunidade, e em seguida desculpam-se com os contratempos. «Está a deixar arrefe-

cer o leite de todo» observa a mãe. E a Gigi, que a custo o toma, d'ali a pouco, para não beber mais: «Mamã, já está frio.»

Não é numa aula de lingua que se pode principiar a estudá-la. Diz-se: Como é que um estrangeiro que não sabe ainda o portugês, ha de ir para uma aula de botanica, que se ensina em portugês? Pois em estudos como esse é que elle poderá começar a colligir o seu novo vocabulario e a pensar na nova lingua, base indispensavel para entrar na grammatica. Por isso na eschola primaria não pode ainda haver especialmente aula de lingua materna. Apprende-se com tudo.

A Gigi, trazendo-me uma margarida: «Põe ao peito... Aqui!...» E ella mesma m'a mete na lapella. D'esta todas as petalas dizem: bem me quer.

A dissimulação. A uma rapariga que pedia para ir ter com as suas condiscipulas, o pae perguntou: Tens que estudar? E, como ella respondesse que sim, que sempre lá tinha que estudar, deixou-a ir. Soube-se depois

que o seu motivo era outro; mas ella não se contrariou, porque, dizia, não tinha declarado que ia para estudar, nem ninguem lhe perguntara porque era que queria ir.

Precisamos de ir na frente da civilização. E como, estando tão atrazados? Pela superioridade do nosso methodo de educação. Trate-se de o achar.

As palavras ainda estão longe de acordar ás creanças o apetite sequer. Pergunta-se á Gigi: Quer peras? Não responde. Mostram-se-lhe: senta-se á mesa.

É indispensavel simplificar o ensino. E quanto se pode! Vejam a historia. Que acervo de boas e más acções! Quando o que se deve procurar dar á creança, é o conhecimento do progresso moral, ainda que se lhe tenha de referir, é claro, atravez de que contrariedades. Ella deve tirar da historia a moralidade de que só o bem é perduravel e o mal dura apenas o tempo que leva a destruir-se.

Astronomia infantil. A Gigi muito gostaria

de brincar com as luzes do ceu. Enleva-se a contemplá-las, e, vendo-as a scintillar, como que a adejar, chama por ellas: «Psiu! psiu! vem cá!»

As pessôas que se não querem gastar nos pequenos serviços para se guardarem para os grandes, estão como as que nunca escrevem, sempre á espera de grandes acontecimentos para escreverem grandes cartas. Raro ha occasião para grandes serviços, e, quando mesmo depois appareça, não estão habilitados para elles os que não se prepararam, prestando os pequenos serviços, ordinarios, communs, vulgares.

No *atelier* d'um photographo. Quando a mãe quer que a Gigi fique quietinha para tirar o seu retrato, que está o homem á espera, ella abraça-se-lhe ao pescoço: «As duas! assim!»

A Gigi, ao chegarmos os dois, numa volta de caminho, deante d'uma bella paisagem suissa, chama, sensibilizada, a minha attenção: «Olha a vista, papá!» E eu olho para a paisagem e para ella. Que delicioso quadro!

Para nos livrarmos do desleixo não é mau remedio aborrecer-mo-nos com o dos outros. Um rapaz que nunca esvasiava a bacia do seu quarto, tantas vezes lhe deixou nella a agua suja um condiscipulo, que era seu hospede, outro que tal desleixado, que elle, depois de a despejar, de todas essas vezes, para poder servir-se da bacia, passou a emendar-se, despejando-a tambem, quando era elle proprio que acabava de se lavar.

As mães, quanto mais soffrem pelos filhos, mais parece que lhes querem. Mas, olhem, não cheguem elles a pensar que, para serem queridos, as hão de torturar.

Certa senhora, mãe de dois rapazes, o mais velho optimo e o segundo grande estroina, sahia sempre, dando o braço ao mais novo; e eu admirava-me. Coitada! era para ver se o levantava no conceito publico. E, depois, quem sabe? talvez que se, a exemplo da mãe, os outros pudessem ainda considerá-lo, elle tomasse gôsto por considerar-se a si proprio tambem.

Os filhos dos ricos são educados no egoismo.

Não lhes falta nada, não estão habituados sequer a esperar. Para terem tudo quanto ha, nem precisam de o pedir ou sonhar. É outra coisa na familia do pobre. Vejam esta. A pequena mais velha olha pelos irmãositos, que não se cheguem para o lume ou vão cahir e magoar-se, e, dos rapazes, um guarda as ovelhas na bouça, e o maiorsinho já anda á sogá dos toiros, de grande aguilhão em punho, ajudando o pae a lavrar e a gradar as terras. Com estes e outros serviços se vão todos creando para bem.

A logica arrebatada da juventude tem cada absurdo! Entre dois pequenos nadadores: «Dei uma pancada com o peito na agua, que nem que batesse numa taboa.» «Devias atirar-te de cabeça para baixo.» «E ainda havia de levar as mãos adeante para cortar a agua.» «Não! não era preciso. Cortava-la com a cabeça. Então, quando alguém se atira de pés para baixo, tambem leva as mãos adeante?»

A Gigi, que ia a comer uma pera, como eu lhe disse que a dêsse primeiro a descascar, tirou logo do prato outra maior em que lhe tinham ficado os olhos: «Então é preciso

esta!» De certo, tendo-se de descontar a casca.

A Gigi quasi nunca dá de todo. Reserva, em regra, para si os direitos de senhorio; rejeita com grande copia de chôro a minima tentativa de sub-emphyteuse; e mesmo o uso-fructo, reparte-o apenas. Já não é pouco se ella diz que empresta. Agora mesmo: «Papá, está aqui uma rosinha, ponha-a ao peito.» E, mal eu a puz: «Dê para eu levar ao Miguel.» Cuidam que seja tambem por collectivismo, como quando reclama o que é dos outros? Não, porque ella acaba sempre por fazer valer o seu titulo de propriedade. A pobre rosa, por exemplo, ha de ir morrer-lhe ás mãos, desfolhada afinal por esta cruel amiga.

A vida é como uma viagem. Acontece ás creanças o mesmo que ás senhoras que andam sempre acompanhadas: deixando-se sós, não dão com o caminho.

A Gigi, enriquecendo a lingua. Sabem que, á falta do termo proprio, muitas vezes se generaliza o sentido d'uma palavra que originariamente só servia para exprimir um factio

especial. Assim se diz azulejo amarello ou verde, e agora se vai dizendo embarcar numa carruagem ou num comboio. Gigi emprega o mesmo processo. Eu tinha-lhe dado um lindo guarda-sol de côres. E, como ella pretendesse levá-lo á rua em dia de chuva, avisei-a de que o estragava, se tal fizesse. Então sahiu-se-me com esta: «Pois dê-me um guarda-sol de chuva!»

Ai, a collectivista Gigi! Passa uma senhora com um ramo de flôres na mão. E ella: «Dê-me as flôres que a senhora leva! Dê-me uma d'aquellas.»

Eu estava admirando o arrojo nautico com que um rapazito se metia de botas á agua para manobrar um navio de papel, quando outro quadro em terra firme chamou a minha attenção. Um mimalho, de lagrimas ás bagadas pelo rosto, atroava os ares com os seus gritos doloridos contra o irmão mais velho: «Tirou o boneco do Paulito!» Havia effectivamente um pobre Paulito, quasi ainda de collo, que assistia ao caso, entre indifferente e estupefacto; e era esse o legitimo proprietario, a quem o pequeno mais crescido qui-

zera, num movimento de justiça, restituir o gôso do boneco, arrancando-o para isso aos braços do choraminga. Lembrei-me então das vezes que os poderosos, simulando aggravos aos fracos, fingem que sahem em defesa d'elles, para aleivosamente suscitarem a animadversão publica contra os homens que tiveram a coragem de arrostar com os seus privilegios e abusos.

Nós somos responsaveis do desenvolvimento egoista das creanças. Se alguma não se presta de prompto aos serviços que lhe ordenamos, dizemos «Não se pode contar com ella»; e recorremos a outra pessôa. Quando o nosso dever era insistir, desentorpecendo-a. Mas não temos a paciencia de esperar. Pois é indispensavel dar tempo a que as creanças que são assim arrastadas, se despachem. Pouco a pouco, pela propria prestação dos serviços, ellas irão acordando o seu altruismo, até o pôrem sempre alerta.

A Gigi já conta tanto com o seu allemão, que, pedindo á creada a bola de jogar— «Sophie, die Bulc!»— se volta muito admirada para mim: «Papá, ella não entende!»

Para que serve uma lavadeira? Imaginam que é só para lavar? Como lhes faltam as azas da imaginação artistica! Apprendam com a Gigi. «A lavadeira está cá?» «Não! para que era?» «Queria a espuma para fazer bolas de sabão.»

Ai, a leitura! Cautela, que ella não seque os corações! «Adeus!» diz e repete ternamente uma pequerrucha, a correr num carrinho pelo declive da rua. «Adeus!» responde-lhe já um pouco distrahida a irmã maior-sinha, com um livro aberto deante dos olhos.

De tudo nos enfadamos, menos d'amar. A Gigi não quer comer nada. «Então, nem o bôlo que fez a Manoela?» pergunta-lhe a mãe. «Não! só quero a Nella cá.» O que era como se dissesse: Essa, quero eu sempre.

Até para fazer a alguém o serviço de o instruir é preciso poupar-lhe a sua susceptibilidade. Senão o mestre torna-se num adversario humilhante e por isso mesmo odioso. Dará a lição; mas o discipulo, vexado, volta-lhe para sempre as costas. Eu entrava com alguns amigos no Museu da Sociedade

de Geographia de Lisboa, quando, adiante de nós, um individuo com ademanes de entendido, apontando para uma preciosa reliquia do palacio de Affonso d'Albuquerque, explicava a outro: «Magnifica peça de ceramica!» É de madeira, observei para o lado. E, indo logo um dos meus amigos para elucidar, eu detive-o: Não lhe dê esse desgosto! Effectivamente até o outro se sentiria comprometido. E era tão pouca coisa a noção que, em troca, se lhe ministrava, que bem podia esperar por melhor vezo.

As creanças, em crescendo, banalizam-se. E a escola, com os seus processos uniformes, contribue muito para essa perda de originalidade.

Os pequenos veem-me dizer que as tangerinas estão muito maduras, e que é melhor apanhá-las, porque senão levam-no-las todas. Têm razão. Acompanho-os. Começámos por uma tangerineira pequenina. «Já vieram a ella!» exclamam. Elles, que o dizem, lá o sabem. Pois, apesar das crestas que levou, ainda está carregadissima. Que linda! Que-damo-nos suspensos, a admirá-la. Um, mais

guloso (quem foi? é difficil dizê-lo, talvez eu) vence o encanto e colhe as primeiras tangerinas: logo todos á uma nos deitamos a ellás. É colher, colher, colher, num nunca acabar; mete-se a mão, o braço, o corpo, e ei-las a resurtirem de todas as partes. Não é já colheita, é lucta, é refrega; e ellas defendem-se vivamente com todos os seus picos. Cançados, quasi iamos desistindo. Mas é dia d'annos de minha mulher. Reanimamo-nos. Novo recontro; e, dentro em pouco, victoria! entramos-lhe pelo quarto a dentro com um grande cesto acogulado, uns a terem mão nelle pelas azas, os outros pelos bordos. «Um milheiro!» declara o Dino, que as contou. «E d'um pé só, que não tem a altura do papá» elucida o Domingos. Minha mulher fica a olhar, fixamente, como se as tornasse a contar; e eu bem lhe leio no olhar: «Tantas! e não poder hoje reparti-las tambem com os que estão em Zürich, tão longe!» Volto-me para me escapar: dou com minha mãe e o mesmo olhar.

Eu, que aconselho sempre a viagem em compartimento de 3.^a classe, sobretudo para pequenas distancias, por causa da compa-

nhia, ás vezes, por mais que queira dar o bom exemplo, não tenho remedio senão comprar com as pessôas das minhas relações, que preferem mais commodidades. Mas luxo como hoje nunca tive. O Dino e o Domingos vieram-me chamar para eu ir ver o comboio que tinham feito com os seus solidos de construcção. Era enorme. Carruagens de todas as categorias. «No salão vai o papá» declara o Domingos. E o Dino, para que eu saiba bem o que me offerecem, faz-me notar: «Tem corôa em cima». Salão regio, nada menos! Que fazer, senão acceitá-lo, para não descontentar os meus bizzarros subditos?

Rectificar um espirito é bem mais difficil do que desempenar uma trave, aprumar uma parede ou canalizar uma torrente. É mesmo uma outra orthopedia, muito mais melindrosa. A não ser que o proprio operado ajude á operacção.

A falta de convivencia entre homem e mulher torna-os demasiado impressionaveis um para outro. Dá-lhes quasi uma doenca nervosa, quando se encontram. É preciso educá-los juntos.

As nossas raparigas não estão educadas para se entreterem deante da natureza. Por isso lhes não appetece sahirem sós, de passeio pelas praias, para os campos, até ás altas montanhas. Os seus pontos de reunião são unicamente aquelles em que se cultiva o sonho do casamento.

Nós é que muita vez infundimos á creança uma fôrça de resistencia para que ella, de per si só, não se sentira com capacidade. Somos nós que lhe cultivamos os seus desmandos. A cada instante lhe dizemos: Deixe pôr-lhe o guardanapo; deixe vestir-lhe o casaco; deixe lavar-lhe a cara. Ainda ha pouco, minha mulher para mim, de dentro do quarto de banho: «A Gigi não quer sahir da agua!» Está claro que foi quando ella menos quiz. Toda desvanecida com o seu triumpho, gosou-o. Para que hão de sobreexcitar desproporcionadamente a personalidade infantil? D'outras vezes, então, cahem no extremo opposto.

Como a figura da patria avulta a distancia! No estrangeiro até para a Gigi já ha um *Portugal*.

A Gigi, consciente da dependencia em que ainda intellectualmente vive da mãe, quando lhe perguntem por qualquer coisa que desconheça, «Não sei. A mamã sabe» responde.

Um dia, um rapaz reclama do irmão as botas que elle lhe calçou. E, no dia seguinte, calça-lhe as meias. Reprehendido pela sua inconsequencia, replica — «Agora não são botas, são meias» — como se se tratasse de qualquer especie de objectos e não d'um preceito moral, superior a elles. Mas o egoismo inhibia-o de passar do concreto ao abstracto, o que já de per si custa.

Que é da Elzirinha? pergunto á Gigi, em Zürich. Resposta: «Vamos lá vê-la!»

Veja-se como estão longe do mundo os nossos escholares, que, já com o seu curso, e ás vezes ainda por muitos annos depois, nem servir-se sabem a uma mesa. Como se péga na faca, no garfo, por onde se mete a colher na bôca, a maneira de tirar a comida para o prato, tudo ignoram, despertando o sorriso dos circumstantes. E as senhoras,

para quem essas faltas representam desattenções sociaes, grosserias, não lh'o perdoam.

A memoria da Gigi, 3 mezes e meio depois de sahirmos de Portugal. Quem mandou de Coimbra estes jornaes ao papá? «Não sei... Foi o José Elysio.» É muito a memoria do coração, agradecido.

Para os nossos actos ha tambem um limite normal de elasticidade, a que elles de ordinario se cingem. Quando, ultrapassando-o, uma creança rompe num excesso qualquer, é quasi certo que é por imitação d'alguem mais crescido. Vendo a Gigi, de grande collér na mão, meter d'uma só vez umas poucas de cerejas na bôca, olhei logo ao lado para os irmãos, e o sorriso d'um me respondeu.

Os rapazes desejam tanto ser uns homens, que vão facilmente até á insolencia para mostrar que já podem medir-se com as pessôas grandes. Sem nos prestarmos, pois, ás suas veleidades, respeitemo-los para que elles nos respeitem.

A Gigi não tolera que se faça menos d'ella. Vão dar-lhe o leite pela chicara d'outrem! Não o toma. Os outros tẽem cada qual a sua, ella quer tambem uma para si. E basta que haja cahido sobre a chicara um pingo por fóra ou pelos bordos, para ella desconfiar que já serviu a alguem e recusá-la. Com os pratos é o mesmo. Hão de mudar-lh'os, como ás pessôas grandes. As creanças, de mais a mais, desde que lhes não appeteça d'uma comida, já nem vestígios d'ella podem ver deante.

A Gigi parece já perceber que o medo provoca as doenças. E foi talvez d'outro dia se lhe dizer, quando ella chorava por ter trambolhado, a correr deante d'um cão: A menina teve medo, fugiu e cahiu. O caso é que hoje, não querendo a mãe deixá-la sahir sem casaco, porque fazia frio, ella protestou: «Não tenho medo, mamã!»

Nada de intervenção estrangeira! As creanças repellem sempre todo o auxilio que deprima a sua personalidadesinha.

Um que não acreditava na egualdade dos

dois sexos. O meu filho Antonio, que era ainda pequeno, quando fez o seu primeiro exame numa escola industrial, veio todo contente para casa participar-nos que tinha tido os mais altos valores. E accrescentou: «Só uma menina teve os mesmos, mas foi uma homenagem.»

É mau que as creanças estraguem qualquer coisa, mas tambem com alguma se hão de entreter. E, se tudo lhes arrancam das mãos, ellas não apprenderão a pô-las em nada.

Muitos paes, para as afastarem dos objectos de valor, estão sempre a dar-lhes brincadeiras. Não basta. A vida não é só um jôgo. E tal regimen parece apenas inventado para commodidade dos paes, que, a troco de pequenos dispendios, pretendem forrar-se ao trabalho da vigilancia. Afinal o que acontece, é, pelo contrario, que as creanças, senhoras dos seus brinquedos, dão livremente cabo d'elles, e, habituando-se assim á destruição, ainda se tornam mais ameaçadoras e rui-nosas.

Conheci uns conjuges que, já não tendo

que comprar para divertir os pequenos, não podiam, coitados, dar dois passos com elles, que não ficassem torturados e corridos das suas diabruras. Por fim, para socegarem, meteram-nos num collegio. Felizmente que o director era um homem sereno, de bom senso e paciencia, e os pequenos puderam começar a sua regeneração, introduzindo-se no ascensor da comida para ir ver a cozinha. A cara que não faria a cozinheira! O director, esse, encontrei-o eu maravilhado de tão original desplante de curiosidade, como quem revia nelle as epicas audacias do genio portugûes. Os rapazitos tinham futuro, prognosticava.

Por mais que se leve de prevenção para viagem, nem todos os accidentes podem lembrar, sobretudo quando se vai com creanças. Aqui está agora a Gigi, afflicta, em brados, no comboio, porque se lhe rasgou a capa do lindo papel pintado do chocolate e não ha com que a collar. Que imprevidencia, na verdade! Fica-me de memoria para outra vez.

Para as creanças, o mundo é ainda uma magica cheia de maravilhoso. Vê-se na sua

linguagem. A Gigi communica a uma pessoa das nossas relações que tem mais um brinquedo. E, para lh'o mostrar, annuncia theatricalmente: «Vai apparecer!»

A Gigi, subindo a escala da vontade, já passou de querer satisfazer os seus desejos a querer cumprir o seu dever. «Papá, aqui estou! Hoje não foi preciso ir ninguem buscar-me. E o papá chamou? não! Eu vim» diz ella, toda contente do seu valor moral. Até então não havia realmente meio de arrancar ás brincadeiras para o banho.

Como muita gente faz tudo! Basta ver como se lava. Gasta agua e sabão, inutiliza a toalha, e ainda fica suja.

Algumas pessoas que se têm por instruidas, dizem: «Não sei falar com senhoras.» E dizem-no com certo desgosto involuntario de si, mas com muito desdem por ellas, como que lamentando que a sua grave cultura masculina não possa casar-se com a futilidade do bello sexo. Pois a culpa é principalmente sua, d'essa mesma cultura de que se desvanecem, que é tão abstracta como

inane. Estudassem a vida, conhecessem-lhe a trama e os pormenores, e já de todo assumpto, por mais insignificante, tirariam conversação. A mulher leva-lhes nisso grande vantagem; o seu talento social não é feito de futilidade, mas de observação e de critica. E felizmente para ella o ensino não lh'o suffoca tanto como ao homem: para o reconhecer, basta comparar as cartas que os rapazes ou as raparigas escrevem dos collegios. Assim como não sabem falar com senhoras, experimentem e verão que tambem não sustentam uma conversação com o povo, tão pouco estão em communicação com elle. A sua instrucção, letrada, parasitaria, não tem raizes livres por onde possa vir a elaborar uma seiva propria, desatando-se em flôres e fructos originaes. E é curiosa a conclusão: que a cultura verbal nem para falar sirva.

Quadro suisso. Entretendo a tres. Uma rapariga que diverte o irmão mais novinho, recortando-lhe bonecos de papel, com os jubilos do pequerrucho enleva o do meio, e no contentamento d'ambos se revê.

Que precioso veu a Gigi fez do ramo de

flôres que lhe trouxe a Manoela! E, com elle sôbre o rosto, quanto derriçou comnosco! Quando mais nos encantavamos com os seus olhos, dava-nos, em vez d'elles, os das papoilas, para logo redobrar o nosso enleio, desvendando-nos de subito todas as suas graças sob um diadema multicolor.

O escrupuloso asseio da Gigi, que até a rua receia sujar com o pé d'uma pera! «Onde deito isto, papá?» pergunta-me, ao voltarmos para casa. A mãe tem-lhe dito que se não deita nada para o chão...

Um joven português, a quem se gabava o que já sabia de allemão, quiz ainda encarecer-se, declarando que apenas o estudara durante tres mezes. E, d'ali a pouco, o mesmo apreciador voltou-lhe: «Para tres mezes effectivamente não fala nada mal.»

Muitos rapazes fazem ao que estudam, o mesmo que quasi toda a gente faz aos jornaes, depois de lidos, que os deita fóra. Até por presumpção desprezam o seu saber; e tanto o atiram fóra, que dentro em pouco ficam sem saber nada outra vez.

A Gigi adquiriu em Zürich a noção abstracta do idioma. Mas, como mistura o português com o allemão, embaraçada com a sua propria linguagem, pergunta: «Que é que falo, mamã?»

Ha pessôas que vivem eternamente no paiz ennevoadado das incertezas. As suas idéas não passam nunca de esboços cahoticos. Metem em tudo: «Não sei o quê», «Não sei onde.» E tambem: «Uma coisa», «Um sujeito», «O senhor coisa.» Lembro-me d'um rapaz que, já na Universidade, uma vez, no seu acto de exame de physica, se expressava sempre nesta linguagem aérea. Não sabia o nome de nenhum sabio. E cada apparelho que descrevesse, era todo composto de coisas: Uma coisa, á direita; uma coisa, para cima; uma coisa, adeante...

A mulher não ha de fazer politica? Então não ha de occupar-se já não digo da sua, mas da sorte do seu marido, dos seus filhos, ella, que é toda dedicação?

Os rapazes, em não entendendo bem o livro que estão a ler, dão-lhe cada repellão

e voltam-lhe as paginas com tal desabrimento, que nem que o pobre livro tivesse alguma culpa. Que admira, se tambem os nossos deputados, quando as discussões não lhes correm ao sabor, quebram as carteiras!

A bôa indole infantil. Tolstôï nota o perfeito estado de benevolencia das creanças para com todos, tão raro nos adultos.

O estudante só começa propriamente a valer, quando já pode com as suas faculdades e pega nellas e as levanta para um ideal. Então já não estuda só passivamente, de professor ao lado, mas por si, por imposição da sua consciencia, que lhe aponta um destino. É preciso fazer-lh'o descobrir o mais cedo possivel.

Pela emotividade se governa. Ha só esta differença: governar com as bôas ou com as más paixões.

Na Suissa, as familias de differentes cantões trocam os seus filhos para que elles estudem reciprocamente as tres linguas nacionaes.

A grande victoria do professor é que o discipulo o dispense. Deve ser essa tambem a de todos os outros preceptores: dos governos para com os povos, das metropoles para com as colonias.

Na Suissa já se vai reduzindo o tempo d'aula. Já deixam livre a tarde do sabbado; e o reitor Werder propoz no ultimo congresso de hygiene escholar que se reduzisse d'um terço, não havendo lições de tarde nas classes inferiores e sendo livres nas classes médias tres tardes por semana. Seria já parte do caminho andado. Mas para quê? Que hão de fazer os estudantes nessas tardes? dissipar-se? Eis o problema. A reduçção do horario é indispensavel, não como descanso d'um estudo excessivo, mas para reunir o estudo com o trabalho, a aula com o officio, com o modo de vida.

Poucos professores! Por isso, no meu plano de organização das escholas industriaes entravam só dois para o curso primario complementar (ou secundario inferior), um de letras e outro de sciencias.

A injustiça desautoriza tanto, que é frequente, quando alguém está sendo reprehendido, lançar tredamente esta caramunha: «Os peores são sempre os que passam por bons. São sempre os mais queridos.»

A herança é sexuada também, ha qualidades e defeitos que se transmitem exclusivamente dos paes aos filhos ou das mães ás filhas.

O que torna tão laboriosa a educação, é que as tendencias individuaes não se manifestam logo, e, quando julgamos o character d'um educando já solidamente formado, de repente assalta-o a inclinação para um vicio que os progenitores contrahiram nessa idade e que só na mesma idade tende a reproduzir-se.

Queixamo-nos ás vezes das pessôas divertidas, porque se não prendem nas suas affeições. Não fazem nada pelos outros, diz-se. Mas já não nos fazem pouco bem com a sua alegria.

Amigos, amigos; negocios á parte. A Gigi

tinha corrido para ao pé da fonte, e debalde um amigo nosso, que fôra por ella, a chamava. Attrahida pelo encanto da agua, não era capaz de vir acabar de almoçar. Então, para ver se a decidia, aquelle amigo disse-lhe: «Se não vem, eu vou-me embora.» Santas palavras! O que ella mais queria, era justamente que a deixassem. Mas cortez até ali! Fez-lhe logo as despedidas com o seu melhor sorriso: «Adeus, sr. H.»

Toda a sciencia tem as suas raizes nas concepções mais vulgares. Reducção ao mesmo denominador, por exemplo. Não é preciso estudar arithmetica para a apprender. Ninguem somma duas peras com tres laranjas, mas todos dirão cinco fructas. Fructa é o denominador commum.

O fim não justifica os meios, nem mentalmente. Não é licito raciocinar, como tantas vezes se ensina, até na mathematica, com vista só no resultado. Fazer uma operação para obter um resultado não é dar a razão d'ella.

Muitas pessôas não fazem vida intima com

os filhos, e depois queixam-se de que elles a procurem fóra. «Preferem-nos os estranhos!» exclamam resentidamente. Pudera! A culpa é sua. Com alguém hão de elles viver em intimidade.

O passeio, como tudo, só sabe bem em companhia. Uma pequenita suissa dos seus 4 annos, uma vez que sahira sem a tia, sua companheira habitual, disse-lhe, logo que chegou a casa: «Sem ti, não torno a passear.»

Por isso tambem reciprocamente, se a tia lhe faltava algum domingo, ella lastimava-a: «Não sei como pudeste passar um dia sem nós!»

É verdade que tinha tanto amor á tia, que, perguntando-se-lhe «Quer-lhe muito bem?», ella respondeu «Terrivelmente bem.»

Expressão justa. Terrivelmente bem é de facto como tantas vezes as creanças nos querem.

É natural que as familias, as corporações, as nações, se segurem como os individuos, e d'ahi o patrimonio d'umas e d'outras. É o fundamento do direito da herança, o funda-

mento da propriedade domestica, corporativa ou nacional.

Que seria da vida domestica sem as creanças; principalmente das pobres creadas, quasi sempre metidas em casa? «Que irá pela cozinha? Que estralar de gargalhadas!» Minha mulher vai ver: «É a Sophia com a Gigi.»

Como se descança d'um braço? É sustentando o pêso com o outro. Não assim o espirito, que não tem duas intelligencias ou duas vontades. Como se descança de andar de nivel? É, subindo ou descendo. Não assim o espirito, que se não divide, sem se mutilar. Mas as nossas faculdades não se põem sempre em igual tensão; e, para descançar espiritualmente, basta mudar de trabalho. Todas as faculdades devem trabalhar ao mesmo tempo, mas ora mais, ora menos, umas do que outras.

A voz das reivindicações equalitarias aos 5 annos. Uma creadita, vendo uma das filhas da casa com os dedos cheios de anneis, pede-lhe um; e, como a menina se mostre abes-

pinhada com o atrevimento, ella pondera simplesmente: «Tem tantos!»

Como se fazem os maiores sacrificios? Pelo estimulo dos nobres exemplos? Nem tanto. É sobretudo pelo amor. Ali está um menino bonito, valente teutonico, que, ainda que a custo, lá vai engulindo a sua sôpa toda, com os olhos e a esperança no mais. Tem a mesma idade da Gigi, e aponta-se-lhe como exemplo; mas ella, por mais que deseje imitá-lo, não é capaz de tamanha heroicidade. Mete apenas duas colhéresinhas á bôca, e logo desanima. «Não posso», que é com o que ella dá sempre. Já veremos se pode ou não. Vou-lhe direito ao coração. «Pois trocá-la-ei por aquelle menino, até a Gigi aprender com os paes d'elle a tomar a sua sôpa toda!» Jesus, que choradeira! A irmã tira-lhe de deante o prato fundo d'odioso conteúdo, um offerece-lhe batatas, de que ella gosta tanto que as pede em duas linguas, outro, dôce, o irresistivel dôce. Tudo recusa; saltando da cadeira abaixo, vôa para a mãe e cinge-se-lhe á saia em profundos soluços. «Aqui está o que foi fazer!» parecia dizer-me a consternação geral dos semblantes, a co-

meçar nos severos allemães, tanto todos a amimavam. Eu, impassivel, calado. Eis senão quando, como quem toma uma grande decisão, a nossa amoravel Gigi volta para o seu logar á mesa, e, serena, afastando para o lado os outros pratos, reclama com voz firme: «O meu prato de sôpa!» Escuso dizer que a não troquei por ninguem, nem pelo bonito allemãosinho, e não foi mesmo preciso para isso que ella tomasse a sôpa toda. Como havia de ter a crueldade d'esperar por tamanho sacrificio?

Ha creanças que, sem terem lição, não podem estudar. Não é, porque precisem da coacção externa do professor ou do seu auxilio. Não! precisam do espectaculo, precisam de apparecer, de mostrar-se. E não é só vaidade. É tambem para mostrarem prestimo. Bem digo eu que o estudo não deve andar desacompanhado dos serviços, e, logo que seja possivel, d'um officio.

Não só custa a combinar duas emoções oppostas, custa mesmo a tê-las a um tempo. As creanças, e muita gente assim é, quando se divertem, mal comprehendem que o seu

entretenimento seja penoso aos outros. A Gigi, tão contente está de si, a arrastar a cadeira onde a mãe se apoia, que, apesar d'ella a admoestar de que vai fazê-la cahir, mal pode romper com o seu prazer, e implora: «Só mais um bocadinho!»

Aspirações da Gigi em Zürich: Ir para Coimbra para pegar na Elzirinha ao collo. Ir a Villa Nova de Famalicão ver a Rita, as manas, e para mostrar á avó as suas amiguinhas suissas, Sophia e Irma.

Quanto as creanças nos não são superiores! São ellas que se vêem pelas ruas, ás tres e mais, de mãos entrelaçadas. Ás vezes vai assim, ou de braços pela cinta e pelos hombros, uma ninhada inteira, e ainda os dos extremos com os pequerruchos ao collo.

A Gigi vai para a janella esfregar as mãos ao sol. Que está a fazer? «Estou a lavar-me.» A luz parece na verdade escorrer e agitar-se fluidamente. E basta á Gigi a riqueza da sua imaginação poetica para ter o luxo de se lavar com o ouro liquido do sol!

Dupla personalidade. A Gigi, que andava muito entretida a brincar, chamou-se, chamou-se, e nada de vir. D'ali a pouco, prompendo na sala, «Aqui está a Gigi!» annuncia, como quem tivesse conduzido até ali outra pessôa. É que effectivamente a Gigi, livre e obediente, conseguira trazer consigo a outra Gigi, a que se chamava e, surda a todas as vozes, não se mexia, de absorta e possuida que estava pela brincadeira.

Tambem ha uma inercia, uma preguiça, da vontade. Não é de repente que mudamos de determinação.

Ha pessôas que estão sempre promptas, e sempre se declaram aptas, para tudo que não tenham de fazer. São sobretudo para grandes coisas.

É um grande entretenimento brincar com a agua, que parece ceder e furtar-se ao mesmo tempo aos nossos caprichos, e, quando menos nos precatamos, nos borrifa e molha da cabeça até aos pés. Logo ao fechá-la na concha da mão, e ella a escorregar entre os dedos, é delicioso. Faz sempre vontade de soprar-

lhe, de a esparrinhar, de chapinhá-la, de nos atirarmos para dentro d'ella, de braços e pernas, com o corpo todo. Quem ha que num dia de chuva seja superior ao desejo de sahir para o meio da rua a molhar-se? Veja-se como então as raparigas vão todas alegres, a correr, de saias arregaçadas. O prazer que é para as creanças só o pisar o chão molhado, em que os pés tanto se pegam como deslissam! E, se ha pôças a saltar, que gritinhos e risos! Um pequeno, no seu entusiasmo, chegou a affiançar-me que, á chuva, andaria leguas. «E, se fôsse com um casaco de oleado, onde sentisse a bater e a escorrer a agua!» Onde iria parar? Como quem dissesse: se fôsse com o meu escudo, quem me faria frente? É o entusiasmo da lucta, que não é só a lucta do homem com o homem ou com os animaes, mas a do homem com a arvore a que trepa ou quer abater, e com o monte por onde sobe ou desce, com a agua em que mergulha e com o vento a que arremete. A completa victoria do homem sôbre a agua é a natação. Desde então está conquistada para tudo mais. E elle pode sôbrepôr-lhe jangadas, embarcações, e habitá-la, navegá-la.

As creanças tẽem, mais que tudo, fome e sêde de sympathia; o que ellas principalmente pedem, é que lhes queiram bem. Com um beijo, um abraço, uma simples festa, logo se acalmam.

A psychologia infantil é fundamental para o educador. A maior parte da gente não trata bem as creanças, porque as não conhece e julga maldades o que não é.

A Gigi, cuidando muito a serio do bem-estar dos seus bonecos: «Feche a porta, que eu estou adormecer o coelhinho. A mamã vem aqui: elle não pode dormir.» Assim reclama a autonomia administrativa. Nada de tutela perturbante!

O que é a repetição dos actos! Dá-se a uma creança um pau de chocolate: não pede mais. Dá-se-lhe segundo: vem logo pedir outro.

A acção temperante do clima suisso, que, depois de residirmos algum tempo em Zürich, já a nossa Gigi, toda nervosa, pede para dormir ao meio dia!

Algumas pessoas estão sempre tão descansadas ao pé das creanças, que é como se estivessem leguas distantes; por isso nunca chegam a tempo de lhes acudir e livrá-las de fazerem qualquer tolice e maldade. Não é propriamente descuido, é inercia d'alma.

Sahindo eu de casa em Zürich, «O papá aonde vai? vai buscar a Rita ou jornaes?» pergunta a Gigi. Na sua idéa, os jornaes seriam para mim, e a irmã para ella. Ai, quem no-la déra a todos cá, essa Rita!

Para as creanças não sujarem a roupa, não as deixam brincar. Não é por amor do asseio, é para não terem o trabalho de lh'a mudar e lavar. Melhor as deixassem nuasinhas.

Modere-se a mobilidade da creança; pois, embora imprescindível para o seu harmonico desenvolvimento, é de recear que descambe em volubidade e versatilidade. Até á memoria dos seus prazeres é preciso chama-la, para que nem com elles mude ligeiramente demais.

A Gigi já diz em duas linguas os adjectivos

numeraes até seis, mesmo a seguir. Ainda hontem foi enumerando com o Antonio: eins..., zwei, drei, vier, fünf; e, ao parar ahi o irmão, ella continuou sósinha com grande acclamação geral: sechs. Mas essas palavras para ella não têm por ora um sentido arithmetico preciso. Não que não saiba fazer as suas contasinhas. Dá-se-lhe um dôce ou uma fructa para repartir com mais tres ou quatro creanças, distribue-os perfeitamente, guardando, é claro, o melhor bocado para si. Mas não acerta ainda com o valor das expressões numeraes. Perguntando-se-lhe se tem duas ou tres mãos, pode bem succeder que responda trocado. Por não saber? Não! Perguntando-se-lhe simplesmente quantas tem, ella então responderá de prompto: «Uma e outra.»

Emquanto em Portugal os estudantes em ferias se definham pelos cafés das cidades ou pelos *casinos* das estações balneares, na Suissa sahem todos para as montanhas em longas e asperas excursões. Um, com quem me acabo de encontrar, alumno do ultimo anno do gymnasio (lyceu), subiu a uma geleira com outros rapazes mais velhos, da

Universidade, adeante, todos de mãos dadas, fraternalmente. Que saudáveis ascensões! e como ellas deixam nas almas uma forte vibração patriótica!

É uma licença poetica! ouvem dizer os rapazes e as raparigas. E passam a pensar que as pessôas superiores, como os poetas, não têm as mesmas obrigações que os simples mortaes.

Como ha de a mulher educar os filhos no civismo, se o não pratica?

O Dino tanto instava pelo 2.º livro de leitura, que eu disse-lhe: «Pois vá buscá-lo.» E depois ao Domingos: «Vá com o Dino.» Logo a Gigi, que os vê apromptar-se para sahir: «Ó Nella, eu tambem quero ir.» «Não! A Gigi na rua, só com os maninhos!» Mas ella: «Vou no meio.» Effectivamente, assim, por onde elles fôssem, iria ella, tão direita como elles; e, demais a mais, escoltada e defendida por aquellas duas fortes columnas, de seis a oito annos, não teria perigo.

A multiplicidade dos idiomas não deixa de

travar conflictos no nosso espirito, e a todos que sabem varias linguas, acontece mais ou menos confundirem-nas por vezes. Não é pois indifferente amontoá-las; pode, quando mais não seja, fatigar-se e toldar-se a memoria.

Ainda ha pouco, depois de escrever *pensões*, olhando para a palavra, pareceu-me errada e ia mudar o *p* inicial para *b*, talvez pela interceptão da palavra *bourses*.

É delicioso ver como a fraqueza pode aquillo de que a maior fôrça não é capaz. Um pequenito arranca á irmã uma brincadeira em que qualquer pessoa não poria a mão sem os mais vivos protestos. Cede-se aos fracos, reage-se aos fortes. Tambem no mundo moral vigora a lei physica: a reacção é igual á acção.

Quem tem alma para fazer soffrer as creanças? Ninguem que verdadeiramente a tenha.

E ellas dão-nos tanto prazer, que bem nos compensam dos incommodos que nos causem.

O verdadeiro saber não se completa sem

sociabilidade. Toda a erudição tem valia, quando se lhe acha e põe a virtude, mas não passa d'um entretenimento egoista para quem apenas a possua e desfructe com a avidez do colleccionador. Que importa, por exemplo, conhecer todas as phases da lingua, todos os seus modismos, se nunca se dá nella um bom conselho a ninguem? Só para disputar, insultar? Dispensa-se a vernaculidade do odio. As linguas não são para isso.

Nos Estados Unidos chamam á gymnastica da mulher calisthenia. E tẽem razão. Ajude-se, não se contrarie e perturbe a obra natural de aformoseamento do mundo, que é principalmente o aformoseamento humano. Não se deixe perder-se e apagar-se nenhum raio das graças feminis. Mesmo o homem, faça por ser bello, como eram antigamente os athenienses e como vão sendo hoje tantos representantes da forte nação inglêsa.

O automatismo das creanças é por vezes bastante complexo. Por exemplo, pode levá-las a fazerem o mal e a virem mesmo depois confessá-lo.

Pedindo-me a Gigi uma espiguinha de mi-

lho, eu dei-lh'a, com a recommendação: «Brinque com ella, mas não vá comê-la!» Que disse eu! D'ali a pouco, sóbe ao 2.º andar, e, entrando-me pelo quarto, vem direita a mim: «Papá?» Desconfiado d'aquella boquinha que mal se abre para me chamar, pergunto: «Que tem ahi?» E ella, abrindo-a toda, deixa-me cahir no chão varios grãos de milho. Tanto eu a tinha suggestionado!

Introducção á mathematica. O que ha de mais pequeno para a Gigi, é a irmã de collo, Zirinha. É o seu termo de comparação. Vem contar-me: «Está lá em baixo um cãosinho. F'ui brincar e elle. Mas quiz levar eu, quiz a Gigi levar. Não era para fazer mal. Dissé a mamã que elle é muito bonito. É pequeninho, pequeninho, assim (afastando um tudo nada as mãos), como a Zirinha.»

Sociologia comparada. «Está lá em baixo um cão grande e outro pequenino; o grande é pae do pequenino» diz-me a Gigi.

A Gigi pede-me que lhe tire do prato as cenouras. Mas pronuncia: Senhoras. «O papá gósta?» «Gósto, sim, são muito boas. Mas

do que é que o papá gosta, de cenouras ou das senhoras?» Ella elucida: «É de mim.» Isso em todo caso, é claro, isso é que é positivo.

Um joven, rapaz ou rapariga, anda annos a apprender pintura com varios mestres. Deixem-no só: pode estar diante das mais bellas scenas, nunca mais péga no lapis ou no pincel. É como um filho de raça selvagem que regressa á vida dos bosques, ou como uma arvore que decahe no estado silvestre. Que meio este!

O alento que a musica dá! A Gigi, que anda a levar á mãe os jornaes em que separei alguns artigos para recortar, sente-se fatigada: «A Gigi não pode.» Mas, logo, no esforço de me fazer a vontade, entôa um canto, e, ao som d'elle, continúa o seu serviço.

Às creancinhas não se lhes pode dar ainda nada para as mãos para cortarem: espatifam e desfazem logo tudo. Conta, peso e medida, ainda não é para ellas. Nem comprehendem. Um objecto, cujas proporções se reduzam, se dão pela mudança, chega a não lhes pare-

cer já o mesmo. A Gigi, que vira o cabelleiro tesoirar-me a barba, voltando d'ali a pouco, exclama, admirada: «O papá cortou a barba! Mas ficou outra, não é?»

Observar, repetir e conferir as observações, constitue o fundamento de qualquer estudo. Ninguem duvida dos serviços que presta a experimentação, cujos instrumentos suprem as deficiencias dos nossos sentidos, multiplicam-nos, e proporcionam assim uma observação mais a fundo, mais larga e completa, ou mais precisa e exacta. Tão pouco se contesta a importancia da simples reprodução dos phenomenos por meio de apparelhos que nos emancipam da natureza, tornando da nossa inteira disposição os seus espectaculos, ainda os mais fugazes e incertos. Por todos estes meios nos vamos assenhoreando da realidade.

Um instrumento, que é para nós como um sexto sentido, sem o qual a observação d'um mundo inteiro, o mundo interior, nos seria defesa, é a linguagem e sobretudo a palavra. Por meio d'ella conseguimos penetrar os mais profundos recessos da alma. A linguagem é

não só objecto, mas também instrumento de observação.

Escutar é observar, falar é agir. A palavra é o instrumento physico necessario para a observação e para a suggestão das almas, a começar pela nossa: ella dá a cada homem a consciencia e o dominio de si proprio.

Para falar é preciso ouvir? Os surdos podem falar, mas só têm da palavra a percepção muscular da emissão dos sons e a percepção visual dos movimentos phoneticos. Têm d'ella a imagem motriz e optica, mas falta-lhes a imagem auditiva.

O problema da linguagem consiste não só em crear sons e palavras, mas também em dizer tudo com o menor número de sons e palavras.

O estudo das linguas vivas deve dar accesso não só as litteraturas estrangeiras, mas aos proprios paizes que as falam.

Miguel, de doze annos, escreveu estampi-

nha, em vez de estampilha. É o diminutivo de estampa.

Infelizmente a nossa lingua é o francês. E o trabalho que temos para a traduzir em portuguez! Occorre-nos primeiro o termo peregrino, e precisamos de recorrer ao dictionario para achar o termo vernaculo correspondente! Leia-se, fale-se a lingua patria.

A lingua patria descerra-nos as leis do espirito nacional, e, pelas linguas estrangeiras, communicamos em espirito com os outros povos. Do seu conjuncto resulta para nós o conhecimento da alma humana.

Curiosidade. Perguntar é excellente, comtanto que não redunde em inercia de pensar e estouvamento de palavra.

Janellas. São melhor de abrir para os lados, porque as de sobrepôr, além de que não dão tanto ar, podem cair na cabeça das creanças.

Os nossos alumnos estão tão habituados a aborrecer-se nos seus estudos, que o professor que tenha o talento de os entreter

durante a hora d'aula, corre o risco de passar para os mais mediocres por um ignorante. Parece-lhes que não aprenderam nada com elle, porque se não maçaram. Ao sabio ligam uma certa idéa de obscuridade solemne e tôrva.

A Gigi não me encanta só a mim. Quando ella vem falar-me, ahí veem logo tambem os dois irmãosinhos, e, a um lado e outro d'ella, ora a ouvirem-na, quasi de mãos postas atraz, ora a chegarem-se á frente, de bôca aberta para melhor olharêm para o rosto d'ella, tão pouco se fartam de a admirar. A magia do seu espirito prende-os ainda mais do que a das côres e perfumes das novas flôres que de manhã surprehendem em botão e a abrir nos alegretes do jardim.

Tormentosa idéa. A Gigi, apanhando-se só, tanto andou e desandou com uma esphera terrestre, que a atirou ao chão e partiu. E ella, que sabia que eu que dava por ali lição aos irmãositos, ficou muito comprometida, com a physionomia ennuhlada de inquietação e tristeza. Longe estava, porém, de imaginar toda a gravidade do seu estouvamento, quando

a Rita, que veiu logo a correr, a sermonou das alturas da sua erudição geographica: «Ai! O que a menina foi fazer! Quebrou o mundo! E podia morrer toda a gente! podia morrer o papá e a mamã!» A dôr então da desastrada Gigi não teve limites. Fazer mal a tanta gente! e aos seus queridos papás! Que horror! Nunca isso lhe viera á idéa. Varadinha, de cabeça pendida e olhos no chão, as lagrimas saltavam-lhe como punhos. Os soluços embargavam-lhe a voz. Custou immenso a socegá-la. Mal pôde falar, as suas primeiras palavras fôram: «Mas o mundo não morreu, não?» Como quem precisava de convencer-se de que no sinistro que causara, não tinha havido victimas.

O nosso tempo tudo tem democratizado, inclusivamente o dever. O dever não é só dos mestres e governantes, mas tambem dos discipulos e governados.

Façanhas da Gigi. Traz-me a minha carteira, que, não sei como, fôra parar ao quarto de costura. Quem a levaria para lá? «Foi o gato! Fui atraz d'elle, e tirei-lh'a da bôca!» Como o mundo interno da phantasia e o

mundo das realidades externas ainda se confundem para ella!

Ha rapazes que, quando fazem a outros uma pergunta, para não lhes ficarem reconhecidos, em vez de terem a voz modesta de quem pede, falam asperamente como se dessem ordens.

O amor e piedade do nosso tempo pelos pequenos, fracos, oprimidos e infelizes, manifesta-se em tudo. Assim a anthropologia, por exemplo, que até ha pouco estudava só o homem, hoje estuda tambem a mulher; só o adulto, hoje tambem a creança; só as classes cultas, hoje tambem o povo e o selvagem; só o homem normal, hoje tambem o enfermo, o degenerado.

As creanças não querem por nada ir deitar-se. Já a cabecear, se se chamam para a cama, rabujam e choram. É preciso deixá-las ir adormecendo, mesmo vestidas, onde estão: o somno vem sempre a poder mais do que ellas, e, quando parece que ellas mais reagem, subjuga-as, á mesa, sôbre o sophá, na cadeira, em posições por vezes inverosimeis, que bem

attestam a lucta travada até final. Ou hão de ir-se despindo e metendo dentro da roupa, a distrahi-las a gente com historias, deitando-se tambem ao lado d'ellas. É que para as creanças dormir é suspender logo em começo a magia da nova vida espiritual e social em que entraram. Como o hão de querer? E não tẽem ainda tempo, nem terãõ tão cedo, para se sentir cançadas da alma.

Ralhando, sem vontade, sem paixão, só para nos darmos tom, d'ali a pouco sentimõnos possessos de colera.

Façam bôa cara aos outros, e não tardará que interiormente se encontrem mais bem dispostos para tudo.

Velem por que as creanças cumpram os seus deveres. É indispensavel. Não as deixem entregues só a si. Mas dêem-lhes tambem toda a liberdade de os cumprir. Não lhes tirem a vez.

A oração da noite da Gigi. Já quasi a dormir, pergunta baixinho á Manoela: «Que é que o papá disse?» «Não sei; a mamã

disse que a Gigi se viesse deitar.» «Mas o papá?... O papá disse: Dê-me mais um beijinho!» E com esta grata lembrança se despede para o paiz dos sonhos. Quem pudera irizar-lh'os sempre das mais lindas côres?

Ao gesto e attitude correspondem movimentos e estados da alma, tanto como reciprocamente. E uns geram os outros.

Bem o sabe a Rita, e d'ahi pretende tirar recursos para o governo da Gigi, sua afilhada. Mas nem sempre com exito, que as creancinhas luctam de perspicacia e engenho com os mais intelligentes. Quanto a obra do ensino é difficil, mesmo para uma mestra de dôze annos!

São muito horas da Gigi se deitar, mas ninguem lhe fale nisso. Então a Rita, a ver se ella se vai hypnotizando até adormecer, propõe-lhe este jogo: «Feche os olhinhos para o Dino pensar que a Gigi está a dormir.» Debalde! A finoria, que adivinha o engôdo, fingindo-se desentendida, volta-se de prompto para o irmão, que está ali a ouvir: «*Pinsa, Dino! Pinsa!*» Pois, se o caso era de pensar, imaginar, porque não havia elle de imaginá-la logo a dormir?

Muita gente, quando tem um motivo para não fazer nada, logo se lhe apega. Pois motivo não é razão. E não a ha nunca para desistir de fazer o bem.

Formalismo aos tres annos. Tendo entrado uma nova cozinheira, a Gigi pergunta-lhe: «Ó creada, como te chamas?» «Sou Maria, menina» responde a creada. E só então, que já lhe sabe o nome, é que a Gigi lhe dirige o seu requerimento: «Maria, dá-me castanhas.»

A paixão infantil das historias. Foram-se todos para a cama, cheios de somno, menos o Domingos, que lhe reage. Quer historias. «Nada! ficam para ámanhã, para quando os tiver todos juntos. Agora, vá-se tambem deitar.» Mas elle não se quer resignar: «Eu vou dizer-lhes que o papá está para contar uma historia, e ahi veem todos logo.» E, se eu o deixasse ir, vinham com certeza. Podia ficar por elles.

Os primeiros superlativos da Gigi. Um, egoista: «Isto é muito meu.» Outro, altruista: «Sou muito amiga da mamã e do papá.»

É verdade que os dois superlativos equivalem-se. Nós somos também muito d'ella.

Pelos desmandos dos outros sentimos ao vivo que também os não devemos nós praticar. Este ensinamento vão os irmãos mais novos dando aos primogenitos. Já a Gigi se queixa da pequerruchinha: «A Zirinha a mexer! Olhe ella a estragar! E grita! dá uns guinchos! Já rasgou! Oh, Zirinha!» Ou: «Não deixa a Gigi ver as figuras! Não quer mostrar!»

Quando se traduz muito bem uma lingua estrangeira na lingua vernacula, não se segue que se esteja igualmente habilitado a traduzir esta naquella. Eu habituei-me tanto a verter logo em portugûes todos os livros e jornaes francêses que leio, que, em geral, o faço com a maior facilidade; mas, até por isso mesmo, por nunca pensar senão em portugûes, faltam-me amiude os significados, quando quero exprimir-me em francês.

E isto que faço, comecei-o de proposito porque me acontecia o contrario. Á fôrça de só ler obras francêsas, cheguei a ter grande

difficuldade para escrever o portuguez. Sakhia-me tudo mais depressa e melhor em francês.

Nas almas podem cultivar-se tanto as flôres do bem como as do mal. E um meio poderoso é dar o mal ou o bem a pensar. Pouco a pouco se passa a sentir e a fazer um ou outro exclusivamente.

Explicando os seus processos: «A Gigi queria uma maçã, e poz-se a chorar; e depois a Rita deu.»

O Antonio era ainda pequenito, quando me perguntou se se põe o modelo á direita ou á esquerda do papel. Referia-se a um mappa que queria copiar. Da direita, porque escrevendo nós da esquerda para a direita, vamos assim naturalmente com o olhar para a estampa.

A analyse precede a synthese. As creanças e o povo não poupam nenhuma particularidade nas suas narrativas: são minuciosissimos. Assim tambem os antigos: Homero, por exemplo.

Sem observação propria dos phenomenos, limitados á intuição vulgar, os principios que os rapazes adquirem nas aulas ainda superiores, não passam d'artigos de fé. São dogmas, d'onde pela vida adeante elles pretendem deduzir tudo. Exactamente como se tivessem apprendido por um cathecismo.

A polidez da Gigi. Apontando-me para as lavadeiras do Mondego: «Papá, olhe aquellas senhoras a lavar.»

Não é nunca perdido o tempo que se gasta a tratar dos doentes do corpo ou da alma.

A pathologia é da maior importancia para a physiologia. Começa, porque ninguem é perfeito, e mal poderíamos dar pelos nossos imperceptiveis desvios, se os não observassemos em ponto grande nos relevantes exemplares morbidos bem caracteristicos. Lembro-me de que eu não era capaz de explicar o que me impressionava nos olhos d'um nosso grande escriptor, emquanto os não vi nos olhos estrabicos d'um irmão. Depois, não falando dos estragos que nos causa o ataque e invasão d'outros seres vivos, alguns tão

microscopicos que se transmitem na geração, as molestias não provêem do apparecimento d'um elemento histologico novo no organismo, como até ha pouco se pensava, mas da desproporção entre os proprios elementos normaes da trama dos nossos tecidos pela excessiva proliferação d'algum d'elles. O que é anormal, é essa desproporção. Assim se geram doenças devoradoras e mortaes, como por exemplo, os crancros. Finalmente, é, estudando a therapeutica, o meio de combater as molestias, que nos habilitamos á prophylaxia, para as evitar.

O mesmo se passa no mundo moral. Não ha tambem ninguem perfeito. Os maus não são feitos d'outra massa. E, assistindo-lhes, a nós mesmos assistimos, para não resvalarmos no vicio.

Não se infira d'aqui que prégo a necessidade das molestias e a necessidade dos maus. Não estou fazendo a sua apologia. Prégo simplesmente a piedade por elles, até por vantagem dos bons. Infelizmente, tarde ou nunca desaparecerão. Mas, como tudo se liga, e o seu desaparecimento vai sendo a obra do mais dedicado estudo, quando os não houver, já conheceremos bastante o ho-

mem normal para dispensarmos os subsidios pathologicos.

Com a idade, já as creanças se arrebatam menos nos seus jogos. Dino, Domingos e Gigi brincavam aos bombeiros, galgando escadas, arrombando portas e janellas, assaltando telhados, cortando communições, quando, dominado o incendio, Dino, o mais velho, contendo-se, deu voz de terminar a brincadeira: «Já se apagou o fogo!» Mas a Gigi, que ardia por mais, passou logo de bombeira a victima, reclamando: «Eu ainda não estou apagada, Dino!» E, com esta imprevista complicação, renovou-se o interesse do jogo.

Não se leve o amor da ordem ao ponto de a confundir com a commodidade egoista, que se não possa sacrificá-lo ao amor dos outros. Até pelo simples divertimento alheio, não duvidemos algumas vezes desarranjar-nos.

Na Suissa, escholas não só para os nacionaes. A de Wiedikon, por exemplo, em Zürich, que é tamanha como o edificio central

da nossa Universidade, serve principalmente aos filhos de operarios allemães e italianos.

Não se deve querer tudo d'uma vez, senão quando, a dividir-se o negocio, todas as conveniencias vão logo de principio para os outros. Em geral, é de bôa diplomacia fraccionar e seriar as pretensões. Diminuem-se assim as resistencias. É ainda a applicação do conhecido aphorismo: divide e vencerás. Bem o sabe tambem a Gigi. Por isso, querendo uma caixa de dôces, que se lhe escondeu, começa por pedir só a caixa. «Que é da caixinha? A *minha* caixinha? Quero a caixinha, sem bôlos.» Que é para saber onde está. Os bôlos virão depois. Ella os reclamará a bom chôro.

Sincera. Porque chora? «A Gigi não queria lavar as mãos e a Manoela lavou. A Gigi queria brincar.» Assim se explica a propria Gigi.

Que se estuda de physica e chimica nos lyceus e até em algumas aulas superiores? Um vocabulario apenas. E o peor é que, porque se fica a falar d'uma e d'outra, se imagina sabê-las.

Ha pessôas que estão sempre a querer aprender tudo, por uma especie de necessidade physica, como se fôsem esponjas intellectuaes. Por si depois não deitam nada, precisam de quem as esprema.

Rigor de expressão. A Gigi, que o seu gôsto é empoleirar-se d'alto, vai-se a duas almofadas para as pôr em cima d'uma cadeira; mas, como ellas são de sophás differentes, pergunta-me: «Misturo, papá?»

A Gigi: «Papá, pegue esta flôr.» E, entregando-me outra: «Esta é para o papá dar á mamã.»

Gigi, de espelho na mão: «Papá, venha aqui, quero ver a sua cara com a minha.» E, depois: «Vê? que tal?» Que tal? Como não me havia de parecer a sua cara, e a minha junto á sua?

Diz-se que o primeiro ensino é o das coisas e das palavras. É, das coisas e suas expressões. A palavra, expressão a mais delicada, precisa até certo ponto de ser preparada pelo desenho e pelo canto. O que as crean-

cinhas já galream antes de falar, e o que ellas rabiscam antes de escrever!

Gigi, trazendo na mão uns ramos de cedro em fructificação: «Papá, venha sentar-se aqui ao pé de mim para vermos.»

Cada professor tem que ensinar sobretudo o amor, a justiça e a economia.

Domingos vem mostrar-me uma tangerina que cahiu da arvore. E, como visse no chão um sapatito da Elzirinha, que passou ao collo, apanha-o, assignalando a analogia: «Cahiu tambem.» Effectivamente as creanças têm ainda muito de plantas, de arbustos, são pequeninas e mimosas como as tangerineiras; muito mais lindas, é claro.

Generosa bibliophila. Visto um livro illustrado, a Gigi pede mais: «Papá, compre muitos livros á Gigi. Eu quero comprar muitos livros a mim. É para mostrar á mamã e aos manos. O papá dê o dinheiro, e eu compro.» Como ella sabe já tão bem a funcção — que neste caso me não atrevo a chamar economica — da moeda!

Uma discipula de tres annos. Estou a ler, de pé, a uma escrevaninha alta. Surge a Gigi. Percebe que o livro é illustrado, e quer vê-lo. Vou para lh'o dar. Mas ella: «Quero ver ahi.» E, puxando por um banco: «A Gigi põe-se aqui em pé e pode ver ahi.» Trepada já sôbre elle: «Eu ponho-me em pé e chego cá.» Abraçando-se a mim: «Este livro tem *muito feitura*.» E logo, como quem se emenda: «Tem muitas *feituras*.» Num instante folheia-o todo, a principio com muita attenção, depois de corrida, por fim vertiginosamente. Com que ardor a creança quer ver e aprender tudo! E tudo se tem de lhe mostrar e explicar num relampago, instantaneamente. Senão impacienta-se, exaspera-se. Parece-lhe que não sabemos nada bem, que tudo nos custa a entender. E, por mais que façamos, dentro em pouco, nem nos escuta: lá vae automaticamente desgarrada no seu movimento de curiosidade, gosando tanto com elle, que já lhe não importa ver nem aprender mais nada. Nós estacamos, espantados da carreira do seu espirito, apertando-a mais entre os braços, como se tivéssemos receio de que, no seu arrebatamento interior, ella pudesse cahir-nos do collo abaixo.

O diletantismo é uma fórmula, apenas mais delicada, de sensualismo. É o egoísmo nos actos superiores do espirito. É parar o homem com o trabalho logo onde o gôso cessa, e nada fazer senão por passatempo, nada com elevação moral, não cuidando nunca de melhorar-se e melhorar os outros.

Povo, olha pelos teus filhos, educa-os cuidadosamente, mesmo para que as graças exteriores do homem não sejam o privilegio de nenhuma aristocracia. Fá-los tambem gentis. Vai nisso a tua, a honra de tuas filhas.

O socialismo e o individualismo, ou, por outra, a sociabilidade e a independencia chocam-se ás vezes. O Domingos chora, porque o Dino não quer brincar com elle. E o Dino explica-se: «Não, mamã: é que eu quero morar numa casa só (a casa era o vão d'uma janella), e elle quer que eu more com elle na mesma casa. Eu deixava-lhe esta onde estou, ia para outra; mas elle nem assim se cala.»

Á Gigi, 3 annos, custa-lhe, quando eu

recebo a correspondencia, que não venha nada para ella. «Eu quero que o sr. Hincker (da Allemanha) mandasse uma carta para eu.» Já não cabe na esphera domestica, e mesmo a nação ainda lhe parece estreita para as suas relações.

A honradez da mocidade. Uns paes, em obediencia á tradição, tinham mandado fazer uma palmatoria para advertencia e punição d'um filho unico, que, por signal, bem a dispensava, porque era optimo estudante. E tão serio rapaz, como vão ver. Ao partirem todos tres para uma praia, tendo-se os paes esquecido de ir buscar a palmatoria, elle levou lh'a, dizendo escrupulosamente: «Ó mamã, esquece cá isto e pode ser preciso!»

Como se leva o povo? Como o Domingos leva a Gigi. Ella pede-lhe o lapis; mas elle, que o quer para si, entretem-na: «Vou fazer uma raposa, um lobo.» Assim vão os grandes embaindo os pequenos. O povo bem pede o seu lapis, isto é, o seu dinheiro, ou, em vez d'elle, a estrada, a eschola; mas os governantes gastam-no, dando-lhe em troca o espectáculo dos seus bailes e carruagens e das

suas disputas, quando não é também das suas intrigas e corrupção.

O direito da posse. Gigi, pedindo-me o lapis com que estou a escrever: «Dê-m'o. Eu preciso.» Dou. «Agora é meu.»

Á nossa chegada de Zürich, uma caseira de minha mãe vem trazer-nos um presente, e já a filha, pequenita de 4 annos, a acompanha a pé com um taleigo de nozes á cabeça. Que musculatura em tão terna idade, nas pernas e no coração!

A gymnastica deve ser sempre uma callisthenia também, para a mulher e para o homem. A belleza, como todo capital, tem seus perigos, pelos appetites que desperta; mas, sem embargo, faça-se por a adquirir e legar aos filhos. É um grande dom social. Uma pessoa bonita, esbelta, elegante, enleva a todos que tratam com ella. E é uma superioridade. Veja-se como nisso os inglêses se têm aristocratizado. Ha entre elles rapazes verdadeiramente apollineos.

Como se estuda a grammatica! Quem vai

explicando ao alumno a simplificação que são para a sua vida intellectual as flexões do genero, numero e tempo? E a geometria? Para que servem todos aquelles theoremas de parallelas, perpendiculares, etc., que são d'um uso contínuo? Ninguem o diz. Demonstram-se, decoram-se; é tudo. E assim no mais.

A Gigi, vendo-me na quinta, de cabeça ao sol, vai a casa, por sua idéa, buscar-me um chapéu de palha. Mas ella está tambem sem nada na cabeça, e eu noto-lh'o: «E a menina?» «Não é preciso», responde-me, já mulherzinha, austeramente, como a mãe, esquecida de si, a olhar só pelos outros.

A Gigi não é capaz de ter um sentimento e exprimir outro. Cahiu, ao ir tirar o retrato. E debalde lhe pediram depois que se sorrisse. Ella, mal comprimindo os ultimos soluços, desculpava-se: «Não posso.» Na sua alma ingenua e sincera dois estados contradictorios não podem coexistir.

Não se aparte demais ninguem nos rigidos moldes convencionaes da vida, que ou ella

se amortece, ou, se a revolta se não opéra por fóra, rebenta com toda a fôrça no seio da propria alma. O constrangimento realista provoca os desmandos do idealismo. É a reacção.

Iniciação do Domingos no calculo mental. «4 e 5?» Sobrancelha em ponto de interrogação ao meio da testa, e os olhos primeiro descidos para o chão e logo levantados para debaixo dos cilios superiores, a fugirem á luz: «8.» «Não!» Piscando e entrecerrando um pouco os olhos: «10.» «Não!» Pondo tambem a mão na cabeça: «9.»

«Que é isto?» pergunto a uma pequerruchita de dois annos. «Um pau!» responde-me. E, para me mostrar que sabe bem o que é, dá-me com elle. É o que se chama ir falando já muito para a sua idade. Com a bôca e com as mãos. Se continuar assim, em crescendo, ha de ter uma fôrça de expressão!

Ao estado do corpo corresponde o da alma. A posição deitada convida ao somno.

Não logo. Ás vezes, já depois d'ella ter

adormecido, vamos a deitar uma creança, e bastou chegarem-lhe mais umas gôtas de sangue ao cerebro para ella logo despertar e querer saltar da cama abaixo. Não nos impacientemos. É quasi sempre o ultimo lampejo. Ponha-se, mas é todo o cuidado em não a sobreexcitar então.

É facil á creança perder o somno por causa da sua agitação espiritual.

Se foi um sonho mau que a despertou, basta, para ella socegar e tornar a adormecer, que a sua imaginação se acalme, e o meio é acordá-la de todo. Convém para isso acender logo uma luz, levantá-la, andar a brincar mesmo um pouco com ella.

Se é algum desejo que a irrita e lhe faz perder o somno, e ella propria augmenta o seu alvoroço pelo chôro, nada então de muita luz, é com cantos e historias que a havemos d'ir brandamente entregando á vida imaginativa do devaneio, que está tão proxima do sonho, d'onde, no outro caso, a queriamos arrancar.

Quasi sempre os transfugas são intolerantes, porque todas as provas que dêem da sua nova orthodoxia, se lhes affiguram ainda

poucas. E infelizmente não só os transfugas. Tambem muitos selvagens e individuos de nascimento humilde, incompletamente civilizados, para demonstrarem a sua illustração, vão até insultar as suas primitivas crenças, não poupando ninguem da sua antiga convivencia, nem os proprios paes, que as professam. O que um aldeão sito, depois d'alguns mezes de collegio, zombeteava da santa mãe, que nas cartas lhe escrevia ternamente: «Hei de encommendar-te nas minhas orações!» Não fôsem julgá-lo ainda parecido com ella!

Todos os rapazes gostam immenso d'ir fazer pagamentos que deixem trocos, porque já vão contando com elles. São como as nossas clientelas politicas, que tambem só gostam de empreendimentos que deixem larga margem de lucros.

Um relógio não é uma alma. Não se mechanize tanto a vida, que se não seja mais capaz d'uma convulsão de dôr. Os raptos generosos da alma não são desordenados, mas livres. Não podem submeter-se á estreiteza das nossas regras claustraes.

Se com as creanças é necessario ter toda a precisão de linguagem! «Sabes o que a Gigi estava a fazer? a comer uvas verdes!» digo a minha mulher. «Não, mamã, são pretas», acode ella.

Abril. De grandes chapéus de palha, em cadenciado passo triumphante, como quem regressa d'um certamen final, chegam Dino e Domingos, um á frente do outro, de canna ao hombro, suspendendo um cesto de laranjas, e, ao lado, a Gigi, com as mãos cheias d'ellas. São as ultimas, explicam. Não ha mais nos tres laranjaes. Correram-nos todos. Mas quantas flôres abertas de lorangeira! annunciam-me, como se, com ellas, se lhes abrissem tambem novas esperanças consoladoras. E, talvez até por isso, o Domingos, apesar de serem aquellas as ultimas laranjas d'agora, tira do cesto uma e offerece-m'a bizarramente. «Cheire! esta é para o papá.» Que deliciosa fructa effectivamente! Tem tudo, côr, perfume, sabor. E que incançavel arvore, ainda com fructos e já com flôres!

A Gigi na coelheira. «Gósto tanto d'elles!

Têem a barriga branca. Coitaditos! ficaram sem mãe. A mamã vai comprar uns grandes, muito altos, mais altos do que esta parede, para lhes fazerem companhia. Este é o mais pequeno: que engraçadinho! Ai! aquelle em cima do outro! é capaz de o matar. Seu feio!» Correndo para elle, cahe-lhe o chapéu, e um dos coelhitos começa a mordicá-lo. «Quer comer palha? Não, ainda não a come... O mais pequeno é o mais manso.» Pega nesse, põe-no sôbre o sóco de pedra, mas logo o tira d'ali. «Não pula ainda. Pode cair. Meu lindo! talvez tenha sedinha. Tem, tem. Venha beber.» Agarra noutro. «Vês? é uma gallinha. Queres ver tambem o mais pequenino? Ó papá, elle estava a lavar-se, para vir ver o papá. Ora faça-lhe umas festinhas.» Poisa-o no chão, e vai buscar uma pouca d'herva. «Deixa-m'a espalhar. Elles não querem em monte.» Contempla-os; e, mal elles acabaram de comer, apanha-os todos tres, e alinha-os no rebordo do sóco. «Uma carreira d'elles!» Leva-os para a toca. «Adeus! meus meninos. Deixem-se estar ahí socegadinhos. Não fiquem tristes. Eu torno cá logo. Adeus! adeus!» Vai a sahir e volta para os consolar. «Mais uma festinha!»

Um bello relógio. Ouve-se a Gigi: «Mamã, tenho fome.» E logo minha mulher avisa a cozinheira: «Maria, é meio dia.» As creanças são realmente chronometricas.

Gigi, animalista. Assistia á nossa mudança de casa; e, vendo os homens carregarem com o piano pelas escadas abaixo, perguntou sensibilizadamente: «O piano vai morto?»

Profundo mathematico. Sentado á banca d'estudo deante d'uma subtracção laboriosa, o meu Dininho está pendente do bordo da cadeira, quasi a cahir, com as mãos erguidas, a esquerda sustentando a cabeça, como que a quebrar a luz para que melhor possa concentrar-se na sua meditação, e a direita suspensa no ar, de lapis engatilhado entre os dedos, prompta a desfechar no papel, como uma bala, o encantado algarismo.

Á Gigi já por vezes o espirito agita mais do que os nervos, sobretudo quando o coração lh'os embrandece. A Elzirinha, que a viu sentada no chão, quiz fazer o mesmo e veiu cahir-lhe em cima com todo o seu corpinho, que, apesar de tão leve e tão tenro, lhe

machucou, mais ainda do que a feminil delicadeza dos seus musculos, a da sua emotividade. Se é uma sensitiva! Mas, como tambem é muito amiga da irmã mais pequena, e é já uma razãozinha, lá conteve o seu soffrimento, e, sem se irritar, sem o minimo queixume, conservando inalteravel o seu ar de meiguice fraternal, ficou toda absorta a cogitar: «Que idéa que a Zirinha teve de se sentar no meu pé!»

Faça-se da dôr um poema, como aconselhava Goethe, ou um problema, como faz a Gigi, e ella passará.

Domingos faz uma berrata, em meio da qual apenas se percebe a sua queixa do Bernardino. Mas este: «Eu dei-lhe assim com a mão, só lhe toquei, não lhe fiz mal nenhum.» Não? Offendeu-lhe gravemente o brio, ahí é que lhe doe e muito.

A ociosidade não é só a mãe de todos os vicios, é tambem geradora de muito soffrimento. As pessoas desoccupadas, molles, inertes, são as que de repente nos apparecem mais enfrenesiadas e mais succumbidas; por-

que naquellas almas a mais pequena contradicção acha o terreno livre para lavar e expandir-se. Pelo contrario, os cuidados ordinarios da vida tecem uma trama resistente entre cujas apertadas malhas a dôr a custo penetra.

Por isso a instrucção é uma fonte de felicidade e de paz. Ella tem uma fôrça inhibitoria que jugula os exaggeros e desmandos emocionaes. Ás paixões exclusivistas e devastadoras vai substituindo a benevolencia, a tolerancia, o amor da ordem e da justiça, numa palavra, o equilibrio moral. O mal é a prepôtencia d'uma idéa fixa em cerebrôs onde não ha quasi nenhuma outra, ou, se ha, é tão tenue que lhe não oppõe coacção alguma. D'ahi é que veem as revoluções, comprehendam-no os dirigentes.

O ar de insolencia com que muitos felizes olham para os necessitados! Confundem a fortuna com a superioridade.

As edições illustradas são bem do nosso tempo, pelo que popularizam e tornam familiares as grandes obras. E o povo e as crean-

ças vão-se interessando por esse meio de instrucção. A Gigi mostra-me um livro que lhe deu o sr. Hincker. «Mas, se a menina não sabe ler...?» «Tem figuras!» corta-me ella de prompto a dúvida. Como quem quizesse d'ahi inferir: logo é tambem para os pequeninos como eu, serve-nos.

A imaginação emotiva. Uma rapariga mal péga nas aselhas d'um sacco de viagem, como ellas são asperas, logo se queixa de que já tem empolas nas mãos. Tem-nas, mas é na imaginação.

As creanças riem-se muita vez sem se saber porquê, riem-se quando mais sérias deviam estar, porque o riso é para ellas um desafôgo da idade, tanto mais necessario mesmo quanto maior é o constrangimento formalista a que se vêem obrigadas. O riso allivia-as, como o chôro. Lembro-me de que, na aula mais grave d'um curso, fitando-me a vista demoradamente o professor, eu ou adormecia ou não me podia ter que me não risse.

A nossa grande questão, que é a nossa permanente preocupação, é sobretudo o ho-

mem moral. Nada nos pode verdadeiramente interessar que a não esclareça. Por isso, em tudo que se estude, numa lei physica, num theorema de geometria mesmo, havemos de apprender a adeantar a sua solução. Hão de ensinar-nos a dirigirmo-nos melhor, a fazer-mo-nos melhores.

A belleza é a primeira emanção da virtude, e é pelo seu culto que os povos e os individuos na infancia começam o apprendizado moral. A Grecia adorava-a. E sempre, para distinguir o bem do mal, dizemos ás creanças: «Isso é bonito.» «Não faça isso, que não é bonito.» O que doe á Gigi chamar-se-lhe feia! Não o quer ser. Protesta. «A Gigi é linda! Diga, mamã: A Gigi é linda.» E, como a mãe se não renda logo á sua instancia, decide ella por sua conta: «Sou linda!»

O que é o infinito para uma creança! A mãe, sempre que lhe fazia o mingau, dizia-lhe que ella tinha de esperar onze minutos. Parecia-lhe uma eternidade. Por isso, perguntando-lhe a mãe uma vez quanto a amava, respondeu: «Muito, muito, onze minutos.» Como quem dissesse: «Infinitamente.»

O virus das conversações e das leituras sensuaes converte-se dentro em pouco tempo numa irritação interior que apressa a puberdade, com grande damno do desenvolvimento completo do systema nervoso e portanto das faculdades. Sigam-se-lhe repetidos annos de libertinagem, e não é só um povo que está perdido moralmente, é tambem physicamente e intellectualmente uma raça.

A Gigi, que já conhece a fôrça das razões, não está com sentimentalismos, não supplica, representa: «Papá, não é melhor eu ir ao collo?»

Não visem á precocidade dos educandos! Os animaes e as raças inferiores são sempre mais precoces.

Os espiritos somenos como julgam exaltar-se é deprimindo os outros.

Certas palavras tẽem o bom ou mau condão de envolver no seu prestigio ou desprestigio os objectos a que se applicam. Para condemnar a obra pombalina da cidade baixa de Lisboa, bastou a Oliveira Martins cha-

mar-lhe burgueza. Nas assembléas um orador sem argumentos leva de vencida os adversarios, condecorando o seu alvitre com o titulo de pratico. «Isto e só isto é que é pratico, sr. presidente!» Quando queriam desfazer nos talentos de estadista de Chagas, averbavam-no de poeta, pejorativamente, pretendendo assim fazê-lo passar por um visionario. Um rapaz me contaram outro dia que nunca mais largou da mão uma bengala vulgar, feia mesmo, só porque ella fôra presente d'um estrangeiro, que lh'a déra, baptisando-a com o distinctivo aristocratico de moderna.

Não exaggeremos os cuidados hygienicos, ao ponto de escrupulizarmos de tudo, para que nos não succeda como a um amigo meu, que estava morto de sêde deante d'uma fonte e não se atrevia a beber, porque a agua não era filtrada.

Contemos mais comnosco, com as nossas fôrças de resistencia, de immuidade, e sobretudo não as atrophiemos! Com eguaes apprehensões sociaes, acabar-se-ha por não se con-viver, porque não ha ninguem perfeito. Toda a gente tem mais ou menos seus microbios

moraes; e, para estes, é que não é facil achar filtros.

Estudem-se as creanças, até para se amarem mais. O estudo é uma fonte de interesse e de amor. Chega-se a amar tudo que se estuda.

Combata-se o mal, mas amem-se a todos, inclusivamente aos maus, que são até os que mais necessitam d'amor. Mas como, para não sermos victimas romanescas d'esse amor e sobretudo para não cahirmos na injustiça de deixar os bons pelos maus? Basta que reservemos para os bons a nossa confiança. Assim se honram. Tanto, que a melhor maneira mesmo de levantarmos os maus é ir-lh'a dando gradualmente.

A arte precede a industria. O lavrador volta da romaria ou da feira, suspendendo ao varapau o calçado, que leva unicamente por enfeite. E a industria precede a sciencia. Ainda hoje a medicina, por exemplo, continúa a abrir o caminho á physiologia. Ha muito que o nosso povo proclama — Casa onde entra a luz, não entra o medico —, e já lá por fóra

se encontram sanatorios para a cura pelo sol; mas estamos ainda muito longe de saber qual é a acção physiologica da luz sôbre o nosso organismo, que já as suas applicações hygienicas e therapeuticas indicam que deve ser consideravel. Attenda-se, pois, a esta seriação, não esquecendo, porém, que lhe não correspondem periodos exclusivos na vida do homem, sobretudo do homem civilizado, porque mal elle avança um passo na arte, logo transita para a industria e d'ahi seguidamente para a sciencia, e pode num assumpto especial estar já fazendo sciencia e noutro ainda só industria ou arte, quando mesmo não attinge, num supremo equilibrio genial, identificá-las todas tres.

Linguagem infantil. Domingos, quasi dois annos, perguntando por um dos dois homens que tinha visto na vespera: «E o dois? que é d'elle?»

Alto Minho. Ancora.

Mar picado. Os barcos de pesca, sacudidos pelas vagas, são por ellas arremessados para a praia, mas logo como ellas arrebatados para longe na resaca. Para os vararem, ho-

mens, mulheres, rapazes, raparigas e até creanças, todos em grita, puxam por elles, ficando-se pelo areal acima ao longo dos cabos que lhes lançaram.

Creança, a jogar as pedrinhas com uma parceira ainda mais pequena, que faz por entreter, reclama mimosamente: «A outra pedra, *menina?* perdeste-a?»

A uma porta, dois gemeos que parecem dois toirinhos, de feros que são. A mãe, logo ao nono dia, começou a andar. Emquanto dá o seio a um, contenta o outro *á bomba*.

Na Villa. A uma cachopinha descalça que passa, pergunta-lhe um rapazito em tom de graça: «Quer engraxar as botas?» «Que é? Ora vá falar com a morte!» reponta-lhe ella.

Vindo nós do passeio, a Gigi pede: «Papá, dá-me bolachas?» E, respondendo-lhe eu que vamos buscá-las, ella assume logo o direito de reclamar: «Quero ir ao collo, para ir mais depressa.» Assim é tanta gente! Dos serviços que lhes fazemos, a primeira consequencia que tiram, é que lhes ficamos devendo outros.

Desde que uma proposição é verdadeira, muito bôa gente se persuade de que tambem

o é a sua reciproca. Estão como a Gigi, que faz uns riscos quaesquer e pergunta-me: «Que lettra é esta, papá?» Se as lettras são riscos, parece-lhe que os riscos devem ser lettras.

A Gigi, exercitando-se no sacrificio: «Eu queria ir para a cama. Mas o Domingos está a dormir na mesa: é preciso deitá-lo.» E espera.

Não é verdade que não é bom comer maçã com casca? Por isso a Gigi reclama uma bella camoesa que vê, e que, assim como está, pode fazer mal. «Papá, descascada é melhor. Tiro a casca com a faquinha que o sr. Hincker me deu, e guardo para a Zirinha não comer.» Está visto, escusam d'estar com receios, ella guarda-a bem guardada.

Estudo dos materiaes de construcção. «Quero uma boneca de pau para a Zirinha, e outra de louça, — como quem se explica melhor —, de pedra para mim, porque, de louça para a Zirinha, ella partia-a.»

Os rapazes não têm a docilidade e com-postura das meninas. E a sua turbulencia

diverte; mas ás vezes tambem é demais, não levam nada a serio. Por isso a Gigi, que estava com as suas bonecas e lá tinha as suas obrigações, reclamou: «Oh mamã, deite fóra estes rapazes.»

Frequentemente, quando um assumpto é mais grave, reservamo-nos para pensar sôbre elle com mais madureza, em tendo mais folgado ensejo, que é uma maneira respeitosa de o enterrarmos, não pensando nunca mais em tal. Por isso tantos, mesmo sem ser rapazes, vão apprendendo tudo, menos o que têm de estudar e precisam de saber.

Domingos, quando não pode fazer bem o seu desenho, a sua escripta ou as suas contas, desata a chorar. Doe-lhe. Aproveite-se essa emotividade das creanças para que lhes custe a não fazer o bem, que é sempre não fazer bem alguma coisa.

A analogia. Por ella reduzimos os casos novos isolados ás noções geraes já adquiridas. A Gigi, vendo-me de capa e batina: «O papá anda na eschola? Tem uma roupa de estudante...»

Nas primeiras edades tudo é sensacional. Vendo a Gigi absorta, diante da valleta das chuvas do telhado, pergunto: «Que está ahi a fazer?» «Estou a ver a agua!»

Efeito imprevisto de linguagem. Dou á Gigi uns confeitos. E ella: «É para comer crus?»

Automatismo infantil. Pergunta-se á Ziri-nha, quatorze mezes: Que é da sua cabeça? onde está a cabeça? E ella desata pela cadeira abaixo, que é preciso agarrá-la para que não caia, vai precipitosamente até onde está o seu chapéu a pedi-lo, e quer a toda a fôrça sahir para a rua, apesar da escuridão d'um cahir de tarde de outono. Cabeça: chapéu: passeio.

Gymnastica dos primeiros mezes. A Ziri-nha, encontrando-se com um degrau atraz de si, dobra-se um tudo nada para elle e fica logo sentada. Grande contentamento! Faz o movimento contrario e levanta-se. Ih! que risinho! E ahi volta a repetir o exercicio, agora obrigado a mais difficuldade, arredando-se ella um pouco do degrau, e já com

uma certa graciosidade, as pontas dos dedos a pegarem na saia do vestido, tanto ao de leve, que menos parece para a erguer do que para o effeito artistico de a compôr num lindo gesto com umas lindas prégas. A mulherzinha! É gymnastica e callisthenia.

Dois processos: o revolucionario e o legal. Tanto a Gigi como a Zirinha querem ver o que está dentro d'uma pequena mesa, que ellas acham muito engraçadinha por ser assim tão pequena. Como a argola da gaveta fica ao alcance das suas mãositas, a Zirinha deita-lh'as logo e puxa. Então a irmã: «A Zirinha mexe com a mesa e faz cahir o que está em cima.» E vem para mim: «Abre isto, papá?» Abro. Olham atentas para dentro. E a Gigi para a pequerrucha: «Vê, Zirinha? Não se mexe.» O que é a madureza da idade!

As portadas e as vidraças das janellas de peitoril devem ser d'embutir na parede ou d'abrir para fóra, porque as creanças, como lhes não chegam, quando pequeninas, correm depois o risco de inadvertidamente baterem nellas com a cabeça e ferirem-se. A não ser

que se esteja contando com a pancada e com o ferimento para a disciplina das reacções naturaes. Mas pode ser forte demais!

A inconsciencia do perigo neste caso é tal, que d'uma vez a Gigi, choramingando, desculpava-se: «O Domingos não estava ao pé de mim, e eu magoei a cabeça.» Com razão; precisava d'alguem, d'uma pessoa experimentada, que a advertisse. Só assim.

Amar e ser amado, é a suprema aspiração das almas. Quando chego a casa, logo a Zirinha corre para mim, e pega-me na mão e quer subir pelas minhas pernas acima. É uma escalada em fórmula ao meu coração, E, adeus preocupações! eu logo me rendo; e não só me rendo, passo-me entusiasticamente para o inimigo.

Nada dá tanto gosto como a sociedade. A creança prefere mostrar a ver, porque mostrar é ver com outrem. Pela mesma razão, come melhor de companhia; e até com as bonecas ou figuras é preciso repartir a comida para lhe abrir o apetite. As pessoas grandes então imaginam que é por anti-sociabilidade, que é para disputar a um competidor a sua

parte, que ella se decide a comer. Engano! É o contrario. Como quasi sempre, suppõem uma maldade, que só existe na sua mente. E o peor é que assim a vão ensinando. Tal qual como certos confesores.

Cahe uma forte batega, e a chuva alaga os campos, precipitando-se torrencialmente. Mas mais ainda se engrossa e encapella a imaginação do Dino, que chama as irmãs para que vão ver «as ondas do mar.»

A Gigi para a irmã mais velha: «Fui ao muro, ao pé da outra quinta, e ouvi a musica dos carneiros, tlim, tlim, tlim, dos chocalhos que elles trazem ao pescoço. E o Mondego ladrou: au, au. Sentiu? A Rita ha de ir lá, sim? Um é branco, outro preto. Um assim (põe as mãos quasi unidas), muito pequeninho; é da Zirinha.» E está claro que os grandes são todos d'ella.

Cooperativa da memoria: «A menina que foi que pediu ao vovô? A menina pediu uma boneca e uma capa, que o vovô já mandou. E que mais?» pergunta a Rita á Gigi. «Não sei, diga a Rita.» A Rita: «Foi uma coisinha.»

«Ah! já sei, foi uma pulseira» recorda então a Gigi.

Gigi, graduando a sua piedade. Tinha-me ouvido em Zürich ler a noticia da morte d'alguns jovens alpinistas nas geleiras; e a impressão ficou-lhe. Passados já quasi já seis mezes, ainda contou em Coimbra o sinistro, e está claro que ella tinha feito parte da excursão: «Oh, sr.^a D. Mabilia! em Zürich, fui aos Alpes com a mamã e o papá; e lá morreu muita gente, muita gente.» E á pergunta d'aquella senhora — «E a menina não teve pena?» — respondeu: «Tive pena, mas não eram meus...»

Qual somno! Para escrever a carta a um dos irmãos, copiando o modelo que a mãe lhe fez, está o Domingos todo esperto, a mão esquerda sôbre o papel, e a direita agarrada á penna, cujos movimentos vai dirigindo com uma contenção interior, que até lhe salienta e une as sobranceiras, abrindo uns vincos entre ellas. A satisfação d'esta communição espiritual com os irmãos mais velhos não o deixa adormecer.

A Gigi já começa a separar o sonho que tem acordada do que tem a dormir: «Oh, Rita! a gente a dormir faz coisas!» E contou então á irmã mais velha o que *fizera* na ultima noite.

A liberdade. Deixa-se o operario ou o alumno só, sem ninguem que os vigie: que acontece tanta vez? nem um estuda, nem o outro trabalha. Que fazer para os restituir á verdadeira dignidade do homem livre? É preciso ensinar-lhes que não ha a liberdade de não fazer nada, que isso é, pelo contrario, abdicar d'ella.

A Gigi pede á mãe, que está com o Ignacinho ao collo: «Deixe-me ver-lhe os olhos!» E saboreia com tanto gôsto aquelle dôce azul, que até lambe os beiços.

O amor social vence todos os appetites. O Domingos, que está a principiar a comer a sua marmelada, de que muito gôsta, deixa-a de prompto, quando me vê a fazer o prato para a Gigi, que ficou no quarto por estar doente, pedindo-me: «Eu quero levar-lhe.»

Muito custa a ser asseado. «A Zirinha tem a bôca suja, e começa a limpar-se á minha capa!» queixa-se a Gigi, de sobresalto, a tempo de se lhe acudir, antes que a operação, que promete, se prolongue. Bem sabe a pedagogasinha que tudo vai do principio.

Á nossa chegada da Suissa, grande recepção! Os pequenos tinham ornamentado toda a casa; no nosso quarto, um lindo arco de hera sôbre o espelho do guarda-vestidos com uma rosa de cada lado e uma camelia por cima. Um dia de gala, que seria de todo festivo, se não nos faltassem os rapazes mais velhos. O Dino explicava-me depois: «Aquillo foi inventado pela gente. As meninas partiam o arame, cortavam o papel de sêda e faziam as rosas e hydranjas; nós (os rapazes) frizavamo-las. Ha muito papel de sêda, mas não serve senão o mais fino. Vendia-se na loja; mas, depois de comprado, não o tornavam a receber.»

Uma irmã, mesmo mais nova, é uma mãesinha. A Gigi, despedindo-se dos irmãos, ao ir para a cama: «Bôa noite, meninos!»

Com que mimo! Como se elles é que fôsem os mais pequenos.

A justiça não é sempre facil. Dino e Domingos, cada um quer ser o primeiro a cortar o cabello. Como decidir? Quem foi da outra vez o primeiro, já não lembra. A lição, ambos a estudaram quasi na mesma: merecem, pois, igualmente. Que se ha de fazer? Digo ao cabelleireiro que sente cada um na sua cadeira, e tesoire ora a um, ora a outro. E mesmo assim houve murmurios de que elle se não repartia com toda a equidade.

Intimação. «Sabe onde está a minha caixa de brincadeiras, papá? Onde estará ella? Eu queria-a» diz-me a Gigi, enfrenesiada e perceptiva. Realmente é incrível que eu, que sou tão seu amigo e tanto posso, não lh'a faça apparecer ali logo.

É preciso não moralizar antes de tempo. A uma creancita que fizera uma maldade, perguntava-lhe alguém: «Não tem vergonha?» E ella deu-lhe a lição, respondendo: «Não! não sei o que é vergonha...»

Uma commoção violenta é allucinante. Nesse estado de allucinação vivem as creanças, que são de si tão emocionaveis.

A marcha do amor: ensaios. Ahí veem pelo corredor o Dino e o Domingos, em bicos de pés, com os braços abertos, o Domingos, mais novo, mais titubiante, chegando-se para a parede — não vá cair! —, e a Gigi, pisando de mansinho, mas a largas pernadas para compensar o vagar do passo, todos arripiados pelo receio de fazerem barulho, porque a mãe lhes recommendou que não acordassem a Zirinha, que anda rabuja, com os seus dentes, e sem poder dormir bem socegada. É phantasticamente enternecedor.

O que é a ternura infantil! A Zirinha, de 19 mezes apenas, doente, na cama, ouve o Domingos gemer e carpir-se e desata a chorar tambem. E digam que a natureza humana não é fundamentalmente bôa!

Habituando-nos ao despotismo, nem mais o sentimos. Mas, se recobramos a liberdade, a minima coacção depois nos incommoda. É como o Dino com os seus suspensorios.

Contou-me elle que, em seguida a uma erupção de varicella que soffreu, quando foi a usá-los outra vez, e estavam até muito folgados antes, já não os pôde supportar. «Não sei o que tinha!» dizia-me.

A Gigi, aguerrindo-se. Corre, e deixa-se escorregar e cahir; e vem depois perguntar-me: «É bonito o que a Gigi faz?» O quê? «Correr e cahir. Diga, papá.» De certo. E um feminista, como eu, não pode recusar á mulher um certo tirocinio militar. Mas com cautela!

A Gigi, que ia cahindo da sua cadeirinha abaixo, aguentou-se: «Segurei-me ao papá.» Mas como? Não lhe puz a mão! Apoio moral.

Os rapazes formam-se e de psychologia sabem por junto o que apprenderam no cathicismo. O mais, que apprenderam no lyceu, não vale mais. Ahi tẽem com que conhecimento das almas vão ser professores, estadistas, juizes!

É preciso não conhecer nada a alma das creanças para tomar a serio as suas inven-

cionices. Não que ellas mintam; na confusão que ainda fazem do mundo interior com o exterior, affirmam ingenuamente como factos o que apenas se passa na sua engenhosa cabecinha, de sua exclusiva elaboração ou de instigação alheia. Mas o seu ar de apparente sinceridade provem-lhes da segurança e decisão do seu automatismo, que é imperturbavel. Ao contrario dos adultos, que, forcejando por se lembrar d'uma scena que presenciaram, têm por vezes hesitações que podem comprometê-los a olhos prevenidos e menos benevolos.

Quanto seja o poder do automatismo na infancia, imagine-se pelo que, ainda na idade madura, todos nos deixamos levar dos nossos lisonjeiros e mesmo dos nossos zoilos, quando não sómente dos nossos proprios desejos, prejuizos, esperanças e receios. Em que illuções, dôces ou amargas, generosas ou crueis, todos vivemos!

Que não faremos pelos pequeninos? A Zirinha, 20 mezes, apparece-me carregada de bolachas. Peço-lhe algumas: dá-me uma já mordida. E, como eu insistia por mais,

parte veloz. Oiço o Ignacio, 3 mezès, chorar; vou para ver se elle não estará só, e quem encontro? a Zirinha, a offerecer-lhe todas as suas queridas bolachas «Nino, lachas», a meter-lh'as na mão «Mão, mão» para que pegue nellas. E toda se desconsola, porque elle, espantadinho, não lhe acceita o presente. A ternura pelo irmãosito tinha-a revolucionado moralmente.

A decisão é necessaria não só para grandes emprezas, mas, a toda a hora, para fecharmos uma porta que nos incommoda, para não prolongarmos demais uma conversa, para nos contermos no trabalho e no prazer, para tirarmos apontamento d'uma idéa ou d'uma obrigação que nos pode passar, para nos arrancarmos a uma má companhia ou a um mau pensamento, para não fazermos esperar ninguem e, menos que nenhum outro, um pobre, para nos deitarmos a horas e nos levantarmos de prompto da cama, para pararmos na carreira e para nos não determos no caminho, para pôrmos cada coisa no seu lugar, para não adiarmos e atrapalharmos tudo. Em summa é necessaria para fazermos a tempo seja o que fôr, para evitarmos todos

os males e realizarmos todos os bens, grandes ou pequenos, de que somos capazes.

O que as creanças vêem, na sua emoção! Foi grande a que se apoderou da minha pequenada, e que reboiço! ao darem por uns poucos de cães de fóra que perseguiam pela quinta o nosso bando de gallinhas, patos e perús, assustadora e afflictivamente. Correu tudo a escorraçá-los. Eram cinco, mas logo para a imaginação infantil se converteram numa innumeravel matilha. E o maior affigurou-se-lhes mesmo um lobo; o salto que elle deu, por cima da sebe, ao fugir, «foi d'esta altura», dizia o Bernardino, e, em bico de pés, levantava o mais possivel o braço direito, «foi mais alto, muito alto, assim», accrescentava ainda o Domingos, apontando para o candieiro suspenso do tecto.

Em familia, de companhia, em sociedade, sobretudo de gente nova, nada custa. Nem a grammatica. Julguei que as creanças não pudessem levá-la sem immenso enfado; mas podem, ainda de mama. Aqui está como a Maria estuda e ensina a lição que traz para amanhã. Com o Ignacinho, que não fez sequer

tres mezes, ao collo, e com o livro na mão, adeante, cantarola ao pequeno as conjuncções disjunctivas «*Ou, ora... ora, quer... quer, já... já*», e, voltando atraz, como quem o incita a decorar melhor «*Diga lá! olhe que eu zango-me! como se dividem as conjuncções? Não sabe? Ora diga: em coordenativas e subordinativas. Compreendeu? E as coordenativas? Vamos para deante. Quaes são as copulativas? (outra vez a cantar) e, nem, tambem, não só..., mas tambem. Ai o Ignacio, que não estuda! que dirá o mestre?*» Não sei o que o mestre dirá; eu é que affianço que d'esta maneira não é só o Ignacio que parece gostar da grammatica, até eu. E prometo não tornar a dizer tanto mal d'ella; nem hei de já granizar tanto com os que a infligem aos meus proprios filhos.

As creanças ainda não localizam seguramente as suas impressões. O Domingos vem mostrar-me uma frieira. Come-lhe? «*Ui! Até coço.*» E foi-se a esfregá-la. Mas, d'ali a pouco, volta, reconsiderando: «*Não era naquelle dedo, é neste.*» E agora eu mesmo vejo effectivamente a frieira no dedo correspondente da outra mão.

Portugal, paiz primaveril, sempre em festa, cheio de sol e de luar, paiz do amor e da poesia, que, se pudessem, todos que têm coração, como as rôlas e os rouxinoes, escolheriam para nelle fazer o seu ninho, arrulhar e cantar a sua ternura.

Sabem como se estuda bem? É como eu, agora, a estrugir-me nos ouvidos o tropido e o silvo da locomotiva do Dino e Domingos. Da primeira vez atordôa um pouco, é como quando a gente chega á beira-mar; mas depois já quasi nem se sente o ruído, e mal se pode passar sem elle. Façam a experiencia, para se habituarem á concentração... e á indulgencia.

Como a imaginação é allucinante! Reconhece-se nas creanças, que vêem fóra de si quanto ella lhes dicta. O que vêem nas nuvens! sabem. Ainda agora as minhas pequenas, depois de derreterem um pouco de stearina, deitaram-na em agua fria, e logo a Maria descobriu, sentada sôbre á massa endurecida, uma velha, muito velha, de capote e lenço. E, em seguida, apparece-me o Domingos com outro bocado, a apontar-me: «Olhe

um santinho! ali naquelle cantinho!» Estará; mas tão diminuto, que não sou capaz de o enxergar, e todos os meus esforços só me permitem imaginar-lhe o resplendor. Não importa! elle vê-o distinctissimamente. E como o Dino vê ilhas, ondas «As ondas! todas!» E a Gigi com tanto gôsto está nesse jôgo de visualidades, que vem queixar-se-me: «Ó papá, o Domingos vai estragar aquillo tão bonitinho!»

Por isso as creanças contentam-se com os mais toscos brinquedos e ás vezes ainda os preferem, porque podem completá-los, dando largas á sua phantasia.

A Gigi, de cima da cadeira, nas costas da mãe, para o Domingos, que estava a descascar uma laranja: «Pegue direito na faca! Veja lá o que faz! Ora bem! Lembre-se de que já se cortou esta manhã!» Em summa, o proprio Domingos, suspenso, deixou faca e laranja para a ouvir e admirar; e depois, em premio de tantos cuidados, deu-lhe um bocado. Ia mesmo a offerecer-lhe segundo, quando, para que não lhe fizesse mal, por ella já ter jantado, eu me oppuz: «Nada!» E ella, uma menina de tanto tino e conselho,

explicou logo o gesto de comprazimento a que se deixara arrastar: «Era brincadeira!»

As aulas preparam para a vida? Sim, os estudantes já vão esperando pelas férias, como mais tarde, feitos funcionarios, hão de suspirar pela aposentação.

Dê-se á mulher a educação civica, para que ella possa exercer logo em familia toda a sua influencia benefica. Estou convencido de que, deante da esposa, e talvez ainda mais das filhas, quando educadas patrioticamente, ninguem se atreveria a apparecer depois d'uma má acção na sua vida pública.

Em vez de preferirem o que se lhes manda fazer, as creanças têm de ordinario mais gôsto em fazer outra coisa. Incuta-se-lhes o amor da obediencia, não da obediencia passiva, mas da obediencia livre, que é a de quem executa o que lhe dizem, não porque lh'o mandam, mas porque o quer, por deferencia, por concordancia. E combata-se o sentimento de rebelião, de antipathia, de insociabilidade.

A curiosidade nas creanças é tão violenta, que as leva ao mal para o conhecerem.

Não vamos ainda muito longe d'este estado: na eschola primaria, ler, escrever e contar; no lyceu, decorar o compendio; nos cursos superiores, estudar a lição lythographada.

O prestigio da farda. Domingos, passando por um zelador municipal fardado: «Papá, olhe um ministro!»

Neologismo expressivo. Dininho, provando um collete, todo apoquentado: «Que apertadeza!»

A Gigi, com voz escandalizada, trazendo-me na mão a corolla aberta d'uma grande camelia vermelha, que é uma belleza de fórma e de côr. «Papá! estava no chão. Mal empregada!» Sentindo naturalmente não poder empregá-la bem, como dias antes outra, no seu papá.

Minha mãe, gabando-me um bilhete postal que o Antonio nos mandou, illustrado por elle, como quem via resplandecerem ali as

qualidades immanentes da familia: «Teu filho está um artista. A sua avó gostava tambem muito de desenhar. Deus o abençoe.»

Exercitem-se as faculdades do alumno no seu meio. Que elle viva, e dê d'essa vida conta ao professor. Faça-o a familia viver desde creancinha, associando-o aos trabalhos domesticos; e depois deixem-no seguir no seu tirocinio das pessôas e das coisas. Para o orientar e rectificar não se arranque ao meio, onde tem as raizes da vida.

A instrucção em que se não pense mais, depois de adquirida, que não vá viver no alumno, não presta. Que importa a lição de lingua, se do seu assumpto não mais se falará? que importa a de historia, se não se prende aos successos correntes? a physica e chimica, a historia natural apprendida, se nada têm com a natureza que nos rodeia, com este nosso clima e esta nossa terra, com as plantas que cultivamos e com os nossos animaes domesticos? que importa estudar o homem e a humanidade, se ficamos sem nos conhecermos bem a cada um individualmente e collectivamente como nação?

A eschola, a aula, domestica ou não, deve assentar na vida de familia e na vida social.

Nada de proceder em tudo como quem ensina grammatica ás creanças que ainda não falam correntemente a lingua! que o tempo que se gasta em definições, regras e classificações, é roubado ao uso da conversação e da leitura e composição, e portanto afinal perdido para o proprio conhecimento da lingua.

Ha uma historia para as sciencias e uma historia para as lettras: é a exposição dos phenomenos da natureza e do espirito. Mas os factos mais importantes do universo são os factos moraes; por isso a historia é sobretudo historia moral, sob as tres fórmãs, politica, economica e religiosa.

Innegavelmente a instrucção verbal é necessaria: um mundo inteiro, o do espirito, se representa pela palavra. Mas, só pela sua acção sôbre o mundo material, é que podemos idear o mundo espirital; nada, pois, se pode conhecer sem o estudo directo da natureza. O estudo das linguas é muito pouco como estudo real. Não fazendo mais nenhum,

o mundo torna-se num mundo de palavras. Sem saber nada, falamos de tudo; vivemos de formulas, e chegamos a acreditar na virtude mystica das rezas. «As coisas antes das palavras» recommendou Pestalozzi.

Os pequenos bem comprehendem que ninguem pode viver só, nem os animaes. Por isso me noticiam com sympathia: «Papá, veiu cá á quinta um outro cão conversar com o nosso.»

Imaginem a irritação que o ensino vai accumulando nas almas! Um estudante, depois de feito o seu exame e approvedo, mal chegou ao quarto, pega num ferro da cama, e sova a bom sovar o livro d'aula, justiçando assim em effigie todos os professores que o tinham atormentado. Se até os quartanistas da Universidade, quando se põe ponto final aos trabalhos lectivos, solemnemente, no largo da Feira de Coimbra, queimam as fitas d'atar os seus livros d'aula!

Algumas pessoas sabem tanto o que dizem, como sabem ler as creanças que simulam seguir o livro. Estão-no dizendo de cór, por o terem ouvido.

Ha duas epochas da vida em que a cordialidade é tão natural! São aquellas em que mais precisamos dos outros, a juventude e a velhice. Até, por isso, velhos e moços, que assim se parecem pelo coração, se approximam.

O Domingos, já é a terceira vez que se corta com a faca, mas ninguem receie por isso que elle possa um dia ficar sem o dedo. «Este golpe já foi mais pequeno» declara, ensanguentado, mas triumphante, como quem affirma que breve chegará a não fazer nenhum. Em tudo vai descobrindo em si a lei do progresso.

Damos um dôce á creança; mas o que ella mais e primeiro saboreia, não é a doçura do manjar, é a nossa. Não ha nenhuma que se não suspenda, antes de o comer, a olhar para nós, agradecida.

Pelo gôsto de prestar um serviço, cedo começamos a esquecer-nos de nós. A Zirinha, de chapéu na cabeça, está com o dedo minimo enganchado na mão de M., que não larga, a puxar por elle para fóra, dizendo

adeus a todos; e M., que precisa de ir á sua vida, não vê meio de lhe escapar. Então pego numa bolacha e dou-lh'a para que a leve á Gigi: logo esquece o passeio e tudo, e vai radiante desempenhar a commissão.

Não ha impossiveis para a mocidade, nem, por isso, commetimentos que ella não ouse. Ouvindo falar do Vesuvio, o Dino interpella: «Mas então, se ha fogo no centro da terra, porque é que os homens não o vão apagar?» Ou não ha homens neste mundo?

A Gigi, como uma pequenina mãe, ajoelhada deante da Elzirinha, a arranjà-la: «Toda desabotoada! Como é que a menina fez isto?»

Por sua vez, a Zirinha, estando a chorar, tão suffocado! o *menino*, que tem apenas dois mezes, vai buscar o seu ultimo brinquedo, uma carrocinha de tirar agua, puxada por um cavallo, e offerece-lh'o, apresentando-o em todos os seus mirabolantes aspectos, a ver se o entrem e cala.

Ai que choradeira, que dôr a da Zirinha! Abraço-a: passou-lhe.

Senti que estava tudo no salão attento a ouvir-me: calei-me. Vem o Dino: «Papá, canta. A Rita pede.» Mas porque estariam tão enlevados na minha voz? Continúo. E oiço lá dentro: «Parece mesmo o Antonio.» Assim se davam a illusão de ter ao pé o irmão mais velho.

Muitas vezes, que as creanças sujam e estragam, não é por estouvamento, é por simples ignorancia do que fazem. Di-lo com razão a Gigi. Como fôsse ás carreiras pelo corredor com um balde na mão, cheio de terra, entornou-a pelo chão. Advertida, explica: «Eu não sabia que ella cahia.» E era verdade: ainda não sabia, experimentou-o então.

A palavra, indispensavel para a representação das coisas abstractas, é tambem o signal mais simples dos objectos concretos. Mas é, em todo caso, um signal, e é preciso conhecer aquillo que por meio d'ella se significa.

Noção da jerarchia social. A Gigi, vendo-me prompto a partir para as aulas, puxa

por mim: «Venha dizer adeus ás meninas.» Mas logo corre a chamá-las, emendando: «Meninas, venham dizer adeus ao papá.»

Não ha apprendizado que não custe sangue e lagrimas. Até custa a apprender a lidar com flôres. A Gigi, que tanto as ama, apparece-me com a testa arranhada. Como foi? «Foi a roseira. Puxei pela rosa e picou-me. Mas sempre a tirei. Plantei-a já num vaso, e deitei-lhe agua por cima. Estava a terra toda secca...!» Coitada! Ainda para mais, depois de tanta dôr e tantos cuidados, lhe ha de emurchecer a rosa e seccar o ramo da roseira. Bem cedo começam a ferir-nos as amargas desillusões da vida!

A pequenada bate-me ruidosamente á janella. Que será? Que fausto acontecimento despertou tamanha alacridade? «Uma camelia! E tantas em botão a abrir!» clamam jubilosos, a saltar, apontando-me para o precioso arbustô. Eram effectivamente as primeiras que nos appareciam este anno no jardim.

Tendo o Dino dado o seu empurrãosito no Domingos, ao chôro d'este, acode logo a

atheniense Gigi: «Ó papá! o Dino é muito feio, não é?»

Rapazes e raparigas querem separar da mãe um chibosito. Mas a feminilidade já pulsa com força no coração da Gigi: «A cabra está a chorar pelo filho — mé, mé, mé —, coitadinha! Não lh'o tirem!»

Custa ainda tanto a prever, que as creanças confundem a previsão com a adivinhação. «Eu não adivinhava!» dizem a cada passo para se desculparem das suas imprevidencias.

Não contem com a moral das pessôas pouco escrupulosas consigo, que se contentam com as apparencias do asseio exterior. Se sempre é melhor do que nenhum, ainda não basta.

Ao miseravel povo, nem tempo lhe dão para todos os dias se lavar. As pessôas mimosas da fortuna extranham: «Como trazem estas creanças, que porcaria! Parece que não têm agua.» Nem em toda a parte a têm, não! E não têm tempo para a ir buscar e para fazer uso d'ella. Comecem por

lh'o dar; e depois estabeleçam banhos populares gratuitos, com agua fria e quente e com sabão.

Em todas as escholas, apesar d'externatos, ha na Suissa casa de banhos para as creanças, que sem excepção os tomam. E, para não citar as grandes capitaes, em Lyon, por exemplo, construíram umas pequenas barracas, onde qualquer pessôa se pode ensaboar e lavar, da cabeça até aos pés, creio que por dois vintens, um pataco!

«Este rapaz é tão irrequieto!» lastimam muitos professores. Pois dêem-lhe em que se occupar, dêem-lhe trabalhos em que elle se mexa e jogos athleticos que lhe puxem pelos musculos: assim lhe aquietarão a nevrose da desenvoltura. E, se nem assim, metam-lhe a inquietação em musica, em dança; rythmem-na. Para disciplina dos turbulentos, bastaria muita vez haver nos institutos de ensino uma aula de dança.

Quantas pessôas que ladeiam aos procesos delicados, se submetem humildemente á rispidez e á pressão dos superiores!

Que levam em si aquelles rapazes em passo triumphal? Um bom jantar; ou, antes, um mau jantar, que foi demais para elles e por isso lhes faz mal, e que dava para fazer bem a muita gente que não tem nada que comer.

O que as creanças luctam pela vida do espirito! O somno, só se as toma desprevenidas; senão é sempre uma apoquentação para as meter na cama. Mal sôa a negregada hora, Dino e Domingos escapam-se, desapparecem; ou, se não podem, defendem-se atraz das portas, abarricadam-se debaixo da mesa. Lá se vai dar com elles, mas que tempo para os desentrincheirar! E, ainda por fim, toca a correr em volta dos moveis, que não ha quem os pilhe. Assim acabam o dia, em esfuziadas de espirito, luctando comnosco apparentemente, realmente com o somno.

E qual será o pae, por mais severo, que, principiando por zangar-se, não se deixe dentro em pouco influir e arrastar pela folia? Para encerrar alegremente as horas de trabalho e de canceira, não ha marca de *cotillon* mais divertida.

Os estouvados. Vai um e empurra tão de

chofre a porta, que bate com ella numa creança. «Não sabia que estava alguem dentro do quarto!» exclama, muito senhor de si. Pois por isso mesmo é que devia ser cauteloso. Se soubesse que não estava ninguem por de traz! Mas, não sabendo, podia estar.

Mesmo os maus habitos contrahidos, são precisos modos para os arrancar aos outros. E não julgemos tanto os outros por nós, que vamos acudir-lhes, quando elles se acham bem. Para não fazermos como a Gigi, que, vendo os patos atirarem-se ao tanque, correu a interceder por elles: «Ai, que se afogam!»

Muitos, dando a alguem a mais pequena parte no andamento de um negocio, já se estendem ao comprido e dormitam sôbre elle. «Estou á espera de F.» «Sem o que encommendei a B, não posso fazer nada.»

Nem é preciso confiarem-se a alguem; basta a qualquer coisa, a um simples bocado de papel. Diz-se-lhes: Aponte isso, para se não esquecer. Peor! É quando mais esquecem. Como têm a carteira para se recordarem, é como se a tivessem para ella os recordar

a elles, e nunca mais pensam em tal, nem lhes passa pela cabeça abri-la e consultá-la.

Para que se meteu a fazer isso? exproba-se muita vez a quem não pôde ou não soube desempenhar-se cabalmente d'um serviço que quiz prestar. Mas agradeça-se ao menos a essa pessoa, adulto ou creança, a bôa vontade, se ella não foi tirar o logar a ninguem mais capaz. Para a outra vez, já poderá fazer melhor.

As duas amigas. Maria e Quina, quando fazem a copia d'um trecho de portugûes, se uma escreve mais depressa, a outra pára, á espera, para irem juntas, como em tudo.

O amor do que é nosso. Para um coração piedoso não ha nada da patria que não tenha seu valor, a ponto mesmo de já lhe não dar gôsto o que de melhor appareça do estrangeiro, desde que no que lhe é para comparar, nacional, ha a mais qualquer particularidade, ainda a mais accessoria, por minima que seja. «As Universidades allemãs não são tão grandes como a nossa?» pergunta-me o Dino. «São» respondo. «Mas não tẽem cabra,

nem tocam a capello, não é verdade?» Isso lhe basta para as desdenhar. Não contem lá com elle.

A Gigi. Diz-lhe, quando ella acorda, a mãe: O papá trouxe uma coisa para a Gigi. «Foram bolachas?» Não. «Foi uma brincadeira?» Também não; foi chocolate. Ella então, reprehendendo-se: «Olhe que maçada de cabeça, que cabeça esta!» Já sabe onde é a séde da memoria, a psycho-physiologista. Effectivamente eu na vespera tinha-lhe prometido chocolate.

As creanças, o seu gôsto é correr pelo paiz encantado da imaginação. «Não sonho!! Acho que só sonhei duas vezes!» lamenta o Dino.

Em obediencia á opinião publica. «Papá, o meu talher está a fazer-se feio» affirma-me a Gigi. Fico com um semblante indeciso. Ella insiste: «Disse o Domingos.» E, voltando-se para elle: «Domingos, não está a fazer-se feio o meu talher?» O outro sorri-se benignamente.

O trabalho intellectual gasta as forças do

organismo. Conheci mesmo um rapaz, que, desde que fizesse certo esforço de estudo, cahia logo em lazeira e precisava de comer. As fortes emoções consomem igualmente. Á morte de um parente proximo, quasi todos, com a dôr, sentem-se enfraquecidos. Talvez por isso na antiguidade os funeraes eram acompanhados de banquetes; e ainda hoje ha esse costume nos campos.

O que a Gigi me dá! Apontando para uma construcção que acabava de fazer: «Querem ver a casa do papá? Olhe a sua casa, papá! tem terraço, jardim...»

Theoria mechanica do universo. «Papá, o lapis, partiu-se a ponta.» E quem foi? pergunto. A Rita observa: «A Gigi carregou!» «Não! eu estava a escrever num papel, e depois cahiu.»

Gigi, que deseja as laranjas que estão sôbre a mesa, sentando-se deante dum prato: «Papá, para que é este prato?»

Vendo a Gigi a comer assucar, a Quina: «Assim *cru* não gosto.»

As creanças ainda não discriminam bem os actos maus; e por isso as palavras que os exprimem, ficam para ellas sem o exacto sentido. A Gigi, por exemplo, com um torrão de assucar, que quer desfazer no leite: «Vou estragá-lo.»

A figura da impaciencia. Gigi, pedindo qualquer coisa: «Quero. Dê-m'a! Mas dê-m'a! Não posso estar á espera!»

A vontade é feita de desejo, d'impulso sensitivo motor, de imaginação e de razão. Quando a creança diz «Eu quero», é como se dissesse «Eu apeteço» ou «Eu pretendo.» Quando o adolescente se explica, parece-lhe que se justifica. Mas o desejo e o enlevo estão longe de ser a verdade, e uma verdade parcial, individual, está ainda longe de ser o dever, a justiça, geral, humana.

Se ha ou não prazer numerico! O Domingos todo contente, porque são numerosas as castanhas pôdres no seu prato. «Já 7!» exclama.

A Gigi paga mystificação com mystificação.

Estão amiude a inventar-lhe que ahi vem o papão, o lobo, etc., que tira ou faz isto ou aquillo. Por isso ella, que tivera artes de levar a creada Joaquina a dar-lhe para a mão uns lindos tortulhos, que a tentavam, perguntando-lhe eu, atemorizado — Quem lhe deu isso, que é venenoso? — para não accusar a rapariga, respondeu: «Ninguem!» E, depois: «Foi o gato. Trazia na bôca; deixou cahir e eu apanhei.» Porque não? Não hão de querer um deus, isto é, a verdade, para si, e o papão, o lobo, o gato, etc., isto é, os enganos, só para ella. Seria desegual, injusto.

Automatismo sensitivo motor. Esteja quieta, diz-se á Gigi. E ella: «Não posso.»

Não ha poesia só no amor da mulher. Não a ha menos no amor dos nossos velhinhos e dos nossos pequerruchos, no amor das irmãs, no amor fraternal dos homens, sobretudo dos humildes e fracos. Cantem-no tambem, poetas!

Os estudos não devem ser nunca tão absorventes, que não deixem tempo para nos desempenharmos dos serviços sociaes das nossas

obrigações. Não ha nada, por exemplo, que justifique um estudante de não escrever assiduamente á sua familia e ás pessôas da sua amizade.

Manda-se um dos pequenos a um recado : deixa-se ficar, e, em vez d'elle, vai o irmão. Elle então exproba-o: «Não foi a ti que o papá mandou.» Tal qual como certos funcionarios que não fazem, nem deixam fazer.

A creança, o que primeiro apprende, é o que primeiro se lhe ensina, o amor. Em epocha alguma da vida o homem é tão acariciado como na infancia. Pouco a pouco, porém, entram com elle as agruras da lucta, e elle vai perdendo a primitiva innocencia e confiança paradisiaca.

Isto não quer dizer que a vida tenha por fim a lucta, mas que é desgraçadamente atravez d'ella, defendendo-se de incessantes ataques, que o homem tem de buscar a paz que lhe sorriu na infancia.

Lucte-se pelo bem, mas essa lucta é propriamente trabalho, lide. Não se lucte por

destruir, mas por edificar. Não é, passando por cima de ninguém, que se alcança superioridade. Nada se destrua, nem a vida de um homem, nem a de um animal ou planta, nem uma pedra, onde o caminhante prostrado de cansaço possa sentar-se e enxugar o suor do seu rosto. Nem as criações da natureza, nem as da civilização. Uma cadeira que se atire ao chão e parta, é um pouco de sangue que se tira á vida social. Não ha animal feroz que se não domestique, nem planta venenosa que se não utilize pela cultura. Assim o homem: não ha nenhum que não possa regenerar-se para o serviço da humanidade. Quando condemnamos alguém á prisão cellular, á morte, isso só significa a nossa ignorancia e incapacidade para o restituir á vida e encaminhar ao bem. A crueldade ou miseria moral da sociedade é em grande parte miseria intellectual. Por ignorancia é que ainda nos alimentamos destructivamente de carne e plantas, e ainda tanta vez se trava corpo a corpo a lucta do homem contra o homem.

Se é forçoso ainda fazer o mal, faça-se o minimo possivel, só o bastante para impedir

um mal maior. Contenha-se o mau. É o que eu aconselho aos meus filhos mais velhos, quando os irmãos os agridem: «Não lhe faça mal, segura-o.» E a sociedade corre a obrigação de ajudar cada um a defender-se, multiplicando-lhe as forças. Comecem por conter o mau, e depois eduquem-no para que elle se contenha por si. O mau tem de regressar á eschola.

A paixão da vontade. Duas creanças querem a mesma brincadeira, armam por isso desordem e briga entre si, e afinal a vencedora abandona fastientamente a presa á outra. Não queria tanto a brincadeira como levar a sua por diante. E, desde que pode, desiste. Por isso, para as dirigir, é tantas vezes de bôa tactica ceder-lhes.

Grande prazer o de dar. Domingos, logo de manhã, ao sahir do seu quarto, refere com infantil entono, todo cheio de si: «Mamã, o Dino estava a chorar, porque não tinha o botão do collarinho, e eu levanto-me, vou á minha gaveta, tiro um, e dou-lh'o!» Ah! bem estreado dia. E vê-se pela sua larga gesticulação, como, começando-o assim, elle

se acha com força de animo para o encher de nobres acções!

O prazer moral de fazer o bem é ainda maior que o prazer de pensar, de saber. Normalmente, a generosidade sobrepuja toda a curiosidade. Assim, neste caso, o Domingos deu largas ao seu animo cordial, apesar do gostinho que teria em arreliar o irmão — Eu tenho ali um botão, mas não t'o dou! — para o experimentar, para fazer como quando, mais pequenino, quebrava os brinquedos para ver o que estava por dentro, para ver agora por dentro uma alma.

A Zirinha, só de anno e meio, o brio e melindres que já tem! Ainda não pode julgar certo dos outros e differençar os amigos dos inimigos; mas, dentro do seu criterio, procede altivamente. Assim, ha pouco, que brincava a fechar uma caixa, apertando a tampa sôbre a móla, como, no frenesi da brincadeira, pudesse entalar os dedos, a Fraulein Domke, que a tinha ao collo, não lh'a abriu mais; e que raivice! Baldados foram depois todos os esforços que a paciente Fraulein fez para a reconciliar. De quem não lhe parecera bôa

para ella, não mais admittiu favores, nada mais acceitou.

Que bello palacio que o Dino fez com os seus solidos de construcção! Museu, eschola? não sei. Sei que era magnifico. Mas o Domingos, no ardor da peleja contra os exercitos que o irmão acampara ao pé do palacio, não o poupava aos projecteis da sua artilharia. Foi-me preciso intervir: «Respeito aos monumentos nacionaes!»

A animadversão geral aos inglêses. O Dino tinha deixado sôbre a mesa, em attitude bellica, as pedras da sua caixa de construcções. Entra a Gigi, de balde cheio de feijões, e, ao ver aquella tropa, atira-lh'os ás mancheias, exclamando vingadoramente: «Cahiram todos os inglêses no chão!»

Domingos não é um artista qualquer. As suas pinturas tẽem character. Não precisa de assigná-las. Até a Gigi, vendo um esboço d'elle na pedra, reconhece logo: «Papá, olhe um homem do Domingos.» Ha effectivamente uma maneira de desenhar, que é só d'elle.

As creanças, ao mesmo tempo que intellectualmente desejam e pedem tudo que é novidade, não sentem materialmente gôsto senão por poucas coisas. Um alimento novo despertalhes a curiosidade, mas raro lhes agrada. As vezes mesmo, sobretudo nas mais novinhas, esta repulsão predomina sôbre a curiosidade, ao ponto d'ellas recusarem o que se lhes offerece pêla primeira vez. Isto prova não só que as emoções intellectuaes são mais tardas do que as sensitivo-motrizes e organicas, mas ainda que, desde que despontam, ellas se desenvolvem mais e mais depressa do que as outras.

Acontece que, mesmo na edáde em que já o paladar, por exemplo, receberia bem um alimento, a creança recusa-o por desconfiança contrahida á novidade. Ahi está a Quina, que, por nada, queria comer azeitonas; e, a primeira vez que condescendeu em prová-las, ficou muito surprehendida: «É bellissimo!»

Das coisas más e repugnantes talvez a maior parte da gente não gostasse nunca, se não fôsse a instigação do mau exemplo dos

depravados, que a força das emoções sociaes torna tão contagioso.

O amor pelos fracos, pelos pequenos, pelos humildes, pelos infelizes, por todos que foram sacrificados nos passados seculos, esta infinita piedade do nosso tempo, manifesta-se em tudo, artes, industrias, sciencias. D'antes estudava-se quasi só o homem, hoje tambem a mulher; quasi só o adulto, hoje tambem a creança; quasi só as classes e os povos cultos, hoje tambem o povo e o selvagem; quasi só o homem normal, hoje tambem os enfermos e degenerados.

Algumas pessôas tanto nos querem ser agradaveis, que tudo nos dão, menos o que é de mais preço, a verdade.

O prazer do passeio, de andar e de ver. A Zirinha, mal se fala da rua ou as irmãs se apromptam para sahir, logo acena com a mãosinha, a despedir-se, como quem diz que vai tambem.

O riso desafoga e lava os corações. O carinhoso Dino está desesperado, quasi a

chorar, porque lhe faltam sellos. Tinha-os num grande cartuxo, e não sabe d'elle. «Ora! A Zirinha andava esta manhã com elle metido na cabeça», digo-lhe eu. E logo a zanga se lhe troca na mais franca hilaridade.

A Elzirinha muito me ama, deixa a todos para vir para mim; mas quer amar-me, quer procurar-me e estar commigo, em liberdade. Se lhe fecham a porta do meu gabinete, corre logo a empurrá-la e bate nella estrepitosamente até que lh'a abram.

Nunca passaram por um transe em que dariamos tudo para arrancar ás dores e afflições e para salvar da morte um ente querido? Pois lembrem-se de que é pela instrucção que, dia a dia, se vai melhorando e accrescentando a vida.

Algumas pessôas gostam muito das outras, mas como quem gosta d'uma flôr e corta-a do seu pé. Ha assim uma sociabilidade ainda egoista, que é quasi só a que ha nas salas.

Ás raparigas animadas, faz-se-lhes uma

advertencia, e o que ellas procuram, não é emendar-se, é repontar.

Os brinquedos parecem ás creanças dons sobrenaturaes que lhes veem do ceu. Por isso o Domingos me explica que a arvore do Natal, depois das mães darem aos meninos tudo que ella tem, vem um anjo e leva-a. De certo. Tantos bens não podem brotar cá na terra.

Os que mais teimam com os outros, são os que menos teimam comsigo.

Progresso religioso da Gigi. Ainda acredita em papões, que lhe meteram na cabeça para a levarem pelo susto. Mas já não se receia d'elles. Uma creada diz-lhe: Mas, se o papão lhe apparecesse, que fazia? «Cruzes, Nosso Senhor!»

A ignorancia, o erro, entenebrece, desvaira, e, por isso mesmo, divide, separa. Ao contrario, a luz da verdade, da instrucção, é um centro de attracção e, por isso mesmo, de reunião.

Os maus, mesmo sem querer, arremessam

os filhos para a depravação, levando-os a preferir a companhia dos dissolutos, entre quem menos terão de córar dos seus. Raros são infelizmente os que se sentem de força a offuscar a marcha hereditaria com o brilho das suas virtudes.

A Zirinha ia subindo pela escada e já estava no segundo degrau, quando o Dino, que foi dar com ella nessa ascensão perigosa, a arrancou para baixo. Oh, que fizeste! Ella deitou-se no chão a chorar, perneando, batendo com os pésinhos! Pudera! Tinham-lhe interrompido a sua façanha.

Acho que os rapazes chegam muito cedo á formatura. Formados aos 20 annos alguns! A verdade é que estão ainda muito longe d'isso; sobretudo moralmente, socialmente. São ainda na maior parte umas creanças. Mas as familias é que não pensam assim; o seu sonho doirado é vê-los doutores. Se pudessem, faziam como o Dino, este extremo irmão, que poz uma capa aos hombros da pequenina Zirinha e meteu-lhe uma pasta debaixo dos braços, e depois entrou-me com ella no meu escriptorio: «Papá, um quinta-

nista!» E como ella se remirava de envaidecida! Pena é não falar ainda, para me dizer tudo o que sabe. Uma prenda tem: encanta, enternece. Assim a tivessem todos os seus collegas! Muitos são tão seccos!

A Gigi, ainda de madrugada, grita na cama: «Mamã, tenho fome!» Mas nisto ouve a chilreada que vai lá por fóra, e a fome passa-lhe. «Os passarinhos!» exclama já dôcemente.

«Papá, olhe a Zirinha!» diz-me o Domingos, suffocado de riso. Ih! que vejo! A Zirinha, toda enlambuzada de mel, ainda com a colher pendente do queixo, a concha collada á bôca. Ai como está! exclamo. E ella, no seu communicativo arroubamento, mais se chega para mim, a mostrar-me o que eu ainda não vira bem, as suas mãosinhas, horror!

A moral não é uma sciencia, uma arte ou uma industria nova. É a mais alta generalização de todas as sciencias, artes e industrias, a sua humanização, a sua universalização. Assim como a philosophia concentra em si todas as sciencias, a arte todas as artes e a

industria todos os misteres, assim na moral se concentram philosophia, arte e industria. A moral scientifica, philosophica é a politica, a moral artistica é a religião, e a moral industrial é a economia.

O Domingos, enriquecendo o dictionario: «Papá, olhe a *cameleira*, que lindos botões que tem!» Falta-nos realmente um termo para exprimir a planta das camelias, a não se lhe chamar, como no Porto, japoneira, o que é do mais injusto desdem por tão admiraveis flôres.

Dino, lembrando-se do verão passado com a avó: «Havia muitas flôres no jardim. E uma roseira tão linda! Era grande, grande! Quando os botões arrebetavam, cada ramo ficava um arco de rosas.»

Ha pessôas, que se vê logo, óuvindo-as, como fazem tudo, despegadamente, sacudidamente, assim como falam. Não ligam e não ordenam nem as palavras nem os actos.

Na paz como na guerra a victoria pertence

ao valor, e o valor não é outro senão valor moral.

Não é, pondo-se uma pessoa todo o tempo deante dos livros, sem ver nada nem a ninguém, que pode chegar a ter prestimo. Para o alcançar é indispensavel viver, conviver, ter as salutaes sensações da existencia e sobretudo as grandes commoções sociaes, sentir e sobretudo amar.

Pena de prisão. A Zirinha mexe em todas as brincadeiras das irmãs, produzindo enorme perturbação social. É uma revolução. Mexe, remexe, puxa por ellas, quer espatifá-las e pode deixá-las cahir ao chão e quebrar-se. Não ha quem a contenha. Até a Rita invoca o auxilio celeste: «Que menina, meu Deus!» Por isso, não ha remedio! trazem-na para dentro do meu gabinete, fechando-lhe bem o trinco para que ella não vá escapar-se. E ouve-se a Gigi no quarto das brincadeiras «Fechem a porta, fechem a porta!» como quem receia ainda que ella possa evadir-se com a minha cumplicidade ou pelo menos beneficiando do meu indulto e lá reaparecer de repente. Não! eu só faço por lhe tornar

a prisão instructiva e de bom conselho; mas o peor é que nada a consola da clausura, nem o meu canto, nem mesmo o meu asso-bio, de que ella gosta tanto. Atira-se de pés e mãos ás pancadas á porta, alvoroa toda a casa, e, quando o Domingos vem de carce-reiro com ares de admoestação, é uma lucta para elle a aferrolhar de novo. Tambem os irmãos, perdoando-lhe, logo a restituem á liberdade; e lá chegam de certo com ella a uma transacção, porque volta a reinar a ordem. Como? pelo amor fraternal, pela captivante bondade e paciencia dos maiores. Muito tem que apprender com as creanças a rigorosa justiça dos nossos tribunaes e penitenciarías.

A quantos convites accedemos com repugnancia, só para que não vão fazê-los a outrem e as considerações não mudem de endereço! A avó offerece marmelada á Zirinha, que a prova e deixa cahir no chão o ladrilho, careteando. Chega a Gigi: a avó offerece-lh'a tambem e ella come e lambe os beiços. Vai depois a avó para dar mais á Gigi, logo a Zirinha lhe puxa pela manga e já reclama para si, sentida de que ella deixasse de lhe

offerecer igualmente outra vez. Dissabe-lhe a marmelada, mas ainda mais lhe dissabe ser menos do que a irmã.

Contava-me o Dino: «Para tirar o leite á cabra, a Rita chega-lhe de comer, a Maria e eu pegamos-lhe pelas pontas, e a Esther muge-a. Mesmo assim, ás vezes ella puxa com tanta força para traz, que atira com todos ao chão.» E o Domingos que faz? perguntei. «Segura o cabrito ao collo para elle não mammar.» E a Gigi? «Tem medo.» Como se fôsse preciso tambem haver quem desempenhasse essa parte para ser completa a scena. Faltou só dizer que de longe, em gritinhos, palmeando e tripudiando, assiste a tudo a Zirinha.

A gente nova, na sua sofreguidão das modernidades, lê quanto se publica e nada do que está já publicado. O ensino litterario ainda attenua esta parcialidade; mas o ensino scientifico deixa os seus discipulos afastarem-se do estudo e portanto do respeito dos grandes mestres. Era preciso, pelo menos, fazer tambem das obras d'elles uns logares selectos.

O nosso povo vaticina ás creanças de espirito superior á sua idade que ellas não podem durar. Os hespanhoes exprimem a mesma inquietação, quando declaram que não gostam de ver bons principios aos filhos. E os francêses tambem desconfiam dos *enfants prodiges*. A estes sentimentos empiricos deu razão um dos grandes Saint Hilaires, demonstrando que o crescimento encephalico se faz a um tempo em massa e em estructura, e que, quando um se desmede, é á custa do outro.

Por isso os professores que obrigam a cabeça e o coração das creanças a uma prematura complicação desproporcionada, sugam-lhes as forças. Durante a adolescencia, todo o cuidado é pouco para não exaggerar os estudos; e, quando o crescimento é maior, reduzam-se logo.

O prazer do banho. Ahi vem de tomar o seu a Zirinha, tic, tic, tic, com os anneis dos seus cabellinhos ainda humidos e as bochechas muito mais rechonchudas e rubicundas, toda alegre, effusivamente, a bôca aberta num largo sorriso como uma rosa silvestre com dois pontinhos brancos no centro.

Que os bons não caiam nunca em sorrir da virtude! É o processo de que os corruptos mais artistas usam para lhes tirar depois a coragem de a defenderem. Riram-se d'ella? estão já corrompidos.

São os que nunca fazem nada e por isso não sabem as dificuldades de nada, os que não desculpam nada.

Sciencia e consciencia. Oiçam a Gigi, em dialogo com a Manoela. «Ó Manoela, vou aqui buscar tangerinas.» «Traga só das maduras.» D'ali a pouco, apparece com duas nas mãos: «Olhe, esta está muito madurinha; mas esta não está tanto, porque me descuidei. . . » Com tão espontanea confissão se escapa ao ralho. Quem na verdade assim reconhece a sua falta, de certo que dá toda a garantia de que não tornará a incorrer noutra.

Não podemos passar sem um publico de admiradores. A Zirinha, de 19 mezes, trepa a uma cadeira para chegar ao piano, e, mal a mãe entra na sala, logo, toda contente, levanta as mãosinhas do teclado e, a acenar-lhe, a acenar-lhe, chama-a para lhe vir vêr

as habilidades. Neste caso realmente o importante não é tanto a musica que é tocada, como o musico que toca.

Egualdade. Entra no meu quarto a Elzirinha com uma bolacha em cada mão. E logo a Gigi lhe arranca uma, declarando: «A mamã deu uma para cada uma.» O processo é que podia ser mais humano. Mas, como é que, perante os excessos da insurreição, não os ha de haver tambem da reacção?

Politica radical, de tudo ou nada. A nossa Zirinha, parto-lhe a grande pera que ella tinha na mão e offereço-lhe um bocado: atira-o ao chão. Queria-a toda.

Até onde pode chegar o amor ao preceito de ordem, — cada coisa no seu lugar —. A Gigi, tendo sentado a boneca na cama, vai para a calçar, mas, remirando muito as meias, pergunta-me: «Esta é do pé direito, não é, papá?» Que rigor! Ainda bem que não espera pela resposta: ficava a boneca com os pés eternamente nús, e, desagasalhada, corria o risco de constipar-se, sobretudo neste tempo de inverno. E pode-se-lhe dar um voto de con-

fiança. Como o pastorsinho discrimina as suas ovelhas, tambem não ha particularidade que a Gigi desconheça das suas pupillas. O que isso não lhes tem custado, está claro! Mas é tudo para seu bem! como dizem tantos preceptores eximios, em homenagem á disciplina.

A paixão mathematica. Encontro um pequenito na rua, de cara voltada para a parede, chorando despedaçadoramente. Mas que tem elle? pergunto. Queria uma fatia maior de pão, uma fatia muito grande, responde-me a sorrir a pobre mãe. Ai! o amor da grandeza até os pobresinhos faz soffrer.

Lição verbal: os differentes valores da mesma palavra. A Gigi: «Papá, dá-me uma amendoa?» Logo. «Logo é mais tarde? Não! eu quero agora.» Na verdade aquelle logo não tinha muito o tom de significar immediatamente.

«Papá? queria aquillo.» O quê? «Nesperas. Dá-me?» A menina chorou... «Foi ha bocado, agora estou calada.» Já é positivamente de apreciar e reconhecer. Merece pelo menos uma.

O Domingos para o Dino, com a voz um

tanto estrangulada pela dôr, apontando para um prato de frangos assados que se servem á mesa: «Vem ali o gallito preto, era tão engraçadinho!» E, em seguida, como quem appella, com um resto de esperança, para um milagre: «Se elle agora se levantasse!» Ouvindo o que, o irmão, que tem estado calado, absorto em recordações, completa o pensamento: «E fizesse cócórócó! Cantava já tão bem!» Pergunta-lhe alguém do lado: Mas para que haviam de ser os gallos, senão para se comerem? «Para galar as gallinhas» responde o mais velho. Tem razão: para poder haver mais gallinhas que ponham ovos. Contentem-se com elles.

O amor da côr. «Eu gosto d'aquelle papezinho vermelho que o papá deitou fóra», communica-me a grande colorista Gigi.

Está uma creança a chorar, porque não encontra qualquer coisa que deseja. E o pae reprehende: «Imaginas que é com o chôro que te apparece?» Mas assim se dirige ao coração dos outros para que a ajudem a procurar, e sobretudo vai desafogando a sua dôr de a não encontrar logo á mão.

O Domingos, entretido com os irmãos, a custo se dispunha a sahir para fóra de casa com uma senhora a quem a mãe o offerecera para companhia, e tornou-se preciso que eu lhe excitasse os brios, mostrando-lhe a bôa figura que ia fazer, de pessôa serviçal e amavel, como se já fôsse um homem. Aviou-se. E não tardou que effectivamente começasse a receber o preito da consideração publica. Estando elle já a vestir-se, a mãe entra no quarto, e a Zirinha, ainda só de 20 mezes, que o contempla, aponta-o: «Mamã, um ome, um ome!»

Como o Dino ataca a sua escripta: em frente do modelo, de penna em riste, assobiando intrepidamente o hymno liberal da Carta.

Dos filhos o mais velho é quasi sempre o mais forte de pulso, e o segundo experimenta-o; em contraposição, o segundo desenvolve um tal poder de gritaria, que todos pagam pelo irmão mais velho. Assim se vão talhando as duas antigas profissões: armas, letras.

Desinteresse. «Tres ovos!» correm para a

mãe em grande clamor Dino, Domingos e Gigi, cada um com o seu na mão. E a feiticeira da Gigi relata: «Quando iamos para a capoeira, eu disse: E se estivessem lá tres?» Amaveis gallinhas, que lhe escutaram o voto, repartindo equitativamente pelos tres as suas bôas graças, sem odioso privilegio em favor de ninguem, nem da propria Gigi, aliás tão meritoria no seu desinteresse, pois que um só ovo que as gallinhas tivessem posto, era para ella, sem contestação, já se sabe.

O amor da Zirinha por mim é tamanho, que, quando não está agarrada a mim, se pode apanhar algum retrato meu, não ha quem lh'o arranque das mãos ciumentas. Olhos nelle, corre pela sala, toda enlevada, gritando: «Pá, pá». E a mim, se lhe pergunto de quem é o retrato, sorrindo-se, suspira ainda: Pá-pá.

A Gigi, que tem estado a brincar com o cão, despede-se d'elle: «Adeus! viva!» Mas logo volta atraz, e, com pena de o deixar, afagando-o na testa: «Coitado! coitado!»

Sabem o prazer que as creanças tẽem em correr. Tambem se hão de lembrar de que

numa certa idade ninguem resiste a puxar pelo cordão ou a tocar no botão de uma campainha. Calculem, pois, a alegria com que a minha Gigi, de sineta na mão, veio do corredor ao meu quarto contar-me: «Papá, corro e tóco!» Até a Zirinha, que a acompanhava, para me explicar a delicia que era aquelle divertimento, se atirou para traz, levantando os bracinhos, fremente de enthusiasmo.

Dizem alguns que dar esmola é alimentar a ociosidade. Pode ser. Mas eu não tenho meio de indagar se todos que pedem, precisam de soccorro; e, se a sociedade não organiza a assistencia, na dúvida, vou dando o que posso. Dignos de dó são todos os que esmolam. E eu não sou senão o administrador de uma parcella da fortuna publica. Eis o sentido com que modestamente, humildemente, devemos exercer a caridade.

Dar dinheiro ás creanças? sim, associando-as aos negocios domesticos; não para o seu bolso, como se costuma dizer, porque nós somos responsaveis pela gerencia dos nossos haveres.

Siga-se o exemplo da natureza, que não dá logo ao homem toda a força. Se a creança tivesse muita força, quebrava a cabeça, cortava-se profundamente, e incommodava os outros com a desordem do seu apprendizado. Do mesmo modo, um capital avultado nas suas mãos só serviria para ella o desperdiçar. Basta que cuide do seu quarto, da sua roupa e calçado, dos seus livros e cadernos, do seu material de estudo e recreio, e dos utensilios e productos do seu lavôr.

A respeitosa Gigi. Como estivesse ainda um pouco constipada, não tinha licença para sahir do quarto. Vou vê-la. Diz-me: «Quero a mamã.» Está na sala de jantar. «Posso ir lá?» Pode. Fico-me a ler um livro, que levava na mão. E ella: «O papá não vem commigo?» Para eu a justificar á mãe, que teria sido mais difficil em lhe levantar a prohibição.

A minha palradeira. Manhã de fevereiro, cheia de luz. Vou para a quinta ler os jornaes, e a Gigi, de volta commigo, borboleteando: «Papá, tem ali um banquinho.» Sen-

to-me. Ella começa: «Olhe duas arvores (acacias) com flôres, e, com aquella que está no caminho, fica tres. Ao pé da nóra, ha lá um ninho, que é dos passarinhos pôrem ovos. Os ovos d'elles comem-se? então para que é?» Sem esperar pela resposta: «Se o papá comprasse uma gaiola, enchia-se de passarinhos, para a pendurar num prego; e a gaiola ficava lá e os passarinhos a cantar: tri, tri, tri.» Nisto, com ternura: «Olhe a boneca, tão mal calçada!» E vai pressurosa tirá-la da caixa onde a tinha, sôbre uma pedra, para lhe meter o pé no sapato, que estava meio cahido. Depois continúa: «Ha ali uma arvore (eucalypto) que dá carapuças!» Perante a minha extranhese: «Vou buscar uma para o papá.» Ao ir, avista as cabras. «Chiba, chibinha! Estão deitadas. Papá, sabe? É preciso segurar numa perna da cabra pequena, senão ella não deixá mugir... As pernas do Mondego (cão) é que são patas. Vou chamar o Mondego para o papá ver. Mondego! Mondego!» Mas o cão está longe, e ella pára, distrahida, encantada: «Papá! estava um passarinho na agua a beber, e, depois, quando vim eu, fugiu...» Encontrou alguma coisa, e corre, cantarolando: «Quem perdeu o que eu achei,

dê-me alviçaras, que eu darei. Papá! olhe: duas tampas. Ah! isto é uma caixinha.» Repara nos livros de leitura que os pequenos, entretanto, tinham deixado ao pé de mim. «Estes livros são dos meninos... Papá! Antonio e Miguel estão em Zürich. Quando veem? Veem no comboio? Amanhã? Amanhã quando é? Quando é hontem, o dia? foi 5.^a feira (effectivamente)?» Precisa de molhar a palavra. «Papá, vou a casa beber agua, e venho.» Pelo caminho: «Oh! um passarinho na janella da sala de jantar. Lá vai! Lá vai!» D'ali a momentos, volta com a mãe pela mão: «Venha ver o papá.» E, trocando-me agora por melhor auditorio, desaparece-me em direcção ao gallinheiro. Ainda a oiço dizer, de passagem, ao cão, a quem de certo, em bôa intimidade, está mostrando a boneca que leva ao collo: «Olha! É bonita, não é? Mas não é para tu cheirares...»

É nas creanças e no povo, na gente mais simples e mais aberta, que melhor se pode estudar a alma humana. A nossa cultura parece não servir senão quasi só para a fechar.

O prazer é socializador. Ignacinho, quando

mais se alegra, trepa, estica-se e cinge-se pela gente acima, como já querendo repartir comnosco as suas alegrias.

Arte industrial domestica. Eu passeio pelo corredor sôbre um extraordinario tapete, todo cheio de vistosas e surprehendentes figuras: sujeitos de chapéu alto no cocuruto e de braços hirtos pendentes do pescoço; frades de capuz aguçado e de cabeça e tronco esphericos, concentricos, sustentando-se num pé só; o focinho d'um porco a espirrar; o rosto fero d'uma ave de rapina; uma pombinha; o mundo; tudo largamente traçado a giz no soalho. A pomba, o porco, o frade, mesmo o mundo, são obra da Gigi; as figuras colossaes, dos irmãositos. Está claro que não são composições que se entendam sempre logo de prompto. É preciso pensar primeiro. Mas que segurança de traço! Que prodigiosa phantasia! Só quem tem d'estes artistas infantis é que se pôde dar tamanho luxo de ornamentação.

Muitas pessôas estão sempre a queixar-se de que os outros se esquecem de tudo. E ellas lembram-se de lh'o lembrar?

A Gigi sabe muito bem quanto gósto de flôres, mas tambem o que gósto d'ella. Agora mesmo, que me traz um lindo ramo de flôres de acacia, pergunto-lhe, gabando-o: Mas qual é a flôr de que gósto mais? E ella logo: «De eu.»

Com a idade vamos cedendo á razão. Sim! á nossa. Mas vamos tambem tendo paciencia para transigir com a sem razão dos outros. O bom Dino é um bom exemplar.

Como o sentido muscular é profundo e se impõe, reconhece-se neste simples factó, tão commum: Um amigo lê-nos o trecho de um livro, que podemos mesmo seguir com a vista; pois ninguem fica contente, e a todos parece que ainda o não leram bem e entenderam de todo, emquanto não pegaram no livro com as suas proprias mãos.

Á nossa vinda de Zürich, a Gigi só tarde adormeceu com saudades dos irmãos. Tão saudosa vinha, que até das vaccas e do rio se despedia: «Adeus, vaccas! Adeus, rio!» E, como tudo fôsse ficando para traz, irmãos, campos, vaccas, rio, ella pedia, em choramíngua: «Quero outras! Quero outro!» E pen-

sava talvez já também nos outros irmãos que ia ver em Portugal para se consolar dos que deixava na Suissa.

Vendo-me tão triste, procurava, apesar das suas, mitigar as minhas saudades. Enlaçada ao meu collo, com o seu coraçõzinho sôbre o meu, para me distrahir, metia-me ora numa ora noutra casa do casaco uma flôr que trazia nas mãos. E eu perguntei-lhe: Onde estão os manos? Ella ia para responder, mas o sr. Hincker continuou: Que ficaram a fazer? «Diga o sr. Hincker.» E, logò, reconfortando-se e a nós: «Depois os manos veem, não é assim?»

Exibição de um dos grandes talentos artisticos da Gigi. Depois de pôr uma musica deante de si: «Papá, venha para aqui, para ao pé do piano, ouvir eu tocar. Quer ver?» E, pegando com uma das suas mãos na outra, faz toda a força no dedo mindinho esquerdo para ferir com elle as teclas. Que vibrantes effeitos de sonoridade! Que tremolo prodigioso!

Ainda estava sob esta impressão, quando

o Domingos succede á Gigi no piano; e agora o ouviremos! «Papá, com as mãos cruzadas!» nota-me elle, para que eu aprecie a sua virtuosidade. E, modestia á parte, sempre accrescenta: «Isto é que custa!» Aos outros, bem entendido. Para elle é uma simples brincadeira, acreditem.

Ondulações de amor. — Encantado deante da Gigi e da Zirinha, que veem para mim de mãos dadas, desliso a pés juntos, avançando, recuando, tornando a avançar para ir ao seu encontro. Viva commoção! A Zirinha toda se afogueia de alegria, voltando-se para a Gigi, a sorrir-lhe; a irmã aconchega-a a si, passando-lhe as mãos pelos hombros; e ella, ainda mais derretida, levanta outra vez para mim a sua rubicunda carinha, communicando-me tresdobrado o prazer que eu lhe causara. É assim que o coração chega a saltar-nos do peito.

Tenhamos confiança em nós mesmos. Toda a idolatria é funesta, até a do bem, porque nos quebranta as forças. Quantas vezes, pelo muito que nos desejamos consagrar a um assumpto, não o vamos pospondo, á es-

pera de occasião mais propicia para de todo nos concentrarmos nelle; e o pobre assumpto da nossa predilecção, por causa d'isso mesmo, fica para sempre posto de lado, porque de tudo nos occupamos, menós d'elle, sem que nunca jámais chegue a tão suspirada occasião! Os grandes trabalhos, tanto como os pequenos, necessitam de que se lhes dê principio, para o que toda opportunidade serve; e, depois, para se poderem completar, necessitam de que se continuem, para o que toda occasião propria serve tambem. Nada mais evidente, nada mais esquecido.

O temor dos grandes deveres é tão mau como o desdem dos pequenos. De uns e outros é necessario desempenharmo-nos amavelmente, sem presumpção, sem fraqueza.

Pessôas ha que não cumprem os pequenos deveres da vida, á espera de se habilitarem para os grandes; nem os grandes, á espera de se desafogarem dos pequenos. E assim a todos se forram.

Mixto de desalento e revolta. Não sei o que a Gigi queria, que a mãe lhe não deu. Parte

a chorar para a creada Joaquina, que está a lavar: «Já não sou amiga da mamã.» Mas molha-se, e a Joaquina ralha-lhe: «A Gigi é feia.» Volta-se então para as pombas, que tinham ido poisar ao pé d'ella. «Sabem? já não gosto tambem da Joaquina.» E, concentrando-se na logica do seu doloroso destino, como quem está desenganada das affeições do mundo, despede-as logo amargamente, antes que até essas indulgentes companheiras de folguedos a condemnem tambem. «Vão-se embora, pombinhas não são para meninas feias.» Injusta sorte, que nem o amor dos pequeninos como ella lhe consente!

É toleima de vaidade ouvirmo-nos? Não se pode affirmar absolutamente, porque precisamos de não nos desleixar em nada. Em certos casos mesmo, isso é bem natural e legitimo. Conto á Rita a grande balburdia que houvera de noite na capoeira, ella conta-o ás duas irmãs, estas ao Dino, este ao Domingos, e este a mim. Não me havia de escutar? E com que gôsto pela larga resonancia das minhas palavras!

Não ha prazer perfeito senão o prazer limi-

tado, moderado. Mesmo as mais innocentes brincadeiras das creanças não se podem deixar prolongar-se demais sem perigo de que desandem afinal em disparate e bulha. As emoções, quando muito repetidas, accumulam-se impetuosamente e rompem em irreprimiveis desejos. Rapazes e raparigas, e mais ainda quasi sempre os que mais recolhidos e pacatos viveram, uma vez lançados em divertimentos, contraheem por elles a sêde dos ebrios, excitando-se a ponto de chegarem a fazer as maiores extravagancias e loucuras. Não estão já em si.

Não é necessario que cheguem á idade madura para as novas gerações nos lançarem em rosto a culpa dos nossos desleixos ou fraquezas de disciplina com ellas. Quem lhe deu este leque? pergunta a mãe á Gigi: «A M.» responde ella. E depois, considerando provavelmente o caso, a sua idade, o valor do leque, a estação fria demais a mais: «Ora para que é que ella m'o dá? Para estragar!» Uma confissão, mas tambem uma condenação. Ha favoritismos que são na realidade provocações ao mal, advirtam-no todos os governantes.

São os proprios filhos que depois se queixam dos mimos extremos dos paes, lamentando que elles não os houvessem ajudado a vencer as suas mollezas e egoismos. Tanto se cantou e dançou na fogueira da noite de S. Pedro (anniversario do casamento dos avós paternos), que, pela manhã, a mãe, com pena do Dininho, deixou-o ficar ferrado no somno. Mas, na cama não é vida, iam dar 9 horas, oiço-o chorar copiosamente. Porque é isso? «Acordaram as meninas, e não chamaram por mim!» Tinha effectivamente certa razão: perdêra algumas horas de companhia das irmãs. Neste caso ainda foi facil, explicando-lhe o que se passara, apagar os desgosto causado com um grato sentimento pelo carinho materno. Mas quando o mal é profundo e já insanavel?

O prestigio das boas acções! Ouviu-se uma voz dizer que a Elzirinha estava a dar de comer á cabra. Corre tudo. E todos a admirarem: «Olha, sem medo nenhum!» Até a propria cabra, enternecida, recua a cabeça, ao levantá-la do açafate em que a pequenina lhe offerece a comida, não bata com os chifres na sua bemfeitora.

A Gigi traz dois ramos. «Um é para o papá», explica o Domingos. Mas ella logo: «O mais pequeno.» Ai, as mães são bem felizes! É verdade que bem o merecem.

Um pequeno um dia volta-se para o pae «Os meus soldados?» outra vez para a mãe «O meu sacho?» E os paes ralam-se, quasi indignados: «Ora esta! Tambem é demais. Até a gente é que ha de saber lá das suas brincadeiras!» E não sentem o que ha de tocante neste apello ingenuo para a sua providencia, que a confiança infantil julga capaz de tudo, até de achar o perdido.

A Gigi até os animaes magnetiza, que tudo lhe soffrem sem se doer. Ella mesma se admira: «Pisei, sem querer, o Mondego, (cão) e elle a mim não disse kui, kui! Porquê, papá?»

A Gigi, ouvindo-se e procurando supprir a sua deficiencia phonetica: «Papá, andam ali dois bois, a lavar; mas é outra coisa, não é lavar.»

Divisão de trabalho: os pequenos colhem

as flôres e as meninas enramilhetam-nas. Mas depois o lucro é igual: trazem-m'as todos juntos.

Como é mais facil legislar rigores para os outros. A Gigi, tomando a sua lição disciplinar, mostra á mãe um papel de figuras todo roto: «Vê, mamã, deram isto á Zirinha e ella estragou. Ella é pequenina e não sabe o que faz... Não é assim?»

Esta vida de campo é continuamente instructiva. 12-3-1901. Vem o Domingos: «Papá, o centeio já tem espiga; o pequenino ainda não, mas o mais alto. Está tão alto que a gente senta-se e não se vê.» Enormissimo, de certo, para se não ver gente d'aquelle tamanho.

Como, na juventude, tudo, coisas e pessoas, avulta e nos parece grande, referido á nossa unidõesinha! Por isso é a idade das grandes admirações.

Imaginação mercantil.—Uma pequena vendedeira ambulante. A Gigi, no jardim, á sombra de uma arvore, sentada num banquinho,

tendo deante de si, em taboinhas, pedaços de ervas e de gravetos representativos para ella de arroz, etc., fála sósinha: «Diga lá á sua filha que eu não lhe posso vender mais barato.» Não lhe falta nada, nem freguezia.

Desvélos feminis. Grande alvoroço em casa, porque nasceram uns coelhinhos. Mas «Cautela! recommenda a Rita, não vá a mãe enfeitá-los.» E, no dia seguinte logo de manhã, vejo a Maria ainda muito distante da coelheira, e já pé ante pé, devagarinho, retrahindo-se toda, a voltar-se de vez em quando, com o dedo sôbre a bôca, para alguém que vem a traz; e, momentos depois, ao fundo, de mãos dadas, ar temeroso, estacando a cada passo, a Quina com a Gigi. Não fôssem assustar a coelha e os filhos!

Domingos enternecido: «Ó papá, olhe a bôa coelha, despiu-se toda, tirou de cima de si os seus pêllos para cobrir os filhinhos.» E depois, com certo jubilo, na esperança de os ver bem depressa todos creados: «Ámanhã já elles sahem da tóca, e deixam de mamar para comer hervinhas.» Como sabe isso? «A Rita disse.» Então...

Ricochete dialectico: argumentó por argumento. Quando se está a servi-los á mesa, diz o Dino ao Domingos: «Passe, eu sou mais velho.» Mas, quando depois o Domingos péga na travessa para offerecer a todos, volta-se para o Dino: «Espere! primeiro estão os mais velhos.» Pena de talião, dente por dente.

Bem deviam reflectir os governantes em que as violencias são um desafôgo natural das grandes dôres, que precisam das grandes agitações musculares para abrandarem. Uma creança, e um homem mesmo que se feriu, que se picou, salta, estrebucha, grita. Não viram nunca a sapateada que faz uma creancinha para conter a sua afflicção, quando a aperta a vontade de fazer chichi?

A mulher nasce essencialmente educadora. Aqui tẽem a Gigi. Feitos os seus cumprimentos matinaes, foi buscar a irmãsita, já prompta tambem a sahir do quarto, e, trazendo-m'a pela mão, ainda um pouco tropega da cama, e a baloiçar-se, com a marcha cambaleante dos seus dezoito mezes, faz-lhe a sua liçõesinha de civilidade: «Zirinha, vá, dê bom dia ao papá.»

O metaphysico Dino: «Como é um Deus, filho de ninguem? Como é que elle, só, pôde fazer o mundo todo?»

Ninguem é capaz de arrancar o assucareiro á Zirinha. Toda enlambusada, percorre a sala, fazendo estações pelas cadeiras; e não ha quem se atreva com ella. Então vou eu para lh'o tirar; e ella, que começa por o puxar para o peito, a defendê-lo, de subito, como quem é assaltada por uma lembrança absorvente, abandona-m'o nas mãos, para me arremedar o canto, levantando um braço, como eu, quando perante ella me agita o estro lyrico. E nem mais pensou no assucar. Tanto pode a arte!

Às creanças, procurem-nas nos postos perigosos. Têem alguma que ainda apenas engatinhe? e ha em sua casa escadas? Procurem-na lá.

É assim temeraria toda a mocidade.

Imaginação creadora. A Gigi despedaçou todas as bonecas. Não importa! creará outras. Agora acaba ella de dar banho a uma, que está enxugando cuidadosamente. Mas

onde iria buscá-la? Curiosidade geral. «Olha a cabecinha!» acirra ella, avultando-lhe as fôrmas, a segurá-la pelo pescoço, com todo o geito. O Dino não pode mais: «Deixe cá ver.» E sahe de dentro do lençol... uma laranja.

Compensações á velhice. O Dino, enlevando-se com a minha cabeça: «Ih! o cabello do papá, á luz, parece prata.»

Com as creanças voltamos á religião da natureza, de que nunca nos deviamos apartar. De repente, no meu escriptorio, sou surpreendido de perto pelo canto festival de um gallo. Mas está cá dentro! Foi a Gigi que o trouxe, como uma grande flôr de garridas côres, ao peito. E agora, depois d'estas festas, d'esta intimidade, quem pode pensar em comê-lo?

Torna-se preciso ir achando aos animaes outros prestimos. É o que a Gigi quer, é o ensinamento que com a sua bondade nos dá.

Até o coração dos animaes se rende aos amavios infantis. Entra-me a Gigi pelo escriptorio, com um grande gallo nos braços: «Coitadinho, coitadinho!» Olhe lá! «Nada!

não suja, papá. Eu digo-lhe, e elle não faz tolice dentro de casa. E não me faz mal, não pica; é muito meu amigo.» Está-se a ver: o gallo a tudo se lhe presta, como que fascinado pelos dôces filtros d'aquella feiticeira.

O gallo sempre fez tolice no chão. E então a Gigi intercede por elle: «Ó mamã, o gallo está a chorar e disse-me que não tornava mais.»

Objectam-me: «Mas como hei de ter liberdade, se as minhas circumstancias m'o não permitem?» Não se façam menos do que são. Tomem sequer o exemplo de tantas plantas. Falam em circumstancias hostis? Vejam a laranjeira. Ahi a tẽem: É inverno, neva e venta, tudo parece render-se ás intemperies; e é, quando ella corajosamente reivindica: «Pois hei de eu florir e fructificar!» E até por isso mesmo as suas flôres e os seus fructos são tão delicados. Está ali uma vontade.

Educação civica. As minhas filhas podiam pregar o mappa de Portugal a pequena altura, á sua altura, para o estudarem, de pé, com elle deante dos olhos; mas não tinha

tanto attractivo, tanto espirito. Põem-no lá em cima, bem de alto, na parede, que é para se encarrapitarem no mesmo banco; e, juntas, de braço pela cinta, amparando-se uma ás outras, é como apprendem bem a sua lição de geographia patria. Bello modo pratico de logo desde a infancia estreitarem tambem os laços nacionaes! São tão escuros os nossos destinos!

Ancoras neste mar da vida. Saio do meu gabinete, com a cabeça estonteada, revôlta de tanto matutar, ondeante, vertiginoso; mas logo me surge ao fundo do corredor a jovial figura da minha amiga Zirinha, doirada e rubra como uma aurora, e, de mão erguida ao ar, deita a correr para mim e prende-me com uma força! Já não corro risco de desgarrar.

A explicação nem sempre é justificação, como quasi toda a gente, no correr da vida, imagina; mas muitas vezes approximam-se. A mãe deu á Gigi umas bolachas, parte para ella, parte para ella entregar á Zirinha. E ella come-as todas, e, quando lh'o extranham, cahindo em si, explica: «Ah! não fui lá cima.» Effectivamente a irmãsita estava no primeiro

andar; e ella, demorando-se no rez do chão a contar-me as ultimas aventuras do seu gallo, distrahidamente foi metendo á bôca todas as bolachas. É claro que em primeiro logar estava ir ter com a Zirinha do que o relato de quaesquer historias, ainda as mais interessantes; mas não ha dúvida tambem que não foi por mal que ella comeu a parte da outra. Foi descuido, não foi proposito. Não houve intenção fraudulenta.

O que attrahe a Gigi para casa da familia da creada Joaquina: «Ella diz que lá ha meninas, carneirinhos, gallinhas, gallitos, um cão branco muito manso, e um coelho muito pequenino, muito pequenininho.» E entôa: mé, mé; cócórócó, kikiriki, au, au, au. Irresistivel, positivamente, não podemos deixar de lá ir todos.

Gigi, planeando uma recepção biblica: «Ámanhã vamos esperar o vôvô. Levamos os coelhos e as gallinhas todas, e eu com o meu gallo ao collo. Isso é que ha de ter graça!» Sem dúvida, e o avô ainda lhe achará mais.

Pela vida adiante, chegados a certa idade,

vamos sentindo necessidade de nos occuparmos, até nos mais insignificantes serviços domesticos, para nos entretermos por fóra, para nos alliviar-mos da fadiga cerebral de pensar. Porque se não ha de fazer o mesmo desde a juventude? Usa-se só tarde, como remedio, medicinalmente, o que é da indispensavel hygiene quotidiana da alma. Mas se até ao banho, ao passeio, a maior parte da gente só recorre em caso de doença...

As occupações externas, o trabalho de observação e applicação, o exercicio, em summa, da faculdade sensitivo-motriz, é indispensavel para o exercicio e desenvolvimento intellectual. Á força de só puxarem pela intelligencia, condemnam-na ao impossivel. Como ha de ella desempenhar a sua funcção coordenadora, se lhe não permitem apprehender os elementos sensitivo-motores, sensações e impulsões, que são, em grande parte, os elementos sôbre que ha de operar-se essa coordenação? Querem que ella coordene depressa e bem? mas o material para isso? D'ahi vem que a nossa gente *culta*, ou cahe na illusão verbal, passando a vida a falar doutoralmente de tudo sem saber

nada; ou adoece do desequilíbrio das faculdades, com sobreexcitação da intelligencia, na desesperada tortura de quem aneia por pensar e não tem em que.

Um estudante tudo declina de si, e até para os mais pequenos serviços, como engraxar o calçado, escovar a roupa, arrumar os seus livros, arranjar o seu quarto, etc., chama por alguém. Pois quem não é para as pequenas coisas, também não pode ser para as grandes. Como se adestrarão para estas, se não começam por aquellas?

Quando amamos alguém, a imagem d'essa pessoa obsidia-nos, vêmo-la em tudo. Como eu, que, chegando ao collegio, ao despejar as malas, em cada coisa que ia tirando de dentro, via, com entranhada saudade, a imagem da minha santa mãe, que lá as tinha metido e arrumado com inegualavel sollicitude! E é como, quando desejamos anciosamente um bem, chegar, por exemplo, a um logar, que logo se nos affigura que o alcançamos, que o estamos a descobrir.

Certas pessoas imaginam dirigir os servi-

ços, dando as ordens sem oportunidade e sem persistencia. «Eu disse! Eu lembrei!» explicam. Mas falaram em alhos, quando se tratava de bogalhos; e falaram tão despegadamente, tão de longe, como se escrevessem ou dictassem formulas de um programma, por cuja execução não mais curassem. Para a direcção ser efficaz, não ha de ficar em palavras, é mister convertê-la em actos, de providencia, d'a proposito e de vigilancia. Dirigir não é simplesmente dar ordens, legislar, tenham-no presente os governantes da casa e da nação.

Um passeio no mez de março. A Gigi, sahindo do caminho por onde vinha ter commigo, para se meter por dentro do campo: «Papá, deixe-se estar ahi parado, que eu vou por aqui lá ter.» E logo a oiço, por de traz da sébe, a falar para uma flôr: «Anda cá, marota, que ainda hoje te não vi.» Mas, no enthusiasmo do seu cumprimento, vai e quebra um ramito. Penalizada, desculpa-se: «Não sabia que estavas aqui.» E, unindo-o com o topo da planta mãe, onde elle fica suspenso pela rama: «Já te arranjei, olha!» D'ali vem então ter commigo; e vamos passeando, ella

adeante, pela borda do caminho, a debruçar-se a cada passo para as flôres do chão: «Tão pequenina! gósto tanto! Esta é o pae, esta é a mãe, esta uma filha. Esta é outra filha. E que é do pae d'ella? Vou fazer um ramo. Ui! tanta formiga! de azas! Apre! arranham. Não deixam arrancar.» Segue até outra moita. «Olhe que engraçado! Parecem agulhas, parecem alfinetes. Olhe outra filha. Mas não arranco... Só esta. Só mais tres malmequeres.» Nisto vê um já sem a inflorescencia branca da cercadura: «Aquelle é rapaz, pelado, está de carapucinho.» Mas cahe-lhe ao pé uma flôr de damasqueiro e ella apanha-a. «Ó papá, que pena! olhe o que o vento fez a esta flôr! Sem pé!» Enfeixa o ramo e mostra-m'o. «É bonito?» Entregando-m'o: «Papá, umas flôres são para o papá, outras para a mamã.»

Entre nós, são todos tão remissos em escrever! Pois não é só a lingua, são até os affectos, que, por falta de cultura, assim se perdem. E não sei o que seja peor, se perder os dos outros, se os nossos por elles.

Quando nasceu o ultimo irmãosito, que

festa! No dia seguinte foi uma rómaria para o quarto. Mal eu cheguei da aula, os pequenos, á uma: «Já peguei nelle ao collo!» E a Quininha informa: «É muito lévinho!» Todos celebram a sua perfeição. Até a Gigi o imagina já calçado: «Eu tambem vi o menino, é muito lindo! Tem botinhas, são brancas.» Só lhe acha um defeito: «Ainda não sabe pedir.»

Como se distingue a propriedade de um e de outro sexo. «A Rita diz que esta figura de recortar é a d'ella, mas tem aqui um quartel e um soldado, vê?» pondera-me o Dino. Logo pertence-lhe. São signaes certos.

Para as creanças tudo ainda são novidades e accidentes a recontar nesta viagem da vida. Por isso a Gigi, numa simples referencia á estante das irmãs, fala a linguagem noticiosa de um explorador de regiões ainda não per-scrutadas: «Papá, aqui se encontram livros, figuras e brincadeiras.» Ella é effectivamente a denodada *pioneira* da sua propria civilização.

Por mal ninguem me leva! dizem e repetem as creanças. E têm razão. Assim o

homem se mantivesse sempre d'essa tempera pela vida adiante! Só a bondade se apodera das almas; o terror consome-as, aniquila-as.

Com que satisfação, passando eu por deante de uma casa de aldeia, ouvi ao estalido das pancadas e gritos de colera uma voz de creança responder com indomavel firmeza: «Não!» Ah, bom rapaz! De caracteres assim é que nós precisamos.

A Gigi, que é muito amiga do cão, quer dar-lhe sempre o que ha de melhor. «Mamã, dá torradas para o cão, que elle tem dentes?» Está visto!

Não se façam tantas amabilidades aos outros, que se chegue a enfadá-los. Porque chora? pergunto ao Dino. «Porque tenho a bôca doce.» Oia essa! «Queria agua e deram-m'a com assucar» queixa-se.

Astronomia physica. A Gigi: «Diga, sr.^a D. Mabilia, mas diga, quem foi que accendeu o sol?» Entaladora pergunta, a que nem os mais sabios podiam responder bem! Eu tenho, porém, cá a minha hypothese, e é que a

curiosidade infantil, tão ardente, que a todos e a tudo se atira, é ella que, chegando ao sol, o põe de certo em braza, muito mais depressa do que a chuva dos bólidos que estão continuamente a projectar-se sôbre elle.

Não são só os passarinhos que o canto attrahe. Eu, para me desfadar do trabalho, trauteio uma aria no meu gabinete, e logo vôa para mim, já a acompanhar-me desde o corredor, a minha musical Zirinha, com grande gaudio dos irmãosinhos, que veem tambem a correr para lhe fazer roda.

Um desenho da Gigi: «Este homem verde tem duas pernas, e o amarello tem só uma. Quem olha de lado, parecem *micacos*», explica ella. De facto. Como os grandes artistas têm a dolorosa impressão da inesthetica origem simiana do homem!

Arautos caseiros. Sôam repetidas e impacientes pancadas á porta do meu escriptorio. Uma voz: «Papá, abra!» Outra: «Pá-á-á, Tata, tata!» Vou abrir. É a Gigi com um coelho branco nos braços, e a Zirinha, que me traz uma rica batata. D'onde trazem isso?

Da cozinha. Assim me annunciam o que haverá para jantar. Não que ellas o saibam; que nem a Gigi consentiria na morte do bello coelho, nem a Zirinha na esfolação da grande batata. Esses sacrificios da mesa são superiores ás forças do seu coração. Mas eu é que fico inteirado dos designios da cozinheira.

A facil allucinação das creanças. O Dino, de noite, abancado á mesa do trabalho, á luz de um candieiro, exclama, muito espantado: «Estava distrahido a escrever, e olhei e pareceu-me que era dia!»

Amor do estudo. Insta-se com o Dino para que se vá deitar, porque são horas. Mas está todo embebido na escripta, quer acabá-la. E, esfregando as mãos: «Amanhã não escrevo já, estudo mais!» Ficava-lhe assim a manhã livre de todo para as outras lições.

O espiritalismo das creanças! Para as fazer comer, é preciso prendê-las. A Gigi vem da quinta, toda constringida, pendurada dos braços da Manoela, e a querer escoar-se-lhe. Põe-na no chão! digo. «Não.» Porquê? «Porque ella foge-me. Vai jantar.»

Não ha como as creanças para se elevarem acima do nivel commum, do trivial. Vendo a mãe distrahida, a esgravatar, dois pintainhos mais traquinas esvoaçaram para o primeiro ramo de um geranio, que se dobrou ao seu peso, baloiçando-os festivamente; e elles todos se espanejam de alegria, regalando-se com um pouco do prazer aligero das aves que ao lado piam nas arvores, venturosamente erguidos sôbre a admiração e inveja dos seus irmão-sitos, que do chão os contemplam embasbacados da façanha.

* Educação do coração. Vem o Dino, todo dolorido, contar-me: «Uma andorinha entrou para dentro do poço da nora e depois não pôde sahir. Eu ainda andei com a roda, a ver se ella se metia dentro de algum dos alcatruzes para vir para fóra, mas nada. . . » Segue-se o Domingos, com voz ainda anciada: «E outro dia um passarinho entrou no gallinheiro para ir acima ver os pombos, e depois queria sahir, a furar, a furar pela rêde de arame, e custou-lhe muito. Se o passarinho se demora a dar com o buraco da sahida, eu já ia para lhe abrir a porta.» E, por ultimo, a Gigi, indignada por terem levado do gallinheiro um

pato para matar: «Nem ao menos o deixaram dizer adeus aos outros!»

Physica do Dino. Tendo pegado num seixo que estivera exposto ao sol por um d'estes dias de calôr de trovoadas: «Hui! Foram umas quenturas na mão! Escaldava!»

Analyse do vinho pelo mesmo: «Papá, o vinho cahe na toalha, e fica agua á roda!»

Vou a sahir do quarto, e encontro á porta o corredor todo juncado de perfumadas petalas de rosa. É o rastro da Zirinha, que por ali passou, preparando-me esta sahida festiva. São sempre assim as creanças. Mais que ninguem ellas nos cobrem de flôres os caminhos da vida, do dever.

O Domingos: «O papá hoje dá aula?» Á minha resposta affirmativa, elle, para que eu vá o melhor possivel, ergue deante dos meus olhos enfeitçados um rubro botão de rosa, que é uma alegria, e offerece-m'o. E, não ha duvida, até falo com outro gôsto, de flôr ao peito, a recordar-me, todo satisfeito, da gentileza d'elle.

Arithmetica do coração. As minhas filhas estão todas enlevadas, em doce emulação numerica, a ver quem recebeu mais cartas e bilhetes postaes dos irmãos. Escrevam-lhes, até para que ellas se adeantem em contas!

Vendo no chão ao pé de mim uns papeis impressos, o Domingos apanha-os: «Ó papá, olhe as notas.» São provas, elucidado. «Dá-m'as?» Abraça-as ao coração. E, dilatado em jubilo, mostra á Rita, radiosamente: «Notas!» Se são do seu papá! Lá vai depois, todo ufano, com ellas debaixo do braço. A sua pena é não as ler ainda bem. Mas dá-as a ler ao Dino, ás irmãs, e escuta, enlevado, senão entendendo-as bem, adivinhando a sua inspiração sympathicamente. E dizem os nossos grandes homens que não escrevem, porque em Portugal não ha publico! Não têm filhos?

«As pastilhas?» perguntou-me a Gigi. «O papá comeu-as todas?» E parecia resignar-se a essa negra ideia. «Não, guardei-as» respondi-lhe. «Então dê-me uma!» clama ella logo nervosamente. E fez-me um assalto em fórma. Assim é tantas vezes atacado o virtuoso pro-

prietario por causa da sua renunciadora economia.

Como as creancinhas nos dramatizam a vida com os mais imprevistos lances! Estavamos á sobremesa, quando a Maria, vindo de servir o jantar á irmã mais velha, que tinha ficado a fazer companhia ás pequenitas, ambas constipadas, nos contou enternecidamente que a mais nova das duas, a Zirinha, se lançara ao collo da Rita, toda arripiada de susto, e não queria voltar para o chão, por causa de uma poltrona de palha, que de subito se pozera a estralar. E logo foi uma anciedade geral; e o Dino, deixando em meio a sua querida laranja, rompeu na frente: «Vou vê-la!» Nunca a Sarah ou a Duse ou a nossa Virginia despertaram maior interesse.

Não puxem demais pela infancia. Com razão o nosso povo diz que as creanças morrem principalmente de doenças de cabeça, os moços de doenças de peito e os velhos de doenças de ventre. As creanças são tão cerebraes! Vejam como diminue rapidamente a relação entre o peso do cerebro

e o peso total do corpo: na epocha do nascimento, 12, 4 por 100; na idade de 1 anno, 10, 9; aos 5 annos, 8, 4; aos 15 annos, 3, 8; e aos 25 annos, 2, 3.

Cautela com as companhias! A imitação das pessôas com quem convivemos, faz-se por si, inconscientemente, fatalmente, por mais prevenidos que estejamos contra ella. Não ha preceitos que valham. Um amigo meu cançava-se a batalhar com a filha para que ella tomasse um porte discreto, sempre natural, sem sacudiduras grosseiras ou esquivanças ariscas e escarninhas e sem languídos acanhamentos, e sempre delicada e affavel com decóro; mas deixava-a frequentar uma casa onde a rapariga mais evidente era uma espevitada, dava-lhe por companheiras umas collegiaes cheias de amuos, segredos e risinhos, e recebia de visita a toda a hora uma provinciana embiocada, beatifica, sempre de olhos no chão ou de soslaio, que não olhava de frente para ninguem, e, se olhava e o seu olhar se encontrasse com outro, masculino, logo se commovia: debalde, pois, se consumiu a prégar-lhe; a força do contagio annullou quasi todo o effeito da bôa doutrina.

A grande, a imprescindivel reforma do ensino: ninguem na eschola, desde a primaria até á superior, ninguem que não tenha uma occupação, um officio. Só estudo, não!

Ha intelligencias que parecem privilegiadas, pela rapidez com que tudo apprendem; e não são senão intelligencias molles, servis, que tudo acceitam de prompto, sem nenhuma discussão, sem o minimo criterio. Têm a percepção, não a comprehensão, dos raciocinios. Repetem-nos apenas, sem os entender.

A mãe, ao deitá-la, confessa a Gigi: «A menina que foi que fez hoje durante o dia?» Havia effectivamente um caso de consciencia. Eis como a Gigi o narra: «Eu e a Zirinha fomos apanhar fructas debaixo das arvores, ambas sósinhas, para as deitar aos porquinhos, e as meninas (as irmãs mais velhas) estavam na eira e não disseram nada, e depois o Domingos passou por nós e tambem não viu.» Está claro que houve todas as attenuantes. A sua intenção era levarem toda a fructa do chão aos porquinhos; mas deixaram-nas só, não as advertiram, nem repararam nellas sequer. Que haviam, pois, de

fazer, ainda tão pequeninas, assim sósinhas e abandonadas? Gigi não o disse, mas imagina-se. Nada mais natural. Evitassem-no!

Direitos e obrigações. Um dia, o Domingos, a quem pertence estender o lençol do banho, difficulta-se á obrigação, demora, discute se é effectivamente elle quem tem de o fazer, e parece-lhe que não; mas o Dino impõe-se-lhe, ataca-o, que é elle, sim, senhor! que é aquella a sua vez, não atrapalhe, ande, faça o que deve. Outro dia é o mesmo Domingos que, pegando no lençol, declara alto e bom som, todo ancho, ao irmão que é elle quem tem o direito de o estender «Hoje sou eu!» e, ao desdobrá-lo, parece que é o manto da sua prerogativa o que elle quer ostentar em toda a sua grandeza; e agora ao Dino quasi lhe custa acreditar em tal, reage, põe duvidas, faz á propria memoria uma tentativa vã de recurso para verificar se não será sua a vez, e, quando finalmente vê que não pode protestar, é entre resmungos ameaçadores que se submete: «Mas amanhã sou eu!»

Não se pode dirigir uma sociedade, fa-

zendo exclusivamente o seu governo. É sempre indispensavel prepará-lo pela convivencia intima com os consocios. Pequenos ou grandes.

Gigi, ensinando a Zirinha a bem se exprimir no desempenho das suas commissões. Dá-lhe um ramo de flôres para ella levar á mãe. «Leve á mamã, que é a Gigi que manda. Ande, diga: É a Gigi que manda.» Zirinha ensaia-se. Não é todavia para se ficar descansado; por isso, a Gigi vem com ella, e, já ao pé da mãe, lembra-lhe: «Ande, diga quem mandou.» A mãe, que ouviu, não entendendo bem a Zirinha, pergunta-lhe: Que é que a menina diz? Quem é que a mandou? E então a Zirinha, numa congestão de esforço, que a põe toda escarlata: «Flôres! É a Gigi!» O que arranca logo á irmã o seu applauso: «Bonita! venha cá, que lhe quero dar uma coisa». Olha em redor, vê um grande pau, dá-lh'o. E, pegando lhe na mão em tom gratulatorio: «Vamos, menina, vamos para o jardim!» Merêceu-o sobejamente.

Nova leitura. Já tínhamos a dos movimentos da bôca para a percepção da palavra oral; os meus filhos inventaram a dos movi-

mentos da mão para a percepção da palavra escripta. Vão ver. A Maria, de cannetta em punho, escondendo a penna com a outra mão, para o Dino e o Domingos, todos em volta de uma mesinha baixa: «Que numero é o que eu escrevo? Pelo andar da cannetta se adivinha. Que numero é?» 3, 5, 8... Não! Sim! Ella vai assentando as vezes que cada um acerta. E o interesse do jogo cresce. Já respondem ambos ao mesmo tempo, cada um a querer adivinhar primeiro; já um fica matreiramente para depois do outro, para não cahir no mesmo engano. E a propria Maria se apressa, sem esperar por ambas as respostas, o que provoca vivas reclamações: «Eu ia dizer, e não pude.» Combinam-se os turnos, e a irmã promete dar tempo para cada um se pronunciar. Alvorça-os, porém, o seu ardor. A Maria, quando elles erram o numero, tão açodada está que não o lê; passa para deante, rodando e escorrendo apenas com a mão esquerda, em signal de que perderam. Depois salta dos numeros digitos para os de dois algarismos. Tudo isto levanta murmurios, protestos. «A Maria fez dois numeros» clama o Domingos. «Pois fiz» confirma ella, mantendo a sua vontade de complicar o jogo.

«Então, não sei» resmoneia o Domingos. E o Dino, com certa superioridade, declara até onde só pode ir nas suas concessões: «Não! pode fazer dois, mas não muito grandes.» Esta desigualdade irrita o Domingos, tornando-o desconfiado: «O Dino vê por ali, por cima do braço da Maria... O Dino, a olhar por ali. O Dino olhou, prompto!» O Dino revindica a sua lealdade; e, se tanto é preciso, ceder-lhe-ha o seu lugar, condicionando todavia: «Mas também não ha de espreitar.» Domingos acceita; mas logo destroca, retomando a sua primitiva posição: «Era só para ver!» Estabeleceu-se por isso certa confusão. Então a Maria queixa-se de que mal se pode ser juiz com taes mordomos, e declina a vara, isto é, a canneta. «Sou eu! sou eu! agora sou eu!» clama o Dino, para a substituir, forte no seu direito de primogenitura. Concedido, sendo-lhe unicamente imposto pela voz da Maria: «Ha de escrever bem percebido.» O Dino concorda. Lá tem a sua idéa para carregar nas difficuldades. «Quanto é?» pergunta, fechando tanto a mão sobre o algarismo, que fecha também ao mesmo tempo os beiços. E todo se regala de ver frustrados os juizos dos seus parceiros,

de bôca escancarada com largos sorrisos victoriosos, batendo com o indicador da mão esquerda ou com o proprio bico da penna em cima do algarismo: «Não!» A Maria, com a cabeça entre as mãos, recolhe-se. Mas o Domingos caramunha. «Dino põe a cabeça deante da canneta: não vejo!» «Não reparei, não reparei nada! Dino faz mal, não faz nada percebido. Faz assim...» E com os dedos descreve cabalisticamente um movimento subtil imperceptivel. Julga-se, pôis, auctorizado a procurar um ponto de vista de maior alcance, e ergue-se nos punhos sôbre a mesa. Dino, sem se agastar, continúa: «Lá vai! digam.» Mas agora é que menos se acerta com o numero. O Dino, radiante, explica: «Faço sempre o mesmo!» E, como quem com os seus hieroglyphos pode dar todo o partido, escreve mesmo á vista dos parceiros: «Agora? que numero é?» O Domingos ainda, entre risos geraes, cai em responder ao desafio: «9.» Mas logo, corrido, despede-se: «Este jogo nunca acaba?» Tinha acabado.

Bellas laranjas as do Cidral! que sabôr e sobretudo que perfume! Mas não lhes tomavamos bem o gôsto por não sabermos como

havíamos de repartir com os nossos filhos mais velhos para Zürich. Estudado o caso, decidiu-se a remessa. Logo pulsam vehementemente os corações. Todo o meu rancho corre ao pomar, e até a placida Maria trepa açodadamente a um pé de grande apreço, enxertado em romãzeira, porque cada um quer que vão algumas colhidas pela sua mão e quer que as suas sejam as melhores; e é depois uma faina, a envolverem-nas cariciosamente em papel de seda para ellas não seccarem e emmurhecem pelo caminho. Por sua vontade, apromptavam ainda máis; mas, que tristeza! já essas excedem o pêso, e ouve-se o Domingos avisar lastimadamente que não podem ir mais do que 5 kilos pelo correio. Não ha satisfação perfeita neste mundo! Lá se sacrificou uma bôa porção d'ellas, que deviam ser deliciosas, talvez as melhores, quem sabe? Resignando-se, acamaram com todo o geito no caixote quantas couberam; e, quando por fim a mãe lhe colou o rotulo com o endereço para os irmãos, houve uma sensação geral de allivio e de prazer. Até que em fim! Já as iamos comer com elles.

Nas aulas elementares e médias não se faz

senão quasi sciencia, que é para o que ainda quasi não ha profissões elementares e médias!

Ouve-se gritar ao longe: «Correio! Cor-rêêêêio! Eio! Eio!» Que matinada! São os mais pequenos, Dino, Domingos, Gigi e Zirinha, que veem annunciando-me, desde o portal da quinta, a correspondencia, entre a qual talvez, oxalá! carta dos avós, dos irmãos. Depois todos se apinham ao pé da mãe no meu escriptorio, para a ouvirem lêr. E a propria Zirinha escuta, sorvendo com os olhos as impressões dos mais.

«Não ha razão para isso!» contradiz muita gente, quando não sabe explicar por principios. Como se não houvesse senão a razão deductiva! Ha tambem a inductiva, embora ahi amesquinhada quasi sempre sob a denominação de empirismo.

Ao desafio. Minha mulher offerece á Gigi o seu prato de compota de damasco. A Gigi: «Coma a mamã!» Minha mulher: «Não! coma a Gigi!» A Gigi: «Ora essa!» E nenhuma quer ceder.

Quando se diz a uma creança— Não faça isso!— e ella repete, não é as mais das vezes teimosia e rebelião, é muito naturalmente para ver se pode mostrar que naquillo não havia mal nenhum, ou, se ha, para chegar até d'onde possa começar a descortiná-lo, porque ainda não tinha dado por elle.

A Gigi vai-se escapando: «Mamá, não olhe.» Como a menina se poz! Ainda ha um instante a vesti de lavado! «Então! a Julia mandou-me lá para fóra...» Que remedio, pois, senão sujar-se toda de terra!

Os mimos são funestos, mesmo a abundancia atrophia. Lembro-me de que um discipulo meu, que desejava fazer certas medidas anthropologicas durante as ferias, como não levasse um instrumento necessario, não só conseguiu substitui-lo por outro que elle proprio fez, mas logo introduziu na sua construcção um aperfeiçoamento apreciavel.

Vêm o effeito dos mimos nas creanças? Como ellas se tornam rabujas, petulantes, despoticas? Pois quasi toda a nossa gente abastada, tanto a que nunca fez nada como a

que levou metade senão a maior parte da vida a tratar só de si nas aulas, não passam de uns mimalhos grandes.

As mães estão sempre a imaginar que os filhos não comem bastante. E a si proprias se illudem ingenuamente, quando teimam demais com elles para que se tornem a servir ainda de uma comida, asseverando: «Não te faz mal nenhum. Se fui eu que a fiz!» Que santas indigestões eu tomei assim!

O povo é o fiscal dos poderosos; os pequenos dos grandes. Infelizmente, quasi sempre a fiscalização é tão pouco vigilante! Não assim a do Domingos. Não larga o irmão immediatamente mais velho. «Dino? O Dino não lavou bem as mãos!»

Anthropologia. A Gigi, leccionando a irmã-sita deante de uma caveira: «Zirinha, veja, é gente que morreu.»

A função faz o órgão, demostram os naturalistas. Até moralmente. No Collegio das Ursulinas, de Coimbra, as meninas, para commungar, tinham de se preparar com tres confissões consecutivas, e uma d'ellas, ao vir

da terceira confissão, confidenciou ás companheiras: «Já não tinha peccados para dizer ao confessor: inventei um!»

E quem pagou as custas de tanta confissão? Ora quem havia de ser? A pobre da avó. Foi á sua larga conta com ella que a pequena lançou logo a invenção da sua maldadesinha: «Que estivera a arreliá-la.» Nada tão verosimil!

Uma nova partidaria das letras dobradas. A Quina escreve-nos: «A vóvó rremete o vinho.» E eu não posso deixar de inclinar-me caroavelmente para esta graphia, que me parece signal da mais afanosa solitudine.

A lucta com a morte. Domingos traz-me um patinho doente; e conta-me que elle já não anda, não sabe se por ter sido pisado pela gallinha que o cria, que o meteu no tanque e elle ficou no mesmo sitio, que não pode pô-lo no chão, porque elle cahe logo para o lado. Toda a sua therapeutica, todos os seus cuidados, tudo é perdido, soluça. Dá-lhe couve, dá-lhe agua, dá-lhe mesmo um pouco de vinho, — e é preciso deitar-lhe no

bico, observa com tristeza a Gigi, — aquece-o depois num banho morno: nada o reanima. O pobre patinho vai fechando de todo os olhos, até que a Maria, que já tem mais conhecimento pratico das coisas, desengana: «Está morto!» Mas ao Domingos, custa-lhe a acreditar-lo: com elle na concha das mãos, embalando-o como a uma creança num berço, contempla-o fixamente, o olhar attonito, torturado, de quem busca ainda descobrir o segredo da vida, as lagrimas a escorrerem-lhe pelas faces.

A ama do pequenino diz á Gigi: «A mamã agora só quer o Ignacinho, não quer a menina.» E a Gigi impertiga-se: «É o mesmo! Eu tambem já estou crescida!» Claro! Então ella é lá ainda creança de mimos?

A Gigi, já como uma pessoa grande, de todo o juizo, extranhando o descuido dos outros pela Zirinha: «Oh, mamã? Oh, mamã? Deixam esta creança subir pelas escadas, sósinha!»

Relatorio do Domingos: «Papá, sabe? a gallinha branca, que está no chôco? Fui agora

ao gallinheiro, e ouvi em baixo uma chiadeira, uma chiadeira, uma chiadeira! Levantei a gallinha. Debaixo, muitos patitos, todos com o bico de fóra! Faltam só dois para nascer. E a gallinha toda contente!» Continúa: «Papá, a outra gallinha de pôpa, que passa aqui por deante da janella do seu escriptorio com os patinhos, ainda está chóca e já põe ovos! Já poz dois. E uma vez poz em cima da cabeça de um dos patinhos, que ficou muito espantado!»

Como se apprende melhor a fazer uma cadeira? É, ouvindo ou lendo como ella se faz; é, mesmo vendo-a fazer? Não! é, fazendo-a. Desperdiçar-se-ha ao principio muita madeira, é claro; mas nunca se apprenderá verdadeiramente senão assim. A instrucção oral ou escripta e a instrucção dēmonstrativa não são inuteis, mas tēem de fundir-se na instrucção prática. E é em tudo assim. Tambem para se apprenderem os deveres não ha como i-los tendo e cumprindo. Não se imagine formar o cidadão fóra da vida social. Veja-se como todos os cuidados para assim educar os principes são frustrados: fazem-se uns dēspotas.

Gigi é a fiel interprete da Zirinha. De tudo que a pequenita nos queria dizer, só lhe percebiamos bem a voz o, que ella fazia soar repetidamente. A irmã decifrou logo: «Que está ali escondidinho um caracol.»

Como neste mundo se fazem tantas falsas imputações aos grandes! Condemnam-se muita vez só pelas apparencias. *Post hoc, ergo propter hoc*, clama a irritação dos pequenos.

Os irmãos mais velhos são promptos em sentenciar os mais novos; mas estes tambem desforram-se logo, fazendo na primeira occasião applicação da sentença contra elles, e tornam-se mesmo nos seus desapiedados inquisidores, não ha pechas que lhes não aponthem, inventam-lh'as até. «O Dino sahio e ficou menos luz», extranha o Domingos, ao ver escurecer-se o quarto, quando o irmão acabou de retirar-se, fechando a porta do corredor. Mas a porta já estava tambem fechada, antes do Dino sahir; e não é por ali que a luz entra directamente para o quarto, é pela janella exterior. Sim! tudo assim será; mas o principal para o Domingos é lançar mais uma responsabilidade sôbre os hombros do irmão.

Certos professores, como julgam cumprir os seus deveres paternaes, é, sendo mal creados e desbocando as suas descomposturas aos discipulos.

Determinista. Domingos, mostrando-me a nodoa da sua blusa: «Papá, olhe o que um alperce me fez!»

As creanças, se não tẽem nada que fazer, rabujam, fazem tolices, maldades. O mesmo succede com as pessôas crescidas. D'ahi, pelos ocios que ha, as arrelias, sisantias e intrigas da gente abastada das terras pequenas.

Em que é que os homens gastam a maior parte do seu tempo. Dino e Domingos, ambos a pleitearem terreno no desvão de uma janella de peitoril, medem-no com a mão, pon-do-se em linha com os ferrolhos ou contando os palmos que vão para um e outro lado, mas sempre depois se imaginam lesados e chegam-se tanto sôbre a extrema que a ultrapassam. E voltam a medir. «Mida!» intíma o Domingos.

Gigi, penetrando o mysterio das origens.

Depois de observar que á creada Joaquina faltam alguns dentes: «Quando fui velha, cahiram-me os dentes todos; agora, sou pequenina, nasceram-me outra vez.»

Dino, classificando os generos dramaticos: «As meninas já foram a tres theatros tristes». Está na corrente moderna. Para elle não ha senão o genero alegre e o genero triste, comedia e tragedia.

Fiscalização pelo povo, pelos pequenos. Outro exemplo. A Maria, que escorregára no degrau do tanque, molhou-se toda de um lado, e, para não confessar o seu descuido, veio assim mesmo sentar-se á mesa sem mudar de roupa. Mas não contava com a Gigi, que, sabendo que aquillo lhe podia fazer mal, subiu á cadeira da mãe para lhe dizer em segredo, ao ouvido: «Está molhada!» E, como a mãe não percebesse e podia haver confusão com uma creadita que dias antes cahira no tanque, tambem Maria, explicou-se, sempre baixinho, de olhos na irmã: «Não é a Maria do Ceu que está molhada; é (falando pausadamente, para a mãe não perder palavra) aquella — Maria — que está — ali — á mesa — a comer.»

E note-se quanto ainda hoje é preciso o escrutínio secreto! A menina porque não falou de rijo? pergunta-lhe a mãe. «É que a Maria está ali, podia ouvir e ralhar-me!»

Não temos um resumo de historia de Portugal que faça gosto ler e se possa dar a ler a estrangeiros.

Enclausurar as creanças, cortar o espaço a estes seres alados! Amparem-nas no vôo, e nada mais. A primavera da vida solicita-as para todos os lados. Ellas passam de um pulo do mundo material para o mundo moral. Estão a admirar uma flôr, um insecto, e já pedem que se lhes conte uma historia. E, por pouco que qualquer objecto se preste, descobrem nelle as mais variadas scenas e peripecias. Os seus folguedos, os seus ditos, são tão cheios de contraste e de imprevisto, que, onde ellas apparecem, é uma alegria, uma festa. Animam e materializam tudo. Tanto dizem que uma porta lhes bateu, como perguntam á mãe se o seu amor é do tamanho dos seus cabellos. E quando não vêem, imaginam. O escuro povoa-se-lhes do mau, dos papões. As chimeras, as fadas, as bruxas,

o impossivel as encanta. Misturam o natural com o sobrenatural: é a sua philosophiasinha. Todas as edades sentem a necessidade de fundir o elemento physico com o elemento psychico, e o fazem a seu modo.

Tenho tido tanta tenção de lhe escrever! dizia-me alguém para se desculpar do seu silencio para com um amigo distante. E parecia que quanto mais tempo fôsse tardando, mais se sentiria desculpavel pela persistencia da sua tenção.

Domingos gosta de comer as tangerinas, mas ainda gosta mais de as ver nas arvores. Depois de se terem colhido, elle, ao passear commigo no pomar, exclama: «Fica tudo tão triste sem tangerinas!»

Gigi, vindo do quarto da mãe, que está de cama, chega á mesa, e, ao ver laranjas: «Papá, eu tenho uma fome!» Mas logo, reparando nas flôres, sente outra fome maior: «Queria uma rosa». Dá-se-lhe, e ella sai dizendo: «É para a sr.^a D. Mamã.» Assim o seu coraçãozinho sóbe logo da fructa ás flôres, das flôres á mãe.

A creancinha, que é ainda desastrada para qualquer trabalho, por pouco que seja complicado, não pode pôr a mão em nada, que lhe não ralhem logo; e assim, a pouco e pouco, vai-se recolhendo em si e immobilizando. É como mais tarde. Porque lança atabaldadamente as suas perguntas, não lhe respondem ou respondem-lhe mal; e ella depois cala-se, acabando por não ter curiosidade de saber nada.

Gigi, pleiteando as circumstancias attenuantes. A mãe queixa-se de que ella, ao jantar, não tomasse senão leite: «Bebeu só um copo de leite!» E ella, sem o negar, subtilmente procura desfazer o mau effeito d'aquelle só: «Bebi só um copo de leite todo, todo!»

A Gigi, educando os cachorrinhos, reprehende-os pela sua glotoneria e voracidade: «Que filhos estes, que não deixam nada para a mãe!»

Confrontos emotivos. Domingos: «Ó Dino, que querias antes: muito doce de côco, ou uma carta dos manos?» Dino, com um gesto

de desdem pelos appetites egoistas: «Ora essa, homem! uma carta dos manos». Domingos ainda: «Mas um prato cheio?» Dino persiste. Domingos então, com todo o poder da tentação: «Mas um mundo inteiro de doce de côco?» Heroico Dino! nem assim cedeu, repetindo inexpugnável: «Antes a carta!»

Nas nossas aulas quasi se não cuida senão da faculdade intellectual. E desenvolve-se? Não, que não é possível sem o exercicio das outras faculdades; tortura-se, cança-se, a ponto que se fica depois com a intelligencia embotada, de uma indifferença doentia para a vida real, e ao mesmo tempo tão irritavel em si que o toque da menor contestação a torna dolorida, impaciente, colerica. Os nossos homens cultos não tẽem senão dôres intellectuaes, e não pelo amor de um ideal; tão pessoaes, tão egoistas, que, á menor questão, rompem logo desabridamente em doestos aos adversarios. Sem opinião sôbre nada, não perdoam comtudo a menor critica á opinião que aventem.

O prestigio da arte! Veja-se o vestuario das creanças. Não é preciso mais do que

uma tira bordada no bibe para realçar delicadamente as graças infantis com um reflexo ineffável do sorriso materno.

Que é da minha caixa de pós de dentes? pergunto. Respondem-me: Estava em cima da mesa, a Zirinha espalhou-os pelo chão. Injustiças d'este mundo! Deitariam também as culpas ao vento, se elle tivesse feito o mesmo.

Certamen de trabalhadores. A Zirinha quer por força levar uma caixa de papel que mando a minha mulher, e a Gigi supplica-lhe que a deixe ao menos segurar também. Nada! A Zirinha foge com a caixa pelo corredor fóra, e, para carregar sósinha com ella, põe-na á cabeça. Mas, ai d'ella! não encontrando a mãe, que está no andar de cima, como ha de subir as escadas, de braços no ar, e foi-lhe mais facil erguê-los á cabeça do que é agora tirá-los de lá? A caixa prende-lhe as mãos; e se as larga, ella vai ao chão. Logo a Gigi, explorando o incidente, a adverte: «Pode cahir!» E offerece-se: «Eu levo até lá cima.» Celebra-se o accordo: a Gigi levará a caixa pela escada, mas ha de entregá-la depois á Ziri-

nha, logo no patamar superior. Ao ruído, porém, de vozes que ouvi, quando lá chegaram acima, parece que foi necessaria toda a energia da pequenita para a irmã, de posse da carga, não lh'a tomar de vez, desapparecendo com ella para ter maior quinhão de serviço á mãe.

Fazer o bem, que supremo bem! Que importam ingratidões? Não o fazemos por nós. E depois ha reconhecimentos que consolam de todas as ingratidões. As ultimas palavras, ao expirar, de um bom rapaz, filho de uma pessoa a quem eu pudera prestar, foram: «Meu pae, seja sempre muito amigo de F.»

«Custa a supportar o mau genio d'este pequeno, mas, coitado! tem um bom coração.» É assim que a uma creança que evidenciá os mais desagradaveis sestros, se admira com tanta surpresa e espanto, e até com um rendido alvoroço de reconhecimento, a minima bôa acção que lhe apraza praticar, que só por isso ella se considera sufficientemente bem dotada e não envida esforço algum para se tornar melhor.

A Gigi já comprehende que se não deve perturbar o papá no seu trabalho; por isso, outro dia, entrando no meu escriptorio com a irmãsita, logo á porta a preveniu: «Aqui não se chora, Zirinha!»

Forcejem os examinadores por proporcionar o seu interrogatorio á medida do desenvolvimento dos examinandos. Tenho encontrado alguns que perguntam quasi o mesmo desde a mesa de exame de instrucção superior até á de instrucção primaria elementar.

Em regra, a creança não denuncia a ninguém, registra os factos.

Como a Gigi se demorasse no banho a dar mergulhos, a Manoela instou: «Tire-se, menina, que lhe faz mal!» A imaginaria da Gigi foi logo ás do cabo, e, estando a enxugar-se, saiu-se com esta: «Sabe, Manoela? eu morri.» «Então a menina morreu, e está a falar?» Resposta dantesca: «Sim, quem é muito bonitinho, pode cá vir falar; e os outros, que são maus, só lá falam com estes...» Em plena divina comedia!

Domingos, perguntando-me se effectivamente o Santos Dumont resolveu o problema da direcção dos balões: «Pode-se ir nelle para terras?»

Tribunal de appellação. Se lhe não fazem alguma vontade, logo a Zirinha corre ao meu escriptorio; arremete de cotovellos e calcanhares contra a porta, numa pancadaria que tudo atrôa, bradando entre chóros «Á! pó!» (abre a porta!); e, mal lh'a abro, e ella entra de roldão, soluça-me a sua allegação, com as costas das mãosinhas a enxugar os olhos: «Hi! papá!» Eis como procedo á administração da justiça. Antes de mais nada, cuido de acalmar a minha pequenina queixosa: passo-lhe as mãos pelo rosto, e, pegando nella por debaixo dos braços, levanto-a ao ar, abraço-a e beijo-a. Ella, de mais a mais, bem o merece pela sua absoluta confiança na minha magistratura. E não é preciso mais nada: lá se vai embora toda consolada, parecendo que o prazer que lhe causei, até já lhe faz esquecer o desgosto por que passara. Somos todos assim; em tudo cedemos afinal, se nos tratam com amor. Lembrem-se d'isso os juizes.

Uma noção economica da Gigi. A ama do pequenito perguntou a minha mulher porque não metia na mala mais um certo vestido lá do agrado d'ella. A Rita: «Ora! a mamã não ha de levar em viagem tudo quanto tem.» E a Gigi: «Não por certo! senão tinha de pagar aos homens.»

Olhando pelos outros, por nós olhamos tambem. A Gigi, que tantas vezes se esquece, indo para a quinta brincar, de cabeça ao sol, reprime agora a Zirinha, que já anda e corre tudo: «Espere, menina, não se vai assim sem chapéu.» E volta a casa a buscar-lhe o d'ella; e o seu tambem, para dar o bom exemplo.

As boas creanças! Ao nosso Dino, — e mais é tão amigo das irmãs com quem ficou! — tendo nós o anno passado (1900) partido com os irmãos mais velhos para a Suissa, iam encontrá-lo só, pasmadinho, adormecido pelos sophás, até que cahiu numa profunda anemia, de saudades. Nunca se separara da mãe!

Gostam de bric-à-brac? Mas muito melhor

que o das gerações extinctas é o das novas gerações. Nada mais documental, mais flagrante; e nada mais variegado, nada tão decorativo na sua incomparavel desordem. Vejam a minha banca de trabalho. Não lhe falta nada, a não ser logar para eu escrever. São livros desfolhados, bonecas partidas, trapos, carruagens sem rodas, cavallos estropiados, restos de mobiliario, flôres, pedrinhas. Um museu! Assim se vão salvando as reliquias infantis. É o logar mais seguro para ellas. Mas os meus creditos de conservador periclitam, decahem, porque, abaixo dos pequenos, ha ainda os pequeninos, e eu a estes não resisto, dou-lhes tudo, até, parece incrível! preciosidades taes, deploram aquelles.

Tão discretas como amaveis. Diz-me a Gigi: «Trouxe estas pedrinhas, quando o papá estava a dormir. E vim assim, em bicos de pés. E a Zirinha tambem. Para o não acordar.»

«Quem inventou a guerra?» pergunta o Dino. «O D. Quichote», responde, sorrindo, a Maria. «Quando se mata gente de outra terra, não é peccado, não é assim, papá?»

continúa o Dino. «Mas porque não ha de ser tudo da mesma terra?» alvitra humanitariamente o Domingos.

As creanças estão a indicar-nos que o ensino do canto e do desenho deve preceder o da leitura e escripta. Todas começam a ler, cantando as palavras do livro; e a escrever, desenhando as do modelo.

A Gigi, atirando com um jornal fóra: «Este não tem figuras!» Bem feito! Não se lembrarem d'ella, que estava mesmo já prompta com a sua tesoirinha para as honrar!

Pretender que se entenda aquillo de que se não usa e que, primeiro de tudo, se não ama, é contrariar a ordem natural de evolução do nosso espirito. Por isso o homem de sciencia, se quer ser educador, tem de ser tambem um industrial e um artista. Fazer amar e utilizar um preceito é o preliminar indispensavel para o fazer entender bem.

O mau costume de enraizar os vicios das creanças, attribuindo-lh'os á sua estirpe! «Sai

ao pae.» Ou ao avô, ao tio, mesmo ao irmão mais velho, etc.

«Papá? papá?» chama insoffridamente por mim a Zirinha. Que lhe faltará? que quererá ella? Sorrir-me.

Com quem apprendo a historia natural. A Maria vem mostrar-me — «que engraçado!» — uns ovinhos brancos de aranha dentro d'um ninho feito, como uma rede, d'um fino cotão de seda. E é curioso, é; eu nunca tinha visto.

Ella é a grande contribuinte das minhas collecções de estudo. Agora acaba de me encher de espigas de milho o parapeito da janella do meu escriptorio. Nunca imaginei que as houvesse de tantos tons. Que prodigioso polychromismo! Ha-as brancas, côr de perola, de cinza, de carne, opalinas, côr de chumbo, amarellas, côr de tijolo, vermelhas, etc., lisas, rajadas, sarapintadas. «21 variedades de côres» conta o Domingos. E depois a Maria ainda trouxe mais duas. Assim vou, aos 50 annos, preenchendo as lacunas da minha observação.

A Gigi —, teria então 2 annos, — doentinha dos dentes, quer marmelada, mas prefere que a mãe não saia d'ao pé d'ella para lh'a ir buscar. A mãe foi, e ella ficou contristada, a chorar. Coitadita! na sua soledade, chamou por todos, descendo resignadamente a escala das suas affeições: «Mamá?» «Papá?» «Manoela?» «Rosa?»

A Gigi está explicando á Zirinha o conteudo dos pratinhos feitos de massa de papel que os irmãos lhe trouxeram da feira: «Pão, chocolate, lagosta, fiambre...» Um banquete! E a Zirinha, muito attenta, escuta. Antes, porém, que ella coma tudo aquillo, sem ser só com os olhos, a Gigi, á cautela, adverte: «É a fingir, sabe, Zirinha?» Não, que mais vale prevenir do que reprimir, e, em casos taes, toda a prevenção é pouca. Bem se viu depois: apesar de tudo, as lindas laranjinhas foram-se.

As creanças mostram bem o que são de cerebraes. Como apprendem a ler? menos pelos olhos do que pelo raciocinio. Pegando numa cartilha, pergunto a uma que lettra é aquella do alphabeto, e ella, que o sabe de

cór, começa a calcular: «a, 1; b, 2...» para chegar á lettra por que lhe pergunto.

Minha mãe, com os olhos lacrimosos, nas vespervas da partida dos meus filhos mais velhos para a Suissa: «Eu não pude dormir, a pensar nelles. Coitados!... Mas é preciso. Têem de fazer pela vida.»

A economia domestica é uma fórma do amor de familia, como a economia publica o é do amor patrio.

É preciso não vigiar demais as creanças. «Não as deixes só» estão sempre as mães a recommendar ás creadas que tomam conta d'ellas. Mas assim podem tornar-lhes odiosa a companhia dos outros, a sociedade. Nem tanta compressão!

Primeiro nos domina a arte. O pequeno de um caseiro de minha mãe acompanha-me a outra quinta d'ella, e, desdenhosamente, communica-me a sua impressão: «Ora! andam a dizer que estes bens são melhores do que os nossos, e os nossos têem muito mais flôres!»

Gigi, como aqui se perde no meio do rancho, tem saudades da Suissa, onde, só com-nosco, todos a festejavam. «Olhem, annuncia ás creadas, vou para Zürich com o papá e a mamã, vou só eu.» E nós tambem não vamos, menina? perguntam-lhe ellas. «Não, não preciso lá de vocês, tenho lá muitas creadas para mandar para cada lado; que ellas, sem a Gigi, não fazem nada.» Ao que a mãe dá o devido correcivo: «Não! são tão boas, que mesmo com a Gigi fazem tudo.»

O exercicio é tão necessario como o alimento, professa-o já a Gigi. Entrando-me no escriptorio, depois do seu jantar: «Já comi tudo, papá, tudo que tinha no prato. E agora hei de fazer assim.» E põe-se a dançar deante de mim.

A Gigi: «Ai! ai! ai! Olhe! sabe? O Dino disse á Zirinha que me batesse com toda a força.» O Dino, a rir-se: «Ella mal lhe tocou, papá; mas, nem que désse com toda a força, lhe fazia mal nenhum.» Está muito enganado. Foi bastante tocar-lhe. Uma pancada puxada assim com aquella recommendação magôa e

sangra sempre. Ou não houvesse imaginação e pundonor nas almas juvenis!

A Zirinha nunca pede só para si: «Láchas, láchas (bolachas)! Uma Gigi.»

Quem primeiro nos dá as novidades agrícolas, é a Gigi. Corre, cheia de entusiasmo, a chamar pela mãe para a quinta: «Venha cá. Quer ver como o pintor andou nas uvas?» E vai-a levando: «Olhe estas, já estão pintas.»

«A Gigi fez agora uma *nota* tão bonita!» vem dizer-me a Rita. «A mamã é que sabe.» Chega a mãe e conta: Sabem que a Gigi tem uma boneca de louça, que se não pode entregar ás mãos da Zirinha. É o seu typo de fragilidade. E vai, como ella se pozesse a saltar entre os bahus, a ama do Ignacinho quiz moderá-la: «A Gigi anda ás voltas e pode cahir e partir a cabeça.» Réplica d'ella: «Agora parte! nem que a gente fôsse de louça!»

É necessario que a eschola não seja eschola de servilismo. O estudante que, sem zelar os seus direitos, se submette a todas as

insolencias do professor, está moralmente reprovado. E não sei se nesta vileza algum poderá habilitar-se para engenheiro ou medico, duvido; para vir a ser homem e cidadão, não.

Antigos e novos. Dino, o mais velho, estende o lençol para o banho; mas Domingos, que não acha bem, vai mexer-lhe, endireitá-lo. Então o outro resmungalhe do seu lugar: «Ainda põe peor! «Põe de pernas para o ar!» Velha accusação á mocidade. E o representante da moderna geração revindica, com desabrimento e rebeldia: «Não puz nada de pernas para o ar! Oh! eu bem sei. Não ensine!»

Todos querem trazer a travessa da comida para a mesa; e ei-los ahi entram, Rita, Maria, Quina, Dino e Domingos, a segurarem-na, em circulo, um adeante, outro atraz, outros ao meio, caminhando de frente, de costas ou de lado, todos em grande risota. O peor é no fim para m'a passarem; e agora menos ainda nenhum quer desistir do seu concurso para não perder o gosto de m'a entregar. Tantos bracinhos se estendem para mim, a ter mão

nella, que eu volto-me tremendo de receio, — não vá entornar-se e cahir tudo aquillo ao chão—, mas tambem— porque não o hei de confessar?— de enternecida gratidão, ao conspecto estellante d'aquella pleiade de briosos serviçaes. Assim sempre, meus filhos!

A necessidade do assucar. São sempre mais gulosas as creanças fracas. É na convalescença que mais se apetece o dôce.

Geographia botanica. — O atrazo da vegetação no norte. Chegando nós de Coimbra a Villa Nova de Famalicão em principios de agosto, a Gigi com os olhos nas parreiras, observa-me: «Onde a sr.^a D. Mabilia ficou (na quinta da nossa residencia em Cellas, ao pé de Coimbra), estavam lá muitas uvas já maduras. Nascem lá primeiro.»

Historia de Portugal. Rita, Maria e Quina lêem alternadamente. Em certo lance, a Rita indignada contra um rei: «Hi! que mau!» A Quina piedosamente: «Coitadinho! já morreu.» E a Maria, mortificada: «Que peccado, Rita, dizer mal dos mortos!»

A mãe, vendo a Zirinha só, á fresca sombra d'uma ameixoeira, com o corpo de delicto na mão: «O' sua feia, ahí a comer ameixas!» Ao que ella responde, cheia de si, da sua innocencia, uma grande lenga-lenga, a dar, a dar com a cabeça, terminando por exclamar vivamente, de dedo apontado para baixo, numa articulação muito intelligivel: Estavam no chão! Que era como quem dissesse que até as livrara de se estragarem. Mas nem assim a mãe lhe permittiu a continuação de tão meritoria acção; e ella chora, porque lhe custa muito a entender que aquellas saborosas ameixas lhe possam fazer mal.

As responsabilidades lançam-se vulgarmente sôbre os poderosos, que são as fôrças da natureza e os governantes da sociedade.

Apparece-me a Gigi arranhada: «Como fez isto?» «Foi um pau. A Ceu estava a tomar conta da Zirinha e de mim....» Logo a culpa seria da grosseria e dureza do pau ou do descuido da creada; d'ella, não.

Que tormentosa decadencia a nossa, nos homens e na sua obra! Que casas, meu Deus! Tem a gente d'ir muita vez com os olhos meio

fechados por essas cidades para não adoecer de todo de tédio. E, enquanto não nos confortamos diante d'alguma bella reliquia da grandeza dos nossos antepassados ou ao encontro das deliciosas paisagens d'este nosso maternal berço, o que nos pode valer, é o olhar e o sorriso das creanças, que a tudo sobrepõem a sua radiosa decoraçãõ. Ha ruas que eu não sei como havia de percorrer sem isso. Assim, lá vou andando: ainda sob o encanto da creança que me fica para traz, e já esperançado em que me apparecerá outra adeante.... Dizem que estou sempre a fazer-lhes festas. É de agradecido. E ha quem chame vadias a muitas d'essas bemfeitoras, tão occupadas a alegrar-nos e poetizar-nos a vida! Que injuria!

Generosidade opportunistã. Quando é quasi certo que as creanças nos dêem tudo: acabadas as suas brincadeiras, para que o arrumemos nós.

A Gigi, de mãos dadas com a Zirinha, leccionando-a para que ella não mexa num frasquinho, que é do fragil vidro e pode cair e quebrar-se: «Meninas pequenas não pegam

nisto. Não é, papá?» E accrescenta, baixinho, resalvando-se: «Só meninas grandes.»

A Gigi queixa-se, sorrindo, da irmãsita, como se ella fôsse um passarinho: «Mamã, a Zirinha fugiu da minha mão!»

A Zirinha, 19 mezes, trepa ao banco do piano e começa a tocar; mas logo lhe lembra que falta alguma coisa e desce de corrida para tirar da estante um livro de musica. Assim é tanta gente no seu culto por formalidades que não entende e lhe não servem para nada. Mas satisfazem o seu sentimento de respeito pela ordem estabelecida, o que não deixa de ter sua virtude disciplinar.

A figura da previdencia obsequiosa. Dino, que foi buscar o seu chapéu de palha para ir á quinta, onde já estão os mais, vê também no cabide os chapéus das irmãs, e lá vai com uma méda d'elles á cabeça para distribuir. E o caso é que os põe não só com elevação moral, mas mesmo com certo garbo de pyramidal exotismo, que lhe fica muito bem.

A cadeia dos affectos. Todos os irmãos

mais velhos acham ainda muito engraçado o Domingos, e todos com o Domingos admiram a Gigi, e com o Domingos e a Gigi festejam a Zirinha, e com o Domingos, a Gigi e a Zirinha adoram o Ignacio, o seu menino.

Ha que distinguir entre o prazer social, de convivência, de reunião, e o prazer moral propriamente dito, o prazer do bem. Começamos por gostar dos outros, não ainda por amor d'elles, mas por nós, pelo que elles nos delectam e nos servem.

As faculdades superiores têm, por isso mesmo que o são, um desenvolvimento mais rapido, e, no passo em que vão, não admira que dentro em pouco não sejam acompanhados de perto pelas faculdades inferiores, sem as quaes, comtudo, não podem subsistir.

O concurso de todas as faculdades é imprescindivel para qualquer obra independente, grande ou pequena, do homem.

Como o desenvolvimento das faculdades superiores é mais rapido do que o das faculdades inferiores, vê-se bem na creança, que

ordinariamente já entende muita coisa que ouve e ainda não é capaz de falar quasi nada.

Toda a cautela, pois, é pouca, por causa da tendencia que as faculdades superiores têm para dispensar, recalcar, absorver e atrophiar as faculdades inferiores. Exemplo commum d'esta funesta tendencia é o da vista, substituindo-se ao tacto: quasi toda a gente culta, na plena posse do seu sentido da visão, soffre do amortecimento do sentido tactil. E a intelligencia, essa então pretende reinar despoticamente; e, se a deixassem, dentro em pouco se sepultaria sob um acervo de ruínas. Fazer com que cada uma das faculdades se submetta á vida associativa, respeitandose mutuamente, é logo uma missão já democratica do ensino.

Não é nada facil. Quantas vezes o mestre se não espanta e aterra com os progressos da natureza humana, que lhe parece que por esse seu proprio arrôjo se conturba e suicida! Mas nada de temores reaccionarios! A cada nova fôrça que se accrescenta ás almas, cresce-lhes em proporção o seu poder moderador. Se a

intelligencia é mais poderosa do que a faculdade sensitivo-motriz e do que a emotividade, tambem o seu poder de tensão o é. Não só desejos e impulsos cedem á voz da razão, ás suas determinações, ella mesma se contém e dirige. Por isso a grande mola da vida espiritual, que a equilibra e regula, é a vontade consciente, é ella que a salva. Nella se deve apoiar, estimulando-a sem a ferir, o mestre.

Para que servem altos muros de pedra pelas quintas, parques e jardins? Para que o proprietario abuse ciumentamente do seu direito até ao egoismo de nos tirar a vista, tornando-nos os caminhos da vida ainda mais aridos e tristes? Não só para isso, felizmente, graças ao talento e arrôjo juvenil. Servem tambem para que os pequenos dos pobres tenham, como os ricos, os seus apparatus gymnasticos: uns sôbre os hombros dos outros, lá os escalam, e, d'ali a nada, braços em maromba, correm-lhes a toda brida pelo espigão. E é um espectáculo que vale bem o outro, mesmo mais commovente. Ao menos, não nos roubem essa compensação com as suas hediondas grades de cacos de garrafa! Que selvageria!

Ensinar o educando a dominar-se é ainda só o começo da disciplina; falta ainda ensiná-lo a conduzir-se para bem. Mas a distancia não é grande.

Instrucção e educação. Procurando a verdade, habituamo-nos á veracidade. A rectidão do juizo é condição imprescindivel da rectidão da justiça.

Todos trazemos, ao nascer, bons e maus instinctos. Que tremendo meio social este para favorecer a germinação dos maus e contrariar a dos bons!

Como a imaginação da Gigi sentimentaliza os actos mais vulgares, dispondo-nos para elles pelo coração! Para que a Manoela pregue o botão que lhe falta nas botas, procura commovê-la, apontando compadecidamente para a casa via: «Ó Nella, um olho cego!»

Nada moraliza tanto os filhos como a vista dos paes; reciprocamente, nada moraliza tanto os paes como a vista dos filhos.

Logo de manhã, uma volta no jardim e a

Gigi grita: «Mamã, tenho fome!» Toda contente, a mãe corre pressurosa a apromptar-lhe as sôpas de leite. E eu penso quanto áquella mesma hora egual grito não soará dilacerantemente no coração não menos maternal de muitas desgraçadas mulheres!

O perigo do nosso ensino actual é que, sobreexcitados e gastos intellectualmente, sem exercicio e cultura da sensibilidade e da motricidade, os alumnos, e mais precisamente os melhores, decaiam nos faceis prazeres grosseiros do sensualismo.

Acima do prazer dos sentidos está o prazer intellectual. A Gigi, depois das irmãs, trazendo-me, como ellas, uma maçã camoesa muito vermelha e alinhando-a com as outras: «Papá, uma collecção!» E até a Zirinha, que ainda se lhe segue com a sua maçã na mão, parece presa da mesma emoção intellectual, ao offercer-m'a: «Papá, pé (pegue)!»

A impetuosidade juvenil. O Ignacinho, erguendo-se, baqueando, tornando a erguer-se, sempre consegue trepar pelas pernas d'uma cadeira, agarra-se-lhe valentamente ao as-

sento e até ás costas, endireita-se, e ahi parte, todo jubiloso da nova attitude vertical, trinando a sua aria mais jucunda — á-á-á-á... — a mudar já muito bem o pé, como observa admiradissima a Manoela; mas num rompante, com tanta fôrça retesando a musculaturasinha dos seus braços e pernas, mais torneados ainda do que os da cadeira, que, se não é a mãe ampará-lo a elle e a ella ao mesmo tempo, logo rebolava e cahia por certo cada qual para o seu lado.

Gigi, a generosa mensageira dos infelizes. «Papá, um vintemsinho para o pobre, que está ali á porta!» pede-me ella, substituindo cordialmente o seu diminutivo ao do pobre, que só pedira cincoreisinhos.

Levo um novo livro de contos aos pequenos. São lindos! digo-lhes. E logo o Domingos: «Foi o papá que os fez?» Se são lindos! E tive pena de lhe não poder responder que sim, não só porque eram realmente bonitos, mas sobretudo porque já lhes não ficariam talvez a paracê-lo tanto.

As teias que estas cabecinhas tecem! Para

ellas ainda mal existe a verdade e a mentira. Ha uma insoffrida associação de idéas, que tudo ata e assimila. Um coelho tinha mordido na mão á Maria. E, d'ali a dias, a Gigi, mostrando uma cicatrizinha na sua: «Olhe! o coelho mordeu-me.» Ora! «Mordeu, sim!» E com que profunda convicção ella insiste!

Nada temos que invejar aos reis, aos grandes, que, em dias de gala, se dão o luxo de jantar com musica. Temos muito melhor do que isso, graças a Deus, e em qualquer dia da semana. Mal nos sentamos á mesa, magicamente, como se por debaixo estivesse escondido o mais mavioso cantor, entra ella a soltar uma aria tão festiva, que nem que a entoasse algum anjo do ceu ou da terra a angelical Gigi.

O economista Dino aponta uma das causas da miseria publica em Portugal. Ao ouvir-me o preço, que quiz saber, d'um tinteiro e caneta, d'uma regua e esquadro e d'um estôjo de desenho que lhe dei de presente em Villa do Conde no dia dos seus 9 annos: «É muito caro!...» E, concluindo para o preço de custo dos mais objectos de necessario consumo:

«Por isso ha aqui tantos pobres.» De certo, se tudo o mais fôr assim tão caro, que poderá restar ao trabalhador do seu jornal? Só este é mesquinho, e mais á beira-mar ganha-o com tão arrojado saçrificio de vida.

Discipula exemplar, que não precisa de mestre ao lado para estudar, a nossa Gigi. Desenhando: «Papá, olhe um sol. A Manoela estava lá ao pé de mim e fez um sol, e eu já me lembrei. Agora uma estrella! Isto é uma estrella, papá. Vou mostrar á mamã.» Vá, que ella ha de gostar muito de ver. Já a Manoela se não farta de gabar o rigor de perspectiva da composição: o sol tão grande e as estrellas tão pequeninas.

O vandalismo da ignorancia. Extranharam que os communistas de Paris demolissem soberbas obras d'arte. Mas que queriam? Até por divertimento, a rir e a brincar, os ignorantes fazem o mal. «Que Zirinha! Vem rabiscar no meu desenho, e não me deixa fazer o sol!» clama consternadamente a Gigi. Olhem o que a innocente Zirinha, toda alegre do seu poder, que assim atemoriza a irmã, desfaz! Nada menos do que o sol! E, para

regalo da sua actividadesinha, vai, no ardôr do amotinamento, até converter um utensilio de paz, tão precioso como é um lapis, numa arma de guerra e destruição. Se não sabe ainda usar d'elle para bem!

Rita, ambicionando para mim todas as glorias, como se todas me devessem pertencer: «E, se o papá inventasse este balão?» diz ella, ao ler a noticia do balão Santos-Dumont.

Gigi, confidenciando-me a sua ternura: «Papá, papá? hontem á noite estive com a Emilia ali á janella a esperar pelo papá. Depois a Zirinha foi para cima deitar-se, e eu tambem.» Quer dizer que, se não fôsse infracção á lei domestica, teria ficado á janella, mesmo lá adormecido, até eu chegar.

Elle é preciso moderar a paixão com que a gente nova se entrega arrebatadamente á leitura, esquecendo tudo, alimento, familia, dever. Mas tambem aquillo que se não ler nesse periodo da vida, de curiosidade devoradora, a custo mais tarde, quando os cuidados são tantos, se encontrará tempo para lhe dedicar. Os dias e mezes que tenho ao

pé de mim os mais attrahentes livros sem os poder abrir sequer!

A Gigi, vindo até á porta despedir-se de mim, para que eu me não demore tanto por fóra de casa, que ella já me não veja antes de se deitar, e mesmo porque tem ouvido á mãe que me faz mal ficar muito tempo sem tomar nada: «Papá, não venha tarde!»

As creanças têm argumento para tudo. A Gigi: «Papá, dá-me este morango, que está aqui, *solto?*» Não pode haver indicação mais formal.

Em regra, no estado de saude do corpo e da alma, os appetites espirituaes condizem com as necessidades organicas. Mesmo já satisfeitos á mesa, vemos um novo prato, apetece-nos; e, se não estivermos replectos, como não devemos estar nunca, não nos fará mal nenhum provar d'elle, porque a digestão dos alimentos facilita-se com a sua variedade. Não deixa por isso de ter o seu que de razoavel o pedido da Gigi, que ainda quer mais fructa. Já comeu bastante, objectei. Mas ella: «Não foram maçãs.»

É certo que a correspondencia entre o corpo e a alma raras vezes é justa; em todo o rigor, nada menos normal do que o estado normal; mas podemos ainda assim socegar, porque ordinariamente o desaccordo é tão pequeno que não vem á superficie. Logo que elle se manifeste saliente e insistentemente, o caso é já pathologico. Sem cairmos, pois, nos excessos do culto á natureza, não pretendamos tão pouco dar-lhe sempre lição, e sobretudo não nos ponhamos sempre em lucha contra ella. Basta em guarda.

Collectivismo em familia. Domingos, Gigi e Zirinha estavam na sua officina, trabalhando na construcção d'um comboio de cadeiras, mas faltou-lhes uma corrente para engate de duas carruagens. Correram todos tres ao meu escriptorio. Domingos, na frente: «Papá, dá-me uma guita?» Gigi, com certa anciedade: «Papá, dá-m'a a mim?» Zirinha, logo lamuriante: «Papá, *um ita!*» Mas, se tenho só uma, que está ali a atar uns maços de bilhetes de visita, que hei de fazer? Tiro-a, passo-a por ambas as mãos da Zirinha, que é a mais exigente, e meto uma ponta na mão da Gigi e outra na do Domingos; e, mar-

che! a um do fundo, lá se retiram todos tres no gôso commum da pretendida guita, mas cada qual tão agarrado á sua parte, que só a dura necessidade conservará indivisa a propriedade. Prevê-se, para melhores tempos, uma inevitavel mudança de regimen economico. Haja tres guitas,—que as cadeiras não faltam—, e teremos tres comboios cada um com o seu dono.

O que verdadeiramente corôa toda a obra humana, é o timbre da sua independencia. «Olha a construcção que a Gigi fez!» disse-me minha mulher. Fui a olhar; mas primeiro me encontrei com a cara boquiaberta do Domingos, que, voltado para mim para gosar tambem da minha estupefacção, ainda achou tempo de me meter sublinhadamente esta circumstancial: «Foi ella que fez, só!» Ah! Magnifica, sobretudo d'altura! E que solidez! Ainda no dia seguinte a propria auctora pôde vir convidar-me a contemplá-la de novo. Lá estava de pé, toda intacta, com os seus atrevidos zimbórios, coruceus e agulhas. E a briosa Gigi bem sabia tambem o que lhe dava mais valor. «Ninguem me ajudou!» foi logo assignalando.

Todos os recursos da lingua são insufficientes para o desafôgo da emotividade infantil. As creanças ou hão de superlativar, como o povo, repetindo as palavras, ou então, como a Gigi, diante d'uma boneca que uma das irmãs lhe acabava de recortar em cartão: «Isto é muitissimo engraçadissimo!»

Gigi, excitando-nos os brios nacionaes: «Ó mamã, d'este chocolate que trouxe o sr. Hinkker, ha só em Hespanha?» Que é como quem diz: Então que paiz é este?

Amor ao trabalho. Porque é que o Domingos chora, que é um correr de lagrimas e um soluçar tão doloroso? Porque o não deixam pôr a mesa. Que elle não é menina, dizem-lhe as irmãs, despedindo-o. Mas elle vê ali um serviço, e não comprehende, nem admittre privilegios de sexo.

A minha creada Gigi. «Papá, que trapalhada de papeis debaixo da sua mesa! Vou varrer.» E ei-la reapparece, de enorme vassoira de giestas em punho, garbosamente, para pôr tudo limpo.

A escravidão é dissipadora, anti-económica. Faz-me lembrar os meus filhos: os passaros cantavam deliciosamente na quinta, e de graça; elles prenderam-nos em gaiolas, e foi preciso gastar para os sustentar.

O Antonio e o Miguel extranham, e este diz: «Que barulho! Já não estava acostumado. Ao menos na Suissa as creanças são mais socegadas: póde-se estudar.» Réplica da Rita: «Ora! aqui ha vida!»

Dino e Domingos alinham cadeiras, engatam-nas, e está o comboio prompto. Logo salta para dentro a passageira Gigi. E o Dino, que é o chefe do serviço, pergunta-lhe: «Para onde quer ir?» Resposta: «Para a terra mais longe que ha.» Dá-se o signal da partida. O comboio, um rapido, vôa. Á chegada a cada estação, a Gigi, que a ouve nomear, vai expandindo as suas impressões. Atravessa-se Hespanha; entra-se em França, e a sua capital enche-a de admiração: «Que bonito que é Paris!» Ávante!... Até que o comboio faz a sua ultima paragem. «China! é o fim do mundo» exclama o Dino. E, dirigindo-se á

Gigi: «Chegou. Desça!» Mas ella: «Não! agora quero voltar para Portugal.»

A ordem universal é o imperativo da alma. Instruam, e elle bastará para impôr a moral. Não é preciso o receio do castigo.

Ha só uma immortalidade, a das boas acções.

Desmandos liberaes. Gigi, lacrimosa: «O Dino está a fazer um navio, e diz que não é para mim!» Que desacato! Como se tudo não pertencesse soberanamente á nossa princezinha! De direito divino.

Politica. O Dino: «Papá, o D. Carlos governa bem ou mal?»

Cuidados! Desappareceu a pitoresca larva que dentro d'uma caixa d'altas paredes, aonde lhe iam deitar de comer, as meninas guardavam no meu escriptorio para o Miguel. E, não a encontrando, a Quina desespera-se, não de a perder, mas, confrangida de receio, a scismar no mal que ella será capaz de fazer assim á solta: «O bicho pôde morder no papá!»

A Gigi já sabe que nós condescendemos mais facilmente com os mais pequeninos. E então pede: «Ó papá, abre a porta, que a Zirinha quer lá ir?» Em seguida entrará ella. Ou: «Dá mais dôce para a Zirinha?» Depois lhe tocará a sua vez.

Zoologia infantil. A Gigi, olhando para uma gravura: «Sabe os bichos de que não tenho medo? Dos macaquinhos não tenho; nem dos cães. Gósto tanto de ver macaquinhos! Este não é. Então havia de ser um macaco? Os macacos não se põem em pé, só se assentam». Assim mostra reconhecer já a nobreza da attitude vertical. Expliquei-lhe como são os anthropoides. E ella, sorridente, maravilhada: «Não sabia!»

A proposito, contou-me o seguinte. «Gósto muito dos macaquinhos. Outro dia, vi um a fazer gymnastica. A mulher trazia um chicote, e bateu-lhe, bateu-lhe com toda a fôrça. E o chicote não tinha aquillo (como é que o papá diz?), era um pau. E depois a Rita, o Dino, o Domingos não podiam ver; nem eu! Elle chiava!» E, só de o recordar, o semblante se lhe crispava doridamente.

A fôrça das razões. No dia da chegada dos meus estudantes de Zürich, foi uma difficuldade, porque todos queriam ir á estação esperar-los e não podia ser: chovia a cantaros e não haviam d'ir a molhar-se num *char-à-bancs* de cortinas, que era o unico carro onde caberiam todos. Resolveu-se, pois, ir eu só num *landaw* com os dois rapazitos, porque as tres meninas occupavam muito logar e á Gigi e á Zirinha fazia-se depois tarde demais para o jantar. Mas a Gigi, desconsolada, começava a chorar, quando a mãe lhe observou: «Não vê que as manas tambem ficam?» Então, calou-se; ver-se-ha já porque ponderosa razão. Suspirando a Rita, ao sahirmos de casa, «Quem me dera ir!» ella conteve-lhe a magua: «Não somos rapazes, Rita». A dôce resignação do sexo feminino....

Sabendo já lembrar-se por meio da associação de idéas. «A machina de cozer á mão estragou-se, e agora está já concertada» noticia-me a Gigi. Quem a concertou? «De quem era a casa, onde as meninas ficaram outro dia á espera?» Da Maria dos Anjos. «Foi a Maria dos Anjos que concertou».

Se devemos estudar com gôsto a geographia! É o estudo das nossas glorias.

O principal para a disciplina e progresso da mocidade é que ella sinta o brioso amor do seu nome, do nome da sua gente e da sua terra. É o que é preciso e basta. Façamos todos por lh'o inspirar.

A mãe queixa-se de que a Gigi, na cama, ainda mêta o dedinho na bôca. E ella, por mais que se contenha, fá-lo inconscientemente. Foi ganhando esse habito, e agora custa-lhe a perdê-lo. Por isso, entre a esperança e o receio, pergunta, logo ao acordar: «Ó mamã, eu esta noite meti ou não o dedo na bôca?» E d'este modo calcula os novos esforços que ainda lhe falta envidar pelo dia adeante. Briosa menina! Continuando assim, não tardará que governe as rebeldias não só do seu dedinho, mas até de toda a sua pessôa.

Um estudante, depois d'um exame e em vespera d'outro: «Vou a correr para casa para me esquecer d'isto que estudei para hoje, e encasquetar na cabeça o que hei de responder ámanhã aos outros.» E, passado

ámanhã, não precisará de grandes esforços para esquecer tudo que assim apprendeu. Que estudo!

O Domingos espantou a Gigi, mostrando-lhe as botas impermeáveis que eu acabava de comprar. Pois era lá crível! E a Gigi ria-se a bandeiras despregadas, só á idéa de que eu fôsse fazer como ella, quando mais pequenina, que corria a casa toda, clap, clap, clap, com os seus sapatinhos metidos dentro dos meus chinellos. E veio perguntar-me, desconfiada: «Papá enfia uma bota noutra?» Foi a Rita que a persuadiu: «É muito preciso para o papá não estar com os pés molhados, quando dá-aula. Tira estas e fica com as outras enxutas.» Assim o proprio coração ajudou a Gigi a passar da concepção artistica da sua brincadeira á concepção industrial, utilitaria, do meu resguardo.

Emquanto nossos paes são vivos, parece-nos que temos quem nos defenda de todos os males, até da morte. Depois....

«Deu aquella ao papá e agora quer a minha» d'est'arte se queixa da Zirinha a

Gigi, esquivando-se-lhe com a sua pera. Ah! tem razão. Assim não lhe acceito a d'ella. Mas é assim que tanta gente dá, é. E ainda é peor a generosidade de muitos: dão aos grandes para tirarem mais aos pequenos.

Um rapaz ou uma rapariga contrahe um sestro qualquer, e logo se explica como d'uma coisa muito natural e legitima: «Então? tomei este geito!» E não falta quem lhe dê razão: «Já tem aquelle geito!» Olhem que creatura geitosa!

As creanças ainda não põem intenção no mal que fazem. Com que direito, pois, reprehendê-las, castigá-las? Expliquem-lh'o, simplesmente.

Para que uma operação nos custe menos, não ha como praticarmo-la nós mesmos: descongestiona o soffrimento, e o que fica, ainda se mitiga e neutraliza pelo prazer da acção. Por isso, quando um mal é inevitavel, quando um sacrificio se nos impõe, o melhor é irmos para elle, mais que resignadamente, corajosamente, como se o buscássemos por nosso proprio alvedrio. Exemplo:

A Quininha, mostrando-me um queixal a abanar: «Diga, papá, é velho, não é? Não puxe por elle. Quando era a vóvó a tirar-me os dentes com uma linha, doia-me; quando era eu com os dedos, não.»

Não ha para decidir uma creança, ou seja a pessôa que fôr, a um acto de dever que lhe custe, como levá-la a poder praticá-lo por sua livre vontade.

Legado de indulgencia. Quando a Zirinha fazia alguma tolice, e a Manoela, que é a sua tutora, ia para admoestá-la, logo minha mãe acudia por ella. Por isso agora, depois do fallecimento de minha mãe, mal a Manoela comece a ralhar-lhe, logo tambem a Zirinha lhe recorda: «Nella, vóvó!»

O conhecimento deve ser sempre fecundo. Ter um conhecimento deve equivaler a ter a capacidade d'uma acção consciente, reflectida, avisada, e benefica. A chamada sciencia pela sciencia é tão vã e *amoral* como a condemnada arte pela arte.

Discipula da eschola realista. Como a Gigi

circumstancia os seus casos. «Papá, o Domingo disse—Lá veem toiros!—e eu comecei a chorar.» Mas porque chorou? era brincadeira. «Tive medo. E até lá deixei o chapéu!» Nada mais sensacionalmente documentado.

Quem conversará, com todo o desafôgo do seu coração, com uma pessôa dissimulada e enredadeira? Por isso, em regra, um mau só póde ter a companhia dos maus. É o seu maior castigo.

A necessidade de comprehender. Á passagem d'uma procissão, vendo um carro allegorico, o Dino pergunta-me: «Que é que representa, papá?» E logo a Rita: «Que quer dizer?»

Quando se ralha demais com uma creança, ella fica aturdida, surda e cega, e depois ainda faz peor.

Legitima impaciencia. «Quero uma gaita! O Dino não vem arrancar-m'a! E a canna, com o vento, está mesmo a cahir!» clama a Gigi, ao pé do cannavial.

Fiscalização aos poderes publicos. A Gigi para a sua madrinha: «A Rita com uma concha na bôca! Ó Rita! tire a concha da bôca.»

Os primeiros passos. A Manoela, debruçada para o Ignacinho, sustenta-o pelos braços em pé; a Rita, defronte, offerecendo-lhe as mãos, chama-o, incita-o «Venha cá! venha a mim!»; a Gigi, sentada de lado no chão, com as pernas estendidas, e o Dino e o Domingos, pendentes da beira do sophá, sorriem-lhe embevecidos; e a Zirinha, repimpada numa poltrona, de olhar brandamente abaixado para elle, nem póde conter todo o seu gôso, apontando: «Ignacinho!» Elle emtanto bate palminhas, galreia, procura a uns e outros com os olhos, a deitar a cabecinha para traz e para os lados, e depois, todo feliz, como quem se sente centro de enlevo e de esperanças, sacudindo-se, anima-se, atira-se para a frente, e, se a Manoela o larga de todo e a Rita não acode logo por elle, oscilla e tomba para traz contra a saia que ainda o ampara, ou descahe sôbre as pernas, cahindo no chão, sentadinho. Não importa! a todos parece que já vai ensaiando lindamente os primeiros passos; e o

entusiasmo geral é tamanho, que não tarda que, attrahidas pelo ruido, venham tambem fazer roda, com admiração e encanto não menor, a avó e a mãe, e pelo corredor até á porta se estendam em ridente festão as figuras expansivas das creadas.

Um sem patria, aos 5 annos. Ao ver uma zingara, que andava com a sua gente a mostrar ursos e macacos, pergunto-lhe, acariciando um pequeno que a acompanha: «É seu filho? É muito lindo. D'onde é? da sua terra, ou cá de Portugal? «De cá» responde-me ella. Mas o pequeno reclama: «D'onde sou? Eu sou de minha mãe!»

Gigi, com os olhos marejados de lagrimas: «Papá, mataram com uma pedrada o pombo de furta-côres! Eu chorei por elle. Era o pae de todos. E tinha borrachinhos....» Silencioso, ao lado, o Domingos dá ao tragico quadro a palidez da sua dôr.

O prazer da plena independencia, sem a minima fiscalização. Gigi, com uma enxada dos irmãositos nas mãos, fala para dentro de casa: «Mamã, ninguem cá está, estou eu

só, a escangalhar estes torrões. E vou furar ainda. Esta terra não é nada molle, está mesmo dura! Ainda não foi cavada, certamente.» E, na sua satisfação, cantarola não sei que endeixa da preta carocha.

Não é nada facil tratar do corpo, e da alma ainda menos. A amizade é a mais difficil das therapeuticas, e não é de repente que se aprende. Desculpem-se, pois, os braços dedicados que, por ignorancia e desastramento, nos fazem soffrer. Quasi todos são ainda, mais ou menos, como a Gigi com as suas estremecidas bonécas: ellas não têm quem mais lhes queira; e mais não se sabe muitas vezes o que esta cordial amiga lhes faria de peor, se fôsse a sua mais declarada inimiga.

O receio de errar immobiliza. A Gigi conserva-se na cama, já vestida. Extranho-lh'o: Saia, ande! Mas ella: «Não posso, papá; calço as botas ás avessas, (exemplificando) a d'este pé no outro.» Ora! aprenda, faça por calçar certo. E, se se enganar, logo dá por isso; ou, senão, qualquer das meninas lh'o dirá. Não é verdade? «É» reconhece. E pondera: «Depois torno a trocar.» Sim! destroca. Contando

assim com a propria emenda, Gigi, affouta, promptamente salta da cama abaixo.

Depois d'uma manhã ennevoada, em Zürich, sem que se pudesse ver nada, des-cerrando-se o ar, a Gigi para mim: «Papá, olhe o ceu! que lindo! azul!» Amores e saudades de portugêsa.

Como temos o sol todo o anno, desperdiçamo-lo. Não assim no norte. Basta ver como lá, sempre que é possível, as creanças passam a maior parte do tempo ao ar livre.

Em Mulhouse, entre a chegada e a partida do comboio, fômos passear pelo jardim, ao pé da estação, e a Gigi, com o amor que todas as creanças têm á terra solta—é tão leve! fazem d'ella o que querem—suja as mãos no chão. «Venha lavar-se» repete-lhe a mãe; mas ella, entretida, continúa. Nisto chega a hora de embarcar; e a Gigi, que entrou primeiro para a carruagem, estende-me a sua mãosinha, obsequiosamente: «Dê cá a mão, papá.» Bem me custou, mas recusei-me: «Não, que a sua está suja.» «Quero lavar-me!» rompe ella então logo para a mãe.

Forte em dialectica e em contas. A Gigi, na volta de Zürich, fazia leque d'um jornal. E o sr. Hincker, abanando-se com as mãos, diz-lhe: «Eu tenho dois leques e a Gigi só um.» Ella, logo: «Tenho tres», e mostra o jornal e as mãos.

Duas vezes, ultimamente ainda, me pareceu que me havia de ser impossivel apartar-me de pessoas queridas: em Coimbra, do meu amigo Giner, e, em Zürich, dos meus filhos mais velhos. E pude. Fôrça ou fraqueza da alma? Se até á dôr da morte d'aquelles que mais amamos, resistimos!

O que ha de melhor d'um espectáculo, é sempre a commoção que elle nos produz. Para onde olha a Zirinha, quando o irmão-sito desenvolve mais patheticamente a sua pantomima? Para mim. No meu semblante, colhendo as minhas ternas impressões, assim aprende a enternecer-se tambem, a amar.

O coração povôa o mundo das suas imagens. Todos os retratos de rapazes que a Zirinha encontrasse, lhe pareciam dos irmãos ausentes: «Papá, Antonio.» «Papá, Mi-

guel.» E mal ainda os tinha podido ver! Mas no nosso amor por elles apprendera a amá-los.

Pobres creanças, que até, por nos quererem mais do que podem, as castigam tanta vez! Entrando na sala uma pessoa conhecida, a Gigi ia a fazer-lhe um cumprimento com o meu chapéu, que, por brincadeira, tinha posto na cabeça, mas, arrebatada pelo seu proprio movimento de affabilidade, deu-lhe com elle na mão. E bastou-lhe olhar para mim, como quem procurava ter consciencia moral do seu acto, para, vendo-me contrariado, ella chorar longamente o seu desastramento. Havia-se d'ainda por cima ralhar-lhe? Nem era preciso, nem justo.

Jogo de memoria. Já o Domingos me tinha chamado para eu ir ver uma nespera que amarelecia. Mas eu nem pensava em tal, quando, dias depois, me entram pela sala, onde eu estava com visitas, o Dino e o Domingos, trazendo entre si a Zirinha, e, adeante de todos, a Gigi, de mãos nas costas, que me pergunta: «Adivinha?» Era a nespera. Por signal que logo muito disputada pela Zirinha,

que queria continuar d'ali a procissão até á mãe, levando-lh'a ella. E, á sahida, ainda o Domingos me aviva a lembrança: «Estava na pontinha (do ramo)...»

Gigi, classificando as bonecas pelo seu grau de civilização: «Esta é antiga: não diz papá, nem mamã.»

A Gigi, que tinha um copo e uma colher na mão, apparece só com a colher: «O copo partiu-se, mas isto não.» E como partiu o copo? «Não sei. Eu não fui. Pu-lo lá na beirinha da mesa; e depois vi uma coisa a cahir: era o copo!»

Progresso phonetico. Quem lhe deu essas lindas botinas? pergunto á Zirinha. «Papá.» E onde foi que eu lh'as comprei? «Pôt.» A Gigi, sorrindo, protectoramente: «Pôto, Zirinha.» O Domingos, á gargalhada: «Pôto? Pôtro!» O Dino, com certa gravidade pedagogica: «Ora! Porto.»

O caminho do amor. Ouve-se um baque, e diz-me minha mulher: «É a Maria, que saltou pela janella.» E logo: «Não vê?» Ei-la

nos surge, ainda affoguada do salto, com um ramo de flôres na mão. Precipitara-se para no-lo offerecer.

As mulheres e os rapazes terão a tentação dos galões, mas a repugnancia dos homens pelo serviço militar explica-se em parte tambem pelo seu horror á servidão. Pelos campos diz-se ainda d'um militar: Foi servir o rei. A farda parece-lhes uma libré. Os que a envergam, uniformizando-se, perdem da sua liberdade, como que deixam de ser homens. Esta é já a impressão do Domingos, que, vendo um carteiro á paizana, disse para o lado: «O carteiro hoje vem vestido d'homem.»

Faça-se com que soldado seja synonymo de cidadão.

Não ha gymnastica como a que podemos fazer com os nossos filhos. É mesmo a verdadeira gymnastica de quarto. Correndo atraz d'ellês, levantando-os ao ar, pondo-os no collo, abraçando-os, abraçando-os muita vez, que musculos não exercitamos, das pernas, dos braços e do peito? E um sobretudo, que é o musculo por excellencia, assim se desenvolve: o coração.

Terrível amabilidade. Surge-me de repente a Zirinha, de escova da graxa em punho e uma bota na outra mão, querendo não se entende bem o que, mas parece que engraxar-me....

Chega uma idade em que o nosso crescimento cessa para dar lugar ao crescimento da especie. Com o espirito não ha uma epocha unica para essa mudança: desde muito cedo que, a todo instante, o nosso crescimento individual tem, ao mandado do dever, de converter-se em crescimento especifico, social; e é, em regra, cuidando d'este, que promovemos aquelle.

Se esta vida vale a pena de se viver! Abraçado pela esposa, beijado pelos paes e pelos filhos, querido, admirado, endeusado por todos elles, a vida do homem não é só um bem, é uma festa, um triumpho, uma apotheose.

Mas ai de nós, quando algum d'esses celestiaes entes nos desaparece!

Ao receber a grata noticia da bôa qualifi-

cação do Antonio no seu exame de admissão á Universidade de Zürich, penso instinctivamente em communicá-la á avó...; mas logo depois me assalta a lembrança da funebre realidade. Que alegria não seria a sua e a nossa!

As quadras da vida não se contam pelos annos, nem mesmo physiologicamente se podem demarcar. A vida humana é sobretudo a vida da alma, do coração. Quando termina a infancia? quando perdemos nossos paes. Para uns acaba logo de tenra idade, e ha até desgraçados que nunca a tiveram; para outros dura inolvidaveis bons annos e até sempre. Eu gosei-a completa até aos 31 annos, que foi quando me falleceu meu pae; e senti-lhe ainda grande parte do seu doce calor, emquanto me não faltaram os carinhos maternos. Agora é que para mim cessou de todo o tempo de creança. E, sahido apenas da infancia, não tarda que entre na velhice. Gelaram-se-me os braços amantissimos de minha santa mãe, breve precisarei de me amparar nos de meus filhos.

ERRATA

<i>Pag.</i>	<i>Linh.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
80	13	depois para	depois e para
134	15	A.	A
148	19	encarnecimento	encarniçamento
159	9	animado	amimado
182	9	saudade,	saude,
232	1	E	É
»	5	heroiro,	heroico,
360	16	perceptiva.	preceptiva.
363	25	insistia	insista
468	1	extinctas	extinctas,
396	5	marcha	mancha

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Campanha pedagogica :

A educação (Notas d'um pae), 3.^a edição, 3 vol.,
no prélo.

O ensino, 1 vol., 1898.

O ensino primario e secundario, 1 vol., 1899.

O ensino profissional, 1 vol., 1900.

O Ministério das obras publicas em 1893 :

A agricultura, 1 vol., 1900.

A industria, 1 vol., 1898.

Os meios de communicação e o commercio, 1 vol.,
no prélo.

H. H. H.

LIBRARY OF CONGRESS



0 021 339 637 7